SALLY GREEN

HALF WILD



intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HALF WILD

SALLY GREEN

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © Half Bad Books Ltd, 2015.
Publicado originalmente em inglês por Penguin Books Ltd, Londres, parte da Penguin Random House UK.
O direito moral da autora foi assegurado.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Half Wild

PREPARAÇÃO
Isabela Sampaio

REVISÃO
Breno Barreto
Juliana Werneck

ARTE DE CAPA
Tim Green, Faceout Studio

IMAGENS DE CAPA
© Triggerfish at Début Art

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Manuela Brandão

E-ISBN
978-85-8057-747-1

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA
Sabon


EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Indy

sumário

capa
folha de rosto
créditos
mídias sociais
dedicatória

PARTE UM: VERMELHO
um novo dia
esperando
annalise e eu
o lado sombrio
chega de esperar
você não morreu, né?
nesbitt
kieran e seu parceiro
uma última olhada

PARTE DOIS: DONS
van dal
o amuleto
uma proposta
fumaça noturna
chuva
eslováquia
blá-blá-blá mágico
contando a gabriel

usando minha alma
a primeira estaca
a segunda estaca
a terceira estaca

PARTE TRÊS: NA ESTRADA

virar o obama
barcelona
minha professora e guardiã
isch
pilot
na estrada
o mapa
o formato da palavra

PARTE QUATRO: OS DIÁRIOS DO BUNKER

mais pensamentos positivos
bolamos um plano
o bunker de mercury
nós
rosa
beijos
a gaveta trancada
annalise não está respirando
ficando mais forte
cavando
a fairborn é minha
cicatrizes
o enterro
mapeando
sem resistir

dresden, wolfgang e marcus
a fenda

PARTE CINCO: RIOS DE SANGUE
die rote kürbisflasche
amendoins
marcus
a aliança
rios de sangue
o acampamento
o primeiro ataque
blondine
uma volta
com arran
riso
a reunião
connor
desacelerando o tempo
meu encontro com jessica
vermelho

agradecimentos
sobre a autora
conheça os outros livros da série
leia também

“Sentirá minh’alma pesada gelar seu peito,
E subir aos soluços pela garganta.”
Wild with all Regrets, Wilfred Owen



parte um:

vermelho

um novo dia

um pássaro canta

outro responde, mas é de uma espécie diferente

o primeiro canta outra vez

e outra

o pássaro...

merda, é de manhã

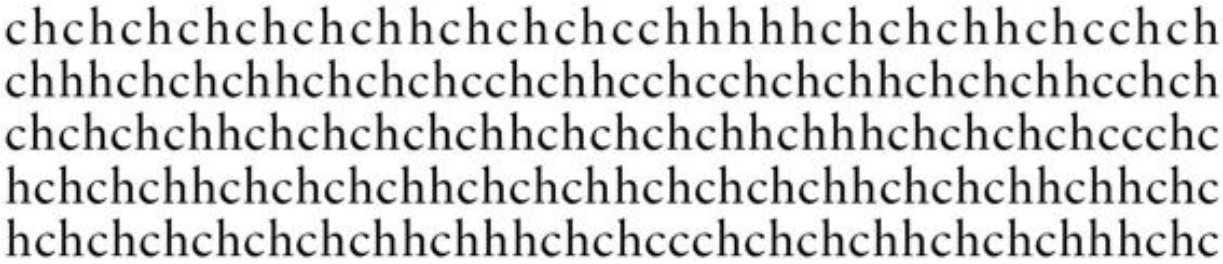
eu estava dormindo

é de manhã bem cedo

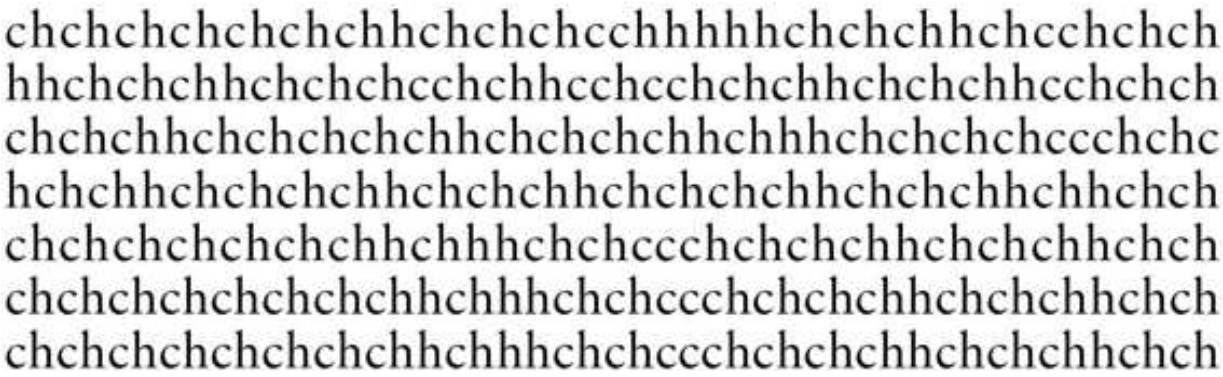
merda, merda, merda

preciso acordar preciso acordar

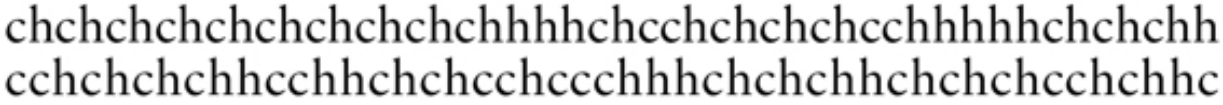
não acredito que dorm...



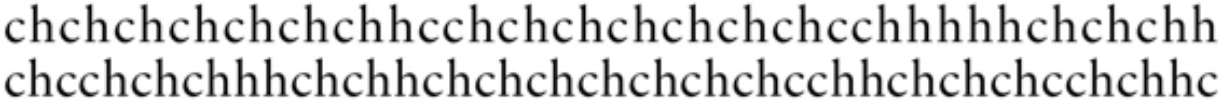
MERDA!
o barulho está aqui. AQUI!



esse volume significa — ah, merda — que tem alguém com um celular por perto. muito perto. não acredito que dormi com caçadores na minha cola. ainda mais a rápida. ela estava perto, noite passada.



PENSE! PENSE!



é um celular, tenho certeza disso. o ruído está na minha cabeça, não nos meus ouvidos. no lado superior direito, por dentro, constante, como uma interferência elétrica. é puro

chiado, um chiado móvel, alto, alto o bastante para estar a três ou quatro metros de distância.

chchchchchhchchchchchcchchhchchchcchhhhhchchch
hchcchchchhhchchchchchchchchchchhchchchcchchhc

ok, sem drama, muitas pessoas têm celulares. se fosse uma caçadora — aquela caçadora —, e ela pudesse me ver, eu já estaria morto a essa altura.
não estou morto.
ela não pode me ver.

hchchchchchchhchchhchchhchchchcchcchhhhhchchchh
chcchchchhhchchchchchchchchchchchhchchchcchchhc

o ruído não parece ficar mais alto. ela não está se aproximando.
mas também não está se afastando.
será que tem alguma coisa me mantendo escondido?
estou deitado de lado, o rosto apertado contra o chão, completamente imóvel. não consigo ver nada além de terra.
preciso me mover um pouco.
mas não ainda. primeiro preciso pensar.
ficar calmo, avaliar a situação.

hchchchchchchchchchchchhchchchcchhhhhchchchh
chcchchchhchchchchchchhchhhcchchchchchhchchchcc
hchhcchcchhchcchchcchcchhhchchhchchchhcchchchc
chcchchchhchchhchhcchhcchcchhhchchchhcchchchc
hchhcchcchchchhchhcchchchchchchhchchchhcchchchc

não há vento nem sol, só uma luz fraca. é cedo. o sol ainda deve estar atrás da montanha. o chão está frio, mas seco, sem orvalho. sinto cheiro de terra, pinho e… outro cheiro.

que cheiro é esse?
e tem um gosto.
um gosto ruim.
tem gosto de... ah, não...

não pense nisso

não pense nisso

não pense nisso

não pense nisso

pense em outra coisa

Pense sobre onde você está.

chchchchchhchchchhhhchchchchhchchchchchchchch
chhchchchhchchchchhchchchhchchchhchcchchchch

Você está deitado no chão, de manhã cedo, e o ar está fresco. Você está com frio. Está com frio porque... está nu. Você está nu, e a parte de cima do corpo está molhada. O peito, os braços, o rosto... molhados.
E você mexe os dedos da mão esquerda, um movimento minúsculo, e eles estão pegajosos. Grudentos. Como se estivessem cobertos de um suco cheio de açúcar que já secou. Mas não é suco...

não pense nisso não pense nisso não pense nisso não pense nisso

PENSE EM OUTRA COISA!
PENSE EM SE MANTER VIVO!

chchchchchchhchhhchchchcchchchhchchchchchccc
chhchchchhchchchchhchchchhchchchhchcchchchch

Você precisa sair daí. Os caçadores estão atrás de você. Aquela mais rápida estava perto. Ela estava muito perto, noite passada. O que aconteceu?
O que aconteceu na noite passada?
NÃO! ESQUEÇA ISSO.

chchchchchchchhchhhchhchchchcchchchhchchcchchchc

PENSE EM SE MANTER VIVO.
DESCUBRA O QUE FAZER.
Você pode olhar, mexa um pouco a cabeça para conseguir ver mais detalhes. O chão ao redor está coberto de agulhas de pinheiro. Agulhas de pinheiro amarronzadas. Mas as folhas não estão marrons porque estão secas. Essa é a cor do sangue seco. Seu braço esquerdo está esticado. Todo rajado de sangue. Encrustado com listras de marrom seco. Mas não tem apenas listras na mão, ela está toda coberta.

Vermelha.

hhchchchchchchhchhhchchchchhcchchhchchcchchccc

Você pode achar um riacho e se lavar. Limpar tudo.

hchchchchchchchhchhhchchchcchchhchchcchchccc

Você precisa ir. Para sua própria segurança, precisa sair de onde está. Precisa começar a se mover. Ir embora.

chchchchchchcchchhchhhchchchcchchhchchcchchccc

O celular está perto, não está mudando de posição. Não vai se aproximar mais.
Mas você precisa olhar. Precisa conferir.

Vire a cabeça para o outro lado.
Você consegue.

Parece um pouco com um tronco. Por favor, seja um tronco, por favor, seja um tronco, por favor, seja um tronco, por favor
Não é um tronco... é preto e vermelho. Botas pretas. Calças pretas. Uma perna dobrada, a outra estendida. Jaqueta preta. O rosto dela está virado para o outro lado.
Ela tem cabelo curto, castanho-claro.
Está ensopado de sangue.
Ela está deitada, imóvel como um tronco.
Ainda molhada.
Ainda escorrendo.
Deixou de ser rápida.
O celular é dela.

chchchchchchchhchchchcchhhhhchchchhchcch
hchchhchchchhchchchcchchhcchcchchchhchchchhcchch
chchchchhchchchchchhchchchchhchhhchchchchcchchc
hchcchhchchchchhchchchcchhhhhchchchhchc

E, quando você levanta a cabeça, vê uma ferida onde deveria estar a garganta,
uma ferida irregular, sangrenta, profunda e

vermelha

esperando

Estou de volta à Suíça, no alto de um vale remoto — não o mesmo da cabana de Mercury, mas perto, a meio dia de caminhada.

Estou aqui há poucas semanas e voltei ao vale de Mercury algumas vezes. Na primeira vez refiz meus passos à procura do riacho onde perdi a Fairborn, a faca mágica que roubei dos caçadores. Que Rose roubou. Não foi difícil encontrar o riacho, e menos ainda localizar sangue e algumas manchas amarelas no chão. Mas nada da Fairborn. Subi e desci o riacho e andei por toda aquela parte com o chão sujo, examinando arbustos, olhando embaixo de pedras. Já estava ficando ridículo — vejam a situação, eu estava procurando embaixo de pedras! Tive que me obrigar a parar depois de dois dias de buscas. Comecei a me perguntar se a Fairborn estivera mesmo comigo, se algum animal tinha fugido com ela, se a faca desaparecera em um passe de mágica. Eu já estava ficando abalado com aquilo. Não voltei a procurá-la desde então.

Agora estou esperando aqui, na caverna desse outro vale. Foi o que combinamos, Gabriel e eu, então é isso que estou fazendo: esperando por ele. Um dia ele me trouxe aqui e escondeu a lata de cartas na caverna — as cartas de amor que os pais dele trocaram, seu único bem. Ela está guardada na minha mochila. E eu estou aqui. E digo a mim mesmo que, pelo menos, temos um plano. O que é uma coisa boa.

Mas não é um plano dos melhores: “Se as coisas derem errado, espere na caverna.”

E as coisas deram errado, muito errado.

Achei que a gente nem precisava do plano. Não pensei que as coisas poderiam dar tão errado assim sem que eu acabasse morto. Mas estou vivo. Tenho dezessete anos e sou um bruxo — um bruxo completo, até recebi os três presentes. Mas não sei com certeza quem mais está vivo. Rose... Rose *está* morta... Tenho certeza, ela foi morta por caçadores. Annalise está imersa em um sono parecido com a morte. Ela é prisioneira de Mercury, e sei que não deveria ser deixada nesse estado por muito tempo, ou vai acabar morta de verdade, em vez de aparentemente morta. E Gabriel ainda está desaparecido, isso semanas depois de roubarmos a Fairborn — quatro semanas e quatro dias. Se estivesse vivo, estaria aqui. E se os caçadores tiverem pegado Gabriel, vão torturá-lo e...

Mas essa é uma das coisas nas quais não me permito pensar. É uma das regras que estabeleci enquanto espero: não pensar em coisas negativas, manter o pensamento positivo. O problema é que tudo o que tenho a fazer é ficar aqui sentado, pensando e esperando. Por isso, a cada dia me obrigo a repassar todos os pensamentos positivos, dizendo a mim mesmo — a cada dia — que Gabriel vai aparecer quando eu terminar. E preciso dizer a mim mesmo que isso ainda é possível. Ele ainda pode conseguir. Eu só preciso acreditar.

Tudo bem, então vamos voltar aos pensamentos positivos...

Começo identificando o que está ao meu redor. Há coisas positivas por toda parte, e percebo as mesmas coisas positivas a cada droga de dia positivo.

As **árvores**. Árvores são coisas positivas. A maioria é alta e bem reta e grossa, mas tem algumas caídas e cobertas de musgo. A maioria das árvores por essas bandas tem aquele tipo de folha que mais parece uma agulha, e os tons de verde variam do quase negro

ao verde-limão, dependendo da incidência da luz do sol e da idade da folha. Conheço tão bem as árvores dos arredores que consigo visualizá-las com os olhos fechados. Mas tento não ficar muito tempo assim — é mais fácil permanecer positivo com os olhos abertos.

Depois das árvores, volto o olhar para o **céu**, que também é positivo. Ele em geral é azul-claro de dia e assume um tom negro suave à noite. Gosto do céu com essa cor. Às vezes vejo **nuvens**, que, pelo que posso perceber, são grandes e brancas. É raro serem cinza ou trazerem chuva. Elas quase sempre se movem na direção leste. Não há vento aqui. Pelo menos, nunca há vento perto do chão da floresta.

E o que mais? Ah, sim, **pássaros**. Pássaros são positivos, gananciosos e barulhentos, sempre comendo e tagarelando. Alguns comem sementes, outros, insetos. Tem alguns corvos que voam muito acima da floresta, mas eles nunca descem — pelo menos, não até onde fico. Eles são negros. De um negro bem profundo. Como se tivessem sido cortados com tesouras de uma folha de papel preto. Busco águias com os olhos, mas nunca vi uma delas por aqui, e começo a pensar em meu pai — será que ele se disfarçou mesmo de águia e me seguiu? Parece que foi há muito tempo...

Pare!

Pensar no meu pai não faz parte disso. Preciso tomar cuidado quando penso nele. Preciso ser bem rígido comigo mesmo. Do contrário, é muito fácil cair em pensamentos negativos.

Então... Retomando as coisas à minha volta. Onde eu estava, mesmo? Já passei pelas árvores, o céu, as nuvens, os pássaros... Ah, sim, os **silêncios**... muitos deles. Silêncios enormes. Os silêncios noturnos poderiam encher o Oceano Pacífico. Amo os

silêncios. Aqui não há zumbidos ou interferência elétrica. Nada. Minha mente está vazia. Imagino que conseguiria até ouvir o rio no fundo do vale, mas só não consigo porque as árvores bloqueiam o som.

Então concluímos a análise dos silêncios, já podemos passar para os **movimentos**. Muitas coisas se moveram até agora. Pequenas corças — já vi algumas, são marrons, silenciosas, meio delicadas e um pouco nervosas. Coelhos, todos de um cinza-amarronzado e bem silenciosos. Além de ratazanas cinza-amarronzadas e marmotas, cinzentas e quietas. Também notei o movimento de aranhas pretas e silenciosas, moscas — que só são silenciosas até chegarem perto, depois fazem um barulho bizarro e incrivelmente alto — e de uma borboleta perdida, azul como uma centáurea, silenciosa. Há movimento de pinhas caindo. São marrons e não são silenciosas, mas produzem um ruído suave ao aterrissar no chão da floresta. Agulhas de pinheiro já marrons também caem, tão barulhentas quanto a neve.

Então isso é positivo: borboletas, árvores e coisas do tipo.

Também analiso a mim mesmo. Nos pés, as minhas **botas** velhas de solas grossas, já flexíveis de tão desgastadas. O couro marrom está muito arranhado, e entra água no pé direito, através da costura aberta. Meus **jeans** são largos e confortáveis, já em frangalhos de tão gastos, com as bainhas puídas e rasgados no joelho esquerdo. Eram azuis, agora são cinza, estão sujos de terra e com algumas manchas verdes, que consegui ao escalar as árvores. O **cinto**: couro preto e grosso, fivela de latão. É um bom cinto. **Camiseta**: era branca, agora é cinza, está com um furo no lado direito e vários furinhos na manga, como se tivesse sido mordida por **pulgas**. Não tenho pulgas, não que eu saiba. Não sinto coceira. Estou um pouco **sujo**. Mas me lavo alguns dias, sempre que acordo coberto de

sangue. Minhas roupas não têm manchas de sangue, o que é um ponto positivo. Sempre acordo nu, se...

Volte a pensar nas roupas!

Onde eu estava? Na camiseta. E por cima dela estou usando uma **blusa**, que é quente e grossa, feita de lã — ainda dá para ver a estampa xadrez em tons de verde, preto e marrom, e restam três botões pretos. Tem um **furo** no lado direito e a manga esquerda está rasgada. Não estou usando **cuecas** ou **meias**. Eu estava de meias, mas não sei o que aconteceu com elas. E tinha **luvas**. Acho que o **cachecol** está na **mochila**. Faz séculos que não olho lá dentro. Eu deveria fazer isso. É algo para fazer. Talvez minhas luvas estejam lá dentro.

Então, e agora?

Mais sobre mim.

Minhas **mãos** estão terríveis. Mesmo. A pele está queimada de sol, arranhada e áspera, as **cicatrizes** no punho direito estão horrendas, parecem pele derretida, e as **unhas** estão pretas e foram roídas até não restar quase nada. Isso sem falar nas **tatuagens**. Três no mindinho direito, e uma grande nas costas da mão esquerda. **S 0,5**. Uma tatuagem de meios-códigos. Para que todos saibam o que sou: meio bruxo das Sombras. E, caso não reparem nelas, há mais uma no tornozelo e outra no pescoço (**minha favorita**).

Mas elas são mais do que tatuagens, mais do que simples marcas: também são uma espécie de magia. Se os caçadores me pegarem, se o sr. Wallend me pegar, vão arrancar meu dedo e colocá-lo em uma garrafa de bruxo, o que vai me deixar nas mãos deles. Vão poder usar o dedo para me torturar ou me matar a qualquer momento, basta queimar a garrafa. É o que acho que eles

fariam. As tatuagens são a maneira que têm de me controlar. Eles usariam isso para tentar me forçar a matar meu pai.

Só que não tem a menor chance de eu matar meu pai. Não poderia fazer isso, mesmo se quisesse, porque meu pai ainda é o bruxo das Sombras mais poderoso de quem já ouvi falar, e não sou nada comparado a ele. Quer dizer, eu sei lutar e correr bem, mas isso nunca seria o bastante para enfrentar Marcus.

Merda! Estou pensando nele de novo.

Eu devia voltar a pensar no meu corpo.

Às vezes meu corpo faz coisas estranhas. Ele muda. Preciso pensar mais sobre isso. Tenho que descobrir como e por que isso acontece, além de saber em que ele se transforma.

Eu nunca me lembro do ocorrido, mas sei que acontece porque acordo nu e com um pouco menos de fome. Apesar de, às vezes, ficar enjoado, vomitar a refeição da noite, depois ter ânsias de vômito intermináveis. Não sei se é porque meu corpo não aguenta o que comi. Eu me alimento principalmente de pequenos animais, embora não me recorde de pegá-los. Mas sei que isso acontece, porque meu vômito libera ossos pequenos e pedaços de pele com pelo e sangue. Vi uma cauda, uma vez. Acho que era de rato. Sei que me transformo em algum tipo de animal. É a única explicação. Tenho o mesmo dom de meu pai. Mas não faço ideia do que acontece: a transformação, como é ser um animal, a volta ao normal. Não me lembro de nada até acordar. Eu sempre durmo, por isso acho que o processo deve me deixar exausto.

Noite passada peguei uma corça pequena. Despertei ao lado da carcaça meio comida. Não tinha vomitado aquilo. Acho que meu estômago está começando a se acostumar. Senti fome, fiquei morrendo de fome, mas agora passou. Então acho que isso é prova de que dá para se acostumar com qualquer coisa, até mesmo carne

crua. Ainda assim, eu mataria alguém para conseguir uma refeição decente. Hambúrguer, batatas fritas, ensopado, purê, rosbife e pudim Yorkshire. Comida de gente. Uma torta. Torta de creme!

Cuidado!

Melhor não pensar no que não posso ter: desse jeito vou ladeira abaixo. Preciso tomar cuidado com o que penso. Não posso cair no negativismo. Hoje me saí bem nisso de manter o pensamento positivo, por isso posso me dar ao luxo de pensar em outras pessoas, até mesmo em **meu pai**, mas preciso ter cuidado redobrado ao pensar nele.

Eu o conheci. Conheci Marcus. Ele não me matou, o que de fato nunca achei que faria, mas não dava para ter certeza, considerando sua reputação.

Passei a maior parte da infância acreditando que Marcus não se importava comigo, mas na verdade ele pensava em mim o tempo todo, assim como eu pensava nele. E Marcus sempre planejou me ajudar. Ele saiu à minha procura e parou o tempo por mim, o que acho que não deve ser uma coisa simples de fazer, mesmo para alguém como ele. Então realizou minha Cerimônia de Atribuição de Dons, quando deixou que eu bebesse seu sangue e me deu três presentes. E o anel de ouro que me deu, o anel dele, está no meu dedo. Eu o giro e o levo aos lábios, sentindo seu peso e o gosto de metal. A bala que meu pai tirou de mim, a bala mágica dos caçadores, guardo no bolso. Às vezes eu também a toco, apesar de não ter certeza se gosto de tê-la comigo, já que é coisa dos caçadores. E o terceiro presente que ele me deu, minha vida, ainda está comigo. Não sei se isso conta, pois nunca tinha ouvido falar de um presente que não fosse algo físico. Mas ele é Marcus, deve saber o que faz.

Estou vivo graças a meu pai. Tenho meu dom graças a ele, um dom que compartilhamos. A maioria dos bruxos tem dificuldades para descobrir seu dom; às vezes leva um ano ou mais para saber qual é, mas eu sequer precisei procurar pelo meu: ele me encontrou. E não sei se isso é bom. Melhor pensar em outra coisa...

Minha família é algo positivo em que pensar. Não é comum ficar negativo quando passo para esse tópico. Ainda sinto saudades de Arran, mas nem de longe tanta quanto sentia quando fui prisioneiro de Celia. Morri de saudades de meu irmão nas primeiras semanas dentro da jaula. Mas isso foi anos atrás... dois anos, acho. O Conselho me levou pouco antes do meu aniversário de quinze anos, logo antes da Atribuição de Arran. Sim, faz mais de dois anos, mas sei que ele está bem, assim como Deborah. Ellen, minha amiga meio-sangue, entrou em contato com Arran e mostrou uma foto minha a ele. Eu vi um vídeo dele, ouvi a mensagem que tinha para mim. Mas sei que eles estão melhor sem minha presença. Nunca mais poderei vê-los, mas tudo bem, porque eles sabem que estou vivo, que escapei e estou livre. O que me resta é ser positivo, e isso é algo positivo, porque, quanto mais tempo eu me mantiver afastado, melhor para as pessoas de quem gosto.

Às vezes sento na entrada da caverna, deito e durmo um pouco, mas não tenho dormido muito bem, e em geral me sinto mais confortável esperando aqui, em cima da minha árvore, de onde tenho uma boa vista. A encosta da montanha é íngreme para essas bandas, então ninguém vai resolver dar um passeio por aqui. Mas nunca se sabe. E os caçadores são bons no que fazem. Tento não pensar demais neles, apesar de não ser muito sensato fingir que não existem. Enfim, fico sentado no alto da árvore e, quando está escuro, como agora, eu me permito lembrar dos velhos tempos,

antes de ser levado pelo Conselho, antes de Celia, antes de me trancarem em uma jaula.

Minha lembrança favorita é de Arran e eu brincando na mata perto da casa da vovó. Eu estava escondido em uma árvore e, quando Arran finalmente me encontrou, escalou o tronco para se juntar a mim. Mas fui subindo cada vez mais, até a ponta de um galho fino. Ele implorou para que eu parasse, por isso voltei para sentar com ele. Fiquei em uma posição bem parecida com a que estou agora, uma perna de cada lado do tronco, encostado nele. Eu daria tudo para sentar daquele jeito com ele outra vez, sentir o calor de seu corpo apoiando o meu. Saber que ele está sorrindo pelo movimento do peitoral, sentir sua respiração, seu braço ao meu redor.

Mas é melhor não pensar assim por muito tempo. Melhor não pensar no que não posso ter.

Também me lembro da vovó, com suas abelhas, botas e galinhas, e o chão enlameado da cozinha. A última vez que a vi foi quando me levaram embora. Eu estava no prédio do Conselho, e me disseram que Celia seria minha “guardiã e professora”. Aquela foi a primeira vez que vi Celia, a primeira vez que ouvi o som que ela fazia, o dom capaz de me atordoar. Parece ter sido em outra vida. Celia me derrubou com o ruído e me levaram embora. Tive um último vislumbre de vovó, parecia velha e assustada, parada sozinha no meio do salão em que fiz as avaliações. Agora, pensando no que aconteceu, acho que vovó sabia que nunca mais me veria. Celia disse que ela morreu, e sei que a levaram ao suicídio, assim como fizeram com minha mãe.

Eu agora sei...

O que foi isso?

Passos! À noite!

Minha adrenalina começa a subir.

Controle-se! Escute!

Passos leves. Leves o suficiente para serem de um caçador.

Viro a cabeça bem devagar. Não vejo nada. A camada de nuvens está bem pesada, não deixa o luar chegar até onde estou, aqui na floresta.

Mais passos. Mais adrenalina.

Merda! Isso é mais que adrenalina: é o animal dentro de mim.

Então a vejo. Uma pequena corça. Nervosa.

E a adrenalina está prestes a explodir, o animal dentro de mim quer tomar conta.

Calma! Calma! Respire devagar. Conte as respirações.

Um — inspirar e expirar.

Dois — inspirar — segurar — e expirar.

Três — inspirar — posso senti-lo em meu sangue, incendiando-o — e expirar.

Quatro — inspirar...

Sinto o animal dentro de mim, essa coisa desconhecida que me faz transformar.

A corça se afasta e logo desaparece na escuridão. Mas eu continuo ali, humano, e aquele bichinho não está morto. Posso controlar meu dom. Bem, posso detê-lo, pelo menos. E, se consigo detê-lo, talvez também consiga liberá-lo.

Estou sorrindo. Pela primeira vez em semanas, sinto-me positivo de verdade em relação a alguma coisa.

Eu me saí bem, hoje. Limitei-me às listas, não desviei demais para o lado negativo. Posso me recompensar com bons pensamentos, coisas que reservo para ocasiões especiais. Meus favoritos são sobre Annalise. E é disso que me lembro...

annalise e eu

Nós dois estamos sentados nas escarpas de arenito, os pés pendurados na beirada. Annalise tem quinze anos, eu ainda tenho quatorze. Minha perna está perto da dela, mas não estamos nos tocando. É fim de outono. Nós dois nos encontramos nesse mesmo lugar uma vez por semana pelos últimos dois meses. Desde que começamos a fazer isso, só nos tocamos uma vez, a segunda em que fomos ali. Eu segurei e beijei sua mão. Ainda não consigo acreditar que fiz aquilo. Acho que me deixei levar pelo momento. Agora penso nisso o tempo todo, e estou falando sério quando digo o tempo *todo*, mas parece que não consigo repetir o gesto. Annalise e eu conversamos, escalamos e corremos pelos arredores, mas, mesmo quando estamos perseguindo um ao outro, eu nunca a alcanço. Eu me aproximo, mas não consigo tocá-la. Também nunca a deixo encostar em mim.

Ela está balançando as pernas. A saia cinza do uniforme está limpa, passada e engomada. A pele das pernas é macia e levemente bronzeada, e os pelos acima dos joelhos são finos e loiros. E minha perna está a milímetros da dela, mas sei que não consigo aproximá-la mais do que isso. Eu me obrigo a virar a cabeça e olhar para outra coisa.

O penhasco é íngreme, e a queda é longa, mas não impossível, pois termina em chão de areia. As copas das árvores se movem e farfalham, quase como se estivessem conversando umas com as outras, fofocando, e folhas caem aos montes. Um montinho delas

vem em nossa direção, e, mesmo antes de ela se mover, sei que Annalise vai tentar pegar uma. Ela estende a mão, o braço e depois o corpo para além da borda do precipício. Ela está se inclinando demais na beira, mas não vai se machucar se cair — embora talvez eu devesse tentar segurá-la, abraçá-la. Só que não me mexo. Ela ri, se estica ainda mais, alcançando a folha ao mesmo tempo em que agarra minha manga, mas mesmo assim não toco nela. Puxo o braço para trás, para que Annalise fique em segurança, mas não toco nela.

Ela pega o pequeno triângulo marrom, uma folha de bétula. Então segura-a pela haste e a sacode diante do meu rosto.

— Peguei! E não graças a você. Eu quase caí.

— Eu sabia que você ia ficar bem.

— Sabia?

Ela dá uma batida com a folha no meu nariz, os dedos próximos dos meus lábios. Afasto a cabeça.

— É para você. Aqui, pegue.

— É só uma folha — digo. — Tem um monte dessas por aí.

— Estenda a mão. Esta é uma folha especial. Eu a peguei, correndo grande risco, só para você.

Eu estendo a mão. Quero aquela folha..

Ela a solta na palma da minha mão.

— Você não tem o costume de dizer “obrigado”, né?

Não sei. Nunca pensei nisso.

— E você nunca encosta em mim.

Dou de ombros. Não posso revelar que penso bastante em cada milímetro que nos separa.

— Vou guardar a folha — digo.

Então pulo do penhasco, caindo no chão.

Estou lá embaixo, sem saber o que fazer em seguida. Estava torcendo para que Annalise pulasse comigo. Ergo os olhos para ela e pergunto:

— Podemos conversar sobre outra coisa?

— Só se você subir aqui e pedir com educação.

Escalo a encosta o mais rápido possível, de um jeito um pouco exibido, mas paro quando chego perto do topo. Annalise mudou de posição; agora está bem no lugar por onde subo. Está bloqueando meu caminho. Há uma rota diferente à esquerda, mais difícil, então desço alguns pontos e subo outra vez, mas ela trocou de lugar de novo, e agora está sentada lá.

— Oi — diz, debruçando-se para a frente e sorrindo.

Só tem um jeito de subir, que é passando por cima de Annalise.

— Com licença — peço. — Pode me deixar passar?

Ela balança a cabeça.

— E se eu pedir por favor?

Ela balança a cabeça outra vez e abre um grande sorriso.

— Para um meio-código barra-pesada, você não mete muito medo.

— Por favor, Annalise.

Não estou conseguindo me segurar direito: já começo a sentir câimbras nas mãos, e os dedos dos pés estão escorregando. Não vou aguentar ficar aqui por muito mais tempo.

— Não entendo como é que você foi expulso da escola. Você parece tão bonzinho — comenta ela, com voz professoral.

— Não sou bonzinho.

Ela se inclina mais para perto de mim, sorrindo.

— Prove.

Vou ter que pular ou passar por cima dela, e preciso fazer um dos dois logo, pois minha perna direita está começando a tremer com o

esforço. Acho que consigo passar por cima dela se puser a mão à direita de sua perna, mas vou ter que dar um jeito de pular por cima do colo dela e...

— Mal posso esperar para contar a meus irmãos como você é medroso — provoca Annalise. Olho para o rosto dela e, apesar de saber que é brincadeira, só a ideia de ela falar com os irmãos sobre qualquer coisa me deixa irritado. Vejo seu sorriso desaparecer em um instante. Largo a pedra, giro no ar e caio no chão. Annalise grita: — Nathan! Desculpa! Eu não devia... — Ela cai no chão ao meu lado, graciosa e leve como sempre. — Eu não devia ter dito isso. Foi burrice.

— Se eles descobrirem sobre os nossos encontros... Se...

— Você sabe que não vou contar a eles. Foi uma piada idiota.

Percebo que estou exagerando e estragando o dia, então arrasto as botas na areia, escavando o chão, e digo:

— Eu sei. — Sorrio para ela, querendo voltar a me divertir. — Só não conte a ninguém que na verdade sou um covarde, ok? E eu não vou sair espalhando como você é malvada.

— Eu? Malvada? — Ela está sorrindo de novo, e também arrasta os pés no chão. Então traça uma linha comprida na areia e diz: — Em uma escala que vai de malvada, bem aqui... — ela indica uma das pontas da linha com o calcanhar — ... até boazinha, educada e tímida, bem aqui... — ela caminha até a outra ponta, indica o lugar com o calcanhar e olha para mim —, onde eu estou?

Murmuro baixinho, falando sozinho.

— Annalise, Annalise, Annalise.

Percorro a linha de cima a baixo, indo e voltando. Então paro a cerca de três quartos do caminho para a extremidade que indica a bondade da pessoa. Depois chego um pouco para o outro lado,

depois mais e mais, até estar a cerca de um décimo do caminho para a parte da malvadeza.

— Há! — exclama.

— Você é maligna demais para mim.

Ela rosna em resposta.

— Bem, a maioria dos meus amigos da escola me colocaria aqui. — Ela pula para um ponto próximo da extremidade tímida.

— Todos os seus amigos da escola são félixes — retruco.

— Mas conseguem identificar uma garota legal, quando veem uma.

— E em que ponto da linha eles me colocariam?

Saio do caminho enquanto Annalise avança ao longo da linha, parando quase onde eu estava parado, bem perto da extremidade das pessoas más.

— E seus irmãos? Onde eles me botariam?

Ela hesita, mas então passa do ponto da malvadeza e vai até o penhasco.

— Os félixes da escola tinham medo de você por causa desse seu costume de bater nos outros — explica. — Você tinha má reputação por ser descontrolado, mas eles o viam na aula quase todo dia, sentado quieto, então sabiam que, se o deixassem em paz, você faria o mesmo com eles.

— Mas seus irmãos não conseguiram compreender isso. Que só precisavam me deixar em paz.

— Não. Mas também tinham medo de você.

— Eles me bateram! Me deixaram inconsciente!

— Você bateu neles primeiro! Mas é mais do que isso. — Ela hesita, então continua: — É quem você é. Ou quem seu pai é. Tudo se resume a Marcus. Meus irmãos têm medo dele. Todos têm.

Annalise tem razão, é claro, mas não é como se Marcus fosse aparecer a qualquer minuto e me ajudar em uma briga.

Então ela me pergunta:

— Você tem medo dele?

Não tenho certeza: ele é meu pai. É um assassino e é perigoso, mas é meu pai. E quero encontrá-lo. Não iria querer isso se tivesse medo dele.

— Confio em você mais do que em qualquer outra pessoa, Annalise, mas se o Conselho me ouvir falando sobre ele, sobre como me sinto a respeito dele, ou qualquer coisa do tipo... Simplesmente não posso conversar sobre meu pai. Você sabe disso.

— Desculpe. Eu não devia ter perguntado.

— Mas posso dizer de quem tenho medo: do Conselho. E desses seus irmãos. Se... — Mas paro de falar: nós dois sabemos que, se descobrirem que estamos nos encontrando, estaremos muito encrencados.

— Eu sei — responde Annalise. — Tenho a pior família, a mais complicada de todos os tempos.

— Acho que a minha é um pouco mais complicada que a sua.

— Não muito. Pelo menos você tem Deborah e Arran. Tem pessoas legais ao seu lado. Eu não tenho uma única pessoa legal. Quer dizer, Connor é ok quando está longe de Liam ou...

— *Você* é a pessoa legal — interrompo.

Ela sorri, mas é aí que percebo como ela parece triste e solitária e como sou sortudo por ter Arran, Deborah e vovó ao meu lado. E, sem nem pensar, seguro a mão dela. Estou tocando em Annalise! Fico surpreso, mas está acontecendo de verdade, e não quero ficar pensando muito nisso. Nossas mãos têm tamanhos parecidos: a minha é mais larga, e os dedos dela são mais longos e finos. A pele

de Annalise é suave e ainda está limpa e cor de pele, não parece manchada de sujeira.

— Como você mantém as mãos tão limpas? — Viro a mão dela, bem devagar, e a examino com muita atenção. — Estou todo coberto de poeira vermelha, mas você e suas mãos não têm nenhuma sujeirinha.

— Eu sou menina. Somos famosas por nossos feitos incríveis, coisas que os meninos só conseguem sonhar em fazer. — A voz dela está trêmula, assim como a mão.

Agora estou com medo, mas não vou parar. Passo o dedo pelo contorno das costas da mão que ela mantém erguida. Subo pelo polegar e desço entre o polegar e o indicador, depois subo pelo indicador e desço entre ele o dedo seguinte; então avanço, subindo e descendo, até contornar o mindinho, descendo pelo pulso.

— Sua delicadeza sempre me surpreende — comenta ela. — Você está tão longe da parte da linha que indica a malvadeza.

Quero responder alguma coisa, mas não consigo pensar em nada que pareça adequado.

— Você ficou quieto de novo.

— É tão ruim assim ficar quieto?

— Acho que não. Combina com você. — Ela move o dedo para delinear minha mão, como fiz com a dela. — Mas às vezes fico curiosa, querendo saber em que você está pensando. — Ela continua a passar o dedo em volta da minha mão. — *Em que* você está pensando?

Estou pensando que gosto do que ela está fazendo. A sensação é boa. Será que é isso que eu deveria responder? Não sei. O que sai é:

— Eu... Você está...

Ela abaixa a cabeça para olhar para mim.

— Você está tentando esconder o rosto — reclama. — Está ficando vermelho?

— Não!

Ela encosta o dedo na ponta do meu queixo e ergue meu rosto.

Eu me sinto um pouco quente, mas não diria que estava corando.

— Você é tão fofo — comenta ela.

Fofo!

— Acho que sou bem barra-pesada — retruco.

Ela ri e se levanta.

— Você é fofo. E é lerdo. Nunca consegue me pegar.

Annalise sai correndo, e vou atrás dela. E, naquele dia, pela primeira vez, eu a alcanço.

o lado sombrio

Deve ter passado da meia-noite. Lá se vai outro dia. Mais um dia de pensamentos positivos. Mais um dia pensando em Annalise, mas sem chegar nem um pouco mais perto de ajudá-la. Mais um dia sentado em uma árvore, esperando Gabriel, que não apareceu. Eu deveria tentar dormir, mas não estou cansado. É raro sentir cansaço à noite. Em vez disso, pareço mais vivo, apesar de ficar com o humor um pouco mais sombrio.

Eu podia fazer umas listas ou repassar algumas coisas que Celia me ensinou: como matar com uma faca, como matar com as mãos. Isso é animador. Ou talvez fatos. Minha árvore genealógica é uma boa. Basta recitar os nomes sem parar: Harrow, Titus, Gaunt, Darius, Leo, Castor, Maximilian, Massimo, Axel, Marcus e Nathan. Harrow, Titus, Gaunt, Darius...

Bem, a lista com certeza pende um pouco para o lado depressivo, e eu não deveria entrar nessa, mas não é culpa minha todos terem sido mortos por caçadores ou torturados até a morte pelo Conselho. Apenas Marcus não foi morto — até onde sei, pelo menos, continua vivo e bem, morando sabe-se lá onde. Ele esteve comigo, salvou minha vida e realizou minha Cerimônia de Atribuição de Dons, mas foi embora e me deixou sozinho*, o que fez durante toda a minha vida*.

— Você se saiu muito bem sozinho — falou.

Uma desculpa clássica de quem não fez o que devia!

Não devo ser negativo. Preciso de uns *malditos pensamentos positivos*.

Merda, agora estou com o humor sombrio.

Preciso tentar outros testes de memória. É, eu podia recitar todos os dons que meu pai roubou, um para cada coração humano que devorou. E aquele homem, aquele assassino PSICOPATA, sentou-se bem na minha frente, conversou comigo e me deu três presentes. E eu não consigo odiá-lo, nem sequer tenho medo dele. Estou... impressionado com ele. Admirar o pai é uma coisa positiva, não é? Meu pai, o psicopata. Ele é um psicopata? Não sei. Não conheço a definição da doença. Não sei até que ponto na escala de devorar pessoas é preciso chegar para se tornar oficialmente um psicopata.

Estou roendo as unhas de novo, mas não sobrou muito para roer.

E aqui estou eu, sentado em uma árvore, roendo as unhas — Nathan, filho de Marcus, o garoto que deveria matar o pai, o garoto que tentou devolver a Fairborn ao pai para provar a ele que não o machucaria, mas que deu bobeira e perdeu a faca. E sei que não duraria nem um segundo em uma luta contra Marcus, mas todos acham que posso matá-lo, todos querem que eu o faça. Consegui escapar de Wallend e daqueles bruxos da Luz que querem que eu mate meu pai e fugi para Mercury, mas adivinhem só? Ela também quer que eu faça isso.

Merda! Preciso pensar em algo mais positivo.

Preciso voltar a pensar em Annalise. Eu sempre pensava nela quando estava na jaula. Tinha fantasias com ela, imaginava que a tocava, que fazíamos sexo, coisas assim. Não que eu já tenha feito sexo ou qualquer coisa do tipo. E a última vez que segurei a mão dela foi quando estávamos sentados lado a lado no telhado de Mercury. Daí deu merda, e o vento me impedia de avançar para tentar ajudar enquanto Mercury atraía Annalise para a grama.

Lembro-me do corpo dela caído, o peito se movendo, desesperado, em busca de ar. E também daquele último suspiro antes de ela ficar completamente imóvel. Pareceu tão lento e doloroso... Odeio aquilo. Odeio aquele último suspiro.

E, já que estou falando em ódio, dá para fazer uma bela lista sobre o assunto. Tem **minha irmã**, é claro, minha querida Jessica. Ela me odeia muito desde que nasci, e o sentimento é totalmente recíproco. Tem o namorado dela, **Clay**, líder dos caçadores, brutal e arrogante. Como não odiar? E **Kieran O'Brien**, irmão mais velho de Annalise, um selvagem violento que antes ficava no topo da minha lista de ódio, mas agora quase sempre fica ali pelo número três. A posição número dois da lista é ocupada por **Soul O'Brien**, membro do Conselho. Ele falou que queria ser o responsável por me dar os três presentes, o que, para ser sincero, é mais sinistro do que querer me manter em uma jaula. Soul tem grandes chances de também ser algum tipo de psicopata. E, por falar em psicopatas, o número um da minha lista é o **sr. Wallend**. O bruxo da Luz que me usou como rato de laboratório. O homem que fez minhas tatuagens, as coisas que mais odeio na vida.

Bem, isso foi positivo!

Celia não está na lista. Já não odeio mais Celia, o que deve ser algo bom. Afinal, não odiar alguém que o manteve trancado em uma jaula por quase dois anos é positivo. Com certeza. Por outro lado, talvez indique que pirei de vez depois de toda aquela experiência. Não sei, mas Celia não está na lista.

Mercury também não. Mercury não inspira ódio. Seria como odiar a chuva ou o sol.

Mercury disse que libertaria Annalise em troca da cabeça ou do coração de meu pai. Não entregarei qualquer um dos dois. Preciso dar um jeito de reencontrar Mercury, achar Annalise, desfazer o

feitiço que a prende e fugir com ela. Parece difícil e perigoso, mas tenho um plano — o que é outra coisa positiva. Só que o plano é idiota, uma porcaria que nunca vai funcionar. E Mercury com certeza vai me matar.

Mesmo assim, eu não deveria me preocupar com isso. Afinal de contas, *todo mundo um dia morre*.

E, no momento, já tenho problemas suficientes com o plano atual. Estou aqui há mais de um mês, lutando para imaginar um cenário positivo, um cenário em que o motivo para Gabriel não conseguir chegar aqui não seja ele estar morto ou ter sido capturado pelos caçadores, e sim estar deitado em uma luxuosa cama king-size, lendo um livro e comendo croissants.

Se Gabriel tiver sido capturado, os caçadores com certeza o torturaram — nesse caso, ele revelaria tudo. Sobre si mesmo, sobre mim, sobre a Fairborn, sobre Annalise e, com toda a certeza, sobre onde poderiam me encontrar, inclusive sobre o ponto de encontro aqui na caverna. Eu teria contado tudo, se estivesse sob Retaliação, e Gabriel faria o mesmo. Isso não é motivo de vergonha; a Retaliação acaba com as resoluções de qualquer um, e ninguém aguentaria um mês assim. Apesar disso, os caçadores não estão aqui. Mas Gabriel também não está. O que significa que ele está morto. Levou um tiro de um dos caçadores na noite em que pegamos a Fairborn. Morreu tentando me salvar. E aqui estou eu, sentado em uma árvore, tentando pensar positivo.

Se você parar para pensar, pensar positivo é uma coisa bem doentia.

chega de esperar

Já está clareando quando chego à cabana de Mercury. Fugi daqui depois de ganhar os três presentes de meu pai, perseguido por caçadores. Esta é a terceira vez que volto. É minha chance de observá-los, para variar.

A primeira vez que retornei foi há duas semanas, quando tive absoluta certeza de que não havia caçadores no meu rastro. Tinha matado a mais rápida e despistado o restante. Tinha quase certeza de que eles não imaginavam que eu retornaria. Afinal de contas, não fazia sentido voltar, seria idiota e perigoso. Seguindo essa lógica, eu pensava que não haveria muitos caçadores na cabana. Errado! Havia doze. Acho que estavam usando o lugar como base a partir da qual tentavam encontrar Mercury. Havia uma fenda mágica no espaço, uma abertura por onde ela viajava para sua verdadeira casa. Uma fenda como a que eu e Gabriel usávamos para ir do apartamento em Genebra à cabana. Meu pai disse que caçadores conseguiam detectar essas fendas, por isso acho que, a essa altura, Mercury já deve ter destruído a passagem para sua verdadeira casa, ou então os caçadores a encontraram, e Mercury também está morta. E, se ela estiver morta, não tenho ideia do que pode acontecer com Annalise. Mas Mercury não seria descuidada, lenta nem fraca. Acho que ela deve ter destruído a fenda e coberto seus rastros tão bem que este vale é como um beco sem saída para os caçadores e para mim.

Na primeira vez em que voltei à cabana, Clay estava aqui — e de mau humor, gritando muito. Jessica estava com ele. Ela tem uma cicatriz comprida que começa na testa, passa pelo nariz e vai até a bochecha, onde a cortei — ou melhor, onde a Fairborn a cortou. Mas Clay não parecia ligar muito para isso, já que ele e Jessica pareciam ainda ser um casal. Ele a envolveu com o braço e deu um beijo na ponta de seu nariz. Teve uma hora que ele se aproximou da orla da floresta e ficou ali parado, com as mãos nos quadris e as pernas afastadas. Parecia olhar diretamente para mim. Eu estava bem escondido, não dava para ele me ver, mas era como se estivesse me esperando.

Visitei a cabana outra vez há uma semana. Restavam apenas seis caçadores, e achei que Clay seria um deles. Pensei que ele soubesse que eu voltaria, mas o caçador não estava presente. Em vez disso, tive o prazer de ver Kieran. E a atmosfera parecia diferente. Os caçadores remanescentes tomavam sol, riam e brincavam. Quase parecia um acampamento de férias, mas eles eram caçadores, o tipo de gente que nunca tira férias. Ainda assim, sem dúvida não pareciam esperar que o filho-de-você-sabe-quem aparecesse.

Fiquei analisando Kieran: estava sem camisa, o cabelo dourado por causa do sol, o rosto bronzeado e o corpo musculoso, grande e pesado. Seu corpo é quase tão musculoso quanto o de Clay. Os caçadores tinham feito uma pista de obstáculos com troncos, paredões de escalada improvisados, cordas, e uma rede rente ao chão, para que passassem rastejando por baixo. Apesar de seu tamanho, Kieran era sempre o mais rápido e zombava dos outros por serem lentos. Em matéria de luta, parecia bastante claro que as garotas eram iniciantes. O parceiro de Kieran era bom, e o próprio Kieran, excelente. Mesmo assim, acho que eu poderia vencê-lo em

uma briga. O dom dele é que deixa tudo mais complicado, porque lhe permite ficar invisível. Uma das garotas parecia ser capaz de incendiar coisas, e outra conseguia lançar raios, mas esses dons eram bem fracos. Não consegui descobrir o que o parceiro de Kieran e as outras garotas podiam fazer.

A maioria dos caçadores é mulher, mas há alguns bruxos habilidosos. Apenas os mais fortes e capazes são recrutados, e as duplas são sempre formadas apenas por homens ou mulheres. Eu nunca tinha ouvido falar em caçadores que não fossem britânicos, mas duas das garotas não eram. Elas falavam um pouco de inglês, mas quando conversavam entre si e, às vezes, com o parceiro de Kieran, usavam uma língua que acredito que seja francês. Pelo que sei, os Conselhos de bruxos da Luz de outros países europeus não treinam caçadores ou caçam bruxos das Sombras, como é feito aqui na Grã-Bretanha. Gabriel me contou que, no restante da Europa, bruxos da Luz e das Sombras ficam em áreas separadas e ignoram a existência um do outro, e os caçadores só são usados em circunstâncias extremas, para localizar bruxos específicos, como meu pai. O recrutamento de bruxos da Luz locais parece um sinal de que os caçadores estão expandindo suas operações.

Eu os observei o dia inteiro. Sabia que não devia fazer isso. Sabia que devia ter ficado na caverna esperando Gabriel, mas não conseguia me afastar dali. Fiquei assistindo a Kieran gritar com seu parceiro e me lembrei do dia em que ele e os irmãos me pegaram, cortaram e torturaram. Hoje em dia, o que eles fizeram me deixa mais chocado do que deixava na época. Eu tinha quatorze anos, era pequeno, uma criança. Kieran devia ter vinte e um, e fez com que os irmãos mais novos se juntassem a ele. Ele mandou Connor colocar pólvora nas minhas costas e fez piada com o que estava acontecendo, riu da fraqueza deles da mesma forma que riu da

minha. E não apenas me cortou e deixou cicatrizes, mas também me marcou: S do lado esquerdo das costas e L do direito. E é isso o que sou: um meio-código, meio das Sombras, meio da Luz, sem pertencer a qualquer um dos lados.

E agora estou de volta pela terceira vez. Eu me aproximei da cabana por cima, vindo pela floresta. O sol ainda não surgiu acima dos picos das montanhas à minha esquerda, mas o céu está claro. Não tenho certeza de por que vim, mas não vou ficar por muito tempo. Só quero dar uma olhada nas coisas pela última vez.

A cabana é construída no topo da encosta íngreme do vale, bem no limite da floresta, com uma vasta campina gramada estendendo-se abaixo. A maior parte do vale é coberta de florestas, mas as cristas e os cumes mais altos ficam acima das copas das árvores, onde, mesmo no verão, as rochas cinza retêm um pouco de neve em bolsões abrigados. O topo do vale é coberto de neve eterna, com uma geleira onde nasce o rio, que passa bem abaixo da cabana. De lá não dá para vê-lo, mas é possível ouvi-lo: o rugido é constante.

Avanço até o limite das árvores. Não há barulho além do zumbido em minha cabeça, causado pelos celulares dos caçadores. Mas é um som suave, eles não têm muitos telefones. Não devem ser seis. Imagino que sejam dois. Ambos na cabana. Então os caçadores devem ter praticamente desistido de encontrar Mercury e pensam que fui embora e não sou burro o suficiente para voltar. Mas adivinhem só? Aqui estou eu.

O dia já está bem claro.

Eu devia mesmo ir embora.

Não aguento mais ficar sentado na caverna esperando Gabriel, que deve estar morto. Mas quero ver meu amigo, prometi que

esperaria por ele, assim como ele prometeu que esperaria por mim. E sei que ele passaria mais de um mês lá...

O trinco da porta da cabana se mexe, e um caçador sai lá de dentro.

Reconheço o corpo musculoso na mesma hora.

Kieran dá a volta na cabana, se espreguiça e boceja, alongando o pescoço em movimentos circulares como se estivesse prestes a entrar em uma luta de boxe. Ele vai até a pilha de lenha, escolhe um tronco grande e o coloca em pé sobre o toco de árvore serrado que faz as vezes de bloco para cortar lenha. Então pega o machado e se posiciona. A madeira não tem a menor chance.

Ele está de costas para mim. Tiro minha faca da bainha.

Kieran para o que estava fazendo. Então se abaixa para pegar os pedaços de lenha, enche os braços e vai para a lateral da cabana, onde empilha a carga. Um passarinho passa por ele de raspão, voando. É uma alvéola. Ela pousa ao lado da cabana. Kieran a observa por alguns instantes, em seguida apoia o machado no ombro e escolhe outro tronco para cortar. E começa tudo outra vez.

Ainda estou com a faca na mão.

Posso matá-lo agora. Ele morrerá em dez segundos. E eu quero que ele morra. Sei disso. Mas nunca matei alguém desse jeito: podendo dar as costas e partir. E, se matá-lo, eu com certeza terei que ir embora do vale. E se Gabriel estiver tentando voltar para a caverna? Vou acabar atraindo mais caçadores para lá. Mas sei que Gabriel está morto, só não quero acreditar. Os caçadores devem tê-lo matado, e ele era uma das pessoas mais especiais, honestas e compreensivas que já conheci. Enquanto isso, vivo e bem, cortando lenha, está uma das pessoas menos especiais e mais cruéis que já conheci. Kieran merece morrer. O planeta seria um lugar melhor sem ele.

Quando avanço para cima dele, Kieran está lançando o machado para trás, preparando-se para golpear a lenha. Posso matá-lo antes que ele perceba. Kieran está vulnerável, o machado é inútil se eu for rápido, enterrando a faca certeira em seu pescoço.

E eu quero que ele morra.

Mas, mas, mas...

Não posso matá-lo assim. Quero matá-lo, mas não depressa, não como se fosse algo que eu tivesse que fazer logo. Quero que ele olhe para mim enquanto o mato, que saiba que sou eu quem está tirando tudo o que tem, tirando sua vida.

Ou estou só inventando desculpas? Será que estou apenas inseguro?

E o animal dentro de mim, a adrenalina, não parece presente, como se não quisesse fazer parte disso.

A porta da cabana se agita outra vez, depois se abre. Merda! Estou bem no campo de visão do caçador que sai, adentrando a área gramada. Ele está coçando a nuca, ainda acordando e olhando para baixo.

Recuo depressa. Prendo a respiração enquanto subo a encosta na direção da parte mais densa da floresta e paro sob aquela proteção para ouvir.

A lenha ainda está sendo cortada.

O barulho do machado para e ouço vozes baixas: o parceiro de Kieran e o próprio Kieran, mas não consigo entender o que estão dizendo.

Silêncio.

Voltam a cortar lenha.

Consegui escapar.

Corro.

você não morreu, né?

Vou embora do vale. Vou embora para nunca mais voltar. Preciso encontrar Mercury e pensar em um novo plano para ajudar Annalise, um plano que não envolva Gabriel. Mas primeiro volto para a caverna. Acho que devia deixar alguma coisa minha, para o caso de acontecer um milagre e Gabriel ainda estar vivo e, um dia, conseguir encontrar o caminho até lá.

No percurso de volta, paro e me sento na grama para entalhar um pedaço de madeira que encontrei. Estou esculpindo uma pequena faca Bowie, igual à que estou usando para esculpir. Vou deixar a escultura na caverna, na fenda que fica nos fundos, onde Gabriel deixou a lata de cartas, depois vou embora para nunca mais voltar.

Enquanto entalho, lembro-me de quando Gabriel me deu a faca...

*

Estamos na cabana de Mercury há dois dias. Eu só a vi uma vez, no dia em que chegamos. Desde então estou aqui de molho, preocupado se ela vai ou não ajudar com minha Atribuição. Gabriel e eu preenchemos os dias nadando e fazendo longas caminhadas. Hoje deixamos a cabana de Mercury pouco antes do amanhecer e saímos andando a um passo acelerado, cheios de disposição. Gabriel vai à frente, e eu o sigo. Ele é rápido, mesmo com o corpo de félix. Tem pernas compridas, e um passo dele cobre um terço a mais do que um passo meu. Subimos um barranco íngreme e

rochoso, e consigo me sair bem nessa parte. Copio os movimentos que ele faz e os pontos de apoio que usa, e estou melhorando na escalada, mas ele nem parece fazer esforço.

No alto de um pequeno monte, ele para e me observa. O olho sarou, apesar de ainda haver um corte na sobrancelha esquerda. Acho que ele vai ficar com uma pequena cicatriz — uma pequena lembrança de como o ataquei quando estávamos juntos no apartamento, em Genebra. Eu podia tê-lo deixado cego.

Gabriel estende a mão para mim. Eu a aceito, de forma que ele consegue me puxar pelo último trecho. Não há muito espaço na rocha, então ficamos parados bem juntos.

As montanhas ao longe estão cobertas de neve. Aqui faz frio, mas sinto calor.

— Você está sem fôlego — diz Gabriel.

— Aqui é alto. O ar é rarefeito.

— O que estou respirando não é tão ruim.

Eu o empurro com o ombro.

— Não comece o que não pode terminar — diz ele, devolvendo o empurrão.

Há uma queda longa e íngreme às minhas costas, com pedras pontudas no fundo, e uma queda curta por uma colina gramada atrás de Gabriel. Eu o empurro, mas sem força, segurando a jaqueta dele para impedi-lo de cair.

Ele se solta com um movimento brusco do antebraço e me empurra com força para trás, a mão espalmada. Agarro sua outra manga, xingando-o e conseguindo me equilibrar. Gabriel sorri como um idiota, e continuamos com a brincadeira, cada vez mais forte, até que consigo me soltar dele e o empurro com as duas mãos. Ele cai para trás, tentando me agarrar, sem sorrir. Está com uma expressão preocupada. Eu o seguro, mas me inclinei demais para a frente e

não consigo manter o equilíbrio, então caímos juntos. Eu o puxo para perto e giro no ar, para cair de costas com ele por cima.

— Ai!

Caio no platô gramado, mas as pedras lisas e achatadas cravadas no chão machucam minhas costas.

Gabriel rola para o lado, saindo de cima de mim, e dá risada.

Eu começo a praguejar.

— Acho que quebrei uma costela.

— Mimimi. Vocês ingleses reclamam o tempo todo.

— Não estou reclamando. Estou observando um fato. Só porque posso me curar não quer dizer que não doa!

— Não sabia que você era tão frouxo.

— Frouxo? Eu?

— É. — Ajoelhado ao meu lado, ele me dá um cutucão no peito. — Frouxo!

Já curei a costela, então agarro a mão de Gabriel, torço o braço e o jogo no chão, para ficar por cima dele.

Então cutuco seu peito.

— Eu não sou frouxo.

— É sim, mas não se preocupe. É uma das coisas de que gosto em você.

Começo a praguejar enquanto me levanto. Estendo a mão para ele, que a segura, e o ajudo a se levantar.

Entramos na floresta outra vez, atravessamos um riacho e subimos uma encosta íngreme e coberta de árvores — tão íngreme que precisamos usar as mãos como apoio para avançar. Apesar da inclinação, as árvores são altas, todas curvas na base, de um jeito que lembra um taco de hóquei. Chegamos a uma pequena área com rochas empilhadas abaixo da larga abertura de uma caverna não muito profunda: tem apenas quatro ou cinco metros, o mesmo

tanto de largura, mas se mantém seca. Acho que daria para eu dormir ali sem passar mal.

O cheiro é aquele cheiro de floresta: decomposição e vida.

Então Gabriel se pronuncia:

— Pensei que... se alguma coisa der errado, é aqui que devíamos nos encontrar.

— O que você acha que vai dar errado?

— Não tenho certeza, mas os caçadores estão atrás de você, e Mercury é perigosa e imprevisível. — Ele hesita, depois acrescenta: — Você também é um pouco perigoso e imprevisível.

E ele tem razão, é claro.

Gabriel tira uma lata da mochila e diz:

— Vou deixar minhas coisas aqui.

Ele tinha me contado que a lata contém lembranças: cartas de amor do pai para a mãe, assim como o objeto que daria a Mercury se ela conseguisse transformá-lo de volta em bruxo. Ainda não sei o que é. Não vou perguntar. Se ele quiser que eu saiba, vai me contar. Gabriel bota a lata em um canto da caverna, depois pega outra coisa de dentro da mochila.

Ele estende o embrulho para mim.

— É para você... Achei que fosse gostar. — Não sei bem o que fazer. — Pegue, é um presente — insiste ele.

Dá para perceber, pela voz e pelo modo como Gabriel hesita, parecendo não ter a firmeza habitual nas mãos, que ele quer que eu goste. E quero gostar, por ele.

O embrulho é comprido e achatado. Pelo peso, poderia ser um livro, mas sei que não é: seria muito difícil que eu gostasse. Está embrulhado na sacola da loja, papel verde-claro com alguma coisa escrita, dobrado no alto e meio amassado por ter ficado na mochila. O papel da sacola é grosso e encerado.

Eu me agacho e abro uma extremidade com cuidado. Lá dentro há um embrulho de papel de seda branco, com muitas dobras e novo, não amassado. Puxo o embrulho com muito cuidado e jogo a sacola fora. Ela parece flutuar até o chão. Tudo parece especial. O presente pesa um pouco na mão, também parece resistente e bem balanceado.

— Qual foi a última vez que você ganhou um presente? — pergunta ele, brincando, nervoso.

Não sei. Faz muito tempo.

Deposito o embrulho no chão coberto de agulhas de pinheiro à minha frente, o branco brilhante sobre um berço verde e marrom.

Desdobro o papel de seda com muito cuidado.

O mais devagar possível.

Com a maior delicadeza possível.

Ainda falta uma dobra.

— É melhor você gostar, depois de tudo isso.

Eu já gosto. E me demoro, curtindo ver o papel no chão, o presente quase desembrulhado.

Puxo a última dobra para trás com a ponta dos dedos. Ali está a faca, preta sobre o papel branco. O cabo é revestido de excelente couro negro. A lâmina fica protegida por uma grossa bainha de couro. E tem um grampo para prendê-la no cinto. O cabo da faca se encaixa bem em minha mão, não é muito grande nem muito pequeno. Não é muito pesado nem muito leve. A lâmina desliza suavemente da capa protetora. É uma faca Bowie, a lâmina faz uma curva acentuada. O metal reflete a luz fraca do céu na floresta.

Olho para Gabriel. Ele está tentando sorrir.

— Gostei.

Nunca pedi desculpas por ter feito aquilo no olho dele.

*

Terminei de esculpir a faca. Adoraria que Gabriel a visse, mas sei que isso nunca vai acontecer. Paro e olho para trás, na direção da cabana, e quero gritar de frustração pela injustiça de tudo aquilo. Ninguém nunca será tão meu amigo quanto Gabriel foi, e tiraram ele de mim. Como fizeram com tudo. Quero matar Kieran e todos os outros. Mas sei que, se eu matar Kieran agora, os caçadores virão atrás de mim outra vez. E poderiam me pegar, aí não haveria quem ajudasse Annalise. Pelo bem dela, preciso tomar cuidado.

Volto para a caverna.

Está escuro, e estou quase lá, vindo pela encosta, quando noto o tremeluzir de uma chama. Uma pequena fogueira.

Será possível...?

Paro. Então sigo em frente. Devagar. Em silêncio. Permanecendo escondido entre as árvores.

A fogueira está na entrada da caverna. Há um pequeno círculo de pedras, com galhos em chamas na parte de dentro e um bule de café sobre uma das pedras.

Mas quem acendeu o fogo? Não pode ter sido Gabriel, ou pode? Talvez tenha sido um pessoal fazendo trilha? Não podem ter sido caçadores, né? Eles não fariam fogueira nem café. E não há zumbido, então nada de celular. Não deve ser um grupo de félixes. E também não deve ser um grupo de caçadores.

Será que é Gabriel?

Ele adora café.

Um movimento na caverna. A silhueta escura de um homem.

Gabriel?

Mas o homem parece mais baixo e atarracado.

Não pode ser um caçador, né? Não há zumbido, e deveria haver dois — ou vinte...

Merda! Quem será?

O homem avança, passando ao lado do fogo. Ele olha em minha direção. Está escuro. Estou parado bem atrás das árvores. Sei que ele não pode me ver.

— Mas que diabos, rapaz — diz. O sotaque é australiano.

Eu me pergunto se ele veio com outra pessoa e está falando com um amigo que ainda está na caverna.

Mas o homem vem lentamente na minha direção... Hesitante, mas bem na minha direção.

Estou paralisado, não consigo respirar.

Ele se aproxima mais um passo. Depois outro. E olha bem para mim. Está a quatro ou cinco metros de distância, uma silhueta contra o brilho da fogueira. Não consigo ver o rosto, mas sei que não é Gabriel.

— Mas que diabos — diz, outra vez. — Achei que você tivesse morrido.

Ele com certeza está falando comigo. Deve conseguir ver no escuro. Eu não me mexo, apenas o encaro de volta.

Então, parecendo mais nervoso, ele pergunta:

— Você não morreu, né?

nesbitt

Já estou com a faca na mão quando avanço em direção ao homem, segurando sua jaqueta e aproveitando o impulso para empurrá-lo para o chão, ajoelhar em seu peito e apertar a faca em sua garganta.

— Calma lá, meu camarada, calma — diz ele, parecendo mais irritado do que com medo.

— Cale a boca! — retruco, irritado.

A lâmina da faca está apertada contra o pescoço dele, mas apenas a lateral, e não a parte cortante, para não machucá-lo. Examino os arredores com atenção, tentando ver se ele está sozinho. Acho que sim, mas pode estar com um amigo. Não vejo nada além das formas escuras das árvores, a fogueira e o bule de café.

— Quem é você? O que você está fazendo aqui? — indago.

— Acho que você não acreditaria se eu dissesse que eu apenas gosto de ficar ao ar livre, né?

— Acho que você não ligaria muito se eu cortasse sua língua caso você não me conte a verdade, né?

— Nossa, meu camarada. Só estou brincando, é só uma piadinha.

Empurro a parte afiada da lâmina contra seu pescoço, e escorre um pouco de sangue.

— Acho que consigo chegar na língua, se começar por aqui.

— Nesbitt, meu nome é Nesbitt. E o seu é Nathan, não é?

Não sei se confirmar isso faria alguma diferença, mas não acho que vá ajudar, então digo:

— O que você está fazendo aqui, Nesbitt?

— A chefe me mandou.

— Mandou para fazer o quê?

— Um serviço.

— E o serviço é...?

— Um assunto particular.

— Um assunto particular que você está disposto a não cumprir por estar sem língua e sem tripas...?

Ele gira o corpo, afasta meu braço e me agarra. Nesbitt é maior do que eu, muito mais pesado e bem forte, mas consigo me soltar, rolo pelo chão e me levanto. Ele também se levanta: é mais rápido do que aparenta.

— Você é rápido — comenta.

— E você seria mais rápido se estivesse em forma.

Nesbitt franze o cenho.

— Não estou mal para a idade. — Ele bate na barriga. — E você não está tão mal para um garoto morto.

Endireito a postura, fingindo estar relaxado.

— Onde ouviu dizer que eu tinha morrido?

Ele sorri.

— Não ouvi dizer que você tinha morrido. Eu *vi*.

— Você me viu? Morto? Como assim? Em uma visão, ou algo do tipo?

— Visão! Não. Você não lembra, não é? Bem, acho que não estava em condições de lembrar. Mas você me viu. Só que... ficava me chamando de Rose, o que eu...

— O quê? Você me viu quando eu estava ferido? Também estava na floresta?

— Ah, eu estava, sim. Fui seguindo você desde a estação de trem. Tive sorte naquele dia. Estava a caminho da... Bem, não importa. — Ele sorri e dá uma piscadela. — Mas vi você e a caçadora. Ela ainda não tinha visto você, mas veria logo, se eu não a tivesse distraído, o que lhe deu tempo para escapar. Sabe, você deixou uma trilha de um quilômetro de largura. Até uma criança conseguiria seguir seu rastro. Tive uma trabalheira para limpar o que você deixou para trás, mas conseguimos despistar a caçadora, e eu o segui pela floresta.

“Fiquei por perto, mas você sumiu quando tirei um cochilo. Eu o encontrei em uma loja do vilarejo. Estava tentando ler o jornal, para descobrir que dia era. Foi horrível de assistir, meu camarada. E foi dois dias antes do seu aniversário. Você realmente não se lembra de nada?

Balanço a cabeça.

— Bem, levei você de volta para a floresta, ainda conferindo para ver se estava sendo seguido, o que eu achei muito provável depois do episódio na loja. Para ser sincero, meu camarada, achei que não houvesse muita esperança. Você tinha levado um tiro de um caçador, não tinha?

Faço que sim com a cabeça.

— É. Bem, fui limpar seus rastros *mais uma vez* e, quando voltei, parecia que você tinha feito uma espécie de cirurgia em si mesmo, tinha sangue e gosma amarela para todo lado, e... Você parecia bem morto. A pele estava cinza, meu camarada, cinza e fria, e os olhos estavam semicerrados, vazios, parecendo mortos.

— Minha faca está com você? A faca com a qual eu me cortei?

Ele olha ao redor, como se estivesse pensando.

— Não.

— Mas você a tomou de mim.

— Não, eu peguei uma faca que estava ao lado de um corpo, do que eu pensava ser um cadáver, pois parecia muito morto e estava com os olhos semicerrados e parecendo mortos.

— Quero a faca de volta.

— Ah, não tenho dúvidas disso. Mas ela não está mais comigo. Desculpe, meu camarada.

— Ela está com sua chefe?

Ele dá de ombros e sorri.

Rose morreu para pegar aquela faca, Gabriel deve estar morto por causa dela, e Nesbitt apenas dá de ombros e abre um sorrisinho. Então dou um chute em seu peito. Ele é forte, mas eu o surpreendo, e apoio todo o peso em seu tórax, empurrando a ponta da faca contra sua garganta. Um novo fio de sangue escorre pelo pescoço.

— Ela está com sua chefe?

— Está.

— Quem é sua chefe?

— Afaste a faca que eu digo.

Empurro mais a lâmina.

— Responda.

O sangue escorre livremente. Ele está se curando, mas não é rápido o bastante.

— Você tem argumentos convincentes, garoto. Minha chefe é Victoria van Dal.

Tenho a sensação de que ele iria me contar de qualquer jeito, só para me impressionar.

— Victoria van Dal? — Nunca ouvi falar nela. Imagino que seja uma bruxa das Sombras, já que seu amigo estava me ajudando a escapar dos caçadores. Afasto a faca do pescoço de Nesbitt e limpo

a lâmina em sua jaqueta. — Já ouvi esse nome. É uma bruxa da Luz, não é?

— Bruxa da Luz? Van? Garoto, não me venha com essa. Você só pode estar confundindo as mulheres. Ela é uma bruxa das Sombras. Completamente das Sombras. Grande admiradora de seu pai. E muito admirada por todos os bruxos das Sombras.

— Então vamos voltar à pergunta inicial. Por que ela mandou você até aqui?

Ele hesita.

— Ainda posso cortar fora sua língua.

— Não tenho certeza se você é o tipo de cara que corta a língua dos outros.

— Confesso que nunca fiz isso antes, mas sou um cara aberto a novas experiências, disposto a tentar coisas novas. Um cara do tipo "por que não, é só a língua do Nesbitt".

E, apesar de estar meio que brincando, vejo o humor abandonar o rosto de Nesbitt.

— Vim buscar uma coisa. Umas cartas.

Eu me levanto, e ele começa a se erguer, mas o empurro de volta com o pé.

— Imagino que você esteja com elas — diz Nesbitt. Então abre os braços e continua: — O que não é problema. Tudo bem. Só peço que você as entregue para mim, então poderei levá-las para Van.

— E, supondo que eu esteja com essas cartas, por que as daria a você?

— Bem, meu camarada, Van reagirá de um jeito horrível se você não entregar. Horrível para mim, meu camarada. E tenho certeza de que você se preocupa com isso, apesar de estar escondendo bem. — Ele relaxa, as costas no chão, e olha para mim. — Ela vai reagir de um jeito horrível comigo e também com seu amigo.

— Que amigo?

Intensifico a força que faço com o pé.

— Bem, suponho que seja seu amigo — retruca Nesbitt. — O cara forte e bonito com aquele cabelo. Um francês. Que tem nome de garota.

Eu o encaro, mas nada vejo. Fico enjoado com o misto de medo e animação, não ouso acreditar.

— Gabri*el* — completa ele, seu sotaque criando um último e, o que soa como “Gabriele”.

— Ele está vivo?

Nesbitt sorri e confirma com a cabeça.

— Posso me levantar para explicar melhor?

E sinto que tudo aquilo foi uma brincadeirinha para Nesbitt. Seu conceito de diversão.

kieran e seu parceiro

Sentamos perto da fogueira de Nesbitt, que faz um bule de café fresco e me oferece a comida que trouxe: pão, queijo, tomate, batatas chips, maçã e chocolate. Olho para tudo e lambo os beiços. Eu conseguiria acabar com tudo aquilo em meio minuto, mas não tenho certeza se posso confiar nele, por isso não toco em nada.

— Você parece faminto, meu caro. Vai fundo.

Não respondo e não me mexo.

Ele pega a baguete, arranca a ponta e morde, mastiga, engole e entrega o restante do pão para mim, dizendo:

— Não está muito fresco, mas é o melhor que tenho.

Como o mais devagar possível. Nesbitt bebe o café e me observa.

— Por que você não para de me encarar? — pergunto.

— Você é meio que famoso, garoto. Você sabe: filho de Marcus, metade da Luz e metade das Sombras... e, para ser franco, você tem uns olhos sinistros.

Eu o xingo por causa dessa história de filho de Marcus, e também por esse negócio de ser meio-código, depois o xingo por causa dessa história dos meus olhos.

— Ei, não me leve a mal! Você perguntou, eu respondi. Mas que merda, meu camarada, esses seus olhos ficam bem sinistros quando você faz isso.

Faço o quê? Só olhei para ele. Eu o xingo de novo.

— Não consigo acreditar que nunca lhe disseram isso.

Lembro-me de Annalise dizendo que gostava dos meus olhos, que os achava fascinantes, mas não acho que eu esteja olhando para Nesbitt do mesmo jeito que olhava para ela.

À luz da fogueira, vejo que os olhos dele também são incomuns, de um azul-esverdeado da cor do mar, que se move como em uma corrente. Ellen tem olhos como os dele. Ela é meio-sangue — meio félix e meio bruxa —, e acho que Nesbitt também é.

— Você também é meio alguma coisa. Meio-sangue? — pergunto.

— Tenho orgulho de ser meio das Sombras.

— Não tem orgulho de ser meio félix?

Ele dá de ombros.

— Eu sou o que sou.

— E se orgulha de trabalhar para Victoria van Dal?

— Bem, chamo Van de “chefe” como uma espécie de piada interna. Somos mais como parceiros.

— Ah, é? Como ela é?

— Ela é especial: talentosa e bonita. Tem cabelo bonito, olhos bonitos, pele bonita. Ela é toda bonita, por assim dizer. Não que eu já tenha visto tudo, se você me entende, garoto. Nosso relacionamento é estritamente profissional. E ela se mantém bem coberta. É como se fosse de outra época. Quando as pessoas se vestiam direito e a aparência era motivo de orgulho, entende?

Volto o olhar para mim mesmo e abro os braços.

— Não, acho que você não entende — comenta Nesbitt.

— Sei que ela é uma ladra.

— Ladra?

— Ela mandou você roubar as cartas de Gabriel e está com a minha faca.

— Bem, é como eu disse: pilhar um cadáver não é roubo de verdade.

— E o que é, então?

Nesbitt parece pensar bastante, então dá de ombros e diz:

— No seu caso, garoto, foi o mesmo que fazer uma limpeza nas áreas comuns. — Ele sorri. — Foi como catar lixo.

— Mas pegar as cartas é roubar. Elas não pertencem a você.

— Bem, eu não as peguei, para começo de conversa, já que não estão aqui. Mas acho que estão com você.

Eu o ignoro.

— Além do mais, não seria roubar — prossegue —, porque Gabriel disse onde estavam. Disse que Van podia ficar com elas.

— Ah, sei. E por que Gabriel faria isso?

— Ele quer agradecer a ajuda de Van.

Nesbitt me encara com um olhar todo inocente, implorando para que eu pergunte o que Van fez, e acabo cedendo.

— Que ajuda?

— Gabriel estava muito mal quando o encontramos. Tinha sido alvejado. Balas de caçadores, duas. Você sabe como elas podem ser perigosas. Não foram ferimentos graves, as balas haviam atravessado, mas, mesmo assim, a magia fez seu estrago. Seu amigo ficou inconsciente por uma semana. Van cuidou dele. Ela é boa com poções, muito boa, a melhor que existe. Ela o salvou. Bem parecido com como eu salvei você, e...

— Você me deixou para morrer. E eu morreria lentamente com o ferimento.

— Eu escondi seus rastros.

Balanço a cabeça e retruco:

— Para que você não fosse pego.

— Garoto! Meu camarada! Como pode dizer uma coisa dessas?

Reviro os olhos.

— Onde vocês encontraram Gabriel?

— Ele estava cambaleando por uma ruazinha lateral, em Genebra. Havia policiais por toda parte. E, onde estava livre da polícia, havia caçadores. Uma confusão só! Van foi rápida como um raio, entrou de carro no meio daquilo tudo, pegou seu amigo, e fugimos noite adentro.

— E Gabriel está bem?

— Novinho em folha.

— Então por que não foi ele quem veio buscar as cartas?

— Ah, bem, há um problema de confiança, entende? Não queremos que ele fuja sem entregar o produto.

— Tenho certeza de que podem confiar em Gabriel para demonstrar sua gratidão, já que Van salvou a vida dele, como você disse.

Nesbitt sorri para mim outra vez e dá de ombros.

— É, garoto, é verdade. Paz e amor, essas coisas todas. Mas é da natureza dos bruxos das Sombras nem sempre agir como deveriam. E descobri que isso se aplica especialmente às bruxas francesas e bem bonitas.

— Então, onde está Gabriel?

— Com Van, perto de Genebra. Não é longe. Algumas horas de carro.

— Então você pode me levar para lá. Já que, por acaso, estou mesmo com as cartas. E *eu* vou entregá-las a Gabriel, aí ele pode fazer o que quiser com elas.

Lanço um de meus melhores olhares para Nesbitt. O homem dá de ombros e ri.

— Parece um bom plano. Partimos agora ou amanhã?

Penso no assunto. Não durmo direito há séculos, seria bom descansar antes de partir. Mas não quero dormir perto de Nesbitt.

Ainda não confio nele. E também não confio no animal dentro de mim.

— Amanhã. Preciso fazer uma coisa. Estarei de volta pela manhã — digo, mas tudo o que preciso fazer é descansar um pouco e parar para pensar.

Quando estou prestes a partir, pergunto a ele:

— Você tem um dom, Nesbitt?

Ele é meio-sangue, mas acho que tem.

— Posso ver no escuro. Muito bem.

— Útil.

— E você? — pergunta ele. — Estava tentando encontrar Mercury antes de fazer aniversário. Acho que conseguiu ter uma Cerimônia de Atribuição. Já descobriu seu dom?

— Fui educado para considerar falta de educação perguntar a um bruxo sobre seu dom.

— Então por que perguntou para mim? Está esquecendo as boas maneiras, garoto?

Eu o xingo e o mando para aquele lugar.

— Os da Luz têm ideias estranhas sobre educação, com certeza. E você é bem parecido com eles, meio da Luz, criado por eles...

Nesbitt está só jogando verde, tentando ver se consegue me provocar. Tudo o que diz é alguma espécie de crítica, de distorção dos fatos ou de piada.

— E então? — pergunta. — Já descobriu seu dom?

Não respondo. Estou cansado demais. Simplesmente me viro e vou embora. Sei que não sou nem um pouco parecido com qualquer bruxo da Luz que ele conheça, não importa se bons ou maus. E nunca conheci alguém como Nesbitt.

*

A noite está fresca. É fim de julho e, apesar de os dias serem quentes, estamos no topo das montanhas, e há neve nas ravinas da encosta Norte do vale. Enquanto me afasto de Nesbitt, tento calcular o quanto do que ele disse é verdade.

Parece que Gabriel levou um tiro de caçadores enquanto tentava tirá-los de meu encalço. Salvou minha vida e, ao fazer isso, colocou a própria em risco. E Van e Nesbitt o resgataram, mas não entendo o porquê. Com certeza não se deram a todo esse trabalho só por algumas cartas. Parece que Van e Nesbitt vieram para Genebra ao mesmo tempo que os caçadores. Será que vieram atrás de mim? Será que são aliados dos caçadores? Gabriel me disse que eles usam meios-sangues como informantes. Pelo que sei, Victoria van Dal pode não existir, e Nesbitt pode ter sido enviado por caçadores, mas isso não me parece certo. Por que eles não viriam pessoalmente?

E, se Victoria van Dal existe *mesmo*, o que ela realmente quer? A mim? A lata de cartas? Gabriel disse que tem uma coisa especial nas cartas — imagino que seja uma receita de poção ou instruções para um feitiço. Seja lá o que for, Gabriel ia entregá-las a Mercury, se ela conseguisse ajudá-lo a deixar de ser félix e se transformar em bruxo de volta. Mas ela nunca pareceu ter pressa em fazê-lo. Se aquela coisa fosse tão fantástica assim, Mercury não teria ficado mais ansiosa para botar as mãos nela?

E, finalmente, a maior pergunta de todas: Gabriel está mesmo vivo? Ele deve ter contado a Van sobre a caverna, mas quem pode dizer o que aconteceu depois disso?

Não tenho como saber a veracidade de nenhuma daquelas informações. Toda a minha vida ouvi as pessoas me dizendo como bruxos das Sombras eram traiçoeiros, mas, até agora, eles parecem tão confiáveis quanto qualquer outra pessoa. Só me resta

acompanhar Nesbitt e torcer para que ele me leve até Gabriel. Não tenho outra opção.

Olhando pelo lado positivo (e positividade é meu sobrenome), Nesbitt alega que Van está com a Fairborn. Passamos por muitas coisas para conseguir aquela faca, para roubá-la de Clay, e eu a quero de volta. Se um dia tiver a oportunidade de devolvê-la a meu pai, é o que vou fazer.

Encontro um abrigo em uma encosta íngreme e me enrosco sob as raízes de um abeto. Respiro fundo e solto o ar devagar. Preciso dormir, preciso descansar. Amanhã encontrarei Gabriel.

*

Acordo em um sobressalto. Ainda está escuro. Não tenho ideia de por quanto tempo dormi. Algumas horas, talvez. Tento escutar algum ruído, procuro algum movimento nas sombras das árvores.

Nada.

Deito outra vez e fecho os olhos, mas já estou desperto. Não quero mais dormir. Quero encontrar Gabriel.

Estou completamente vestido e sempre durmo com o braço enfiado na alça da mochila, para só precisar ficar de pé e estar pronto para partir. Saio andando, ansioso para encontrar Nesbitt, ansioso para ir embora.

A floresta está silenciosa e imóvel. Nada se mexe além de mim. Mas há algo diferente. Paro e escuto.

Silêncio.

O céu está clareando, já parece azul-claro, quase branco. Estou perto de uma pequena nascente. Sei que a água ali é boa. Já estive nesse lugar várias vezes. Há musgo nas pedras irregulares — a água goteja e escorre, em vez de correr, e a vida que gera é um

musgo verde-limão empelotado. Levo a mão até a rocha e deixo que se encha de água.

É quando escuto.

chchchchchchchchchchcchchchchchchchchch

Há um movimento abaixo de mim, uma figura negra parcialmente oculta pela floresta. Então ouço um grunhido. Desço depressa, com passos suaves. A figura negra se afasta e se perde nas árvores. Só caçadores conseguem ser tão rápidos e silenciosos — nenhum félix poderia fazer isso. Vou atrás. Estamos correndo morro abaixo, depressa e sem fazer barulho. Vou me aproximando da figura e vejo que não é só uma pessoa, são dois homens, ambos de preto. Então salto de uma escarpa, deslizo com as costas na terra, descendo o declive, e aterrisso de pé, abaixo deles. Mas os homens já avançaram bastante, e vejo uma figura negra saltar morro abaixo, partindo para cima da primeira. Corro na direção deles e reduzo a velocidade. As duas figuras estão brigando em uma pequena área de solo plano.

Não são dois caçadores. É Nesbitt. O caçador o estava perseguindo, mas Nesbitt passou o braço em torno do pescoço dele. O rosto do caçador fica roxo depressa. Nesbitt ergue os olhos quando me aproximo, mas não afrouxa os braços.

— Garoto, você me assustou. Por um minuto, achei que você fosse o outro. Vou adorar fazer umas perguntas para esse sujeito.

Reconheço o caçador que Nesbitt está segurando: é o parceiro de Kieran.

— Ele não vai dizer nada a você, e temos problemas maiores. O outro é invisível — explico. — E rápido — lembro-me de acrescentar.

— Ótimo.

Nesbitt segura o caçador, cujo corpo se debate, mas ele parece saber que já perdeu. Desiste. Fica lá, meio mole. Contorce-se uma vez mais, depois fica imóvel. Nesbitt baixa o corpo até o chão.

— Conheço o outro caçador — digo. — Ele está atrás de mim.

E eu estou atrás dele, e acho que posso vencê-lo — mas não tenho certeza, pois ele está invisível. Será que o animal dentro de mim surgirá para ajudar?

Olho para o alto da encosta. Percorremos um longo caminho.

— Sua melhor chance é correr — digo. — Eu cuido do outro.

— Tem certeza?

Continuo a examinar a encosta da montanha acima de mim, mas está totalmente imóvel e silenciosa.

— Aconselho você a se manter longe daqui por algumas horas.

— Esse não tem revólver, só uma faca — comenta Nesbitt. — Eles não estavam preparados.

— Você vai embora, ou vai ficar?

Nesbitt sorri para mim e diz:

— Boa sorte, garoto. — Depois começa a descer a montanha.

Ele logo desaparece, mas imagino que vá voltar para ver qual de nós ainda está vivo — se é que algum estará.

Viro-me para o outro lado e sigo de volta para a caverna da forma mais silenciosa possível, ainda mantendo a velocidade. O tempo todo parando para ouvir. Então me agacho sobre a rocha nua acima da caverna e ponho a faca no chão à frente. Estou bem visível para Kieran, mas ele precisará vir até mim. A floresta está imóvel como sempre. O sol já está alto, e fachos de luz enviesados passam por entre as árvores. Um dos fachos à minha esquerda pisca, como se um corpo invisível tivesse passado por ele, e a adrenalina animal percorre minha corrente sanguínea — quero que ele assuma. Uma pequena cascata de rocha faz barulho, e me viro na direção do som. Outro raio de sol pisca, e a adrenalina animal começa a fluir. Agachado, umedeço os lábios e fico de pé.

chchchchchchchchchchchchhchchchchchchchchchcc

A adrenalina invade meu sistema.



hchchcchchchchchchchchchchch
chchhchchchhcchchchchchchch
chchhchchchhcchchchchchchch
chchhhchchchhcchchchchchch
chchhchchchchchchchchchc
hchchchchchcccchhchch
hchchhchchcccchchchc
chchcchcccchchchcchc
hchchcchchcchcchcc
chchchchcchchcchc
chchchchchchchc
hchchchchchch
hchchchchch
hchchchchch

hchchchch
chchchch
hchchchch
chch

uma última olhada

— Nathan? É você? — chama Nesbitt subindo a encosta.

Ele para.

Não me mexo. Nem Kieran.

— Ah, merda.

Nesbitt se vira para o lado, abaixa e tosse. Ele tosse outra vez, e uma gosma escorre para o chão. Então se apruma, respira fundo e se vira para mim, sem desviar os olhos do meu rosto, e não do corpo de Kieran, jogado na boca da caverna.

— Você está bem? — pergunta Nesbitt.

Não tenho vontade de responder, então fico ali parado, sentado no chão. Não me lembro do que aconteceu depois que me transformei. Só sei que acordei perto do corpo de Kieran e com a faca dele cravada na minha coxa esquerda. Eu a arranquei e me curei. Encontrei minhas roupas, que estavam em uma pequena pilha, bem no lugar onde eu esperara por Kieran, como se meu corpo tivesse encolhido até desaparecer, e as roupas, caído quando me transformei em... qualquer que seja o animal em que me transformo. O anel de meu pai também estava junto da pilha. Fico sentado, girando-o em torno do dedo. Passo o tempo todo tentando me lembrar de alguma coisa, qualquer coisa, mas nada aparece.

— Você foi embora há quanto tempo? — pergunto.

— Não sei. Acho que há mais ou menos duas horas.

A luta deve ter começado uns vinte minutos depois que deixei Nesbitt e deve ter durado no máximo alguns minutos. Acordei e fui

até o riacho me lavar, depois fiquei sentado esperando por cerca de uma hora. Então, parece que fiquei apagado por apenas uns dez minutos, mais ou menos — não foi muito. Mas não consigo me lembrar de nada do que aconteceu entre estar acima da caverna e acordar com a faca de Kieran cravada na minha coxa e gosto do sangue dele na boca. Tive que me deitar no rio para lavar todo o sangue. Estava com o rosto, o pescoço e o peito cobertos.

Nesbitt bebe de uma garrafinha de bolso e olha primeiro para mim, depois para Kieran. Quando nossos olhares se cruzam, ele diz:

— Bem, garoto, acho que seu dom é igual ao de seu pai, né?

Não respondo.

Nesbitt cobre a boca com a mão, aproxima-se de Kieran e examina o corpo.

— Primeiro você quebrou o pescoço dele, ou isso aconteceu quando estava rasgando a garganta?

— Cale a boca.

— E o estômago está meio que espalhado pelo chão, então imagino que você tenha garras grandes, presas e...

— Cale a boca.

— Ah, só achei que pudesse ajudar, você sabe... Falar sobre o assunto.

— Achou errado.

— Quer um gole? — Ele estende a garrafinha para mim. — Talvez tire o gosto da boca.

Eu o xingo.

— Vendo as coisas de modo pragmático, matar os dois foi a única solução sensata.

— Eu disse para calar a boca. Precisamos ir embora.

— Sim, e temos que ir logo. Mas não precisamos entrar em pânico.

— Não estou em pânico.

Mas estou doido para ir embora de uma vez.

— Esses dois não devem ter contado a ninguém o que estavam tramando, ou então a montanha já estaria cheia de caçadores, a essa altura.

— E o que faz você pensar que a montanha não está cheia de caçadores?

Nesbitt sorri.

— Porque ainda estamos vivos. E confesso, meu caro, que dei uma boa caminhada antes de resolver voltar. — Ele toma outro gole da garrafinha. — Acho que não tem uma única pessoa em quilômetros, só nós e dois cadáveres.

Nesbitt continua:

— E eles não estavam armados. Caçadores carregam a droga de um arsenal completo. Esses são os caras da cabana, não são? Gabriel nos contou sobre aquele lugar, e fui lá dar uma conferida, há uns três dias. Fiquei a uma distância segura, uma distância consideravelmente segura. Na verdade, fiquei do outro lado do vale, com binóculos. Você foi até a cabana recentemente?

— Há duas noites.

— Eles seguiram seu rastro. Sabe, quando o encontrei pela primeira vez, achei que tivesse deixado um rastro por estar na pior, não por não saber se esconder. Francamente!

Eu o xingo outra vez. Não fui cauteloso porque estava planejando partir. Ou será que tinha sido de propósito? Será que torcia para Kieran encontrar meu rastro? Não tenho certeza.

— Vi que tinham saído para dar uma volta — continua Nesbitt. — Eles não achavam que você seria doido o bastante para voltar lá.

Estavam andando sem rumo, colhendo frutas silvestres, coisas assim, quando notaram seus rastros. Tenho certeza de que não eram meus, eu nunca deixo rastros, nem fui burro de me aproximar. Aí eles seguiram a trilha até aqui. Deviam ter voltado para buscar as armas, mas não queriam correr o risco de perder você de vista. Tivemos sorte, mas logo vão dar falta deles. Precisamos ir embora. Temos que deixá-los onde estão. Não será muito bom se forem encontrados por félixes, mas acho que os caçadores vão limpar a área.

— Vamos cair fora.

Jogo a mochila no ombro.

O corpo de Kieran está jogado na encosta. O olho direito não está todo fechado, o lado esquerdo do rosto virou uma massa, e pequenas moscas ficaram presas no sangue. Nesbitt revista as roupas de Kieran e pega uma faca, uma tocha e dinheiro, mas joga o telefone longe. Então guarda a pilhagem na mochila antes de colocá-la nas costas e sair andando.

Começo a segui-lo, mas não consigo deixar de olhar para trás uma última vez. Mais moscas se juntaram sobre o rosto de Kieran, o que, a distância, o faz parecer usar um tapa-olho preto. O pescoço praticamente desapareceu, e o branco da espinha vertebral pode ser visto abaixo da cabeça, mas o tórax está intacto. Não devorei o coração dele, tenho certeza, mas o estômago está aberto, as entranhas expostas em uma papa vermelha e roxa. Eu me pergunto que tipo de animal faz aquilo com um ser humano.



parte dois

dons

van dal

Caminhamos depressa. Nesbitt deve ter trinta e poucos anos. Está em forma e dá para ver que é um bom lutador, mas tenho que reduzir a velocidade por causa dele e parar quando ele quer descansar. Eu poderia correr o dia inteiro, a noite inteira e, depois, o dia seguinte inteiro, apesar de mal ter dormido. Quase consigo dormir enquanto corro.

Nesbitt não diz aonde estamos indo, mas, quando deixamos as montanhas e a floresta, caminhamos pelo campo passando por uma trilha que dá para uma cidadezinha mais abaixo. Vejo uma linha férrea, então me viro para ele e pergunto se iremos de trem.

— Transporte público? — indaga Nesbitt. — Para nós? Não, meu caro, precisamos encontrar um carro.

— *Um* carro ou *seu* carro?

Ele não responde, mas saltita de prazer quando vê um sedan cinza reluzente. Então se vira para mim e anuncia:

— Adoro o novo Audi. Veja só essas chaves. — Nesbitt ergue um chaveiro e o balança diante de mim, sorrindo enquanto dá alguns passos para trás. — São bem melhores com essas travas de sensores elétricos do que com as do estilo antigo.

Ele vai até a porta do motorista e aperta um botão no chaveiro. As portas destravam. Entramos, e Nesbitt esfrega as mãos.

— Bancos de couro, ar-condicionado, controle automático de velocidade... Uma maravilha.

— Mas o carro não é seu.

Nesbitt reabre um sorriso.

— A propriedade é um roubo, meu caro. Não é o que dizem aqueles félixes?

— Não que eu saiba.

Pego o chaveiro. Não entendo muito de carros, mas vejo que é de um BMW, não de um Audi.

— Van fez alguma magia nele, agora abre o carro mais próximo. — Nesbitt arranca, cantando pneu, a uma velocidade assustadora. Aperto bem o cinto de segurança. — Estaremos em casa em algumas horas. É um lugar extraordinário.

— A casa de Van?

— Não exatamente. Há várias casas vazias, é um desperdício não utilizá-las. Nós maximizamos recursos subutilizados, como esses carros, deixados parados e sem uso.

— Acho que você nunca pergunta ao dono se pode maximizá-los.

Nesbitt sorri.

— Acertou em cheio, meu caro. Mas, se Van pedisse, as pessoas concordariam. Ela tem uma poção para isso. Ela tem poções para quase tudo.

*

Nesbitt tem razão. É uma casa extraordinária: moderna, grande e fantástica, bem no estilo chefão do mundo das drogas. É cercada por um muro de três metros de altura que parece capaz de resistir a um ataque de foguetes e um portão de metal bem sólido operado eletronicamente, imagino que pela pessoa observando através das câmeras presas aos dois pilares. Van conseguiu driblar o sistema de segurança. Não sei como poções conseguem ludibriar sistemas eletrônicos, mas acho que é do mesmo jeito que fazem carros abrirem.

Largamos o Audi na estrada e caminhamos os últimos quilômetros até lá.

— Os donos vão encontrá-lo. Está com um pouco menos de gasolina, mas não houve dano — explica Nesbitt.

— E você se preocupa mesmo com isso?

— Bem, alguns desses carros têm rastreadores. Use-os e deixe-os, esse é meu conselho.

No portão, paramos sob as câmeras e aguardamos. Nesbitt aperta a campainha e fala ao microfone:

— Oi! Sou eu. Este é Nathan. Lembra que achei que ele estivesse morto? Bem, na verdade... — Nesbitt dá de ombros. — Ele não está.

Olho feio para ele.

— Na verdade, ele é um bom garoto. — Nesbitt olha para a câmera acima e completa, em um sussurro alto, lento e teatral: — E está com as cartas.

Nenhuma resposta, nem mesmo o zumbido do portão se abrindo.

O sol está forte, e o asfalto sob nossos pés parece uma fornalha. O portão de metal parece pulsar com o calor, mas de repente começa a se mover, deslizando para o lado sem fazer barulho. Avançamos pela entrada de veículos, longa e reta. Olho para trás e vejo que o portão já está se fechando. No chão, junto ao interior do muro e à base do portão, há um rolo denso de arame farpado com lâminas. A casa é tanto uma prisão quanto uma fortaleza. À frente, meio escondida pelos pinheiros altos, há uma construção baixa feita de pedra e vidro.

Um homem sai da casa e fica olhando enquanto nos aproximamos. Está vestido de forma impecável, com um terno azul-claro do mais claro dos azuis, quase branco. As calças são largas, e ele usa um colete azul-claro. À medida que chegamos mais perto,

vejo que ele está de camisa branca e gravata, de um rosa bem clarinho, com um lenço cor-de-rosa no bolso do paletó, combinando. Quando estamos quase na casa, ele nos dá as costas e volta para dentro. O homem é alto, mais alto que eu, e esguio. O cabelo lembra o de Soul O'Brien: tem um visual louro-branco superliso, cortado com precisão até a nuca. Só agora me ocorre que supus que só haveria Van e Gabriel ali, mas parece que há pelo menos mais uma pessoa.

— Quem é ele? — pergunto.

Nesbitt olha para mim e começa a se sacudir na minha frente, agitando os braços e cantando.

— Não tem ninguém aqui além de nós, galinhas. Não tem ninguém aqui, mesmo... — Ele cacareja, bate os braços, canta e ri durante todo o caminho até a casa.

Entramos na casa pelo hall amplo e fresco e chegamos a uma sala de estar com uma parede envidraçada que dá acesso a um gramado comprido e largo, estendendo-se até o Lago Lémen. O aposento é enorme, acho que grande o suficiente para abrigar uma festa ou um baile, apesar de estar cheio de sofás e mesinhas baixas dispostos em três conjuntos.

O homem está de costas para mim. Ele pega um isqueiro de prata em uma mesa de centro e se vira para acender o cigarro, de modo que o vejo de perfil. A pele é clara, pálida e parece incrivelmente saudável. Quando ele traga e engole a fumaça, percebo que não é um homem. É Van.

Ela se vira para nos encarar, e fico boquiaberto com sua beleza. Van parece ao mesmo tempo homem e mulher e deve ter uns vinte anos.

— E aí?

Ela se vira para Nesbitt. A voz não combina com o visual, mas com o vício em cigarros. Ela parece fumar uns sessenta por dia.

— E aí. Olá, Van. Que bom ver você, é tão bom estar de volta. Este é Nathan.

Van dá uma tragada profunda no cigarro, em seguida solta lentamente uma fina trilha de fumaça. Ela se aproxima de mim e diz:

— É um prazer. Um verdadeiro prazer.

Van tem olhos de um tom azul-claro parecido com o do terno. Só vi olhos de dois bruxos das Sombras até agora: os de Mercury e os do meu pai. Os dois tinham olhos diferentes, sem qualquer semelhança com os dos bruxos da Luz, que, a meu ver, têm nos olhos centelhas prateadas que ficam girando e se balançando. Mas nos de Van há joias de safira que ficam girando, aumentando e diminuindo, e então, quando encostam umas nas outras, liberam faíscas que parecem se transformar em mais safiras. São os olhos mais belos que já vi.

— Você está com as cartas de Gabriel? — pergunta Van para mim.

Percebo que a fumaça que sai de sua boca não é cinza, mas de um rosa bem clarinho, da cor da gravata. A fumaça quase parece viva, retorcendo-se e se elevando bem lentamente ao lado da bochecha de Van, para então se misturar com o ar diante daqueles lindos olhos, e o azul deles fica ainda mais azul.

Tenho a impressão de ter respondido, mas não sei ao certo o que disse.

Van não tira os olhos de mim, e eles cintilam ainda mais quando ela continua:

— Nesbitt, era para você pegá-las.

E direciona o olhar para ele.

Recuo um passo, mas é difícil fazê-lo. Tenho que me obrigar a desviar os olhos de Van.

— Era para eu trazê-las para você — retruca Nesbitt. — E foi o que fiz. Eu podia tê-las tirado de Nathan, caso necessário, mas isso teria envolvido violência, o que achei melhor evitar. O garoto é um bom lutador, de um modo nada convencional: ele libera o animal interior. Enfim, trouxe o garoto aqui, com as cartas, e ele está louco para ver Gabby, seu camarada.

— E aí...

Ela se aproxima outra vez, está mais perto do que antes, perto o bastante para eu sentir seu hálito no rosto. Pensei que ela fosse cheirar a cigarros, mas tem cheiro de morango.

— E aí... — retribuo.

O aroma de morango é leve, e inspiro profundamente para sentir mais dele. Essa é a mulher mais maravilhosa que já conheci. Inspiro outra vez e digo:

— Meu amigo Gabriel... Nesbitt contou que você salvou a vida dele. Obrigado. Eu gostaria de vê-lo.

— Tenho certeza que sim — responde Van. — E tenho certeza de que ele gostaria de ver você. E todos gostaríamos de ver as cartas.

As cartas estão na lata onde Gabriel sempre as guardava, e nunca a abri, exceto na vez em que a encontrei no apartamento de Mercury. Mas agora sinto a necessidade de tirar a lata da minha mochila. Quando me abaixo para pegá-la, respiro um ar diferente, um ar sem cheiro de morango. Eu me levanto de novo segurando a mochila, não as cartas.

Van sorri para mim, e sinto os joelhos bambearem por uma fração de segundo. Annalise é bonita, mas há algo hipnotizante na mulher à minha frente. Ela é literalmente estonteante. Mas preciso mantê-la a distância.

— Preciso de ar — digo, afastando uma das portas para o lado. — Vamos conversar lá fora.

O ar lá fora é limpo, apesar de estar quente para caramba.

Van me segue e aponta para uma área sombreada no pátio. Caminho até um sofá baixo, mas não me sento até ver aonde ela vai, então me posiciono de frente para ela.

Van chama Nesbitt.

— Chame Gabriel e traga limonada e chá para quatro. — Ela aponta para o assento, dizendo: — Por favor, sente-se. Tenho certeza de que Gabriel não vai demorar.

Permanecemos sentados em silêncio por alguns minutos enquanto Van fuma, então digo:

— Nesbitt contou que Gabriel foi baleado, mas se recuperou. É verdade?

— Ele levou dois tiros, e balas de caçadores são perigosas... mas, sim, Gabriel já se recuperou disso. — Ela bate a cinza do cigarro e dá outro trago antes de acrescentar: — Mas ainda não se recuperou *direito*. Ele gosta muito de você, Nathan, e Nesbitt, meu assistente idiota, infelizmente...

— Parceiro — corrige Nesbitt, chegando com uma jarra de limonada, que põe entre nós. — Gabby estava na cozinha, então dei a notícia de que você está aqui — murmura.

Van continua:

— Nesbitt, meu assistente idiota, disse que você tinha morrido. Como falei, Gabriel gosta muito de você. Ele...

Percebo um movimento à minha direita e, quando me viro, vejo Gabriel entrando no pátio e me encarando. Sinto que ele não consegue acreditar que estou ali. Ele parece frágil e magro, e diz alguma coisa em voz bem baixa.

Fico de pé e não sei ao certo o que dizer. Palavras não serão suficientes. Quero falar que devo minha vida a ele, mas Gabriel sabe disso.

Ando até ele, que caminha na minha direção em passos largos e me abraça apertado. Eu retribuo o abraço. Gabriel diz algo muito baixo, acho que o mesmo que disse antes, mas é em francês, e não sei o significado.

Ele afasta a cabeça para me olhar nos olhos. Não está sorrindo, seu rosto está pálido e abatido. Os olhos continuam com aquele tom castanho de félix, mas a parte branca está cheia de veias vermelhas.

Não sei ao certo o que dizer, e o que sai é bem confuso.

— Esperei na caverna. Consegui sair de Genebra graças a você. Tinha esperanças de que ainda estivesse vivo. Eu estaria morto, não fosse você.

Gabriel normalmente faria algum comentário sarcástico, mas se apoia outra vez em mim e repete algo em francês.

Ficamos ali, juntos. Eu o abraço, sentindo como está magro, como as costelas estão protuberantes. Mas não vou largá-lo, não antes de ele me soltar.

— Pensei que você tivesse morrido — diz Gabriel, e percebo que foi isso o que disse em francês. — Nesbitt disse que viu seu corpo.

— Nesbitt é um tolo — intervém Van.

Nesbitt surge com uma bandeja repleta de coisas para o chá e reclama:

— Eu ouvi isso. Se vocês tivessem visto o corpo dele...

Ele coloca a bandeja na mesa e bota no lugar o bule de porcelana, a jarra de leite, as xícaras, os pires e o açúcar, murmurando sobre como eu estava cinza e frio, com os olhos semicerrados.

Quando Nesbitt termina, senta-se e pega o bule de chá.

— Bem, vou servir a todos, ok?

*

Passamos a meia hora seguinte conversando sobre o que aconteceu.

— Conte o que houve depois que Gabriel o deixou, Nathan — pede Van.

Dou de ombros. Não me sinto seguro para falar, não sei bem o quanto ela já sabe.

— Deixe-me ajudá-lo a começar. Você, ou melhor, Rose, roubou uma faca de uma casa em Genebra. Não uma faca antiga qualquer, mas a Fairborn. E não era uma casa antiga qualquer, era a base dos caçadores. E a faca não estava com um velho caçador qualquer, e sim com Clay, o líder. Rose com certeza era uma bruxa talentosa, mas o plano não era dos melhores, e ela pagou com a vida. Você também foi baleado. — Van dá um trago no cigarro e solta uma grande baforada de fumaça em minha direção. Sinto o cheiro de morango, bem de leve. — Conte o que aconteceu depois, Nathan.

Olho para Gabriel, que concorda com a cabeça.

— Fui baleado e ferido e não conseguia correr. Gabriel me salvou atraindo os caçadores para longe. — Tento levar o assunto de volta para ela: — E você salvou Gabriel. Mas o que estava fazendo em Genebra, naquela noite? Achei que todos os bruxos das Sombras tivessem fugido. A cidade estava repleta de caçadores.

— Primeiro vamos terminar sua história — diz ela, a fumaça saindo de sua boca a cada palavra. — Você estava ferido, mas tinha a Fairborn. Escapou de Genebra fugindo pela floresta...

Gabriel interrompe:

— Mas por que você estava na floresta? Por que não passou pela fenda no apartamento e voltou para a cabana de Mercury?

— O veneno na bala me deixou mal. Fiquei perdido. Demorei muito para encontrar o apartamento e, quando cheguei lá, estava cheio de caçadores. Então fugi a pé. Achei que teria tempo para encontrar Mercury antes do meu aniversário. Roubei um pouco de comida, roupas e dinheiro. No início, a comida fez eu me sentir melhor, mas fui ficando cada vez mais fraco, até que não aguentei mais. Eu me cortei para tirar o veneno, depois desmaiei. Não estava morto, é óbvio, mas quase isso. Foi aí que Nesbitt me viu. Mais tarde, acordei e fui atrás de Mercury outra vez.

Van inspira profundamente.

— Bem, claro que a pergunta na cabeça de todos nós é: você conseguiu?

— Consegui. Mas não foi Mercury quem fez minha Atribuição.

— Ah, porque você não tinha a Fairborn?

— Porque ela estava ocupada lutando contra caçadores.

Todos esperam, olhando para mim.

— Meu pai me deu os três presentes — digo.

Van pisca.

— Isso deve ter sido muito especial.

— Foi.

Percebo Van olhando para o anel em minha mão.

— Você conhece Marcus? — pergunto.

— Eu o encontrei de passagem algumas vezes, anos atrás. Ele não comparece mais às reuniões dos bruxos das Sombras. Não as frequenta há muito tempo.

— Sabe onde ele mora?

Van balança a cabeça.

— Ninguém sabe.

Ficamos em silêncio por um ou dois segundos, então Van continua:

— E suponho que seu dom seja igual ao de seu pai, pelo pequeno comentário de Nesbitt. É um dom raro.

Tento não esboçar reação. Não quero pensar no animal agora. Não o sinto desde de manhã, quando matei Kieran.

— E depois, o que aconteceu? — pergunta Gabriel.

— Meu pai foi embora. O vale estava repleto de caçadores. Mercury estava furiosa comigo. Ela disse que estava com Annalise e que só a libertaria em troca da cabeça ou do coração do meu pai. Então os caçadores nos encontraram, e eu fugi. Com o tempo, após uma semana, eu os despistei. Voltei para a caverna e fiquei esperando por você.

— E esperou por muito tempo.

Balanço a cabeça, mas não consigo dizer a ele que estava prestes a desistir.

— É, é uma sorte para todos nós que Nathan seja tão paciente — comenta Van.

A boca de Gabriel parece tremer com a dificuldade de conter o riso.

— Sempre pensei assim... Nathan: uma pessoa muito paciente.

— E agora estamos todos maravilhosamente atualizados — declara Van. — Nesbitt encontrou você na caverna quando foi buscar as cartas. Ah! Falando nas cartas, pode me passá-las, agora?

— O que quer que eu faça com elas? — pergunto a Gabriel.

— Prometi que as entregaria para Van.

— E quer manter essa promessa?

— Ela salvou minha vida.

Olho para Van, que tem uma expressão vitoriosa e serena no rosto.

— Claro, Gabriel — digo de modo um tanto pomposo. — Elas são suas, e devo dá-las a você. Assim como Van deve me devolver a Fairborn, que é minha.

Van sorri, ainda serena.

— Sua? Você a roubou de Clay. Na verdade, Rose a roubou.

— E os caçadores a roubaram de Massimo, meu bisavô. Ela pertence à minha família.

Van toma um gole de chá, e em seguida pergunta a Nesbitt:

— Acha que devemos dar a Fairborn a ele? Afinal de contas, você a recuperou.

Nesbitt arreganha os dentes como um cachorro feroz e balança a cabeça uma vez.

— Tenho que concordar com Nesbitt. Você foi muito descuidado com ela, na primeira vez. Se ele conseguiu tirá-la de você... bem, até uma criança conseguiria. Ela precisa ser mantida em um lugar seguro. É um objeto perigoso e poderoso. Por enquanto, acho que eu vou mantê-la comigo.

— Ela é minha!

— Na verdade, meu querido rapaz... — Van olha para mim, e seus olhos cintilam com um brilho azul dramático — eu concordo com você. Entretanto, e digo isso do modo mais simpático possível, acho que você não deve ficar com ela. Não ainda. É uma coisa desagradável, cheia de magia negra. Posso lhe garantir que a manterei em segurança. — Ela pega o bule. — Mais chá?

Ninguém responde. Enquanto serve, Van continua:

— Nathan, as cartas são de Gabriel. Devolva-as, por favor.

Olho para Gabriel, que assente.

o amuleto

Gabriel abre a lata, folheia as cartas e pega uma do meio da pilha. Tem uma mancha de fuligem no papel, de quando as olhei pela primeira vez, meses atrás, escondidas na chaminé do apartamento em Genebra.

Gabriel põe a carta na mesa entre ele e Van, dizendo:

— O amuleto. É seu. Obrigado. Eu estaria morto se não fosse por você.

Ele abre as dobras da carta, e todos nos debruçamos para a frente, tentando ver melhor.

— Obrigada, Gabriel — responde Van. — É muito bonito.

Eu me aproximo ainda mais. Não sei se *bonito* é a palavra ideal para descrever aquilo. É um fragmento de pergaminho amarelado, com marcas de tinta preta esmaecida — são palavras em alguma língua, mas a escrita não parece nada que eu já tenha visto. O texto está disposto em uma série de círculos. Só que não são círculos completos, apenas semicírculos, porque o pergaminho está rasgado ao meio.

— O que sua mãe lhe contou sobre isso? — pergunta Van.

— Não muito. Ela achou que talvez tivesse algum valor, devido à idade. Disse que a avó dela o encontrou em uma casa antiga em Berlim. E, por “encontrou”, entenda-se “roubou”. Mas era tudo que minha mãe sabia.

— Ela sabia onde estava a outra metade?

— Não, sempre tivemos apenas esse pedaço.

— E Mercury nunca viu isso? Você nunca contou a ela o que era?

Gabriel dá de ombros.

— Não contei que estava rasgado ao meio. Achei que ela não ficaria interessada, se soubesse. Contei que tinha um amuleto que ganhara de minha mãe, algo antigo e valioso. Ela não perguntou mais nada, imagino que seja porque não existe muita coisa do tipo.

— Há bem poucos amuletos, isso com certeza é verdade, e a maioria é de mágica fraca. Acho que foi sorte minha você não ter explicado o que era. Na verdade, desconfio que a sorte também foi sua. Acho que Mercury saberia do que se trata e teria matado você só por essa metade.

Van dobra o amuleto de volta, ajeita-o na carta com muito cuidado e guarda tudo no bolso do blazer.

— Por quê? — pergunta Gabriel. — O que há de tão especial nele?

Van vira-se para Nesbitt.

— Acho que precisamos de champanhe, concorda? Aposto que tem uma bela variedade na adega. — Ela sorri para Gabriel. — Ou será que vocês, rapazes, preferem continuar bebendo chá?

*

Mais tarde, Gabriel e eu ficamos sozinhos no quarto dele, tomamos champanhe. Não entendi por que bebemos nem o que estávamos comemorando, nem gostei muito. Nunca tinha bebido champanhe ou qualquer outra coisa com álcool. Gabriel e Van conversaram sobre a bebida como discutiriam sobre um bom livro.

O corredor parecia se inclinar enquanto caminhávamos até o quarto de Gabriel. Quando comentei sobre isso, ele me chamou de “peso leve” e foi à frente. Virou-se para trás, assistindo enquanto eu caminhava em sua direção. Era bom vê-lo sorrir, quase como se ele

tivesse voltado a ser quem era. Finalmente ficamos sozinhos, sentados juntos na cama dele, e posso descobrir seu lado da história.

— Depois que nos separamos, eu fugi. Foi isso, nada muito complicado. Saí correndo, e os caçadores me seguiram. Fiquei gritando e mandando você correr, fingindo que estava comigo. Foi o bastante para enganá-los, eles pensaram que estávamos juntos. Tive sorte. A melhor proteção que tive eram as outras pessoas, digo, os félixes. Fiquei em um lugar movimentado, cheio de gente, bem tumultuado, só com coisas que caçadores odeiam: félixes, polícia félix, barulho, pânico e tiroteios. Torci para que pensassem que eu era um félix, mas, ao mesmo tempo, precisava mantê-los no meu encalço. Levei dois tiros enquanto corria. Nenhum ferimento sério, mas o veneno das balas me enfraqueceu e, como não consigo me curar, sabia que não duraria muito. Eu só conseguia pensar em como não podia parar de correr. Lembro que um carro parou do meu lado, devia ser Van. Não me lembro de mais nada até acordar aqui, neste quarto, dias depois. Fiquei mal, mas acho que, depois que me recuperei, Van me drogou e me fez contar tudo a ela. Tudo sobre mim, minha família, as cartas e o amuleto... e você. Desculpe, Nathan. Sei que é particular. Eu...

— Não tem problema. Eu não ligo. Fico feliz por você estar vivo. É só o que importa. Achei que você estivesse morto. Não queria acreditar nisso, mas era a única explicação. Eu sabia que você iria para a caverna, se pudesse.

— Eu estaria morto, não fosse por Van.

— Mas por que ela estava lá em Genebra? Por que arriscou a vida por esse amuleto... ou melhor, meio amuleto?

— Não sei. Ela disse que soube há pouco da possibilidade de que eu tivesse essa metade. Não foi difícil descobrir que eu estava em

Genebra, trabalhando com Mercury. A princípio, tive medo que Mercury fosse pegar o amuleto, mas quando Nesbitt disse que você tinha morrido, Van ficou muito mais preocupada com a chance de que ele caísse nas mãos dos caçadores.

— Por quê? O que ele faz?

— Não faz nada. É só meio amuleto. Mas amuletos, os inteiros, curam e protegem. Ela teve muito trabalho para botar as mãos nesse pedaço, e acho que pretende conseguir a outra metade. Talvez, com elas juntas, o amuleto volte a funcionar.

— E é verdade que você não sabe mais nada sobre ele?

— É. Era só uma dessas coisas que minha mãe guardava. Dou mais valor às cartas. — Estamos sentados juntos na cama, e ele chega para trás, encostando-se à parede. — Van pode ficar com ele. Não estou interessado nisso.

— Nisso o quê?

— Coisas. Esses trecos. Amuletos, facas, o que for.

— Nunca pensei o contrário.

Ele inclina a cabeça para trás sem tirar os olhos de mim.

— É bom ver você, Nathan. Fico feliz por você estar vivo. Muito feliz. — Ele parece cansado: a pele está pálida, e há olheiras escuras sob os olhos. — Quem diria que viríamos parar aqui? Vivos. Sentados em uma bela casa. Bêbados de champanhe.

Mas o comentário que ele fez sobre “coisas” e “trecos” faz com que eu me pergunte se seria errado de minha parte querer a Fairborn. Achava que, com ela, eu poderia mostrar a meu pai que não pretendo matá-lo. Talvez eu não precise da Fairborn para isso.

— No que está pensando?

— Em *coisas*. A Fairborn. Meu pai.

— Como ele é?

— Meu pai? Não sei. Eu não o conheço direito. Ele é muito mais elegante do que eu pensava, quer dizer, mais arrumado. Estava de terno. Só de olhar, não dá para dizer que ele matou centenas de pessoas.

— Perguntei como ele era, não como se vestia.

— E o que você quer que eu diga? Que ele é fantástico? Poderoso? Bem, ele é. Só que mais do que achei que fosse possível. Ele fez um negócio que meio que parou o tempo. Os flocos de neve ficaram parados no ar, esperando para cair, mas continuou conversando comigo como se estivesse tudo normal. A bala do caçador ainda estava no meu corpo. Ele a extraiu. Depois me deu três presentes: um anel, a bala que estava no meu corpo e minha vida. — Estendo o anel para mostrá-lo a Gabriel. — Depois ele cortou a palma da mão, e eu bebi seu sangue. Acho que ele passou o tempo todo, minha vida inteira, planejando me dar os três presentes. Estava esperando eu voltar para a casa de Mercury. Sabia que eu estava voltando para lá. E fez isso tudo: parou o tempo para mim, salvou minha vida ao me dar os três presentes, e depois... depois foi embora! Ele me deixou para trás mais uma vez! Fiquei ali com Mercury e um vale cheio de caçadores.

Gabriel não diz uma palavra.

— Sempre achei que, se nos encontrássemos, eu explicaria a ele, *mostraria* a ele que nunca conseguiria matá-lo. E tentei fazer isso, mas parecia que ele não estava escutando. Meu pai poderia ter me matado, mas salvou minha vida. Foi fantástico e maravilhoso, mas depois... não foi mais.

— Ele é seu pai, mas também acredita na visão de que você vai matá-lo.

— E olha que ele disse: “não acredito muito em visões, mas sou um homem cauteloso”, ou qualquer merda do tipo. Ele basicamente

não confia em mim. Não acreditou que eu tinha perdido a Fairborn. Então parece que isso *importa*, Gabriel, porque não pude entregá-la a ele, e foi por isso que ele me deixou outra vez. O mais idiota é que eu o odeio por isso. Não por matar pessoas, não por devorar seus corações, mas porque me abandonou quando eu era criança e agora me abandonou outra vez.

— Você não o odeia. Só está com raiva. — Gabriel dá uma risadinha. — O que significa que pelo menos você não está dando nenhuma preferência a ele, já que passa a maior parte do tempo com raiva de quase todo mundo.

Eu o xingo e retruco:

— Fico feliz por você estar vivo, Gabriel. Já posso sentir raiva de mais uma pessoa. — Minha cabeça ainda está girando, e eu me deito. — Preciso dormir. Você também.

*

Não durmo de verdade, mas fico com ele o máximo que posso. Não é muito, já que está quase escuro, e não aguento ficar entre quatro paredes durante a noite. Preciso sair.

Examino o terreno. É uma ladeira grande e coberta de árvores que vai dar no lago, cercada dos dois lados pelo muro alto e pela cerca de arame farpado. Mas o lago não pode ser murado, e há uma praia estreita de pedras e um pequeno cais de madeira, sem barcos. As montanhas em frente viraram silhuetas. A lua surge entre as nuvens, que se dispersam com a brisa quente. Está um clima ideal para nadar.

A água está fria. Calma. O reflexo da lua parece encher a água. Nado para longe e boio de costas, olhando para o céu.

Então sinto algo roçar na perna, e minha adrenalina animal é liberada na mesma hora, correndo pelo corpo. Mas não muito, não

muito porque digo a mim mesmo para ficar calmo e respirar devagar, digo a mim mesmo que foi só um peixe ou alguma coisa flutuando na água. Continuo respirando devagar, e a adrenalina passa, desaparece, como se nunca tivesse existido.

A lua ainda brilha na superfície do lago, e me pergunto se consigo fazer a adrenalina voltar. Penso sobre possíveis perigos na água, monstros ocultos nas profundezas, escondidos no escuro, nadando até mim — uma enguia comprida e grossa que poderia me engolir inteiro. Mergulho, soltando o ar e sentindo o frio, reparando em como está escuro e imaginando a enguia vindo atrás de mim...

Nada acontece. Claro que não aparece uma enguia, mas minha adrenalina animal também não começa a circular. Nado de volta para a superfície e olho ao redor, quase torcendo para que apareça um monstro, mas nada acontece, e, depois de um minuto, bato as pernas até a terra.

Gabriel está sentado na grama perto da margem, olhando para mim. Eu me visto e vou me sentar perto dele.

— Vou dormir aqui fora com você — diz.

Recolho um pouco de lenha, acendo uma fogueira e me sento perto dela, alimentando-a com gravetos e galhos até que eles acabam, então vou buscar mais. Eu me pergunto se Gabriel vai querer saber por que não estou dormindo, mas ele fica em silêncio e pega no sono pouco antes do amanhecer. Então, sinto que posso finalmente fechar os olhos. Nunca me transformei durante o dia, a menos que estivesse ameaçado por caçadores, e acho que isso não vai acontecer. Mas à noite... quem sabe?

Acordamos algumas horas depois, nós dois, e Gabriel já parece melhor — o rosto está mais corado e ele sorri ao me ver.

Precisamos conversar sobre Annalise, mas quero adiar isso um pouco mais.

— Você dormiu? — pergunta ele.

— Pelo mesmo tempo que você. Foi o suficiente.

— Ótimo. — Ele fica de pé e se espreguiça. — Precisamos tomar café da manhã. Café, croissants, pão e ovos... estou com vontade de comer ovos.

*

Gabriel e eu passamos o dia comendo. Nós dois estamos abaixo do peso — ou pelo menos estávamos, no começo do dia. À tarde, nadamos e ficamos deitados ao sol para nos secarmos. É mais um dia de céu azul e calor intenso e pulsante.

Gabriel comenta:

— Conversamos muito, mas não falamos naquele assunto sobre o qual discordamos.

— Não quero discordar de você, ainda mais depois de termos acabado de nos reencontrar. — Mas sei que temos que falar sobre Annalise. Preciso resgatá-la, o que parece ridículo, heroico e idiota, mas é uma coisa que tenho que fazer, não posso deixá-la prisioneira de Mercury. — Preciso ajudá-la — digo.

— Não precisa, não.

— Preciso, sim, Gabriel. Annalise está encrencada por minha causa. Está em coma, ou seja lá o que for, por minha causa.

— Ela não está em coma, e você não deve nada a ela.

— Eu quero ajudá-la, Gabriel. Preciso libertá-la. Annalise é minha amiga. Eu gosto dela. Muito. Entendo que você não confie nela, mas sei que Annalise não me traiu e nem vai trair.

Ele olha para mim.

— Como os caçadores descobriram sobre o apartamento de Mercury em Genebra?

— O quê?

— Você me ouviu. Como eles chegaram lá? Você disse que o apartamento estava cheio deles. Eu não os levei até lá. Nem passei perto. Então como eles sabiam?

— Marcus disse que os caçadores têm um jeito de encontrar fendas. Devem ter conseguido detectar a fenda de lá.

Gabriel se senta.

— Não, Nathan. Acho que não funciona assim. Acho que eles não podem detectá-las de grandes distâncias. Se pudessem fazer isso, teriam encontrado a outra fenda para a verdadeira casa de Mercury.

— Não temos como saber se eles encontraram. E, de qualquer modo, Mercury teve tempo para destruir a fenda. Os caçadores não vão conseguir encontrá-la.

— Você inventa desculpas e cria explicações, mas a coisa mais óbvia, que você se recusa a admitir, é que Annalise contou aos caçadores sobre o apartamento.

— Você mesmo disse que eu não devia sair do apartamento, mas saí. Alguém deve ter me visto quando segui você. Não sei quem, talvez um informante, um meio-sangue. Essa pessoa pode ter alertado os caçadores, por isso eles estavam lá quando voltei.

Gabriel fica em silêncio, mas se deita na grama outra vez.

— Você precisa admitir que é uma possibilidade — digo.

Ele não olha para mim, o que considero uma admissão de que tenho razão.

— Gabriel, eu confio nela. Annalise tentou nos ajudar. Ela me contou como é a proteção da base dos caçadores, que feitiços eles usam.

— Ela teve que conquistar sua confiança para convencê-lo de que estava ao seu lado. Nathan, espiões não saem por aí com cartazes enormes dizendo “Sou um espião”. Eles se comportam como se estivessem do seu lado.

Lembro-me de Annalise, tremendo de medo, sentada ao meu lado no telhado da cabana de Mercury, e sei que ela não me traiu.

— Preciso tentar ajudá-la, Gabriel. É o que você faria por mim, e é o que devo fazer por ela.

Ele não responde.

— Gosto muito dela, Gabriel. Você sabe disso.

Ele cobre o rosto com os braços. Ainda não disse uma palavra, mas vejo seu peito subindo e descendo devagar.

— Preciso pedir um favor muito sério — digo.

Eu espero.

Gabriel também.

— Pode me ajudar a encontrar Mercury? — Porque nós dois sabemos que, onde quer que a mulher esteja, Annalise está com ela. — Preciso da sua ajuda, Gabriel.

Ele não responde. Não tira o braço de cima do rosto.

Não há mais o que eu possa fazer, então ando até a margem do lago.

Algum tempo depois, ele se junta a mim, e nós dois olhamos para além das águas calmas, para as montanhas ao longe e o céu, limpo e azul.

— Van disse que você estava morto — comenta Gabriel. — Nesbitt descreveu seu corpo e o ferimento. Ele estava com a Fairborn, e eu sabia que você não o teria deixado pegar a faca se estivesse vivo. Tive certeza de que você estava morto. Não tive dúvidas. — Ele olha para mim, mas logo vira o rosto e encara outra vez o outro lado do lago. — Eu chorei. Chorei muito, Nathan. E tinha essa ideia de que encontraria seu corpo, abraçaria bem apertado e nunca mais largaria, nunca. Ficaria com você, passaria fome, mas pelo menos morreria abraçado a você. Eu achava que era tudo o que me restava.

— Gabriel... — Mas não sei o que dizer. Não quero que ele passe fome ou morra. — Você é meu amigo, Gabriel. Meu melhor, meu único amigo. Mas...

Ele se vira para mim.

— Vou ficar com você para sempre. Não importa aonde você vá. Não quero estar em outro lugar. Eu não aguentaria ficar em nenhum outro lugar. Se você for procurar Mercury, eu também vou. Se quiser minha ajuda para libertar Annalise, vou ajudar.

Viro para encará-lo e noto como ele parece irritado.

— Obrigado — digo.

Acho que é a primeira vez que agradeço a Gabriel por qualquer coisa, mas sei que ele não quer que eu agradeça, não quer nada do tipo.

uma proposta

— Tenho uma proposta. — Van abriu o jantar refinado com esse comentário, mas ainda não ouvimos a proposta, e a refeição está quase no fim.

Ela está sentada à cabeceira da mesa, comigo à esquerda, e Gabriel está sentado à minha frente. Nós dois passamos o dia juntos, comendo, nadando, tomando sol e, volta e meia, discutindo. Gabriel diz que estamos de férias, e que férias de félixes são assim mesmo. Não tem mais briga por causa de Annalise, não a mencionamos mais. Em vez disso, discutimos sobre quem corre mais rápido (eu cheguei um quilômetro antes dele, mas Gabriel parece achar que ganha toda corrida, já que é café com leite por estar em um corpo de félix), quem mergulha mais fundo (eu, por cinquenta metros de diferença, e mais uma vez essa história de café com leite revela minhas fraquezas), quem escala mais rápido (tem uma parede de escalada no jardim — como na maioria das casas dos chefões do mundo das drogas, imagino —, e Gabriel vence antes mesmo de precisarmos considerá-lo café com leite. Depois que consideramos isso, fica definido que escalo à mesma velocidade de uma lesma). Comemos muito e debatemos muito sobre comida: se croissants são melhores mergulhados no café ou no chocolate quente, se melhor é pão com manteiga de amendoim ou com creme de chocolate, batatas chips com maionese ou com ketchup, esse tipo de coisa. Percebo o quanto senti falta dele.

Gabriel é uma pessoa ótima para passar as férias, mas chega de brincadeiras.

O jantar é formal, com muitos cristais, talheres e velas, apesar de eu estar usando minhas roupas velhas. Van está impecável em um terno creme, e Gabriel usa roupas novas que encontrou na casa. Ele e Van formam um belo par. Nesbitt é bem menos bonito e veste as mesmas roupas pretas de sempre. Ele é ao mesmo tempo chef e garçom, e preciso admitir que cozinha muito bem. Na verdade, agora que parei para pensar, Nesbitt é bem útil para a maioria das coisas: cozinhar, servir chá, ocultar uma trilha, estrangular caçadores. Em matéria de assistentes, Van tem o melhor.

Tomamos sopa e comemos cordeiro, mas nada de sobremesa.

— Acho que já somos doces demais. — É o comentário de Van.

Dou uma risada de desprezo.

Ela se vira para mim, dizendo:

— Estou falando sério. Nesbitt me contou que você ameaçou cortar fora a língua dele, mas que abriu mão. Imagino que seu pai não teria se segurado. — Van observa Nesbitt se afastar com uma pilha de pratos. — Bem, fico feliz por você não ter feito isso. — Ela hesita e olha para a porta por onde o homem acabou de sair. — Nesbitt e eu somos velhos amigos, e, por mais que eu ache que a vida seria muito mais tranquila se ele fosse mudo, Nesbitt é muito mais útil com língua do que sem.

Procuro entender o relacionamento dos dois. Van diz que ela e Nesbitt são velhos amigos, mas só parece alguns anos mais velha que eu, embora aja como se fosse mais velha que Nesbitt. Os dois parecem ter uma relação de um mestre e seu servo que estão juntos há décadas.

— Nesbitt disse que você é especialista em poções — comento.

— Ele é muito generoso. E eu com certeza prefiro poções. Nunca usaria algo tão brutal quanto uma faca para cortar fora uma língua, por exemplo. Poções são extremamente adaptáveis e mais precisas que a faca mais afiada. Tem uma poção que, se pingada na língua, faz a pessoa comê-la. A própria língua.

— Nunca ouvi falar disso. Minha avó também tinha o dom de fazer poções. E era bem poderosa.

— Imagino que você esteja se referindo à avó do lado da Luz da família. — Van não espera confirmação para continuar. — A maior parte dos bruxos da Luz sabe pouco sobre as poções das Sombras. Poções têm usos e poderes infinitos. São, em minha humilde opinião, a mais poderosa das armas.

— E você já usou essa arma? Já fez alguém comer a própria língua?

Van dá de ombros bem de leve.

— Tenho poucos inimigos, já lidei com a maioria.

Nesbitt voltou para recolher mais pratos e tigelas e, enquanto os empilha, diz, sorrindo para mim e Gabriel:

— Conte a eles sobre a poção para aqueles que não pagam o que devem. Eu ganho meu sustento, rapazes. Vocês deviam pensar em ganhar o de vocês.

— Não sei bem se esses assuntos são próprios para a mesa de jantar — retruca Van. — Apesar de a poção ser muito eficiente.

— Acho que Gabriel já pagou pela ajuda — digo a Van.

— Sim. Levando tudo em conta, gosto de pensar que as coisas foram boas para os dois lados. Gabriel está vivo e bem, e tenho metade do amuleto, como prometeu. Ele tem sido generoso e prestativo: o paciente e o hóspede perfeito. E você, Nathan, tem seu charme.

— É? — Não acredito que Van ache qualquer coisa charmosa em mim. Olho para Gabriel, que sorri, sem dúvida pelo comentário sobre meu charme, mas digo a Van: — Vamos partir amanhã.

— Vocês são livres para tomar essa decisão, é claro.

— Somos mesmo.

— Posso perguntar quais são seus planos?

— Pode perguntar o que quiser.

— Suponho que você pretenda encontrar Mercury e ajudar sua amiga Annalise a escapar. Uma boa missão para um rapaz cego de amor.

Ela sorri para mim, depois direciona o sorriso para Gabriel.

— Eu não estou cego de amor.

— Não. Claro que não — concorda Van. — E, mesmo assim, é uma boa missão.

Nesbitt traz o café e põe o bule bem no centro da mesa, no meio de todos. Van prossegue:

— Parece um pouco injusto que eu conheça seus planos e vocês não conheçam o meu. E não há quem possa dizer que eu seja injusta. — Ela gesticula para Nesbitt, indicando que ele pode servir o café. — Também estou em uma espécie de missão.

— Encontrar a outra metade do amuleto? — pergunto.

Van balança a cabeça de leve.

— É algo que espero fazer, em algum momento, mas não é minha prioridade.

— Qual é, então?

— Muita coisa aconteceu desde que você deixou o mundo dos bruxos da Luz, Nathan. A velha Líder do Conselho, Gloria Dale, foi deposta. Soul O'Brien usou sua fuga do prédio do Conselho para derrubá-la. Nunca tinha acontecido de um prisioneiro escapar, e

você é filho de Marcus. Sua fuga foi ao mesmo tempo imperdoável e sem precedentes.

— Mas eu era prisioneiro de Soul.

Ou achava que era.

— Não importa quem levou você para lá ou por quê. Os guardas do Conselho falharam em mantê-lo preso, e a magia que protegia o prédio falhou em segurá-lo lá dentro. O prédio, os guardas e a magia são responsabilidade do Líder do Conselho. Gloria levou a culpa, e Soul garantiu que tudo pesasse apenas para o lado dela.

— Sempre achei que minha fuga foi facilitada. Com certeza não tentaram dificultar.

— Minhas fontes dizem que Soul permitiu sua fuga. Mas nem tudo correu como ele planejou. Deviam ter cortado seu dedo e enfiado em uma garrafa de bruxo antes que isso acontecesse. Iam obrigá-lo a matar seu pai, depois iam assassiná-lo. Mas vejo que você ainda tem todos os dedos. — Ela apontou o cigarro para minha mão. — Mesmo assim, a fuga funcionou em benefício de Soul. Ele depôs Gloria e tomou o controle do Conselho.

— Então agora um homem está no comando do Conselho e outro lidera os caçadores? Deve ser a primeira vez que isso acontece. As bruxas da Luz não devem estar gostando muito.

— Bem, não. Claro que a maioria das mulheres tem dons mais poderosos que os dos homens. Nesse ponto, você e Gabriel são raros. — Nesbitt tosse para chamar atenção para si mesmo, mas Van o ignora. — Enfim, os homens na verdade não detêm as duas posições. Clay também se saiu mal por causa das suas ações. Muitos bruxos da Luz morreram protegendo a Fairborn, mas mesmo assim ela foi roubada sob a guarda dele, que não sofreu nem um arranhão. Ele também foi convidado a se afastar do cargo... e concordou.

— Então quem está no comando dos caçadores? — Mas, de algum modo, tenho a sensação de que já sei.

— Teve uma pessoa que acabou com mais que um arranhão naquela noite em que você roubou a Fairborn. Ela é um pouco jovem e inexperiente, mas é inteligente e tem um dom bastante poderoso. E ficou com o rosto horrivelmente desfigurado, pelo que dizem. É sua meia-irmã, Jessica.

Lembro-me de ter a Fairborn nas mãos, de sentir seu poder e seu desejo de cortar, de como ela cortou o rosto de Jessica.

— Ela era namorada de Clay — digo. — Acho que essa relação agora acabou, já que serviu a seu propósito. Jessica deve amar mais o trabalho do que amava Clay.

— Jessica é leal a Soul e já está ampliando o alcance dos caçadores por toda a Europa. Soul está se esforçando para que todos os Conselhos de bruxos da Luz da Europa fiquem sob sua influência. Está fazendo todos concordarem com seu ponto de vista. Quer que todos respondam a ele, que todos expulsem os bruxos das Sombras daqui, como foi feito na Grã-Bretanha. — Van balança a cabeça. — Sou bruxa das Sombras, não tenho qualquer afeição pelos da Luz, mas aqui na Europa temos a antiga tradição de tolerar uns ao outros. Eles se atêm às suas áreas tradicionais, e nós, às nossas. Vivemos em harmonia.

Van puxa a cigarreira fina de metal de dentro do paletó e pega outro cigarro, continuando:

— Soul não tem interesse em manter a harmonia. Ele só quer poder, mais e mais. — Van acende o cigarro, dá uma tragada profunda e sopra a coluna de fumaça esverdeada muito acima de nós. — Soul planeja matar todos os bruxos das Sombras da Europa. E vai matar qualquer um que fique em seu caminho, das Sombras ou da Luz. Ele não é um bruxo honrado.

— E sua missão é impedi-lo?

— Sim. Para restaurar a harmonia e o equilíbrio, nós precisamos impedir que Soul assuma o controle de todos os Conselhos da Europa e deter os caçadores que trabalham para ele.

— *Nós*?

— Uma aliança entre todos os bruxos.

— *Todos* os bruxos? Você quer dizer os da Luz e os das Sombras?

— Isso, todos os bruxos que desejam preservar os valores tradicionais.

— Valores tradicionais de ódio uns pelos outros?

— Valores tradicionais de distância, respeito e tolerância mútuos. Todos respeitamos o indivíduo, seja da Luz ou das Sombras. E estamos à procura de novos recrutas.

— E me querem? Mas eu não sou nem da Luz nem das Sombras.

— Você é os dois. — Van olha para Nesbitt. — Meios-sangues também se juntaram.

— Calma, deixem-me entender isso direito: vocês estão se juntando com um bando de bruxos da Luz para combater os caçadores, que estão se expandindo para a Europa. E você quer que eu me junte à causa e lute ao lado dos bruxos da Luz?

— Isso.

— Há! Quer falar de equilíbrio? Bem, eu odeio bruxos da Luz, e eles me odeiam. É esse o tipo de equilíbrio ao qual estou acostumado.

— Você não odeia todos os bruxos da Luz. Seu meio-irmão, Arran, e sua meia-irmã, Deborah...

— Eles estão nessa?

— Acredito que sim.

Não sei como me sinto em relação a isso, mas imagino que seja verdade. Os dois acreditariam na causa.

— Não vejo como eles poderiam ser de muita ajuda em uma luta — comento.

— Um exército não é feito apenas de soldados. — Van dá um trago em seu cigarro. — Todos trazemos contribuições diferentes para a causa. A sua, sem dúvida, é a capacidade de lutar. A de outros, como Arran, é curar os feridos. Ainda outros, como Deborah, fornecem informação.

Eu analiso seu rosto.

— Quantos recrutas vocês têm?

— Alguns. Vários bruxos da Luz já deixaram a Inglaterra. Os que acham Soul radical demais e verbalizaram essa opinião. Eles perderam tudo e querem revidar. Alguns bruxos das Sombras também se juntaram: os que repararam que o futuro será sinistro se não fizerem nada. Os números ainda são pequenos, mas estão aumentando.

— Então você não precisa de mim.

— Poucos de nossos recrutas sabem lutar.

— Ah.

— E você, Nathan, precisa de nós. Mesmo que consiga despertar Annalise e fugir de Mercury, acha mesmo que seus problemas acabarão por aí? Os da Luz vão caçá-lo até o fim da terra. E, mesmo que você consiga correr bastante, temo que sua preciosa Annalise não vá durar nem dois minutos.

— Vamos nos esconder.

— Eles vão caçá-los.

E sei que ela tem razão, é claro. Isso nunca terá fim.

Olho para Gabriel.

— Vou seguir você — diz ele. — Não importa o que decidir fazer.

Balanço a cabeça.

— Essa guerra não é minha.

Van sorri.

— É mais sua do que de qualquer outra pessoa.

Eu me levanto e dou a volta na mesa. Não gosto nada daquilo, sério. Não tenho desejo algum de lutar contra caçadores ou de arriscar a vida por uma causa. E, sem dúvida, não me vejo lutando ao lado de um bruxo da Luz. Tudo que quero é encontrar Annalise e levar com ela uma vida sossegada perto de um rio, nós dois tranquilos, para sempre.

Saio da sala de jantar, entro na de estar, onde me sento no sofá e fico olhando para o lago e as montanhas ao longe.

fumaça noturna

Parece que nem aqui vão me deixar em paz. Só estou sentado sozinho há um minuto, aqui na sala, quando Van chega atrás de mim, Gabriel senta-se em uma poltrona próxima e Nesbitt fica em pé parado, apoiado no batente da porta.

— Soul é um perigo para todos nós — diz Van. — A causa da Aliança é...

Eu a interrompo:

— Não estou interessado em causas. Só quero trazer Annalise de volta.

— E como você planeja fazer isso? Mercury é formidável, o dom dela é excepcional. — Van anda de um lado para outro à minha frente. — Deixe-me adivinhar. Annalise está em um estado de sono similar à morte do qual apenas Mercury pode despertá-la. E você espera que Gabriel consiga desfazer o feitiço, se usar o dom dele para se transformar em Mercury.

Tenho que admitir, mas só internamente, que é esse mesmo meu plano — e que ele parece um pouco capenga.

— Há mais de um problema com seu plano.

— Eu não confirmei que esse era meu plano.

— Você tem algum melhor?

Mesmo que tivesse, não diria a ela.

Van continua a falar e andar de um lado para outro.

— Primeiro problema: Gabriel ainda não consegue usar o dom dele. Segundo: você não sabe onde Annalise está. Terceiro: mesmo

que você encontre Annalise, e que Gabriel consiga se transformar em Mercury, os dois ainda precisam descobrir como desfazer o feitiço. Quarto: mesmo que você consiga encontrar uma solução para os problemas um, dois e três, Mercury vai tentar matá-lo se descobrir o que está tramando. E acho que tem grandes chances de conseguir.

— Admito que temos alguns obstáculos.

— De fato. — Van senta-se na beira da mesa de centro, de frente para mim. — Mesmo assim, eu estaria disposta a ajudá-lo a superar esses obstáculos.

— Se eu me unir à Aliança?

— Sim.

— Como?

— Como eu posso ajudá-lo? Bem, vamos começar com o primeiro problema: Gabriel. — Van sorri para meu amigo. — Sem querer ofendê-lo, querido.

Ele dá de ombros.

A mulher prossegue:

— Posso ajudar a recuperar o dom dele.

— Existem outras pessoas que podem me ajudar a fazer isso — retruca Gabriel.

— Bem, tem Mercury, é claro, e alguns outros, mas todos vão exigir muito em troca.

— E não é isso que você está fazendo? — indaga Gabriel.

Van abre um sorriso.

— Acho que em breve você perceberá que é muito mais fácil lidar comigo do que com a maioria. E já estou aqui, posso ajudar agora mesmo. Sei que você não está com pressa para resgatar Annalise, Gabriel, mas vive como félix há muitos meses. Você está há muito

tempo sem usar seu dom. É quase a mesma quantidade de tempo que passou usando. Precisa voltar logo a ser quem realmente é.

Gabriel olha para mim.

— Não ter dom não é o fim do mundo. Há coisas piores.

— Vou ajudar Gabriel a recuperar seu dom para que ele possa se transformar em Mercury, mas, mesmo assim, pode ser que ele não consiga despertar Annalise. Tudo depende do feitiço que Mercury usou. Só que tenho outra opção, para o caso de essa falhar.

— E qual é?

— Vou obrigar Mercury a desfazer o feitiço.

— Há! Como?

— Não é mais difícil do que obrigá-la a comer a própria língua. Há poções capazes disso. Posso fazer com que ela queira despertar Annalise.

— E vai ser só fazê-la beber a poção, né? “Ei, Mercury, tome um gole disso aqui.”

— Nem todas as poções precisam ser bebidas.

Fico pensando se isso quer dizer que ela pode usar aquela fumaça, ou algo do tipo. Mas não importa como ela vai conseguir, preciso admitir que Van parece ter mais chances do que eu para fazer Mercury despertar Annalise.

— E uma poção ajudará Gabriel a recuperar o dom dele?

— Sim. — Van olha para mim, se inclina um pouco para trás e diz: — E também posso ajudá-lo, Nathan, se você quiser. É sempre difícil controlar um dom. Quanto mais poderoso, mais difícil.

— Estou aprendendo.

— Bom. Você precisará ter controle total dele para lutar com a Aliança e enfrentar os caçadores.

— Ainda não concordei em me juntar a vocês.

— Mas vai concordar, porque só com a minha ajuda você vai conseguir resgatar Annalise. E, mesmo assim, não será fácil. Não tem como simplesmente entrar e sair de lá em um passe de mágica. Precisaremos de planejamento e de muita cautela, mas dá para fazer.

— E tem mais: se eu me juntar à Aliança, vou querer a Fairborn de volta.

— Fechado.

Achei que ela fosse reclamar, mas agora não há mais o que discutir sem ficar dando voltas no assunto. Está escurecendo, e quero muito ir lá para fora. Eu me levanto e digo:

— Vou dormir e pensar no assunto.

— É, está escurecendo. Aqui fica bem desagradável, no crepúsculo. Mas tenho um remédio simples. Nesbitt, traga a fumaça noturna.

Nesbitt vai até o outro lado da sala e volta com uma tigela cheia de um líquido leitoso. Ele acende um fósforo acima da superfície da poção, e uma chama verde enfumaçada desliza pela superfície cremosa do líquido, parecendo viva.

— Se inalar essa fumaça, vai conseguir ficar aqui dentro. Ela limpa a cabeça de um jeito maravilhoso.

Van se debruça e inspira profundamente.

Eu me aproximo da chama. Tem cheiro de leite, grama e floresta. Minha dor de cabeça já está diminuindo, mas digo:

— Prefiro dormir lá fora.

— Estou certa disso. Não se esqueça de que também sou uma bruxa das Sombras, Nathan. Sofro da mesma forma que você quando fico dentro de casa à noite, e Nesbitt também, embora em menor grau. Mas aprendemos a usar a fumaça noturna, e sugiro que você também aprenda.

*

Gabriel e eu seguimos Nesbitt até o quarto. Abro a janela e me sento ao lado dela, mas Nesbitt diz:

— Sem trapaças, meu caro. É para o seu desenvolvimento pessoal. — Ele fecha a janela e deixa a tigela de fumaça noturna no batente. — Só respire isso aqui como se fosse ar fresco.

Depois que ele sai, cheiro a fumaça verde com certa cautela.

— Nathan — começa Gabriel —, você não me contou sobre seu dom.

Inspiro um pouco mais da fumaça. Sei que Gabriel deve ser a única pessoa além de meu pai que tem qualquer chance de entender, mas não quero pensar nisso agora. Já tenho coisas demais na cabeça.

— Com essa resposta efusiva, posso concluir que você não quer falar sobre o assunto?

Deito de bruços na cama, mantendo a cabeça perto da tigela, e balanço a cabeça, dizendo:

— Você já usou essa coisa?

— Não. Quando eu tinha corpo de bruxo das Sombras, preferia dormir do lado de fora ou cochilar dentro de casa durante o dia e sair à noite. — Ele se aproxima e inspira o vapor profundamente. — Isso não faz o menor efeito em mim, nesse corpo. Quase não sinto o cheiro.

— Qual sua opinião sobre o que Van disse? Será que essa Aliança vai mesmo funcionar? Será que eles conseguiriam vencer o Conselho e os caçadores?

— Não sei. Tem alguns bruxos das Sombras com poderes incríveis, mas trabalhar em grupo não é o ponto forte deles. Na verdade, trabalhar em grupo é quase impossível. Van é tolerante, o

que é bem raro, então talvez consiga trabalhar com os da Luz, mas não tenho certeza se os outros conseguirão.

Passo a mão pela fumaça verde e a abano na direção do rosto. É um cheiro limpo. Na verdade, é mais do que um cheiro: é uma sensação limpa em meu nariz, na garganta e na cabeça. É a sensação de estar no exterior, em uma campina. Mas não me sinto seguro em relação à fumaça — é uma poção, afinal de contas, uma droga.

Abro a janela e sento no batente.

— Vou dormir lá fora.

Gabriel põe uma toalha sobre a bacia. A chama se apaga com um leve suspiro. Então diz:

— No momento, acho que não precisamos nos preocupar com essa história de nos juntarmos à Aliança. Mercury é mais perigosa. Ela não é boba, Nathan. É letal.

— Se planejarmos com muito cuidado, temos chance. Se for arriscado demais, não faremos.

— Por mais que a gente planeje, sempre pode dar errado. É só ler qualquer livro de história para confirmar.

— Você sabe que eu não sei ler.

Não há mais o que dizer, então saio pela janela e caminho na direção do lago. Tenho que nadar para ver se consigo entrar em contato com meu dom e, quem sabe, dormir um pouco. Não preciso pensar muito na proposta de Van. Sei que, na verdade, não há outra opção. É minha única chance de salvar Annalise e ajudar Gabriel a recuperar seu dom. Vou ter que dar um jeito.

chuva

É mais tarde, na mesma noite. Estou nadando. Tudo ao redor parece cinza. Está nublado e abafado. A lua está completamente oculta. As montanhas ao longe são uma silhueta escura contra o céu mais escuro. As águas do lago parecem negras como nanquim.

Boio de costas, olhando para o céu. Acho que vai chover em breve. O vento parece estar ficando um pouco mais forte, e várias coisas acontecem ao mesmo tempo. Atinjo uma faixa de água fria, um corvo dá um pio alto, e uma onda quebra perto de meu rosto, fazendo cair água nos olhos e dentro do nariz. Fecho os olhos. Em vez de escuridão, vejo a floresta acima da caverna. Sei que Kieran está comigo. Não consigo vê-lo — ele está invisível —, mas sinto seu cheiro, sua presença, o gosto de seu sangue. Minha perna queima, tem uma faca enfiada nela. Ataco Kieran com minhas presas, e ele aparece. Meus olhos ficam cheios de um líquido negro como tinta, o sangue de sua garganta enche minhas narinas. Kieran dá um último grito, como o crocitar de um corvo, e fica imóvel. A visão dura poucos segundos, mas é nítida para mim. Não é um sonho: é uma lembrança.

*

Mais tarde, estou sentado junto à fogueira que acendi perto da margem do lago, mas ainda não me sinto bem aquecido. Começa a chover, mas fico ali, tentando me lembrar mais de como é ser um

animal. Vejo através dos olhos dele, sinto sua dor, o cheiro e o gosto de sangue, ouço o grito de Kieran... É como se estivesse experimentando o corpo do animal, sentindo o que ele sente, mas não estou dentro da mente dele. Não estou tomando decisões. Sou um passageiro.

A chuva fraca vira um temporal, e me deixa ensopado e tremendo. O fogo apaga, e me dirijo à casa para usar o beiral como abrigo. Estou quase lá quando vejo uma figura se afastar correndo na direção do pátio. Ele coloca cinco tigelas grandes e largas sobre a mesa, depois volta, contornando a casa, e entra, saindo da chuva. Não tenho certeza do que Nesbitt está aprontando, mas vou atrás, olhando dentro das tigelas ao passar. Estão vazias, apesar de serem bem estranhas: são de pedra e têm bordas grossas e irregulares.

Faço a volta na casa e vejo que Nesbitt entrou na cozinha. A fumaça noturna que ele acendeu junto à janela emite um brilho verde. Abro a porta dos fundos sem fazer barulho e entro no pequeno vestíbulo. Há outra porta, que dá para a cozinha. Não está completamente fechada, mas Nesbitt não vai perceber que estou ali se eu ficar bem quieto. Então escuto vozes e me dou conta de que Van também está ali.

— Botei as tigelas lá fora.

— Bom. Devemos conseguir o bastante, hoje à noite. Vejo você no café da manhã.

— Andei pensando — começa Nesbitt.

— Ah, meu Deus, é sério?

— Sobre o garoto.

— E...?

— Acho que devíamos contar a ele.

— Contar o quê?

— Com quem você está trabalhando...

— Com quem *nós* estamos trabalhando — corrige Van.

— Ele vai acabar descobrindo, e... bem, acho que não vai gostar.

— Ele não tem que gostar. Não espero que goste. Não me importa se gosta ou não. A questão é que vai fazer. Vai se juntar à causa, porque não tem opção. Então não há necessidade de complicar as coisas.

— É, mas...

— Mas o quê? — Van parece impaciente. — Você está cada vez mais parecido com uma velha, Nesbitt.

— Ele é um meio-código. E... Você não sabe como é, Van, mas eu sei. Ou, pelo menos, sei como é ser um meio-sangue. Ele não sabe a que grupo pertence, e, no momento, não pertence a grupo nenhum, nem aos bruxos da Luz, nem aos das Sombras. Poderia pertencer à Aliança, mas, para isso, vai precisar confiar nela, confiar em você. E, bem, isso vai ser um problema.

— É, você tem razão, Nesbitt. Que surpreendente essa sua gentileza. Posso perguntar o que anda fazendo para construir um laço de confiança e amizade entre você e Nathan?

Nesbitt bufa com desdém.

— Ele ainda não sabe, mas já é meu amigo.

Van dá uma risada, algo que eu nunca a tinha visto fazer. É agradável, autêntica e divertida. Sua voz agora está mais suave.

— Nesbitt, tudo o que posso fazer é assegurá-lo de que já estou ciente do problema e pretendo lidar com ele, mas tenho vários outros problemas empilhados à minha frente. Primeiro temos que resgatar a garota, e não estou cem por cento certa de como vamos fazer isso.

Nesbitt solta uma risada curta.

— É, bem, isso é mesmo verdade.

Van abre a porta e diz algo que não consigo escutar, então a porta se fecha.

Quem poderia ser o rebelde que me deixaria revoltado? A resposta óbvia poderia incluir quase qualquer bruxo da Luz.

A chuva vai diminuindo e logo para. Olho para baixo e vejo uma poça ao redor de meus pés. Nesbitt vai saber que estive aqui, mas não há o que eu possa fazer a respeito. Volto para o lago, caminhando entre as árvores para o lado do gramado. Encontro um cipreste enorme e frondoso e, sob a copa, o chão está seco. Paro ali e procuro me esconder mais atrás do tronco.

Há dois barcos no lago. Eles têm luzes pequenas na proa, e ambos viajam à mesma velocidade lenta. Há quatro pessoas no barco mais próximo e duas no mais distante, e todas olham para a margem, na minha direção. Todas têm binóculos.

Caçadores!

E algo na postura do caçador mais distante me faz saber quem é. É alta, magra e se mantém ereta.

Jessica.

Corro de volta para a casa e entro na cozinha. A tigela de fumaça noturna junto à janela é como um farol. Pego um tecido e a apago. Quando Nesbitt vai reclamar, informo:

— Caçadores! No lago. São pelo menos seis.

Nesbitt já está saindo da cozinha.

— Chame Gabby e vá para o quarto de Van. Temos que pegar algumas coisas. Partimos em cinco minutos.

— Se eles tiverem visto a fumaça noturna, não teremos cinco minutos — respondo, correndo atrás dele.

— Então torça para que não tenham visto.

Menos de um minuto depois, Gabriel e eu estamos no quarto de Van. Com muito cuidado, ela arruma frascos de vidro em uma

maleta já cheia.

— Nesbitt foi ontem a Genebra, para comprar provisões — comenta. — Acho que ele deve ter sido visto.

Ela abre a gaveta ao lado da cama e alcança a Fairborn, a joga dentro de uma bolsa de couro grande, que pega e leva para fora. Enquanto avança para a porta, aponta para uma pilha de livros grandes encadernados em couro e a maleta.

— Tragam isso.

Vamos para a garagem a passos rápidos e no caminho encontramos Nesbitt, que leva uma grande bolsa pendurada no ombro.

No minuto seguinte, Nesbitt, Van e eu estamos sentados na traseira de uma limusine preta. Gabriel dirige, usando chapéu de motorista. Saímos da garagem subterrânea, avançando para as primeiras luzes do dia, pegamos a pista de carros e saímos pelos portões elétricos. Só devem ter se passado uns cinco minutos desde que vi os caçadores, mas a sensação é de que foram vinte.

A estrada parece normal, mas os caçadores não costumam dirigir por aí em tanques.

Gabriel pega a estrada e vira à direita, na direção oposta a Genebra. Meio minuto depois, uma van passa no sentido contrário, e ele anuncia:

— Tinha caçadores lá dentro. Três na frente, quem sabe quantos atrás.

Ninguém responde, e passamos a examinar cada veículo por que passamos. Meia hora depois, já saímos da estrada à beira do lago, estamos indo para o norte e não vimos outros caçadores.

— Aliás, para onde estamos indo? — pergunta Gabriel.

— Por enquanto, podemos seguir para o norte — responde Van. — Mas logo teremos que virar para leste. Sei de um lugar perfeito. É

um castelo antigo, mas bem afastado e muito bem-cuidado. Deve estar livre nessa época do ano.

eslováquia

Estava começando a escurecer quando chegamos ao local. Passamos o dia dirigindo, só paramos para trocar a limusine por um carro menos chamativo. O castelo parece mais uma enorme casa de campo com torres. Fica em meio a uma densa floresta, no fim de uma longa estrada. Com certeza é bem isolado.

Van e Nesbitt entram. Ele avisa que terá algo pronto para comermos em dez minutos. Estou com fome, mas passei o dia inteiro no carro e não quero ficar dentro de casa a essa hora, quando terei que usar a fumaça noturna. Digo a Gabriel que vou dormir na floresta. Quando ele anuncia que vai comigo, balanço a cabeça.

— Não. Vou ficar melhor sozinho. Fique no castelo.

— Mas...

— Por favor, Gabriel, estou cansado demais para discutir. Preciso ficar sozinho.

Vou andando por entre as árvores até encontrar um local abrigado. Estou meio zonzo de tanto cansaço, mas o lugar é bom. É antigo e silencioso, e sei que Gabriel não virá atrás de mim, já que pedi a ele para não vir. Fecho os olhos e deixo que o sono chegue.

Desperto com um leve ruído. Passos. Não são humanos, são pequenos e hesitantes. Uma corça.

A adrenalina animal aumenta depressa, mas inspiro e expiro lentamente, — muito, muito lentamente —, e prendo a respiração. Prendo e prendo e digo a mim mesmo: “Calma, calma.” Não quero

impedir que o animal assuma, estou só reparando no aumento de adrenalina enquanto ela é liberada, e permitindo que ela se eleve aos poucos. Prendo a respiração, e solto devagar. Acho que quanto mais lenta a transformação, melhor. Não quero causar um choque ao corpo. Quero me acostumar a isso e, mais que qualquer coisa, quero me lembrar do que acontece quando me transformo. Inspiro lentamente e digo a mim mesmo para permanecer consciente. Prendo a respiração e solto em um fluxo controlado, então me deixo tomar pela adrenalina.

*

vejo a corça. meu lado selvagem vai atrás dela. o bicho é completamente silencioso, mantém-se discreto e só se move quando tem certeza de que não será visto. a corça para. tremelica as orelhas. ela ergue a cabeça e olha ao redor. é linda. não quero matá-la, mas o animal dentro de mim está encolhido sobre as patas traseiras, pronto para atacar. eu digo: “não, não mate.” estou calmo, falando baixinho, tentando amansá-lo. a corça fica tensa. parece ter sentido algo. flexiona os músculos, pronta para saltar e fugir. o animal salta sobre ela, e começo a gritar: “não, não”...

*

Acordo. Ainda está escuro. Sei pelo gosto na boca que a corça virou jantar. Minhas mãos e meu rosto estão cobertos de sangue, e, ao erguer a cabeça, vejo os restos do bicho ali perto. Lembro-me de parte do que aconteceu. Lembro-me de ter ouvido a corça enquanto ainda era eu mesmo, ainda em meu corpo humano, lembro-me da adrenalina animal aumentar. Devo ter me transformado, mas não sei bem. Não, não me lembro disso. Lembro que tentei evitar que o animal atacasse a corça. Gritava com ele, lá de dentro do corpo,

mas meu lado selvagem não me deu ouvidos. Ele a matou mesmo assim.

Toco o corpo da corça: ainda está quente.

Encontro um remanso do rio para me lavar, depois me deito ali perto. Não consigo dormir. Não estou cansado, estou confuso. O animal não me deu a menor atenção. Ele é eu e não é. O animal matou a corça, mesmo eu sendo contra isso. Ele faz o que quer.

*

Quando fica claro, vou para o castelo em busca de Van. Estou frustrado com meu dom, estou frustrado com a vida. Não estamos mais perto de ajudar Annalise, e Gabriel precisa voltar à forma de bruxo. Atravesso a cozinha apressado, indo para a sala de jantar, depois da sala de música para o salão de festas e a sala de armas. Acabo encontrando Nesbitt, que diz:

— Van está no escritório. Ela quer falar com você.

Sigo pelo caminho por onde ele veio, passando por uma pesada porta de carvalho, e sou saudado com um:

— Você está com cara de quem precisa de um desses. — Van acende um cigarro e me oferece outro, mas balanço a cabeça.

O escritório é forrado de painéis de madeira. Há uma grande escrivaninha feita de vidro e metal cromado, coberta com fileiras de pratos. Eu me aproximo para ver de perto. Cada pratinho contém um punhado de coisas de cores diferente. A maioria é constituída de pós finos, talvez ervas, mas uns são mais grossos que os outros, e alguns parecem sementes grandes.

Estendo a mão para tocar uma das pilhas.

— Por favor, não — pede Van, e retiro a mão. Ela está sentada em uma cadeira na lateral da sala. Hoje, está vestida com um terno

masculino de risca de giz. — Tenho trabalhado na poção para Gabriel, tentando descobrir a combinação correta de ingredientes.

— Você já terminou?

— Sim, agora que os dois últimos ingredientes estão aqui.

— Que são...?

— Um deles é a chuva que caiu quando estávamos em Genebra. Nesbitt recolheu um pouco dela: caída à noite, durante a lua cheia.

— Isso faz mesmo diferença?

Ela olha para mim como se eu estivesse louco.

— Tudo faz diferença, Nathan.

Lembro-me de minha avó dizer que as propriedades das plantas eram diferentes dependendo do ciclo da lua em que eram colhidas, então imagino que o mesmo deva acontecer com a água da chuva. E por que não com as outras coisas? Minhas habilidades de cura mudam com a lua.

— E qual é o outro ingrediente? — pergunto.

— Ah, acho que você sabe qual é — diz Van, apagando o cigarro.

E o modo como ela diz isso e olha para mim me faz ter a sensação de que algo em mim é o ingrediente.

— Meu sangue? — arrisco.

Van sorri para mim.

— Ah, não, não, meu caro... é muito mais sinistro que isso. Precisamos usar sua alma.

blá-blá-blá mágico

Estou sentado a uma mesa de trabalho no estúdio de Van, vendo-a fumar mais um de seus cigarros.

— Gabriel não consegue encontrar o caminho de volta para si mesmo porque tem um dom muito forte, forte demais. Ele virou um félix tão bom que não consegue recuperar o elemento de si mesmo que é bruxo das Sombras.

— Acho que isso parece plausível — respondo.

— Nossa, obrigada, Nathan. — Ela se aproxima e se apoia na mesa, perto de mim. — Mas o elemento de bruxo das Sombras ainda está dentro dele. Gabriel precisa encontrá-lo, precisa de um bruxo forte para guiá-lo até lá.

— Mas por que eu? Não sou um bruxo das Sombras, sou um meio-código.

— Da Luz, das Sombras, meio a meio... não importa. Ele precisa de um bruxo em quem confie. E ele confia completamente em você. E também acredita que você é um grande bruxo.

Eu balanço a cabeça.

— Não acredita, não.

— Você tem alguma ideia do que ele pensa sobre você? — Van dá um trago no cigarro. — Ele o vê como o maior de todos os bruxos.

— O quê?

— A combinação de Luz e Sombras em uma única pessoa. Como eram os bruxos originais, com as forças dos dois lados.

— Ah! Mas...

Mas, na verdade, não sei o que dizer em relação a isso.

Nesse instante, ouço uma batida na porta. Então Nesbitt entra, carregando uma bandeja.

— O rango está pronto! — anuncia. — Trouxe um chá com torradas para vocês, Van.

— Obrigada, Nesbitt. Poderia chamar Gabriel para se juntar a nós, por favor?

— Agora?

— Essa é a ideia — responde Van.

E Nesbitt desaparece, dizendo:

— Você sabe que não sou um servo, né? Sou um parceiro nesse relacionamento, e acho que nós dois sabemos quem é que trabalha mais por aqui...

Mas as reclamações vão sumindo à medida que ele se afasta pelo corredor.

— Eu estaria perdida sem ele.

Não sei bem como explicar que os dois parecem totalmente incompatíveis, então, em vez disso, digo:

— Ele é muito útil.

— Sim, é mesmo. Eu o treinei na maioria das coisas. E, para ser justa, ele tem facilidade para aprender. Estamos juntos há vinte e cinco anos.

— Vinte e cinco? — Para mim, Van não parece ter mais de vinte, mas sempre age como se fosse muito mais velha, mais experiente. — Quantos anos você tem, Van?

— Uma pergunta meio rude, se quer saber. Mas uma das muitas utilidades das poções é manter uma aparência mais jovem.

Gabriel entra na sala e fecha a porta, batendo-a na cara de Nesbitt. As reclamações do homem podem ser ouvidas através da

madeira pesada.

— Gabriel, obrigada por vir tão depressa. Eu ia dizendo a Nathan que estamos quase prontos para ajudá-lo a retomar sua verdadeira identidade.

— Ok — responde Gabriel, com cautela, e senta-se à minha frente.

— Então, o que fazemos? — pergunto.

— Vocês têm que beber a poção que vou fazer. Com ela, os dois ficarão conectados e entrarão em um estado de transe. Então, juntos, vão em busca da essência do que é o antigo Gabriel. Pensem nela como uma corda. Vocês vão encontrá-la e depois acompanhá-la de volta até o aqui e agora.

Olho para Gabriel e balanço a cabeça de leve. Seus olhos encontram os meus, como se ele soubesse em que estou pensando.

— É magia. Nada disso faz sentido. Ao mesmo tempo, tudo faz sentido.

Reviro os olhos e me viro para Van.

— E se nós encontrarmos a essência ou seguirmos a corda para o lado errado?

— Aí vão ficar no transe.

— Como assim? Para sempre?

— Até morrerem de fome.

— Não é um bom jeito de morrer.

— Sempre me achei mais o tipo que acaba morto por uma saraivada de balas. — Gabriel sorri para mim. — Mas tentei isso, e também não foi muito bom.

— Quanto tempo deve levar para encontrar?

Van acende outro cigarro e sopra a fumaça.

— O tempo necessário.

— Então você não sabe.

Ela não responde.

— E qual é a probabilidade de não encontrarmos?

— Eu não faço ideia, de verdade. Depende totalmente de vocês.

— Não gosto disso, mas vou fazer.

— Fico muito satisfeita com seu entusiasmo, Nathan. Isso sempre ajuda. — Van repousa a mão de leve sobre minha perna e dá um tapinha. — Por sorte, este local traz uma vantagem. Árvores, um rio e montanhas antigas são muito a sua cara. — Ela fixa os olhos nos meus, e o azul dos dela brilham. — Infelizmente, ainda temos um probleminha.

— Qual?

— É perigoso demais fazer isso em qualquer época que não durante a lua nova.

— O quê? Mas isso é daqui a duas semanas.

Eu me levanto.

— É.

Van sopra outra baforada lenta e demorada no ar.

— Mas Annalise... Ela pode morrer. Os caçadores podem encontrar Mercury e matar ou capturar as duas.

— Acho que podemos confiar na habilidade de Mercury para se esconder dos caçadores. Afinal, ela faz isso há décadas.

— Mas Annalise vai ficar cada vez mais fraca. Não podemos passar duas semanas aqui, esperando.

— Podemos, sim, e é exatamente o que vamos fazer, Nathan. Você tem razão, Annalise vai ficar cada vez mais fraca, mas ainda temos tempo. Ela pode sobreviver nessa condição por muitos meses.

— É fácil para você falar, já que está andando por aí, viva, livre e muito bem.

Avanço na direção da mesa. Quero derrubar todas as pilhas de ervas no chão. Mas Gabriel deve ter percebido meu destino e bloqueia o caminho. Eu o xingo e saio da sala, furioso, batendo a porta. Sinto-me infantil por fazer isso, mas então vejo Nesbitt parado no corredor, lançando um sorriso afetado para mim. Não sei se ele estava ouvindo a conversa, mas o empurro para o lado. Vou chutando e socando tudo o que posso no caminho para fora da casa.

contando a gabriel

Encontro um jeito de ocupar essas duas semanas. Sei que preciso voltar ao auge de minha forma física, e não há muito mais o que fazer, então dou início a um treinamento. Começo a ficar em forma por causa do treino, mas também por causa do dom que tenho. Desde que o encontrei, meu corpo parece mais forte, mais vivo. Treino com Nesbitt e Gabriel durante o dia, mas também à noite. Posso continuar a noite inteira sem parar, se der algumas cochiladas durante o dia.

Quase toda manhã, a primeira coisa que faço é sair para correr com Gabriel e Nesbitt, mas sempre acabo correndo sozinho depois de alguns quilômetros. Nós nos encontramos ao amanhecer, e os dois resmungam um pouco e fazem comentários sobre o clima e os músculos doloridos, então nos alongamos. E acho que hoje pode estar tudo bem com eles, mas todo dia acaba sendo mais ou menos igual, e Nesbitt acaba me irritando. Ele briga comigo por qualquer coisa, em especial pela impaciência, mas também por ficar em silêncio ou me sentir infeliz. Quando não é isso, ele implica com as botas que uso ou meus olhos, rosto e cabelo. Sempre tem um comentário sobre meus olhos. Às vezes fico pensando se ele quer mesmo levar um soco.

Quase sempre acho que, se eu ficar por perto, Nesbitt vai se cansar de me provocar, mas acabo ficando irritado, então dou um jeito de deixá-los para trás e corro sozinho, e é melhor assim. Nem sei por que me dou ao trabalho de sair com eles, para começo de

conversa, mas todo dia torço para que seja bom estarmos juntos. Nunca é.

Depois da corrida, tomo café da manhã. Faço mingau. Nesbitt prepara coisas sofisticadas para Van e Gabriel — ontem foram ovos à fiorentina. Ele termina tudo e espera por Van enquanto como na cozinha. Gabriel sempre fica comigo. Nesbitt às vezes toma mingau com a gente. Isso acontece quando ele está meio tranquilo. Nessas horas, Nesbitt não fala muito, e eu apenas como.

Depois disso, tiro um cochilo matinal ao sol, quando ele aparece. Treino de novo, faço uma caminhada — quase sempre sozinho, mas às vezes com Gabriel. Então chega a hora do almoço, seguido por outro cochilo. No fim da tarde ou início da noite, treino um pouco de luta com Nesbitt. Ele é bom, mas sempre o derroto. Sempre faço comentários sobre como ele é velho, lento e gordo, e em resposta ele sempre sorri, dá risada e encara como elogio. Gabriel às vezes fica assistindo, mas não participa da luta ou das provocações. O que ele mais treina é a pontaria: é bom com pistolas, e também com o arco e a besta. Como Van, Gabriel consegue fazer com que tudo pareça fácil e elegante. Também tento a sorte com as pistolas, mas as odeio.

À noite, tomo banho no castelo e jantamos, com Nesbitt atuando como chef e garçom. Quando escurece, vou para a floresta. Então o dia termina: menos um até que eu veja Annalise.

Tenho dormido na floresta. Gosto daqui. É um bom lugar, e fico tranquilo quando estou sozinho nela. Só me transformei naquela primeira vez. Todas as noites, fico esperando para ver se a transformação acontecerá de novo. Quero aprender mais sobre ela, sobre como controlá-la, e acho que esse local isolado e antigo é perfeito para isso.

Deixei de comer por um dia para ver se surtia efeito, mas não adiantou. Acho que talvez não tenha funcionado porque nenhum animal — nenhuma presa em potencial — cruzou meu caminho. Esta noite tentarei algo diferente. Passei o dia sem comer e vou sair para caçar, mas não quero matar nada. Quero me transformar e caçar, mas não matar, para tentar convencer meu lado selvagem a voltar para o acampamento. Trouxe um pouco de carne da cozinha e deixo-a no chão.

Assim que escurece, saio pela floresta. Sei que há raposas na área, então vou atrás de uma toca. Avanço devagar e em silêncio por entre as árvores, até conseguir ver o emaranhado de galhos que cerca a entrada. Fico de quatro e espero.

Tenho que esperar por quase a noite toda, mas, assim que uma pequena raposa põe o focinho para fora da toca, a adrenalina animal dispara. Mantenho a respiração lenta e controlada, à espera. Quero ficar no controle da transformação, ver se posso ao menos detê-la até estar pronto. Não quero matar a raposa. Quero me transformar e descobrir um jeito de me impedir de matá-la, mesmo que tudo o que consiga fazer seja convencer meu lado selvagem a voltar para a carne que deixei no acampamento. Preciso aprender a controlá-lo e impedir que mate.

Respiro devagar e observo. Sinto a adrenalina dentro de mim, mas ela não me consome. Digo a mim mesmo: “Vamos segui-la. Só isso. Vamos segui-la e deixá-la viver.”

A raposa não sentiu minha presença e se afasta a um trote. Interrompo a respiração controlada e farejo o bicho.

*

estou no corpo animal. a toca está à minha frente. o cheiro de raposa é forte, muito mais forte agora. a raposa se afasta depressa.

ele, o animal em que estou, vai atrás. digo a ele: “não, deixe ela ir”, mas a perseguição continua. digo: “não, pare.” E repito um “não!”, tentando fazer com que o animal dê meia-volta, mas a perseguição não cessa. não tenho controle sobre ele. o animal está chegando mais perto da raposa. “não!”, grito, agora com raiva. “não!”, mas ele continua se aproximando depressa. com passos enormes, se comparados aos da raposa. o bichinho para e se vira, e eu grito: “não! não mate. tem carne melhor aqui perto. não!” e tento segurar o corpo do animal, enrijecer os músculos — mas não tenho músculos, então não funciona. ele corre na direção da raposa, fica por cima dela, e eu grito: “não! pare!”, enquanto sinto gosto de sangue...

*

Acordo. Ainda sinto gosto de sangue. Vejo o corpo da raposa ao lado da minha cabeça. Uma pilha de pele, tripas e ossos. Quero pegá-lo e jogá-lo para longe. Odeio meu lado selvagem. Odeio. Ele não pode ser eu. Eu não queria matar a raposa. Disse a ele para não matá-la. Ele não precisava fazer isso. Grito e xingo de frustração, dirigindo-me ao corpo, que já está enrijecendo, mas na verdade estou gritando com o animal em mim. Espero que ele possa me ouvir. Espero que saiba que o odeio. Não quero esse dom. Odeio tudo nele.

*

Quando amanhece, já me acalmei. Não tenho certeza do que fazer em relação ao dom. Se não conseguir controlá-lo, posso matar qualquer um. Não tenho certeza se deveria perguntar a Van sobre isso. Ela sabe muito sobre vários aspectos de bruxaria, então talvez possa me ajudar, mas não quero ficar dependendo dela. Quero resolver isso sozinho. E ainda não contei nem a Gabriel.

Ao amanhecer, eu me lavo depressa no rio e vou encontrar Gabriel e Nesbitt para a corrida. Eles estão parados, juntos, conversando, e Gabriel sorri quando me aproximo.

— Você parece pior do que de costume — comenta ele. Então estica a mão e encosta em meu cabelo. — O que foi isso? — pergunta.

Eu me afasto dele e passo a mão no cabelo, onde encontro pedacinhos de coisas, sangue seco e mais umas... coisas pequenas. E só consigo escutar a risada de Nesbitt, enquanto ele diz:

— Sobras de ontem à noite?

Eu me viro para ele e, antes que perceba, estou com a faca na mão, avançando para cima dele, que também sacou sua arma.

Gabriel se interpõe entre nós dois.

— Nathan, fique calmo.

Empurro o peito de Gabriel com a mão, porém, não consigo falar. Sei que não devia fazer aquilo, mas se Nesbitt disser mais uma palavra, vou enfiar a faca naquela barriga gorda.

Gabriel fica ali parado, barrando minha passagem, e Nesbitt fica atrás dele, sorrindo.

— Nesbitt, volte para o castelo. Preciso falar com Nathan.

E Nesbitt, ainda sorrindo, faz uma continência para Gabriel, ainda de costas, depois se vira e vai embora gingando.

Gabriel toca em meu braço.

— Nathan, ele só estava provocando.

— E isso significa que não devo matá-lo?

Ele demora a responder. Então balança a cabeça e diz:

— Por favor, não. Ele é o melhor cozinheiro em um raio de quilômetros. E não quero acabar tendo que lavar a louça. Vá à forra

reclamando que a sopa está salgada demais. Isso vai doer mais que uma facada na barriga.

— Ele me deixa louco com todos aqueles comentários idiotas. — Respiro fundo e prossigo: — Eu o ouvi conversando com Van, quando estávamos em Genebra. Ele disse que eu não sabia, mas que já era amigo dele. — Balanço a cabeça. — Eu não o entendo.

— Acho que esse é o jeito de Nesbitt demonstrar que gosta de você. Ele é meio bruxo das Sombras, Nathan. Não o trate como um félix.

— Eu não faço isso!

— Você não demonstra respeito por ele.

Olho para a figura de Nesbitt, ao longe. Não está mais gingando, vai caminhando lentamente para o castelo.

— Acho que não o respeito muito.

— Acho que respeita, sim. Ele é um bom lutador. Um bom rastreador. Só é ruim em contar piadas.

Agora me sinto estúpido por estar com a faca na mão, e guardo-a de volta.

Gabriel estende o braço e toca meu cabelo, tirando sujeiras presas nele.

— Conte para mim o que foi isso.

Tento falar, mas não sei o que dizer. A floresta atrás de mim está quieta. O vento se move acima das árvores, que parecem pedir silêncio umas às outras. Procuro a palavra certa para começar, mas não a encontro.

— Isso tem relação com seu dom? — pergunta ele. — Você pode me contar?

Consigo murmurar:

— Tenho o mesmo dom de meu pai, essa coisa de se transformar em animal. Estou tentando aprender a controlá-lo, mas... não

consigo.

— É por isso que você sempre quer ficar sozinho, à noite?

— É. Sou perigoso. Você não devia ficar perto de mim. E nem ninguém.

Olho nos olhos de Gabriel, mas não me concentro neles, de forma que consigo dizer:

— Ontem à noite peguei uma raposa. Achei que poderia impedir que ele a matasse, mas não consegui.

— Ele?

— Meu lado selvagem. Tentei dizer para não matar a raposa, mas ele não me escuta. Queria matá-la. Devorá-la. E fez isso. E eu passei por tudo aquilo, vi, ouvi, senti o cheiro, o gosto... Mas não consigo controlá-lo. — Olho para o chão, depois de volta para as árvores atrás de mim. Não sei ao certo se consigo contar tudo, mas me obrigo a continuar: — A primeira coisa que ele matou, que eu matei, não foi uma raposa.

— E o que foi? — pergunta Gabriel, baixinho.

— Uma caçadora. — Já me lembrei de mais partes, desde então, e agora não consigo parar de lembrar. — Acordei com o sangue dela nas mãos... na boca. No rosto. Escorrendo pelas mãos. Eu não me lembrava de muita coisa no início, mas agora lembro. Rasguei a barriga dela com as garras, as entranhas ficaram penduradas para fora, e eu enfiei a cabeça dentro da barriga. Eu me lembro de tudo com muita clareza. Era vermelho para todo lado. E me lembro do gosto e de enfiar a cara dentro dela para mordê-la e despedaçá-la.

Tudo fica mais claro agora.

— Quer dizer, eu já tinha matado aquela outra caçadora, em Genebra, quebrando o pescoço dela. Achava que aquilo tinha sido ruim o suficiente. Mas dessa vez... Eu enfiei a cabeça, o focinho, dentro dela...

— Isso foi o animal. O outro você.

— O animal ainda sou eu. É outra parte de mim.

Respiro fundo antes de prosseguir:

— Ela ainda estava gritando, Gabriel. Eu enfiei a cara dentro dela, e ela estava gritando.

Afastei o olhar, então encarei meu amigo outra vez.

— Achei que descobrir meu dom seria fantástico, e, de certa forma, é. Eu me sinto fisicamente mais forte, mas, por dentro, bem lá no fundo, naquele lugar onde você se perdeu, ou seja lá o que for... Eu... É como se fosse outra pessoa, outra *coisa*, vivendo dentro de mim. E ele vem e toma conta. Mas sei que ele sou eu, é outra parte de mim, um lado selvagem, que não se importa com nada. — Faço uma pausa, respiro fundo, e revelo: — Eu também matei Kieran.

— Kieran? O irmão de Annalise?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu o tinha visto mais cedo, na cabana de Mercury. Pensei em matá-lo naquela hora, quer dizer, em lutar com ele e esfaqueá-lo, mas não foi o que fiz. Eu me afastei. Mas ele e seu parceiro me seguiram. Nesbitt matou o parceiro, e eu, com meu lado selvagem, matei Kieran.

E agora começo a me lembrar de mais coisas.

— Ele também gritou. Uma vez. Quando rasguei sua garganta. Lembro-me do gosto que tinha e da sensação grudenta que ficou na minha boca. Lambi o sangue dele.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e fico me sentindo idiota e um tanto hipócrita por começar a chorar, já que queria ver Kieran morto. Fico com nojo de mim mesmo, por chorar. Evito o olhar de Gabriel e tento me recompor, secando as bochechas úmidas com a

manga. Quando me viro de volta, os olhos dele ainda estão fixos em mim.

— Foi feio. Nesbitt ficou enjoado quando viu o corpo de Kieran. E, se Nesbitt ficou enjoado...

— Nada disso significa que você é mau, Nathan...

— Mas não significa que sou bom!

— Você o matou da mesma forma que um animal faria. Sei que isso pode não servir de conforto agora, mas o animal age por instinto. Um animal não é maligno, não é bom nem mau.

Depois Gabriel completa:

— Posso perguntar uma coisa? — Ele hesita, então continua: — Você devorou o coração da caçadora? Ou o de Kieran? Roubou o dom deles?

Eu balanço a cabeça.

— O animal mata e destroça, mas não está interessado em dons. Ele só quer matar.

— Acho que o que ele quer é sobreviver. Ele não é mau, Nathan.

Gabriel está bem perto de mim, então estende a mão para a frente e seca minhas novas lágrimas com a ponta dos dedos. Eu não me mexo. O toque é delicado.

É uma sensação agradável.

Então Gabriel se inclina mais e mais perto, e, muito devagar, com muita delicadeza, me beija nos lábios com uma ternura infinita, de modo que nossas peles mal se tocam. Eu me afasto um pouco, mas ele continua próximo.

— Não se odeie. Não se odeie nem um pouquinho.

Ele me puxa para perto e me abraça, e sinto seu hálito quente em meu cabelo.

Não tenho certeza do que fazer em relação ao abraço e ao beijo de Gabriel. Não sei como me sinto a respeito. Ele fez isso para me

mostrar o que sente, mas deve saber que não sinto o mesmo. Não posso mudar isso. Mas eu o amo. Ele é meu amigo, meu melhor amigo, e eu o amo muito, muito mesmo. E continuo chorando, e ele continua me abraçando.

Ficamos assim por um bom tempo. As árvores também ficam do mesmo jeito, e continuo olhando para elas, apenas para elas. Quando finalmente paro de chorar, Gabriel me solta. Ficamos sentados na grama, e me deito e cubro o rosto com o braço.

— Você está bem?

— Sou filho de Marcus, o bruxo das Sombras mais temido do mundo. Sou um animal devorador de caçadores. E sou um bebê chorão. É claro que estou bem.

— Aceite seu dom, Nathan. Não resista.

— Não estou resistindo. Não tem como lutar contra meu dom. Ele assume o controle.

— Então receba-o e aprenda com ele. Não o julgue. Deve ser muito confuso para o pobre animal. Você o quer porque ele é igual ao dom de seu pai, mas não o quer pelo mesmo motivo. Você gosta do poder, mas também odeia o poder. Tenho pena do pobre animal aí dentro.

— Diga isso quando estiver cara a cara com o animal aqui fora.

— Você só me conta as coisas ruins, as coisas que odeia. Quero saber das partes boas.

— Não tem nenhuma parte boa.

— Mentiroso! Eu sou um bruxo, Nathan. Sei como é ter um dom.

Fecho os olhos e me lembro. Sei que preciso ser sincero com Gabriel, então digo:

— É uma sensação agradável. É bom quando sou tomado pela coisa, pela adrenalina animal, ou o que quer que seja. Tenho medo, mas é uma sensação maravilhosa e poderosa. E... meus sentidos

ficam superalertas e conscientes. E fico meio que observando meu outro eu, que fica... absorto. Ser ele é assim: ficar completamente absorto pelo que faz, sem sequer pensar, é totalmente físico.

Olho para Gabriel.

— Você acha que ser um animal é isso?

— Não sei. Mas é por isso que você tem esse dom, Nathan. Não porque seja um animal, não porque não tenha moral, mas porque precisa sentir isso. É como você é, como você leva a vida da melhor maneira que pode: sentindo as coisas.

— Ah.

— Você é um verdadeiro bruxo, Nathan. Não lute contra o animal. Viva a experiência. É para isso que ele serve. — Gabriel faz uma pausa, então diz: — Posso perguntar... em que animal você se transforma?

Não sei nem mesmo isso. Lembro-me dos olhos da raposa fixos em mim, na noite passada, e respondo:

— Um faminto.

usando minha alma

Chegou o dia da lua nova. Van diz que, quando estivermos prontos, vai dar uma poção para Gabriel e eu bebermos, depois vamos fazer um corte na palma da mão, e ela vai amarrá-las juntas. Vamos ficar assim até encontrar a saída do labirinto na mente de Gabriel. Só que tem um problema.

— Vocês precisam preparar o corpo. Gabriel, você vai ter que fazer exercícios leves e comer bem. Nathan, você vai ter que passar a noite anterior ao ritual dentro de casa.

— O quê? — indago. — Por quê?

— Vai deixar seus sentidos mais aguçados e fazer o transe em que entrarem ainda mais real. Foi por isso que esperamos até a lua nova, para que você possa passar a noite inteira dentro de casa.

— E se eu passasse um período mais curto dentro de casa, mas com a lua mais cheia? Não funcionaria?

— A lua cheia vai deixá-lo louco, e Gabriel precisa que você esteja consciente e pelo menos um pouco são. A lua nova será desagradável, muito desagradável, mas você vai sobreviver e, no fim, ficará mais forte. — Ela abre a cigarreira e pega um cigarro. — Claro que posso estar completamente errada, há uma primeira vez para tudo. Mas acredito que isso esteja correto, no seu caso. Estou seguindo meus instintos. Esse é meu dom, Nathan, e confio nele.

Não estou muito seguro com a ideia geral da coisa, mas não tenho outra opção. Na última vez em que passei a noite sob um teto, tinha dezesseis anos. Ainda não recebera meu Dote, e foi bem ruim.

Não gosto de pensar no assunto, e, sempre que o faço, não consigo entender o motivo. Por mais que uma parte de meu cérebro dissesse: “Isso é bobagem, é só o interior de uma casa, você está bem”, todo o meu corpo estava em agonia, e logo eu só conseguia pensar nos ruídos, no medo e em meus gritos para sair dali.

Passo o dia na floresta sozinho, descansando. O animal dentro de mim também parece descansar. Não o sinto se mexer desde que falei com Gabriel. Deito no chão e olho o céu ir do azul pálido da manhã para o azul profundo do meio-dia, e depois, à tarde, passa um breve momento no violeta, antes de ficar cinza. Estou com fome e sede, meu estômago ronca, o que parece ridículo considerando o que terei que enfrentar. Tenho certeza de que consigo. Quero conseguir, por Gabriel, para mostrar a ele que sei que está fazendo um sacrifício por mim e que farei o possível por ele. É apenas uma noite dentro de casa.

Já está escurecendo quando caminho até a entrada principal do castelo. Van abre a porta assim que chego. Ela deve ter me visto vindo pelo gramado. Fico achando que ela vai dizer alguma coisa, mas não diz, apenas me leva pelo hall de entrada, pega o corredor e segue adiante, os passos ecoando no piso de madeira escura, até uma porta no outro extremo. Eu a sigo para dentro do aposento e paro.

Há uma escadaria de pedra levando para baixo.

— A adega — explica Van.

Penso no animal dentro de mim, mas ele nem se move. Van segue na frente, descendo até uma sala vazia com piso de pedra, paredes de tijolo e uma luz fraca no teto. Parece mais uma cela de cadeia do que uma adega.

— Nesbitt vai ficar no topo da escada. A porta vai ficar trancada, mas, se ficar difícil demais, ele vai deixar você sair. Ele virá aqui

para ver como você está a cada hora.

Não respondo. O ambiente já começou a parecer opressivo. Sento-me no chão frio e olho para Van, que sobe as escadas. Depois disso, a porta se fecha, e escuto uma chave girar na fechadura.

Sei que o animal não vai aparecer. O lugar é deprimente demais, e ele está escondido. Estou aqui dentro há apenas um minuto, no máximo dois, e já me sinto tonto e enjoado. Mas não está tão ruim, e é por Gabriel. E por Annalise. Eu me levanto, caminho até a parede oposta e volto, então repito o movimento, mas não adianta mais. O local parece estar se inclinando, então eu me sento, e as paredes vão caindo para cima de mim. Mas sei que não estão caindo de verdade. Não estão! São paredes, estão retas. Eu estou bem. Estou me sentindo mal. Estou com uma droga de uma dor de cabeça. Não é agradável, mas estou bem. Fico sentado, imóvel, e me concentro na respiração e em não ficar enjoado.

Ouço a porta se abrindo lá no alto. Já passou uma hora.

— Você está bem? — grita Nesbitt.

— Estou, sim — respondo, fazendo a voz soar mais forte do que estou me sentindo.

A porta se fecha.

Fico ali sentado por mais um ou dois minutos, dizendo a mim mesmo que estou bem, estou muito bem. Então sinto ânsias de vomito. Estou ali no chão, passando mal, sentindo um nó no estômago e todos os músculos do corpo doerem, sentindo as paredes caírem sobre mim. Mas sei, com toda a certeza, que não tem como elas estarem caindo. Paredes não fazem isso. Não fazem. Estou com calor, suando em bicas, e vomito de novo e de novo, e meu estômago está em agonia. Não sai mais nada quando

tenho ânsias de vômito outra vez, mas meu estômago não para de insistir, e me encolho em posição fetal.

Então Nesbitt surge de pé ao meu lado. Deve ter passado mais uma hora. Tento olhar para ele de novo, mas Nesbitt já sumiu.

Estou tremendo, meu corpo está frio. E sinto ânsias de vômito outra vez. Não sai muita coisa, mas meu estômago parece determinado a se virar do avesso. Ainda estou no chão, deitado ao pé da escada em posição fetal. E é ali que fico. Não consigo me mexer. Não consigo me levantar. Não consigo sequer rastejar. Mas vou aguentar. Sei que vou.

É aí que começo a ouvir alguma coisa sendo arranhada. Começa baixo, mas vai aumentando até encher minha cabeça, então para de repente. Fico com os ouvidos atentos, tentando ouvir o barulho. Sei que vai começar de novo. Enquanto há silêncio, digo a mim mesmo que não é real: estou em uma adega, não há nada ali que faça barulho. *Não é real*. Mas aí minha cabeça se enche com aquele arranhar, como unhas raspando em um quadro-negro. Enfio a cabeça entre os degraus e grito. Gritar ajuda. Xingar também. Se eu gritar bem alto, consigo abafar o arranhar. Então o silêncio volta. E posso respirar, e espero o arranhar, que recomeça...

Nesbitt está aqui. Está dando tapinhas em meu ombro. Olho para cima, e ele não está mais aqui, e não tenho certeza se estava mesmo, antes. O arranhar parou. Tudo está quieto, e só consigo ver o chão, que está mudando de pedra cinza para vermelho. Vermelho-escuro. E vejo vermelho em todos os cantos que olho. Vermelho por toda a volta, de um jeito que parece estar me sufocando. E começo a gritar para o vermelho, ainda sufocando e apertando a garganta, tentando respirar.

Então sinto mãos ao meu redor. Apertando meus braços no chão. E ouço a voz de Gabriel, bem baixo em meu ouvido, dizendo:

— Está quase acabando. Quase acabando.

E as dores começam a aliviar, as batidas e o arranhar desapareceram. E meu estômago se contrai em vômitos mais uma vez, o véu vermelho se ergue, e vejo o chão de pedra e o ombro de Gabriel. Quero chorar de alívio, de alegria pela nova liberdade, por poder ver outra vez.

— Está amanhecendo — digo.

Gabriel me solta e me ajuda a ficar de pé.

— Se esse é o método gradual, menos intensivo... — E ia fazer uma piada, mas não dá porque me sinto mesmo diferente.

Eu me sinto completamente consciente de tudo. Cada movimento de meu corpo. A umidade do ar. O chão, os grãos de terra solta nas pontas dos dedos. E as *cores*, mesmo naquela luz fraca... os cinzas do aposento, o castanho escuro do cabelo de Gabriel. Eu o encaro e vejo que seus olhos ainda são de félix, mas também vejo outra coisa.

— Posso ver uma coisa nos seus olhos. Nunca tinha percebido. Mal dá para ver. São uns filetes dourados, mas é como se estivessem muito longe, no fundo. São umas coisas que têm nos olhos dos bruxos.

Gabriel sorri.

— Vamos lá para fora.

Ele me ajuda a levantar. Fico melhor assim que saio do castelo, e a intensidade é maior do que qualquer coisa que eu já senti. O ar traz uma sensação e um sabor tão incríveis que fico quase embriagado ao respirar. Sento-me na grama, e o animal dentro de mim desperta e volta a me encher de adrenalina, mas só isso, apenas a alegria de estar livre.

Van e Nesbitt se aproximam. Van coloca uma bandeja no chão, entre Gabriel e eu. Nela há uma tira longa e fina de couro, uma

tigela contendo a poção, dois pequenos cálices de pedra e mais uma coisa: uma estaca de madeira com cerca de trinta centímetros de comprimento que vai se afunilando de cada lado, de modo que as duas extremidades são bem afiadas, mas o meio tem quase a espessura de um lápis.

Não sei para que serve a estaca. Van não falou sobre isso. Achei que íamos cortar as palmas das nossas mãos e apertar uma contra a outra, mas não tem uma faca à vista, e tenho a horrível sensação de que a estaca de madeira vai servir para isso.

Van pega a poção e serve as duas taças. Então as entrega para nós.

— Bebam.

Olhamos um para o outro e, juntos, erguemos as taças e bebemos. O gosto é horrível e farelento, como se o líquido na verdade fosse lama.

Baixo o braço para pousar a taça, e a bandeja já parece meio estranha, como se estivesse distante demais, e minha mão não pudesse alcançá-la. Nesbitt pega a taça.

Van ergue a estaca de madeira pontiaguda. Ela a segura com delicadeza entre mim e Gabriel.

— Nathan, estenda a palma da mão direita contra uma ponta. Gabriel, a mão esquerda. Concentrem-se na estaca.

Faço o que ela pede, e isso ajuda. A estaca é a única coisa que não está se movendo ou fora de foco.

— Empurrem até encostar as mãos — diz Van.

Eu sorrio, porque a ideia parece estranhamente boa, então empurro e fico olhando a ponta de madeira sair pelas costas da mão. Espero sentir dor, mas tudo o que sinto é calor e euforia ao ver o sangue escorrer da extremidade pontiaguda. Sinto a palma da mão ficar quente no centro, então sinto a mão de Gabriel roçar na

minha, nossos dedos se entrelaçam e o sangue escorre pelos pulsos.

Com a tira de couro, Van amarra nossas mãos unidas.

— Não curem — diz. — Vou girar a estaca e enfiá-la de novo à noite e ao amanhecer, até Gabriel estar de volta.

É como se estivesse flutuando para fora do corpo. Observo Gabriel e eu baixarmos os braços para que as mãos presas pela estaca descansem no chão entre nós dois. A bandeja desapareceu.

Sinto um desejo de tocar a estaca, então estico a mão. Encosto a ponta dos dedos na extremidade que sai por trás da mão de Gabriel. Envolvo-a com os dedos, e, ao fazer isso, uma sensação horrível percorre todo o corpo. No instante seguinte, estou em pânico. Lama se ergue do chão, borbulhando por toda a volta, e não há mais chão, e só consigo ver lama. A única coisa que sinto é a mão de Gabriel na minha.

a primeira estaca

Acordo zonzo, confuso e com o corpo dolorido. Abro os olhos. É dia, está claro e ensolarado, e o céu acima de mim é de um azul profundo e perfeito. Olho ao redor e reconheço o terraço do telhado do apartamento de Genebra. Gabriel está comigo, segurando minha mão da mesma forma que fez quando estávamos prestes a atravessar a fenda para encontrar Mercury. Ele está agachado, olhando para o outro lado, com o cabelo caído na cara e de óculos escuros. Sua mão esquerda segura minha mão direita.

E de algum modo sei que preciso chegar até a fenda, que aquela é a saída, o caminho para encontrar o verdadeiro Gabriel. Estou agachado no canto do terraço, de costas para o telhado inclinado. A fenda fica acima da calha. Já vi Gabriel usá-la, estive com ele quando deslizou a mão para dentro dela. Agora preciso encontrá-la, ficar atento a Gabriel e descobrir aonde a fenda vai nos levar.

Estou confiante de que vou conseguir. Sei onde fica a fenda. Levanto a mão esquerda e a enfio no espaço acima da calha.

Nada acontece.

Talvez eu tenha errado. Um pouco mais alto, acho. Mesmo assim, nada acontece. Então deve ser um pouco para a esquerda. Não! Então para a direita. Outra vez não. Então mais para baixo. Talvez eu esteja indo depressa demais, agindo com muita impaciência.

— Onde está a fenda? — pergunto a Gabriel.

Ele não responde, e eu me viro para encará-lo, irritado. Gabriel sabe onde fica a fenda... deveria me ajudar.

Mas, quando me viro, vejo para o que ele está olhando. Há alguém parado na cumeeira do telhado. Uma mulher. Alta. Magra, vestida de preto — uma caçadora. E, enquanto olho para ela, mais caçadores surgem e ficam nos observando. Minha mão esquerda procura a fenda em desespero.

— Onde está? Onde está?

Posso sentir sua mão apertar a minha, mas Gabriel não responde, então grito para que ele diga onde fica a fenda. Passo muito tempo tentando encontrá-la, e os caçadores começam a vir em nossa direção.

Agora deve haver uns vinte deles, mas outros sobem pela janela para o terraço. E, mesmo assim, continuo procurando, desesperado, gritando para que Gabriel me ajude.

— Onde está? Onde?

Mas ele não responde. Os caçadores estão por toda a volta. Parados bem perto de nós. Cada um carrega um cassetete como o que Clay usou em mim na primeira vez que me encontrou. Ele me deixou inconsciente com aquilo. Uma caçadora ergue o braço e golpeia, acertando o ombro de Gabriel, e sinto a pancada subir, reverberando pelo meu braço. Outra caçadora golpeia o rosto de Gabriel com força, fazendo sangue e dentes voarem, mas tudo o que sinto é uma onda de choque subindo pelo braço. Mais uma caçadora se aproxima, e tento proteger Gabriel com o corpo, mas estou preso no lugar, e tudo o que posso fazer é observar enquanto eles formam um muro negro ao redor de meu amigo, alternando-se para avançar e atacá-lo. Ninguém me bateu. Nada me feriu. E sei que preciso encontrar a fenda. Se eu conseguir encontrá-la, vamos escapar. Mas minha mão esquerda nem se mexe mais... estou paralisado.

Então Soul chega ao terraço pela janela. Ele sorri para mim e diz:

— Sempre gostei de você, Nathan. Obrigado por trazer esse bruxo das Sombras para mim.

Ele se afasta para o lado, e vejo que está junto ao sr. Wallend, que traz um par de tesouras cirúrgicas cromadas reluzentes.

— Não vai doer nem um pouquinho, sério — diz o sr. Wallend.

Ele fecha a tesoura, e dou risada, porque não dói mesmo. Meu mindinho é cortado e agora repousa na palma de sua mão. Ele o coloca dentro de uma garrafa e fecha a tampa com uma rolha grande, então ergue sua obra-prima e sorri para mim. O vidro se enche de fumaça verde. E parece que eu também estou cercado por uma névoa verde.

Estou sufocando nela. Não consigo respirar e preciso puxar o ar com força, então ouço o sr. Wallend dizer:

— Atire no bruxo das Sombras. Atire nele e conseguirá respirar outra vez.

Sinto uma arma em minha mão esquerda. Estou sufocando. Em meio à névoa, vejo a silhueta cinzenta de Gabriel, e sei que vou morrer. Não consigo respirar. Preciso respirar. Sei que tenho apenas alguns segundos.

— Atire nele. Atire nele — manda Wallend.

— Não.

Então Wallend toma a arma de mim, aponta-a para a cabeça de Gabriel, puxa o gatilho, e a fumaça verde me envolve por completo.

*

Meus olhos se abrem, e Gabriel segura minha mão e me olha fixamente, e sei que teve a mesma visão que eu. Balanço a cabeça.

— Não é real.

Mas, antes que Gabriel responda, a dor na mão toma conta de mim. Van está girando a estaca. Minha mão estava quente e

dormente, mas agora está febril e latejante. Percebo que anoiteceu. Um dia inteiro se passou, mas pareceram minutos.

— Mais poção — diz ela. — Depois vou enfiar a estaca de novo.

Van estende outro pequeno cálice para nós. Os olhos de Gabriel estão fixos nos meus. Quero dizer a ele que vou garantir que nós dois vamos sobreviver. Não vou deixar que a gente morra. Quero a bebida logo. Quero me sentir tonto e desconectado, então engulo de uma vez e faço careta ao sentir o sabor amargo, depois deixo o cálice cair. Gabriel também terminou de beber a dele.

— Vou encontrar o caminho, na próxima vez — digo a ele.

Gabriel concorda com a cabeça.

— Agora vou tirar essa aqui e enfiar outra estaca — diz Van.

Fico surpreso ao notar que a retirada da estaca não dói. É uma sensação boa, um alívio. Minha mão está quente e dolorida. Van ergue uma estaca recém-preparada e encosta a ponta afiada no ferimento de minha mão. Ela pressiona a madeira, e a dor é absurda e intensa. Eu engasgo e...

a segunda estaca

Estamos escalando uma encosta de pedra nua. Gabriel está acima de mim e me ajuda a alcançar uma saliência estreita, me puxando pelo braço até eu estar a seu lado, nossos braços se tocando. Olho em volta. Estamos nas montanhas: Suíça, a julgar pelas encostas verdes abaixo e pelos picos cobertos de neve ao longe.

— Eles estão chegando.

Gabriel aponta para o vale abaixo, indicando os inúmeros pontos pretos, que mais parecem formigas rastejantes — só que vêm em nossa direção.

— Precisamos ir — digo, e me dirijo montanha acima.

— Fica muito longe? — pergunta Gabriel.

— Logo do outro lado desse morro — respondo. — Não muito longe.

E, de algum modo, sei que estou certo. Se conseguirmos passar o cume, estaremos em segurança. Encontraremos o caminho de volta do outro lado.

Começo a caminhar e, pela primeira vez, escalo mais rápido que Gabriel. Ele vai ficando para trás. Mas é uma rota fácil, e sei que vai me alcançar. Estou quase no topo quando uma névoa cinza desce sobre nós. Há trilhas estreitas, todas idênticas, cada uma com cerca de trinta centímetros de largura. Parece uma teia de aranha abrindo caminho por entre as rochas. Sigo uma delas, que me leva à beira de um precipício. Depois sigo outra, e chego à beira de um

precipício diferente. Corro de volta, mas não tenho ideia de por que caminho subi ou para que lado descer.

— Gabriel! — chamo. — Gabriel!

— Aqui! — responde uma voz, mas sei que não é a dele.

Corro em pânico e vejo uma figura na névoa, então paro e volto pelo mesmo caminho, pois sei que é outro caçador. Corro em uma direção diferente e chamo Gabriel outra vez. Alguém responde, mas, como antes, sei que não é Gabriel.

Paro e tento me acalmar. Sei que consigo resolver isso. Sigo uma trilha até o fim e passo por cima de uma enorme pedra solta, longa, lisa e plana. Então me penduro para baixo e chego a duas rochas grandes e compridas. Passo entre elas, me espremendo. A névoa se dissipa por alguns instantes, e vejo o vale abaixo. Um novo vale verde sem caçador nenhum. A trilha é íngreme, mas fácil de descer. Grito, chamando Gabriel.

Ele não responde.

— Achei o caminho! — grito. — Achei!

Espero mais.

— Gabriel?

Nada acontece. A névoa permanece lá, tão densa e cinzenta quanto antes.

Sei que preciso voltar para buscá-lo. Digo a mim mesmo que vou conseguir me lembrar do caminho por cima da rocha lisa e entre as duas pedras compridas. Volto sem fazer barulho, abaixado, na esperança de me esgueirar entre os caçadores — se houver algum ali — sem ser visto. Formas negras se movem em alguns pontos e depois somem, e eu me encolho. Escolho um caminho diferente e ouço um grunhido, e sei que é Gabriel. Sei que o pegaram, que estão batendo nele. Dou um passo à frente e ouço outro grunhido à direita, então vou atrás. Ainda mais à direita, vejo uma forma negra

de pé por cima de outra, e reconheço Kieran. Ele está segurando uma arma e olha para mim quando chego mais perto. Digo a mim mesmo que Kieran está morto, que ele não pode fazer mal nem a Gabriel e nem a mim.

Gabriel está caído no chão a seus pés.

Kieran dá um chute bem forte, e Gabriel geme e rola para a frente dele. Está com os olhos abertos, fixos em mim, e diz:

— Nathan.

Kieran aperta o cano da arma na nuca de Gabriel.

Não posso fazer nada além de implorar, implorar e implorar.

— Por favor, não. Por favor.

Fico pensando, sem parar, que Kieran está morto, que aquilo não é real. Kieran está morto.

— Mas você me matou. Então eu vou me vingar — diz Kieran.

Então ele puxa o gatilho e...

a terceira estaca

Van está retirando a estaca. Gabriel está sentado bem perto de mim, com a cabeça baixa. Ele está coberto de suor. Eu também.

— Descobri o caminho, mas temos que ficar juntos — digo.

— É, juntos — murmura ele.

Van dá a cada um de nós outra dose da poção. Enquanto Gabriel bebe, ela o ajuda a segurar o cálice. Está clareando, mas não sei bem que dia é ou há quanto tempo estamos ali.

Van empurra a estaca através da ferida já existente. Tudo agora está dolorido, quente e agonizante. Agarro a estaca quando ela surge do outro lado da mão de Gabriel.

— Vamos ficar juntos — digo, mas sinto minha voz fraquejar e já começo a tombar para a frente.

*

Acordo deitado no chão em uma floresta. As árvores não são muito antigas, são bem altas e finas. Vidoeiros-brancos.

— França — diz Gabriel. — Verdon. — A voz dele soa alegre.

— Seu lugar favorito — digo.

Nenhum de nós se mexe. Eu só quero ficar aqui, neste lugar especial, observando as árvores.

— Me leve ao País de Gales — pede ele. — Seu lugar favorito.

Estou prestes a dizer que é perigoso demais quando me dou conta de que posso fazer isso. Quero mostrar a ele o lugar que amo.

Quero voltar lá. Eu me levanto, e Gabriel acompanha o movimento, minha mão segura firme a dele. A encosta das montanhas se estende à frente, e pergunto:

— O que tem nessa direção?

— O desfiladeiro — responde Gabriel.

Não sei como chegar ao País de Gales, e olho ao redor para ver se há caçadores escondidos nas árvores.

— Você viu algum caçador? — pergunto.

— Não — responde ele.

— Sabe como chegar ao País de Gales?

— Não. Você me mostra.

Mas não sei para que lado ir: o desfiladeiro é íngreme demais para descer, e tudo o mais ao redor é só mato e arbusto.

Fico ali parado. O País de Gales fica para o norte, mas a centenas de quilômetros. Talvez a gente pudesse caminhar nessa direção. Não há caçadores, não há nada para nos deter. Só preciso escolher a direção certa e seguir em frente. E, mesmo assim, fico ali parado. Tenho uma sensação muito estranha. Uma sensação que nunca pensei que teria. Por alguns segundos, quero estar na jaula de novo, para não precisar tomar decisão nenhuma. Mas escapei da jaula. E, assim que me lembro disso, tão logo percebo que estou livre para ir aonde quiser, sinto a adrenalina animal. Então sei o que fazer.

Saio correndo.

Seguro firme a mão de Gabriel e corro depressa pela floresta, descendo a encosta. Estamos indo cada vez mais rápido, e a única coisa à nossa frente é o desfiladeiro. E acelero ainda mais, vou ainda mais rápido, agarrando os dedos de Gabriel. Quando chego mais perto, vejo como o desfiladeiro é largo e profundo. Escuto meu outro eu, meu lado selvagem, falando em minha cabeça. Tenho

vontade de dar risada quando ele ruge para mim — não é um rugido de medo ou terror, é mais como se ele dissesse: “Isso aí!” Mas só consigo correr cada vez mais rápido e saltar para a frente, para longe do precipício. De algum jeito, encontro uma fenda no ar e sou sugado por ela, ainda agarrado a Gabriel e ouvindo os urros do animal dentro de mim. E giramos pelo túnel negro da fenda, rodando depressa na direção da luz, que nos atinge com força como se fosse o chão.

Estamos na encosta de uma montanha, e o cheiro, o ar, a umidade, a luz... tudo indica que estou de volta ao País de Gales. A encosta é coberta de grama verde, com algumas rochas nuas, e, à direita, há um riacho sinuoso. Gabriel ainda está segurando minha mão, e noto que estamos presos um ao outro pela tira de couro e pela estaca.

Vamos até o riacho e bebemos. A água é pura, fria e cristalina. Estou em casa. O animal dentro de mim também sabe disso. E acho que sei o que fazer.

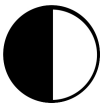
Seguro a estaca e a enfio na terra ao meu lado. Nada acontece. O animal dentro de mim uiva em reclamação. A terra é o caminho, mas não fiz do jeito certo. Seguro a mão de Gabriel com firmeza, olho fixo em seus olhos e puxo seu corpo para perto do meu. Estamos separados por nossas mãos entrelaçadas, com a estaca entre nós, acima do coração de cada um. Então anuncio:

— Este é o caminho de volta.

Empurro Gabriel e me jogo para a frente, sentindo a estaca entrar em meu peito — em meu coração — ao mesmo tempo em que penetra a terra e o coração do animal. A terra, meu sangue e meu espírito se misturam. A terra ampara meu corpo, e sinto algo percorrendo a estaca de madeira até meu ferimento. No meio de tudo, a mão de Gabriel ainda segura a minha.

*

Abro os olhos e o vejo olhando para mim. Seus olhos agora são de bruxo das Sombras. Castanho-escuros com traços de ouro e chocolate, girando, sumindo e explodindo.



parte três

na estrada

virar o obama

Gabriel — o novo Gabriel — toma banho primeiro. Estamos de volta ao quarto dele. Já me curei, agora tenho uma ferida recém-fechada redonda nas costas e na palma da mão para se somar às outras cicatrizes. Eu me curei em poucos segundos. A mão de Gabriel também já cicatrizou. Fiquei olhando. Ele levou uns vinte minutos, mas um félix levaria semanas. E não parava de sorrir. Deve ter sido uma mistura da euforia causada pela cura com a felicidade de voltar a ser ele mesmo.

As pernas dele não estão muito firmes, mas Gabriel insiste que tomar banho é mais importante do que comer. Eu estou morrendo de fome e sono, porém, mais do que tomar banho ou comer, quero ficar com Gabriel. Ele está tão feliz, tão confiante. Tão Gabriel.

Van entra no quarto.

— Você se saiu muito bem, Nathan. E vai gostar de saber que quero avançar logo no plano. Amanhã preciso ir a Barcelona para uma reunião da Aliança. Partiremos depois do café da manhã.

A porta do banheiro da suíte abre só um pouquinho, e parte do corpo de Gabriel aparece ali, de peito nu e com uma toalha presa na cintura. Ele está com o cabelo molhado e um sorriso largo; nos olhos marrom-café, os tracinhos de ouro se movem preguiçosamente ao redor das íris.

— Tenho a sensação de que essa discussão não é apenas sobre o que teremos para o café — comenta.

— Nathan vai explicar — responde Van. — Partiremos em breve, mas primeiro vamos comer e celebrar um pouco. Não é sempre que essa poção funciona.

E ela sai do quarto.

— Acho que é esse tipo de comentário que ela acha que é uma piada — digo, virando-me para Gabriel.

— É — concorda ele, e abre a porta de vez. — E aí, o que acha?

— Do seu novo eu?

Ele concorda com a cabeça.

— A versão original.

Então ergue os braços e dá uma volta lenta, para que eu possa admirá-lo de todos os ângulos.

— Você está... incrivelmente parecido com a versão félix. Só que esse sorriso está tão grande que vai partir seu rosto ao meio.

Ele sorri ainda mais.

— Mas seus olhos estão diferentes, bem diferentes. E tem mais alguma coisa. Dê outra volta. — Eu o observo com atenção, tentando analisá-lo, mas não encontro o que apontar, exatamente. — Acho que é o jeito como bruxos das Sombras se movem, mas não sei dizer bem o que é. — Ele quase não está se mexendo, mas tem alguma coisa diferente em sua postura. — Você parece mais confortável, mais relaxado. — Dou de ombros. — Mas não tenho certeza se é isso. Você sempre parece à vontade.

Ele se vira para mim e contém o sorriso para conseguir responder.

— Obrigado. Vindo de você, isso é um grande elogio.

— Isso não é um elogio. Eu só estou tentando descrever o que vejo.

— E o que estou tentando dizer é que... — ele hesita, e acho que fica até um pouco corado — ... que você se sente muito confortável em seu próprio corpo.

— Eu?

Para alguém que sempre tem opiniões tão acertadas sobre os outros, ele não podia estar mais enganado.

— Eu achava que entendia você, mas agora, mais do que nunca, vejo como você é um bruxo poderoso — retruca ele. — Seu verdadeiro dom é sua conexão com o mundo físico, e, quando fomos ao País de Gales...

— Nós não fomos ao País de Gales de verdade. Estávamos em transe.

— Nós fomos ao País de Gales. Você, seu animal e eu. Nós estávamos lá. Não sei bem como descrever o que aconteceu, mas você se tornou parte da terra, e a terra se tornou parte de você.

Balanço a cabeça em um movimento breve e estou prestes a repetir: “Nós não fomos ao País de Gales”, mas não digo. Não sei bem o que aconteceu. Não sei aonde fomos. Mas o que aconteceu foi importante, e o animal dentro de mim também despertou.

*

— E então? — pergunta Nesbitt, virando-se para Gabriel enquanto empilha bacon entre duas torradas e segura o sanduíche diante de si, para dar uma mordida. — Você consegue virar o Obama?

Gabriel dá um suspiro dramático.

— Esse é o problema com o meu dom. Todo mundo acha que sou uma espécie de macaco de circo. “Vire o Obama!” “Vire a Marilyn Monroe.” “Eu queria tanto ver a Princesa Diana”, “Hitler”, esse tal de “Kanye West”. — Ele está reclamando, mas não para de sorrir.

Estamos sentados a uma mesa de jantar ridiculamente comprida. Nesbitt preparou e serviu um bufê para vinte pessoas. Ovos mexidos, bacon, salsichas, cogumelos, tomates, um tipo de peixe,

mingau, ovos cozidos, bagels, mel, presuntos e queijos. Metros de comida em exposição. Van está comendo torrada e bebendo café.

Então surge uma dúvida na minha cabeça.

— Mas eles são félixes. Você se transformou neles?

— Sim.

— Mas não ficou preso na forma deles?

— Não, só fiquei preso em meu próprio corpo de félix.

— Quando estava incorporando o Obama, Gabriel apenas assumiu a aparência externa — explica Van. — Por dentro, ainda era ele mesmo. Estava experimentando a aparência de um félix. Mas, quando tomou a decisão mais radical de tentar *ser* um félix por dentro... Foi aí que ficou preso. Ele se transformou bem demais.

— Sou talentoso demais para meu próprio bem.

— É, Gabriel, você tem uma habilidade maravilhosa. Mas, por favor, nada de transformações por enquanto. Vamos aproveitar que o temos de volta como você mesmo.

Nesbitt começa a limpar a mesa. Está bem à minha frente quando diz:

— Ainda quero ver Nathan se transformar. Não sei bem o que ele vira: lobo ou cão selvagem.

— Quer passar a noite comigo e descobrir?

— Não, obrigado, meu caro. Não quero ser o café da manhã, prefiro prepará-lo.

— Sabe, Nesbitt, eu acho que não comeria você. Imagino que não seria muito bom. A carne é gordurosa demais para o meu gosto.

— Não se preocupe comigo, garoto. Assim que você começar a se transformar, saco minha arma e dou uns tiros.

Eu o encaro, mas, antes que eu consiga pensar em qualquer coisa para dizer, ele acrescenta:

— Não fique tão assustado, meu camarada, minha pontaria é muito boa. Seria só um machucadinho. Você se cura rápido, não ia causar nenhum dano.

E, pelo tom, sei que ele está falando sério. Então me viro para Gabriel e murmuro:

— As pessoas pedem para você mostrar seu dom se transformando no Obama. Quando o assunto é o meu dom, atiram e depois dizem que “não causa nenhum dano”.

Estou tentando manter a conversa animada e tranquila para Gabriel. Preciso ignorar Nesbitt, mas, quando vou pegar mais pão, vejo nas costas da mão todas as cicatrizes e a tatuagem preta. Então tenho vontade de me virar para Nesbitt e gritar que dói, sim, que cada cicatriz doeu, e meu corpo está coberto de cicatrizes que curei depressa, mas todas doeram, e não sei de uma única que “não causou nenhum dano”.

Levanto, empurro a cadeira para trás e saio da sala dizendo:

— Achei que estivéssemos de saída.

barcelona

Estamos de volta ao carro, saindo da casa em alta velocidade, levantando uma cortina de cascalho. Nesbitt está dirigindo. Gabriel e eu estamos sentados no banco de trás.

— Você disse que ia a um encontro da Aliança, mas ainda temos que encontrar Annalise — falo para Van. — Essa é nossa prioridade.

— Estamos trabalhando nisso. Precisamos encontrar a casa de Mercury. E Mercury confiava essa informação a poucas pessoas. Pilot é uma delas.

— Então vamos encontrar essa Pilot? — pergunto.

— Vamos, assim que descobrirmos onde ela está — retruca Van. — Ela se mantém quase tão nas sombras quanto Mercury. Fugiu de Genebra quando Clay e os caçadores chegaram e parecia estar a caminho da Espanha, mas não sei em que lugar, é um país grande.

— Então o que vamos fazer?

— Vamos falar com Isch, uma fornecedora. Ela poderá nos ajudar.

— Fornecedora de quê?

— De tudo que um bruxo das Sombras pode querer. Ingredientes, informação, assistência.

— E essa reunião da Aliança que você mencionou também é em Barcelona?

Van dá um trago no cigarro.

— Por sorte.

Mas sua expressão séria e tensa não me faz sentir nem um pouco sortudo.

*

Dirigimos direto para Barcelona, parando apenas uma vez, para trocar de carro, e usando a fumaça noturna para tornar as coisas suportáveis, depois que escurece. Na manhã seguinte, estacionamos em uma rua comercial e movimentada de Barcelona. Nesbitt está com uma cara horrível, com a barba por fazer, e comento isso com ele.

— Você também está uma maravilha — retruca Nesbitt, apenas.

Estamos amarrotados e cansados, com exceção de Van, é claro, que parece tão descansada quanto na manhã de nossa partida e arrumada como sempre. Gabriel fica bem de qualquer jeito, amarrotado ou não.

Nesbitt sai do carro para buscar duas pizzas para mim e Gabriel. Vamos esperar lá dentro enquanto os adultos tratam de negócios.

Quando Nesbitt volta, Van olha com nojo para as caixas de pizza.

— Por sorte, Isch é muito hospitaleira. Tenho certeza de que comeremos bem na casa dela. Ela viaja durante quase o ano todo, mas sempre passa algumas semanas em Barcelona, no verão.

Já é agosto, e só posso torcer para que Isch saiba onde está Pilot, pois tenho certeza de que estamos ficando sem tempo para ajudar Annalise. Já se passaram dois meses desde meu aniversário, dois meses desde que ela foi imersa naquele sono. Não sei dizer se tudo o que estou fazendo é em vão e Annalise já está morta, de qualquer jeito. Mas, como sempre, é melhor não pensar muito nisso.

— Deixe Nathan longe das vistas de todos, Gabriel — orienta Van.

— Eu estou aqui. Você pode falar direto comigo.

— Sim, é claro. — Van se volta para mim. — Por favor, não saia do carro. Não faça nada até que a gente volte.

— Não queremos que um caçador solitário veja você — explica Nesbitt.

— Você é que é especialista em ser visto — retruco.

Nesbitt abre a boca mas, para variar, fica sem palavras. Parece genuinamente arrependido.

— Quanto tempo vocês vão demorar? — pergunta Gabriel. — Quando é que devemos começar a nos preocupar?

Van abre um sorriso.

— Vocês não precisam se preocupar com a gente, sério. Levaremos algumas horas, talvez mais. Não podemos nos apressar, é preciso sempre ter boas maneiras.

Já estamos no meio da manhã, e o sol de agosto esquenta o carro. Eu me espalho pelo banco de trás, abro uma das caixas de pizza e começo a comer uma fatia.

Mas Gabriel diz:

— Eu vou atrás deles. Fique aqui.

Então sai do carro e segue os dois pela rua.

Eu o alcanço em poucos segundos e informo a ele:

— Vou com você.

— Tudo bem, mas fique bem para trás. Eu vou atrás deles. Você me segue.

Fico para trás enquanto Gabriel entra em uma ruela, mas não o perco de vista. Ele avança depressa por uma ruazinha secundária, que é mais escura e bem mais silenciosa. Sigo-o por mais algumas ruazinhas, ainda mantendo distância, então ele entra à direita, e, quando chego à esquina, já desapareceu.

Merda!

Aquela ruela é ainda mais estreita, com casas de quatro andares. Avanço bem devagar. Todas as portas estão fechadas, e não consigo ver através das janelas sujas. Chego a um beco sem saída e me viro para voltar, então Gabriel surge de uma porta à esquerda. Ele gesticula para me chamar.

— Eles estão aí dentro. É um tipo de reunião. Acho que essa é a casa de Isch, mas os ouvi mencionar a Aliança. Você quer tentar escutar?

Concordo com a cabeça.

Gabriel se volta para a porta da casa, que se fechou de novo.

Ele tira um grampo de cabelo do bolso da jaqueta. O negócio tem um crânio bizarro na ponta, mas já o vi antes. É um dos grampos que destrancam portas.

— Você roubou isso de Mercury? — pergunto.

Gabriel balança a cabeça.

— Rose me deu.

Ele enfia o grampo na fechadura, abre e empurra a porta bem lentamente. Eu o sigo para dentro. Parece a entrada de um grande apartamento. Sinto cheiro de comida na sala mais à frente. Vou atrás de Gabriel, subindo as largas escadas de pedra, e passamos por uma porta no andar de cima que dá para uma sala de jantar. No outro extremo da sala, portas duplas e altas levam a uma sacada estreita, que se estende por todo apartamento. A sacada dá para a sala de jantar, mas também para o aposento adjacente, que está com as portas externas abertas. Fico encolhido contra a parede, fora do campo de visão do aposento, mas perto o suficiente para ouvir as pessoas falando lá dentro.

Ouço a voz de Van. Ela está falando sobre um bruxo das Sombras. Parece estar avaliando as chances de essa pessoa se

unir à Aliança. Nesbitt dá sua opinião, que não é muito positiva. Uma voz feminina intervém. Van responde. Chama-a de Isch.

Então escuto outra voz, e a identifico na mesma hora. Eu a reconheceria em qualquer lugar. Fico sem fôlego. Meu primeiro impulso é fugir. Olho para Gabriel. Ele nota que há algo errado e me prende contra a parede. Consigo me segurar e me acalmo, respirando fundo.

Gabriel pergunta, movendo os lábios sem emitir som:

— *Qual é o problema?*

— Está tudo bem. Estou bem — sussurro.

Ele lança um olhar questionador para mim.

— Eu estou bem — insisto, encarando-o de volta. E acho mesmo que estou. — Sei quem está lá dentro. Sei por que não queriam que eu viesse.

Ele continua me encarando intensamente.

— Quem?

É estranho, mas não consigo dizer o nome dela. Balanço a cabeça, sentindo como se tivesse voltado a usar o enforcador e não conseguisse respirar. E me lembro de todas as vezes que ela me bateu, acorrentou e deixou surdo com seu dom. Afasto Gabriel, saco a faca e entro pela porta aberta, enquanto respondo:

— Minha professora e guardiã.

minha professora e guardiã

Celia se levanta. Ela continua se vestindo da mesma forma: uniforme militar, composto de botas pretas, calças de brim verde e camisa verde. O cabelo continua curto e espetado, tão ralo que dá para ver o couro cabeludo. O rosto continua pálido e feio como sempre.

— Nathan. Que bom ver você.

Ela fala como se eu fosse um velho amigo e estivéssemos há algumas semanas sem nos encontrar.

Balanço a cabeça.

— Não. Não é bom, não.

Dou um passo à frente, ainda com a faca na mão. Nesbitt se levanta, e vejo que está apontando uma arma para mim. Gabriel também dá um passo à frente, apontando a arma para Nesbitt.

— O que está acontecendo? — pergunto. — Por que ela está aqui?

Van fica de pé e gesticula para que Celia se sente.

— Celia está trabalhando com a Aliança. Ela é uma das bruxas da Luz rebeldes que estão nos ajudando a derrubar Soul, o Conselho e os caçadores.

Eu balanço a cabeça.

— Não.

Van se pronuncia outra vez:

— Nesbitt, por favor, guarde essa arma. Tenho certeza de que Nathan não vai fazer mal a nenhum de nós.

Nesbitt gira o revólver no dedo.

— Eu não mataria você, garoto. Você sabe disso.

Ele guarda a arma de volta no bolso interno da jaqueta.

— Gabriel, por favor, você também — pede Van.

Mas ele mantém a arma apontada para Nesbitt.

— Só quando Nathan mandar.

— Aponte para a caçadora da Luz, Gabriel — peço, e ele vira o braço e aponta a arma para Celia.

Van dá um suspiro.

— Nathan, era exatamente por isso que eu não queria que você viesse, não antes de eu conhecer Celia e ter uma chance de conversar com você, explicar como a Aliança vai funcionar e quem está se juntando a ela.

— E você espera que eu me junte!? Com ela no grupo!?

— É, espero. — Van se senta e pega a cigarreira. — Quem você pensou que estaria envolvido, Nathan? Quem? Só os bruxos da Luz bonzinhos? Precisamos de lutadores, de gente que saiba como os caçadores operam, e posso lhe garantir que não há pessoa melhor do que Celia para isso.

Van acende o cigarro, dá um trago profundo e sopra a fumaça vermelha na minha direção. Não acho que ela esteja tentando me acalmar com alguma poção, e sim mostrar como está irritada.

— Eu não ia contar sobre Celia até resgatarmos Annalise, mas talvez seja melhor assim. Se você não consegue trabalhar com Celia, pode ir embora e viver bem longe, embaixo de uma pedra, não ligo. Se quiser minha ajuda para resgatar Annalise, vai ter que ser parte da Aliança, e isso significa trabalhar com Celia.

Van sabe que, na verdade, não tenho opção. Mas também deve saber que ainda posso desistir depois que ela cumprir sua parte no

acordo. Acho que está supondo que terei a obrigação moral de ajudar a Aliança depois que ela me ajudar. Bem, veremos.

Ela dá outro trago no cigarro e diz:

— Por favor, Nathan, diga a Gabriel para baixar a arma.

Hesito, então guardo a faca com movimentos exagerados, para mostrar o que estou fazendo.

— Gabriel, por favor, me dê sua arma — peço.

Ele a estende para mim sem hesitar. Eu a pego, vou até Celia e empurro o cano contra a testa dela. Quero saber como é a sensação de poder fazer isso, de ter poder sobre ela, para variar.

Celia me encara. Seus olhos são azul-claros com leves traços de prata. Imito o som de tiro, e ela nem pisca. Mantenho a arma ali, aproveitando a sensação.

Então digo a ela:

— Você não usou seu dom.

Ela poderia me deixar de joelhos, se quisesse.

— Não vou usá-lo em você, Nathan. Agora estamos do mesmo lado.

— Estamos mesmo? — Não tiro os olhos de Celia, mas pergunto a Van: — Como sabe que ela não é uma espiã?

— Ela é uma espiã, Nathan. Ela espiona para nós. Celia tem fornecido informações úteis sobre Soul, o Conselho e os caçadores.

— Estou na Espanha em negócios oficiais do Conselho, Nathan — explica Celia. — Eles me tiraram da aposentadoria. Vim aqui para rastrear alguns dos bruxos das Sombras em uma lista de mais procurados. Você vai gostar de saber que seu nome está no topo, junto com o de seu pai.

— Eu sou um meio-código.

— Desde que fugiu do prédio do Conselho, você foi designado como das Sombras. Não sei o quanto Van contou, mas sua fuga

provocou muitas mudanças. Soul assumiu o Conselho, e o amigo dele, Wallend, está livre para fazer o que quiser. E é por isso que estou ajudando a Aliança. Não gosto muito de alguns bruxos das Sombras, Nathan, você sabe disso, mas também não gosto de criminosos nem de monstros. Soul é um criminoso, e Wallend, um monstro.

— Você não parecia se importar muito com Soul ou Wallend antes. Não parecia achar ruim ter que me manter preso em uma jaula sob ordens de Soul.

— Como eu disse, as coisas mudaram desde que você fugiu.

— É. Agora sou eu quem está com uma arma apontada para a sua cabeça.

Ela me encara, ainda calma, ainda a mesma Celia controlada.

— Entendo que esteja com raiva de mim, Nathan. Mas não sou sua inimiga. Nunca fui.

Eu a xingo. E xingo de novo.

— Soul é seu inimigo. Ele é inimigo de todos os bruxos decentes, assim como Wallend. Os dois são corruptos. Soul é um perigo para todos, das Sombras ou da Luz. Passei a vida protegendo bruxos da Luz dos perigos dos das Sombras, mas Soul agora é uma ameaça maior à comunidade do que os das Sombras. — Ela pisca. — Eu acredito nisso de verdade, Nathan.

— Estou apontando uma arma para a sua cabeça. Sou um perigo para você.

— Bem, é verdade. Mas, se você não puxar o gatilho, vou trabalhar junto com a Aliança para derrubar Soul e seus comparsas. Não dá para fazer isso com um grupo apenas de bruxos da Luz, que ou estão no bolso de Soul ou são fracos demais. Se alguém reclama dele, é castigado.

Penso em Arran e Deborah, mas não consigo perguntar sobre eles. Não quero que Celia me conte o que aconteceu com os dois.

— Por favor, Nathan, abaixe a arma — pede Van.

— Não.

— Tenho provas das atrocidades que Celia descobriu. — Van estende alguns papéis para mim. — Fotos de bruxos da Luz sendo julgados e executados por se oporem ao regime de Soul, memorandos sobre cada um deles. Detalhes de quem, quando e onde. Sentenças de morte assinadas por Soul. — Ela folheia mais papéis. — Os bruxos das Sombras na França estão sendo dizimados. Tem listas de nomes.

— Não estou interessado.

— Mas deveria. — A outra mulher intercede. Deve ser Isch. Ela também está com papéis na mão. — Alguns bruxos das Sombras acreditam que não tenho sentimentos, que não me importo com os outros, mas essas coisas... — Ela estende uma folha de papel para mim. — Todos os bruxos deveriam se preocupar com isso.

Pego o papel. É uma fotografia de três pessoas: mãe, pai e filha. O pai está pendurado em uma viga pelo pescoço. Acho que estão em frente à casa onde moravam. A mãe e a filha estão de joelhos ao lado do enforcado. A mãe, com um machucado no rosto, está chorando. O rosto da filha está desfigurado. Sangue escorre de uma órbita ocular vazia. Uma faca está sendo enfiada na outra.

— Sua irmã, Deborah, se esforçou muito para conseguir essa informação. Ela está trabalhando para a Aliança. Acredita, assim como nós...

— Cale a boca.

Preciso pensar, mas não vou conseguir se estiverem falando sobre Deborah. Mas dá para acreditar que ela seja uma das

rebeldes da Luz. Ela não suporta injustiças. Então me concentro em Celia e digo:

— Na Grã-Bretanha, matam bruxos da Luz há anos. E Celia participava disso. Perseguiam bruxos da Luz que ajudavam bruxos das Sombras, e ela estava do lado dos que faziam isso.

— A maioria dos bruxos das Sombras fugiu da Grã-Bretanha, Nathan — diz Van —, e sei que muitos foram mortos. Mas agora é diferente. O que Soul está fazendo é um massacre. Já está em uma escala muito maior, e só está piorando.

— E Soul não é um perigo apenas para os bruxos das Sombras — completa Celia. — Nathan, seu pai matou minha irmã, mas Soul já fez coisa pior. Ele matou meu velho parceiro, um caçador aposentado, e minha sobrinha está no corredor da morte. O único crime deles foi se pronunciar contra o novo governo. Soul devia proteger os bruxos da Luz. Ele está nos traindo.

Sei que Celia não está mentindo. É o tipo de coisa que não faz. Ela pode ter escondido coisas de mim, enquanto eu era seu prisioneiro, mas não mentiu. Baixo o braço, dou as costas a todos e vou para a sacada em busca de ar.

isch

Gabriel está ao meu lado, sentado no chão da varanda. Não falo, não quero falar. Ainda estou com a arma na mão, mas já estou farto de armas, então a devolvo, e Gabriel guarda-a de volta.

Depois de mais alguns minutos, comento:

— Acho que talvez Celia saiba alguma coisa sobre Arran. Ele era constantemente vigiado pelos caçadores. Você pode ir até lá e perguntar sobre ele e Deborah?

— Posso, se você quiser. Mas por que você mesmo não pergunta?

Balanço a cabeça. Contenho as lágrimas com dificuldade, mas não sei por quê — acho que são as muitas memórias de meu tempo com Celia. Viro-me para Gabriel.

— Eu era só uma criança. Ela me acorrentou em uma jaula, me espancou... — Penso em todas as vezes que ela me bateu e usou o dom contra mim. — Eu tentei me matar por causa dela, Gabriel. Eu era só uma criança.

*

Uma hora mais tarde, Celia já tinha ido embora, e eu estava sentado na sala com os outros. Ela contou a Gabriel que Arran ainda está trabalhando em Londres, estudando para ser médico. Ele vai se juntar aos rebeldes por causa de suas convicções, mas está correndo perigo e é constantemente vigiado. Todos sabem que ele

odeia o Conselho. Deborah está trabalhando para o Conselho, cuidando dos arquivos. É um emprego de pouca importância, mas ela tem acesso a todos os registros antigos e também está conseguindo obter os recentes. Parece que ela tem um dom incrível que a ajuda nisso. Arrisca a vida todos os dias para enviar informações para Celia, que, apesar disso, espera que Deborah consiga fugir logo, pois está sempre sob suspeita.

Sinto dificuldades para me concentrar em qualquer coisa. Celia não estava na minha lista de ódio, e acho que não a odeio, mas estou com raiva. Parece que Gabriel tinha razão em relação a isso. Tenho raiva de quase todo mundo quase o tempo todo, e sinto ainda mais raiva agora do que quando era prisioneiro, porque agora posso olhar para o passado e ver a injustiça e a brutalidade com que me trataram, mas não posso fazer nada a respeito.

E, por mais que meus sentimentos em relação à Celia me deixem chocado, também me surpreende o modo como me sinto em relação a Gabriel. Ele confiou em mim. Sacou a arma para me proteger e depois a entregou para mim sem questionar, sem hesitar, mesmo que estivesse se perguntando se eu não iria longe demais. Ele não tinha como saber o que eu faria, porque eu, com certeza, não sabia.

Olho para Gabriel, que, assim como eu, está sentado no chão de pernas cruzadas. O cabelo está preso atrás das orelhas. Ele é bonito, corajoso, gentil, inteligente e divertido: o amigo perfeito. Tive poucos amigos: Annalise, Ellen e Gabriel. E sei que ele é o que me conhece melhor, que acredita mais em meu potencial. Nem mesmo Arran confiava em mim da forma que Gabriel confia. E, quando ele me beijou, foi para que eu não me sentisse mal. Foi para me mostrar que não sou um monstro. Ele devia saber que corria o risco de que eu o afastasse. E teria sido muito mais fácil se eu não

gostasse de Annalise do jeito que gosto. Se eu sentisse por Gabriel o que sinto por ela. Ele diz que não aguenta ficar longe de mim, e me sinto dessa forma a respeito dela. Não consigo me imaginar feliz sem Annalise. E o único lugar onde quero estar é ao lado dela.

Gabriel se vira para mim, nossos olhares se cruzam, e a expressão dele muda.

— O que foi? — pergunta.

Balanço a cabeça e movo os lábios para responder, sem emitir som: *Nada*. E me obrigo a desviar os olhos dele e prestar atenção ao que está acontecendo à minha volta.

Estamos sentados em círculo sobre enormes almofadas no chão da sala, que está coberto de tapetes. Acho que são persas. E não é um só tapete, são vários. Deve haver duas ou três camadas, e eles são bem macios e sedosos. O aposento é fracamente iluminado e todo ornamentado, cheio de vermelhos e dourados.

Estou sentado diante de Isch, uma mulher corpulenta vestida com camadas de tecidos coloridos — roxo, dourado, vermelho — que se mesclam desde o turbante até os chinelos de seda. Tem mãos gordas e não para de mexê-las enquanto fala. As unhas são compridas e estão pintadas de dourado, e os dedos ficam praticamente escondidos por inúmeros anéis incrustados de pedras preciosas. Somos apresentados ao grupo e nos oferecem chá. Duas jovens entram na sala carregando bandejas grandes de madeira, e o chá é servido em copos pequenos. Há o que parece ser manjar turco em um prato, além de nozes e uvas suculentas.

Isch fica olhando as garotas saírem e, depois que a porta é fechada, pergunta a Van:

— O que acha delas?

— Das garotas? Não sei. Até trabalhar com um aprendiz, não dá para saber como as coisas vão acabar.

— Talvez eu devesse pedir a sua opinião, Nesbitt.

Ele bebe o chá de um gole só, depois diz:

— Tenho certeza de que vocês conseguirão vendê-las a um bom preço.

— Não tenho tanta certeza assim. Tempos difíceis provocam a escassez de alguns produtos. A demanda por ervas e flores para poções de proteção já está nas alturas, mas isso não significa que esteja na hora de ter uma nova aprendiz. Os preços delas estão lá embaixo.

Eu estava quieto até agora, mas não consigo resistir e digo:

— Vocês vendem as garotas?

Isch se vira para mim. Ela tem olhos castanhos como os de Gabriel, só que menores, perdidos na pele bege e gorda do rosto. Seu nariz é pequeno, mas os lábios são cheios e estão pintados de um tom forte de vermelho.

— Mas é claro que as garotas são vendidas — responde. — Os garotos também são, mas poucos querem garotos.

— Vendidas como escravas?

— Não, não como escravas. São aprendizes muito valiosas. Pense no preço como uma taxa de transferência. Elas são mais como jogadores de futebol do que como escravas.

— Elas recebem salários altos? Como os de jogadores de futebol?

Isch dá risada.

— Elas recebem o melhor treinamento que existe de graça. Têm a sorte de aprender com outro jogador de primeira, se forem boas o bastante. Foi como eu aprendi. E Van.

— E se não forem boas o bastante?

— Alguns donos toleram maus resultados, mas a maioria, não. Por isso há um mercado de novos aprendizes.

— Me disseram que Mercury devora garotinhos... Será que eram seus aprendizes fracassados?

— Não sei bem se ela os devora, mas com certeza encontra usos para eles. A maioria deve virar uma série de ingredientes, engarrafados para uso futuro.

— E meu pai? Ele tem aprendizes?

Isch hesita.

— Ele nunca comprou de mim. Mas em breve talvez você esteja à procura de um aprendiz. Aí vou garantir que consiga o melhor.

— Não — retruco. — Não quero um escravo.

Ela pega o copo de chá, dá um gole e diz:

— Bem, se um dia você mudar de ideia.

— Você pretende vender alguma dessas garotas para Mercury? — pergunta Van.

— Mercury não negocia diretamente comigo, hoje em dia. Eu soube que os caçadores chegaram muito perto dela, lá na Suíça, e depois disso ela se isolou de todo mundo. Anda cautelosa ao extremo. Já mandei uma garota para Mercury, a Pilot. Uma coisinha horrível, mas muito inteligente e com muita facilidade para aprender. Mercury deve estar procurando a melhor para substituir Rose, agora que ela morreu.

— Ela não morreu. Levou um tiro. Foi assassinada pelos caçadores — digo.

— O que foi uma pena — responde Isch, mas exibe um grande sorriso malicioso e vermelho. — Mesmo assim, como sempre, os desastres criam muitas oportunidades de negócios.

— Bem, espero que você tenha bastante lucro — digo.

— Você pode nos dizer onde está Pilot? — pergunta Van. — Também queremos fazer negócios com Mercury.

Isch examina Van, então diz:

— Nos Pireneus, em um pequeno vilarejo depois de Etxalar. A última casa no fim da estrada.

— Obrigada.

Van pega um pouco de manjar turco, que tem o mesmo tom de rosa claro de seu terno.

Vinte minutos depois, estamos no carro.

Van põe o cinto de segurança e diz:

— Vamos.

Nesbitt digita no GPS enquanto o carro canta pneus e se afasta do meio-fio.

— Você confia em Isch? — pergunto. — Ela não nos mandaria para uma armadilha? Parece ser motivada pelo dinheiro.

— Ela é uma boa bruxa das Sombras. Não nos venderia.

— Ela vende garotas como escravas.

— As garotas têm liberdade de partir, se quiserem.

— Elas não são livres se não têm outro lugar para ir, se não têm quem as ajude, quem cuide delas.

— Quer voltar lá, comprá-las e cuidar delas?

Não respondo.

Van se vira para trás e me encara, intrigada.

— Acho que não sou a solução dos problemas delas.

Van abre um sorriso.

— Não mesmo.

pilot

Já passa muito da meia-noite quando chegamos ao pequeno vilarejo da montanha. A viagem até aqui levou seis horas, mas não paramos. Deixamos o carro em uma cidade diferente, não tenho ideia de qual, onde Nesbitt o trocou por um 4x4. Van ficou com o novo carro no sopé da colina, pois ele chama muita atenção por aqui. Há poucos carros na área, e todos são velhos e estão caindo aos pedaços. Gabriel, Nesbitt e eu caminhamos pelo vilarejo, subindo a colina. A casa de Pilot é a mais distante, e uma luz amarela e fraca está acesa em uma janela do primeiro andar.

Van acha que sua presença será um problema. Ela e Pilot tiveram desavenças no passado, apesar de isso não ter sido mencionado até agora. A verdade é que essa negociação depende de Gabriel, já que ele conhece Pilot, que confia nele.

Fico à frente do grupo, avançando e voltando até eles, que são lentos demais.

— Você parece um filhote sem coleira — comenta Nesbitt. Está escuro, mas ele vai conseguir ver o dedo que levantei para ele. — Vá devagar, fique atento. Hoje em dia, é melhor prevenir do que remediar — murmura.

Chegamos à casinha. Nesbitt bate à porta bem de leve, então esperamos.

E esperamos.

E esperamos.

Uma sombra passa pela luz lá de dentro. Não há ruído algum.

— Gabriel? — pergunta uma voz baixa. Mas não vem da porta, e sim de trás de nós.

Nós nos viramos ao mesmo tempo e vemos uma mulher parada na trilha. Ela é incrivelmente alta e tem cabelo preto que chega quase aos joelhos.

Gabriel dá um passo à frente, abre os braços e diz:

— Pilot, é bom ver você.

Ela não sorri, mas se inclina na direção dele, e os dois se cumprimentam com beijinhos no rosto, o que parece promissor. Gabriel fala em francês, acho que está nos apresentando. É aí que sinto que Nesbitt e eu não vamos ganhar beijo. Ela mal consegue conter a careta de raiva que faz ao me olhar, e parece querer cuspir na cara de Nesbitt.

Então Pilot sai andando, furiosa — ou melhor, *furiosa* não faz justiça à postura que ela assumiu. Vamos atrás dela devagar, para os fundos da casa. Gabriel vai à frente, e me viro para Nesbitt e comento:

— Ela parece não suportar nossa presença.

— Não se ofenda. Ela só é uma esnobe. Alguns das Sombras são assim. Van tem a mente aberta, o que é raro. O jovem Gabriel também, é claro. Isch só está interessada em negócios. Você ficaria surpreso se soubesse o quanto alguns bruxos das Sombras são liberais, mas outros... Alguns são esnobes como Pilot. Ela não suporta impuros.

— Impuros?

— Mestiços. Impuros. Ela só gosta de bruxos das Sombras puros.

— Aposto que ela acha pior ser meio da Luz do que ser meio félix.

Nesbitt me dá uma cutucada no ombro.

— Não se preocupe, meu camarada. Eu não tenho nada contra você. — Ele passa um braço ao redor de meus ombros. — Nós,

impuros, precisamos nos unir. Um por todos, e todos por um.

Eu o afasto, e Nesbitt dá risada.

Atrás da casa fica um pátio cercado por trepadeiras. Tem um fogo aceso em um buraco no chão, bem no centro. Parece que Pilot não estava dormindo. Ou talvez ela durma aqui. Nós nos sentamos em almofadas grandes e empoeiradas ao redor da fogueira — ou melhor, Pilot e Gabriel fazem isso. Nesbitt e eu somos relegados ao círculo externo e ficamos sentados em um tapete puído.

Pilot grita para alguém dentro da casa, e uma garota aparece. Ela é magra e está com o cabelo todo embolado e despenteado, quase se mexendo, de tantos piolhos. A garota fecha a cara ao nos ver e mal parece escutar as instruções de Pilot antes de voltar para dentro.

Nesbitt se inclina para perto de mim.

— Ela recebeu instruções de trazer água. Mas eu não beberia, meu camarada. Há grandes chances de ela cuspir no copo.

A garota volta um pouco depois, com azeitonas e uma garrafa de vinho. Ela passa os minutos seguintes entrando e saindo da casa, trazendo pão, azeite de oliva, tomates, pimentas, tudo para Gabriel e Pilot. Nesbitt tinha razão: só nos oferecem água, e os copos estão imundos.

Gabriel conversa com Pilot. Acho que está explicando o que aconteceu, e penso ouvir meu nome uma ou duas vezes, mas os dois falam em francês, então ele pode estar dizendo qualquer coisa.

A conversa continua por bastante tempo.

A casa é velha e feia. O pátio é cercado por um muro emboçado que um dia foi branco, mas agora é cinza. Uma estrutura de treliças de madeira coberta com uma densa camada de trepadeiras ergue-se acima do muro e o conecta à casa.

Gabriel e Pilot estão sentados de pernas cruzadas. Pilot alimenta a fogueira. Gabriel mantém os olhos fixos nela enquanto conversam.

Nesbitt está deitado em seu tapete, quase dormindo. Então se vira para mim e diz:

— Parece que isso vai levar um tempo.

Eu também me deito, tentando lembrar quando foi a última vez em que dormi.

*

Acordo. O sol ilumina meu rosto por uma fenda na treliça.

Nesbitt está deitado de costas, cobrindo o rosto com o braço, mas vejo que está de olhos abertos e acho que está atento à conversa de Pilot e Gabriel, que ainda está rolando. Nesbitt boceja.

Eu me sento. Um grilo pousa no tapete ao meu lado. Ele cricrila e salta para longe assim que tento pegá-lo. Então me dou conta de que o ruído dos grilos está por toda a volta e meio que aumenta e diminui, quase parecendo pulsar com o calor. É um som parecido com o que ouço quando chego perto de telefones celulares, mas está do lado de fora, não em minha cabeça.

Levanto-me, me espreguiço e bocejo, então caminho até a beira do pátio para examinar o alto dos montes secos à volta através da treliça.

Gabriel e Pilot ficaram quietos.

Posso ouvir grilos. São muitos, mas às vezes, em um momento de pausa, capto um chchchchchhh na cabeça. É tão leve que pode nem estar lá. Vou para o canto para ouvir melhor, em vez de tentar ver.

Nesbitt está parado do meu lado.

— O quê?

— Não tenho certeza. Consegue ver alguma coisa?

Nesbitt olha através da treliça. Então balança a cabeça.

— Minha visão é melhor à noite.

E acho que percebo outra vez, tão breve e silencioso que é quase abafado pelos grilos, mas tenho certeza de que o ouço na mente.

— Tem alguém por aí com um celular — digo. — Talvez um félix.

— Só um? — pergunta Nesbitt.

— Não sei.

— Vamos dar uma olhada.

Viro-me para Gabriel.

— Você espera aqui? Vamos dar uma olhada nos arredores.

Ele assente. Pilot não parece muito preocupada.

Eu me afasto da propriedade pela esquerda, e Nesbitt, pela a direita. Os grilos saltam à frente e enchem meus ouvidos de ruído. Quando a casa de Pilot parece um quadrado distante, viro-me para o topo da encosta, andando mais devagar, mantendo-me bem à esquerda da casa. A montanha parece não ter fim. Vou mais para a esquerda e chego a um vale seco com três metros de profundidade e uma encosta íngreme. Derrubo uma pedra, que cai com bastante barulho. Xingo mentalmente e fico imóvel. Fico surpreso ao ser recompensado pela falta de jeito. Começo a ouvir outra vez...

chchchchhhhhcchchchchchcccchchchhchcchhcchchchchcc

Não sei dizer onde está o celular, mas deve ser morro acima, e acho que posso ouvir quando o dono (ou dona) se move, como fez quando a pedra caiu. Se o dono do celular for um caçador, acho que deve estar deitado no chão na beira do vale, observando a casa de Pilot. Imagino que esteja bem escondido, bloqueando o ruído do celular, de modo que só o escuto quando ele se levanta para espiar.

Agora me movo depressa, descendo o morro, então paro. Ouço outra vez.

Só grilos, por aqui.

Desço devagar e com cuidado até o pequeno vale, dando passos calculados para não deslocar pedra alguma. Quando chego ao fundo, paro e tento ouvir outra vez.

Só grilos.

Subo pelo outro lado, devagar e com cuidado. Mantenho-me abaixado, corro depressa até um grupo de oliveiras e passo por elas olhando para a direita. Nenhum movimento. Paro e olho à esquerda. Nada. Viro-me para examinar a área inteira. Consigo identificar algumas casas nos limites do vilarejo, bem abaixo da encosta, mas a de Pilot não está à vista.

Viro-me de frente para a montanha, fecho os olhos e escuto.

chchchchcchchchchcchhchchchcchchchch

Acho que sei onde está o caçador — e agora tenho certeza de que é um caçador. Não há razão para qualquer outra pessoa estar escondida aqui em cima. Por um segundo, considero tentar liberar meu lado selvagem, mas tenho mais chances como humano. Celia me treinou para o combate, e é hora de usar as habilidades que aprendi.

Sigo o mais rápido possível para a direita, na direção do vale seco. É aí que a vejo, uma figura negra deitada no chão. É uma mulher. Posso vê-la muito bem daqui, mas está oculta da casa de Pilot e observa os arredores através de um binóculo. Parece não ter percebido que Nesbitt e eu estamos fazendo uma busca no local.

Mas onde está sua parceira? E será que são só duas caçadoras, ou tem mais? É muito provável que tenha mais.

E como encontraram Pilot? Será que Isch nos traiu? Ou Celia? Ou alguém nos viu em Barcelona e nos seguiu até aqui? Será que

estão vigiando Pilot há dias, ou semanas? E Van? Ainda está em segurança, ou já é prisioneira?

Vai ser difícil chegar à caçadora sem fazer barulho. Ela está em um bom ponto, não é fácil de atacar por trás, mas é isso o que tenho que fazer. Sei que posso derrotá-la em uma luta, mas o problema é chegar perto antes de ela conseguir soar o alarme. Não quero que ela se vire e atire em mim.

Avanço sem tirar os olhos da figura negra... É como uma brincadeira de criança. Vou ficar bem à vista se ela se virar — bem, vamos ser claros: vou ficar bem morto se ela se virar —, mas a tarefa da caçadora é observar a casa, e basta eu ser silencioso que ela não vai se virar. Por isso desço a encosta bem devagar, quase sem respirar, sem tirar os olhos do chão, tentando encontrar o próximo ponto onde pôr o pé. Ela se ergue um pouco e reajusta o binóculo. O solo solto e arenoso desliza sob meu pé esquerdo, mas não faz barulho. Dou mais um passo na direção do fundo do vale. Mantenho os olhos na caçadora, dois metros acima de mim. Seguro a faca a postos na mão esquerda.

Dou dois passos largos e rápidos para a frente, agarro o calcanhar dela com a mão direita e a puxo para baixo. A caçadora é boa. Grita, gira e me chuta, mas já enfiei a faca em sua garganta. O sangue jorra pela minha mão. O brilho nos olhos dela se apaga. Fico surpreso com a rapidez com que tudo acontece.

Minhas costelas doem. Acho que ela quebrou uma, com o chute. Eu me curo. Sinto a euforia da cura. Ainda estou segurando o corpo e pressionando a faca em sua garganta. Puxo a lâmina para fora da carne, e minha mão treme um pouco enquanto limpo o sangue na blusa da caçadora. Ela carregava um rádio e usava um fone no ouvido. Pego o fone, mas não consigo suportar o chiado na cabeça.

Foi por isso que pude senti-la de tão longe: não era só o celular, também tinha o rádio.

Pego o binóculo e subo até o ponto de onde ela estava observando.

O binóculo é ótimo. Dá para ver a casa de Pilot, o pátio e as trepadeiras. Dá para ver parte da cabeça de Gabriel, mas não de Pilot. O binóculo cumpre o que se propõe a fazer, mas as trepadeiras também são boas. Os caçadores não sabem que eu e Nesbitt saímos de lá, isso se souberem que chegamos.

Examino a encosta em busca da parceira da caçadora e de Nesbitt. Longe, do outro lado da montanha, percebo uma figura negra — uma caçadora —, e, mais no alto, vejo outra figura escura. Nesbitt? Não! Outra caçadora. Depois, mais além, outra figura. Outra caçadora. Merda! E não tenho ideia de onde está Nesbitt.

Mas acho que teriam soado o alarme, se ele tivesse sido pego, então...

É aí que o vejo. Está fazendo o que acabei de fazer, aproximando-se pelas costas da caçadora à minha frente. O que é ótimo, mas tenho a sensação de que Nesbitt não sabe sobre as outras duas mais acima, e acho que elas conseguiriam vê-lo. Merda!

Desço o vale até o corpo da caçadora e pego a arma dela. Preferia não usá-la, mas não hesitarei se for necessário. Então corro morro acima, permanecendo no fundo do vale seco, tomando o maior cuidado para fazer o mínimo de barulho possível, mas a velocidade é mais importante.

Percorro trezentos metros, acho que é o bastante. Então fico deitado de bruços na encosta do vale, olhando pelo binóculo. Nesbitt está bem abaixo à minha frente, ajoelhado acima da caçadora, que parece estar morta. Mas a mais distante de mim está recuando, deve ter conseguido ver meu parceiro. A caçadora mais

próxima está imóvel, mas não parece tranquila e olha para onde está a que matei. Elas já sabem que estamos aqui. Viram Nesbitt e se comunicaram pelo rádio, agora estão preocupadas porque a outra não está respondendo.

Tenho que chegar depressa à caçadora mais próxima de mim e torcer para que Nesbitt consiga cuidar da outra.

Minha caçadora está a uns cem metros abaixo e à esquerda. Percebo que o silêncio não é mais importante, então me aproximo o máximo possível, da forma mais rápida e silenciosa que posso. Aponto a arma para a caçadora, mas sei que não atiro tão bem, a menos que esteja bem perto. Estou quase chegando quando a caçadora me escuta e se vira. Atiro e acerto a perna da mulher, que rola para o lado e atira. É surpreendente, mas ela erra. Atiro de novo, esvaziando a arma enquanto corro para cima da caçadora, enfio a faca na barriga dela, tiro a lâmina e a enfio em seu pescoço. As centelhas continuam em seus olhos, marrons e prateadas. Olho para minha mão, coberta de sangue. Quando me viro para ela outra vez, não há mais centelhas nos olhos, e desvio a cabeça depressa para o outro lado.

Sinto uma pontada na lateral da cabeça. Está escorrendo sangue. A bala não acertou, só arranhou o crânio. Eu me curo outra vez, enquanto levo o binóculo aos olhos.

Nesbitt vai para junto da caçadora que matou, pega a arma dela e se vira para mim.

Olho para a parte de cima da encosta e vejo a última caçadora. Ela olha de mim para Nesbitt e pega o celular. Está entrando em contato com a base. O lugar vai ficar cheio de caçadores em pouco tempo, se isso acontecer.

Corro na direção dela, gritando para Nesbitt:

— *Atire*.

Ele atira. Muitas vezes. Achava que Nesbitt seria melhor nisso.

A caçadora se agachou para falar ao telefone, atira de volta em Nesbitt. Estou quase chegando, mas ela conseguiu fazer a ligação. Corro bem rápido em sua direção. Ela se vira e atira em mim, mas erra feio. Está assustada. Nesbitt atira, mas a caçadora foge e desce a encosta na direção da casa de Pilot. Ela é rápida, mas acho que consigo alcançá-la antes que chegue lá. Desço a encosta aos saltos, mas a inclinação também ajuda a caçadora, que chega ao pátio e começa a atirar para todos os lados. Todos. É tão doido que parece um filme de Hollywood.

Eu a alcanço enquanto ela se agarra às trepadeiras e começa a cair para trás, vindo na minha direção. A mulher parece se mover para trás, e o cabelo preto e brilhante, preso em um rabo de cavalo, avança para cima de mim, a mão ainda segurando as trepadeiras, mesmo o corpo deixando bem claro que ela já está morta.

A caçadora aterrissa no chão. Seu rosto está inexpressivo. Um buraco de bala, pequeno, profundo e perfeitamente redondo, adorna sua testa.

E Gabriel está ali, ajoelhado, apontando a arma para mim. Com o braço esticado. O rosto também inexpressivo.

— Sou eu — grito, só por garantia, erguendo os braços.

Nesbitt vem deslizando e para ao meu lado.

— E eu. — Depois diz: — Merda!

Pilot está no chão, jogada de lado. A garotinha está ajoelhada junto dela, segurando sua mão. Há duas manchas vermelhas no corpo de Pilot, uma no ombro, outra na barriga.

Gabriel se debruça sobre Pilot, tentando sentir seu pulso.

— Ela ainda está viva.

Digo a ele:

— Tinha quatro caçadoras vigiando a casa. Elas ligaram para a base, fizeram contato, ou seja lá como chamam. Temos que ir.

— Deve haver mais caçadores perto do carro. Podem ter capturado Van.

— Vou conferir — diz Nesbitt. — Se eu não voltar com o carro em dois minutos, vocês já sabem que temos problemas.

E ele vai.

Gabriel se agacha ao lado da garota e fala com ela devagar e em francês. A menina não responde e continua segurando a mão de Pilot. Gabriel pergunta alguma coisa, e ela balança a cabeça. Então ele segura a mão de Pilot, e a menina corre para o interior da casa.

Vou até a lateral da casa e escalo um muro baixo de onde dá para ver a estrada. Ouço o motor antes de ver o 4x4 vindo de ré na nossa direção, em alta velocidade. Van e Nesbitt estão lá dentro.

Vou até Gabriel.

— Nesbitt chegou.

Ouvimos um cantar de pneus do outro lado da casa, como confirmação.

Gabriel pega Pilot, que dá um grito.

— Eu mandei a menina pegar o que precisar. Partiremos em um minuto — diz ele.

Então dá a volta na casa com Pilot no colo.

A menina aparece dez segundos depois, calçando botas grandes e carregando uma pequena mochila rosa clara que parece prestes a explodir, de tão cheia. Vou até ela e seguro sua mão, mas a menina se afasta com um puxão e dá a volta na casa, correndo até o carro.

na estrada

Estamos voando pela pista no 4x4, e devemos estar nos afastando rápido o suficiente, mas ninguém ousa comentar. Do jeito que Nesbitt está dirigindo, temos mais chances de morrer em um acidente de carro do que com uma bala de caçador.

Gabriel e eu estamos sentados na parte de trás do carro. Pilot está deitada em nosso colo, apoiando os pés descalços em mim. Eu me surpreendo ao notar que cheiram a hortelã. Mas o cheiro mais forte no carro é o de medo. O ar está pesado com ele. Estamos dirigindo há três horas e mal falamos: a cada minuto que passa, parece que vamos mais longe e que escapamos de verdade. Posso ver o perfil de Van, que agora não está com o maxilar tão apertado, mas até ela estava com medo. Van deu uma poção a Pilot, para eliminar a dor, e ela está dormindo desde que a tomou. O que é ótimo, já que seus gritos estavam me deixando louco. E acho que tinham o mesmo efeito em todos os outros.

Viro-me para Gabriel. Ele está apertando uma tira de pano sobre a barriga de Pilot. O tecido está todo ensanguentado. Pilot está com cara de que não vai sobreviver mais um minuto, mas estava igualzinha meia hora atrás. Duas balas de caçador ainda estão dentro dela. Van deu uma olhada nos ferimentos e disse que não tinha como remover a bala da barriga de Pilot e, pela forma como ela disse, eu soube que era fatal. Não havia o que fazer. Seria apenas uma questão de tempo.

A garota está ajoelhada no chão do carro, junto das pernas de Gabriel, alisando os cabelos de Pilot e sussurrando no ouvido dela.

Gabriel se vira para mim e pergunta:

— Você está bem?

Não sei. Digo que sim e viro para olhar pela janela.

— Bem, eu não — comenta Nesbitt. — Estou doido para tirar água do joelho.

O carro vai reduzindo a velocidade até parar. Estamos em colinas baixas, em uma zona rural. Sabe Deus onde. Nesbitt desliga o motor e sai. O restante de nós permanece sentado em silêncio, deixando a poeira baixar.

Nesbitt para perto do carro e faz xixi.

— Nossa, eu precisava mesmo disso.

Van se vira para Gabriel e pergunta:

— Como está o pulso de Pilot?

— Fraco. Lento.

— Ela tem poderes de cura bem fortes, mas o veneno das balas vai acabar superando.

Nesbitt se debruça na janela e diz, olhando para dentro do carro:

— E então, Gabby? Pilot contou alguma coisa antes de levar um tiro? Vocês conversaram por um bom tempo.

— É. Mas descobri pouca coisa. No começo, ela disse que não sabia onde era a casa de Mercury, mas eu tinha certeza de que era mentira. Eu a bajulei o máximo que pude, dizendo que ela devia ser especial por conhecer Mercury tão bem, mas claro que eu imaginava que pouquíssimas pessoas haviam sido convidadas a ir à casa dela. Mesmo assim, Pilot não deu resposta. Eu disse que achava estranho que Mercury confiasse em Rose, uma bruxa da Luz de nascença, para ser a única pessoa com acesso a sua casa. E isso funcionou. Pilot não resistiu e disse que também tinha sido

convidada e ido à casa de Mercury várias vezes. Foi ela quem “apresentou” Rose a Mercury, anos antes. Ela que levara Rose até lá.

Gabriel prossegue:

— Mas disse que dera sua palavra de honra de bruxa das Sombras e amiga de Mercury que nunca revelaria nada sobre a amiga. Mercury queria que a casa permanecesse em segredo.

— Então você está dizendo que ela não revelou o local? — indaga Van.

— É basicamente isso.

— Tanto trabalho para nada!

Nesbitt chuta a lateral do carro.

— Argumentei que talvez Mercury tenha abandonado a casa, já que os caçadores estão em seu encalço. Que talvez eles tenham descoberto a localização. Pilot deu risada e me disse que Mercury nunca seria encontrada. E que estava pensando em levar a garota lá, como substituta para Rose.

Gabriel baixa os olhos para a garota a seus pés.

— Imagino que Pilot não tenha dito à menina onde Mercury mora — comenta Van.

— Pilot insistiu que era a única que sabia e que nunca contaria a ninguém. Também disse que estava segura naquela aldeia. Que não havia caçadores por perto. Acho que eles devem ter chegado mais ou menos junto com a gente. O que me faz pensar em duas possibilidades: ou Isch contou aos caçadores aonde estávamos indo, ou eles nos seguiram desde Barcelona.

— Eles não nos seguiram, ou eu também estaria morta — responde Van. — Eles teriam visto o 4x4. E Isch não teria contado voluntariamente, nem tão depressa. Talvez uma das garotas?

Ela olha para Nesbitt, que assente.

— Então Isch está morta ou foi capturada. Se for o segundo caso, vai contar sobre nosso encontro com Celia e dizer que eu estava lá — comento.

— Acho que essa é uma boa suposição.

Nesbitt pragueja, dá uma volta no carro e chuta a lataria outra vez.

A garota se mexe, e Gabriel diz alguma coisa para ela em francês. A resposta também é em francês.

— Pers? — Van sorri para a garotinha. — O nome dela é Pers?

— É — responde Gabriel.

Eles conversam mais. Van se junta aos dois, também falando francês, e, para completar, Nesbitt reaparece na porta do motorista e entra na conversa.

A garota fala outra vez e olha para mim. Eu gostaria de oferecer algumas palavras de conforto, mas, mesmo em inglês, não consigo pensar no que dizer sobre Pilot e sobre como sinto muito, como não sei o que vai acontecer com ela e como a vida é uma bela merda, mas que talvez Van cuide dela, apesar de não ser uma boa mãe substituta. Além disso, Nesbitt seria uma figura paterna interessante. Enfim, é melhor do que ser escrava de Mercury.

E então vejo que aquele olhar não busca conforto em mim. E ela começa a gritar. Não sei francês, mas acho que está xingando. Está com o rosto perto do meu. Começo a me encolher para trás, contra a porta do carro, e ela cospe no meu rosto. Gabriel a envolve com os braços e a puxa para longe de mim e começa a dizer coisas em seu ouvido, mas não acho que isso seja de muita ajuda, já que ela me dá um chute. Com isso, Gabriel tem de passar uma perna sobre as dela, para imobilizá-la. Abro a porta e caio para fora. Fico de pé, limpo o cuspe do rosto e encaro o emaranhado de braços, pernas e cabelo.

— Por que isso?

— Ela já não gosta muito dos impuros, para começo de conversa, mas parece achar que você é culpado pelo ataque dos caçadores.

Van sai do carro e dá a volta, e se junta a nós. Ela pega um cigarro, que Nesbitt acende. Então estende a cigarreira na direção de Gabriel. Pers grita alguma coisa e esperneia, tentando chutá-la, e percebo que a oferta de cigarro era para ela.

— Quanta disposição — comenta Van, dirigindo-se a Nesbitt, e dá um trago no cigarro, puxando fumaça. Então se vira para Gabriel: — Descubra o que puder sobre ela.

Gabriel conversa com Pers, que fala com ele em um tom mais educado. Van escuta e traduz para mim.

— Os pais dela estão mortos. O pai se foi há muitos anos, a morte da mãe é mais recente. Foi obra de caçadores, mas a menina escapou. Isch a acolheu e disse que ela seria uma grande bruxa, quando crescesse. Pilot ia levá-la para Mercury. Ela tem dez anos, pelo que diz.

Van prossegue com seus próprios comentários:

— Não sei ao certo se Mercury teria ficado tão impressionada assim, a menina é uma coisinha asquerosa. Mas ela pode se revelar útil. Se Mercury estiver mesmo à procura de uma aprendiz, essa garota pode ser nosso bilhete de entrada.

— Primeiro precisamos encontrar Mercury.

— Sim, e isso está virando um problema bem chatinho. — Van dá um outro trago profundo no cigarro. — Gabriel, você já perguntou a Pers se ela sabe onde fica a casa de Mercury?

— Perguntei. Ela diz que não sabe. E eu acredito.

Van joga o cigarro no chão e olha para ele.

— É, eu também. O que significa que a única maneira de descobrir é se Pilot nos contar.

— Uma poção? — pergunto.

— Sim, mas não é tão simples. O ideal seria usar uma poção da verdade, mas demora para fazer, e elas precisam ser adaptadas à pessoa. E funcionam muito melhor se o indivíduo tem vontade fraca e está saudável. O que temos é uma paciente muito magra, à beira da morte e com muita força de vontade. Bem complicado.

— E aí?

— A outra opção é uma poção para acessar a memória que ela tem do lugar, ir aonde ela foi, ver o que ela viu.

— Uma visão do lugar?

— Isso. Dá para fazer a poção com alguma coisa de Pilot e alguma coisa que pertenceu a Mercury. — Ela olha para Gabriel sem muita esperança. — Mas imagino que você não tenha nada dela...

— Tem um grampo de cabelo que peguei de Rose. Ela ganhou de Mercury, que o fez. — Gabriel mostra o objeto a Van, que balança a cabeça. — É mágico. Vai interferir com a magia da poção.

— Não há alternativa. Temos que tentar a poção da verdade — digo.

— Não temos tempo suficiente — insiste Van. — Ela vai dormir por algumas horas com o que dei a ela para tomar. Conversaremos quando ela acordar. Talvez a situação atual a faça mudar de ideia. Estamos todos cansados, descansaremos até ela acordar.

— Vamos ficar aqui? — pergunta Nesbitt, olhando ao redor para a vastidão vazia.

— Vamos — responde Van. — Aqui será o leito de morte de Pilot.

o mapa

Está escurecendo, e saio andando por um campo aberto, deito na terra nua e fecho os olhos. Minha mente está uma confusão só.

Penso em Annalise enquanto pego no sono. Estou caminhando com ela às margens de um rio, em uma campina, sob um céu azul. Nós nos deitamos no chão, lado a lado, e os passarinhos cantam uns para os outros. A brisa agita minha camisa, o sol aquece meu rosto. Viro de lado. Annalise está olhando para o céu. Sua pele brilha, corada pelo sol, e ela está falando, movendo os lábios, mas não presto atenção, só fico pensando em como gosto de olhar para ela. Sopro de leve na orelha dela, na esperança de arrancar um sorriso, mas ela não sorri, só continua falando. Então me debruço sobre ela e dou um beijo em seus lábios, mas Annalise não me beija de volta, então, ergo meu corpo sobre o dela, para olhar em seus olhos. Eles são do mesmo azul de sempre, mas não se fixam nos meus — não se fixam em nada —, e os traços prateados estão imóveis. Congelados. Tenho a sensação de começar a levitar e fico incapaz de tocá-la. Ela está deitada no chão, movendo os lábios, mas não está falando, e sim tentando respirar, dando seu último suspiro. Voo mais alto e vejo que ela está no chão ao lado da cabana, com Mercury de pé ao seu lado. O vendaval que me empurra para longe me impede de avançar, e começo a gritar com Mercury. Então acordo e me sento.

Gabriel está comigo.

— O que aconteceu? Você estava gritando.

— Estou bem. Estou bem. Tenho uma coisa de Mercury.

*

Van está sorrindo.

— É perfeito.

— É?

— É.

Ela tem nas mãos o papel que Mercury me deu, com o mapa para a casa que Clay usava como base.

A folha de papel estava em meu bolso havia meses: amassada, úmida e desgastada a ponto de estar com as bordas arredondadas e ter um furo no meio. Mas é de Mercury, já pertenceu a ela. Melhor ainda: tem a letra de Mercury nela, ainda visível e, mais importante, segundo Van, foi Mercury quem me deu — não é algo roubado, é um presente.

O item perfeito para a poção.

— Claro que isso quer dizer que é você quem vai receber a visão de Pilot.

— Ok.

— O que quer dizer que você vai fazer a poção e depois bebê-la. A poção é como um rio atravessando o território da mente, levando memórias de Pilot para você.

— Ok... — repito, com um pouco mais de cautela.

— Você tem que fazer o corte para o rio correr, e ser o lugar para onde ele corre.

— Eu tenho que cortar Pilot?

— Precisamos do sangue dela para a poção. Muito. Você vai fazê-la sangrar até a morte.

— O quê?

— Ela vai morrer de qualquer jeito, Nathan.

*

Antes eu achava que nunca mataria outra pessoa. Lembro-me de ouvir histórias sobre caçadores matando bruxos das Sombras e de meu pai matando caçadores, quando criança, e pensar que nunca faria aquilo. Porém, até o momento, com toda a minha maturidade de dezessete anos, já matei cinco pessoas — e agora terei que matar outra. Mas Pilot não está tentando me matar. Ela já está morrendo, e vou adiantar o fim: eu que vou matá-la. Mais uma morte em minhas mãos.

Fico chocado ao notar como penso pouco sobre as pessoas que matei. Achava que os assassinos eram assombrados por lembranças de suas vítimas, mas eu mal penso nelas. Quero pensar agora, como símbolo de respeito, e talvez para me convencer de que não sou totalmente desprovido de sentimentos. A primeira foi a caçadora em Genebra, que matei quebrando o pescoço. Lembro-me bem dela. Depois foi a caçadora na floresta, a que se movia bem rápido, que matei na minha forma animal. Então matei Kieran, a quem não quero prestar respeito. Em seguida vieram as duas mortes na Espanha. Encontrei a primeira deitada no chão do vale seco e enfiei a faca em seu pescoço. A segunda estava embaixo de uma oliveira, e o chão estava coberto de azeitonas. Eu me lembro bem delas: eram verdes, gordas e maduras, e algumas se abriram, manchando o chão. Não me lembro muito bem da caçadora. Tenho uma memória melhor do chão do que dela.

Matei cinco pessoas.

Em breve, serão seis.

Isso se eu conseguir seguir o plano.

*

Pilot está deitada no chão, com a cabeça apoiada em uma almofada improvisada de um tapete do carro. Pers está sentada ao lado, segurando a mão dela. Van passou a última hora cercada de frascos e vidros tirados da frasqueira. Ela moeu e misturou ingredientes, e agora diz que acabou e que vai falar com Pilot.

Gabriel traduz para mim:

— Van disse que não há necessidade de fazer isso. Tudo que Pilot precisa fazer é revelar o local. E que pode ajudar com a dor.

— E o que Pilot respondeu? — pergunto, mas acho que posso adivinhar.

— Resumidamente, que não vai revelar.

Então Van conversa com Pers. Acho que explica o que vai acontecer. Fico esperando que Pers cuspa em Van, que lute e reclame, mas a menina apenas segura a mão de Pilot e sussurra em seu ouvido.

Van se vira para mim:

— Pers é uma diabinha esperta. Não se deixe enganar pelo exterior bonitinho, Nathan.

Pers não parece bonitinha, nem um pouco. Sei que ela me odeia, e sei que vai me odiar mais por fazer isso com Pilot. Sempre tem como odiar mais.

Van me explicou como proceder. Preciso fazer um corte vertical no braço de Pilot, rompendo a veia de modo que ela me veja fazendo isso e saiba o que está acontecendo. Aí vou coletar o sangue e juntá-lo à poção que Van preparou usando o mapa. Tenho que extrair o máximo de sangue possível. Pilot vai morrer. Não tem outro jeito. E é melhor se eu beber a poção enquanto ela morre.

— A mente de Pilot guarda muitas memórias — explica Van —, e ela precisa entender bem o que você quer saber e como precisa

mesmo disso. Quando cortá-la, pense em Mercury, no sangue de Pilot e em tomar as memórias dela sobre a morada de Mercury.

Gabriel puxou para cima uma das mangas largas do vestido de Pilot, revelando a pele pálida de um braço comprido e magro. A veia azulada parece se estender lá no interior.

Seguro a faca e encosto a ponta na pele de Pilot. Então a afasto. Não estou pronto. Preciso organizar os pensamentos. Preciso pensar a coisa certa.

— É o único jeito de encontrar Mercury, Nathan — diz Van. — O único jeito de ajudar Annalise. Mas você precisa ter firmeza. A poção não vai funcionar se você não estiver firme em seu propósito. Lembre-se: em poucas horas, Pilot estará morta de qualquer jeito. Não há o que fazer para salvá-la. Ela está morrendo.

Gabriel intervém:

— Mas você vai matá-la. Vai tirar as últimas poucas horas que Pilot tem de vida. Você precisa ter certeza de que quer fazer isso.

Van olha para ele.

— Gabriel, o que você faria se Nathan estivesse sendo mantido prisioneiro por Mercury? Se tivesse que cortar Pilot para encontrá-lo e tentar resgatá-lo?

Gabriel não responde. Ele encara Van, depois desvia o rosto.

Ela continua, em voz baixa e com uma cadência lenta:

— Acho que você a esfolaria viva.

Gabriel se vira e olha para mim, e vejo que os traços dourados giram bem devagar em seus olhos, enquanto ele concorda, dizendo:

— E faria isso dez vezes.

— Mas você acha que eu não devo fazer isso. Por quê? Porque não gosto de Annalise o bastante?

Ele balança a cabeça.

— Sei que você gosta dela, Nathan. Não precisa provar isso.

— Não estou provando nada. Estou tentando encontrar um jeito de ajudar Annalise.

— E esse é o único jeito — intercede Van.

Penso em Mercury e em encontrar sua casa e enfio a ponta da faca no braço de Pilot. Afundo a lâmina. Ela não pisca, mas geme e diz algo. Acho que foi um palavrão. E, apesar de dizer a mim mesmo para não encará-la, é isso que faço. Seus olhos são pretos, tão pretos quanto os meus. Ela diz mais algumas coisas, mais palavrões. Posso sentir seu hálito azedo. É bom que eu consiga me concentrar no rosto de Pilot. Sei que preciso acreditar no que estou fazendo. Pilot não pragueja mais, e suas pálpebras tremelicam, mas não se fecham. Ela me encara até o fim, e depois, mas os reflexos cinza em seus olhos, já fracos antes mesmo que eu a cortasse, finalmente desaparecem, e o sangue escorre mais devagar, até que, finalmente, para.

— Depressa — ordena Van. — Antes que ela morra.

Junto um pouco do sangue à vasilha de pedra que Van me entrega: no fundo dela vejo a massa feita com o papel do mapa e os outros ingredientes.

— Ponha mais — instrui Van. — Mexa.

Acho que também deve ter veneno de caçadores ali dentro, mas Van disse que sou imune a isso. Que sou imune a qualquer coisa.

— Encontre Mercury, Nathan. Encontre Mercury e salve Annalise. Lembre-se do que precisa fazer.

Levo a vasilha aos lábios e tomo um gole. A poção tem gosto de pedra, é estranhamente seca, quase apimentada, e produz uma sensação quente na garganta e no estômago.

— Pense em Mercury — lembra Van.

Engulo toda a poção enquanto me lembro de Mercury em pé ao lado de Annalise.

Pers está me encarando com os olhos pretos cheios de ódio, e de repente fico furioso com ela por me julgar pelo que sou e pelo que tenho que fazer. Preciso sair dali antes de bater na menina. Então fico de pé, mas minhas pernas cedem, e me surpreendo ao ver que Nesbitt me pega antes de eu cair no chão.

Sinto o corpo fraco, mas a mente em chamas. Quero encontrar as memórias de Pilot, mas não sei onde procurar.

Fecho os olhos.

Vejo Pers. Ela está ajoelhada acima de mim. Estou deitado no pátio, na Espanha. Acabei de levar um tiro. Então Pers desaparece, e estou caminhando por um pomar de oliveiras. Paro para pegar uma coisa: uma pedra, uma pedra pontiaguda. Aí apareço em uma praia, apanhando um seixo, e o sol aquece meu rosto. Em seguida, surjo perto de um rio, formando uma pequena barreira com as pedras. Estou construindo uma barreira.

Esse é o modo que Pilot encontrou para negar meu acesso em suas memórias. Van tinha dito que ela podia fazer isso: encher a mente com pensamentos falsos, não memórias. Eu me concentro em Mercury, no cabelo e no vestido cinza, no calafrio gelado que ela podia invocar em um segundo. Mentalizo sua imagem. Então estou parado às margens de um lago azul. Está frio, e o céu azul claro reflete na superfície da água. Retomo o processo de coletar pedras para represar as águas, e pego a maior que encontro. Enquanto caminho até a extremidade do lago em arco, levanto os olhos e vejo que há uma ilha lá no meio, e que é muito estranha. É uma ilha branca. Então noto que não é uma ilha, e sim um iceberg flutuando no lago. Ainda estou carregando a pedra pesada ao longo da margem, mas quero olhar para o iceberg, sentir o frio e a brisa, pensar em Mercury e em seu hálito frio. Mas continuo a olhar para

baixo, para as pedras sob meus pés, caminhando para o rio que sai pela extremidade. Então jogo a rocha e o represo.

*

A visão é de um lugar perto da casa de Mercury, Van tem certeza. Mas isso não ajuda muito. Já passei por ela muitas vezes, mas não consigo encontrar nada de novo. Tudo o que vejo são as mesmas coisas, todas as vezes. Eu na cabeça de Pilot, coletando pedras e fazendo uma barreira para a água.

Peço algum conselho, e Van diz:

— Ela morreu. Essas não são memórias de verdade. Encontre as verdadeiras.

— Obrigado. Grande ajuda — retruco.

Tento de novo, e o resultado é o mesmo.

*

Está tarde e escuro. Ando de um lado para o outro no jardim. Deixamos o local onde Pilot morreu, onde eu a matei. Pegamos outro carro e escolhemos outra casa para ocupar. Acho que estamos na França, mas não tenho certeza. Os outros estão lá dentro. Pelo menos Nesbitt consegue fornecer uma boa refeição, mas reclama de como está demorando para encontrar Mercury. Está preocupado com a informação que Isch pode ter revelado aos caçadores, se tiver sido presa. Celia está em perigo, pode ser exposta como espiã, mas Van diz que não há nada a fazer além de confiar que Celia saiba cuidar de si mesma.

Já estamos aqui há um dia, esperando eu descobrir para onde ir em seguida. A porta dos fundos se abre, e Gabriel sai.

— Cansado? — pergunta ele.

— Cansado. Com raiva. E passo noventa e nove por cento do tempo irritado demais para ser feliz. Não sou uma pessoa divertida.

Gabriel abre um sorriso.

— Quem está interessado em diversão quando pode ter algo que é interessante?

Sentamos sobre alguns cobertores embaixo de uma das árvores. Foi onde dormimos na noite passada.

— Alguma ideia brilhante? — pergunto.

— Sobre como encontrar as memórias?

— É.

— Continue examinando-as. Encontre o caminho certo.

Apoio a cabeça na árvore e digo:

— É tão chato. A mesma coisa toda vez.

— Chato, mas necessário. — Gabriel olha para mim. — Se quiser achar Annalise, tem que fazer de novo.

Olho para Gabriel e percebo que ele tem razão. Ele faria aquilo mil vezes, por mim.

*

Repasso cada memória: o pomar de oliveiras, a praia e o lago. Mas acho que o lago é a memória verdadeira. Foi o que apareceu quando eu comecei a pensar em Mercury. Volto a ele e o analiso mais uma vez. O lago, o céu refletido nele. Sinto uma brisa fria que parece real, uma sensação que não tive nas outras memórias. Eu me concentro na brisa. Tremo e olho para a direita. Estou na cabeça de Pilot. Ouvi alguma coisa. Vejo uma colina marrom coberta de árvores. Com bolsões de neve. Vejo uma estrada junto ao lago e sigo por ela. O iceberg está no lago, seu reflexo perfeitamente espelhado na água. Viro de volta para a montanha e vejo Mercury

gesticulando para que eu a siga, então caminho na direção dela, para sua casa.

o formato da palavra

Passo a noite revirando a memória. Procurando por mais pistas. Vejo a casa de Mercury cada vez mais nítida. Não é um castelo, uma casa de campo, uma cabana ou um chalé na montanha. É muito mais difícil de encontrar. É um bunker. Completamente subterrâneo e fora de vista, escavado na colina.

Na manhã seguinte, tento descrever o local, o lago e a colina.

— Consegue desenhar a paisagem? — pergunta Gabriel.

Isso eu posso fazer. Todos observam enquanto desenho o lago com o iceberg flutuando em suas águas. A área ao redor é um campo ondulante. Não há árvores nem arbustos, só grama amarelada e campo aberto e faixas de neve depositadas nas enormes depressões. Enquanto desenho, reparo na existência de uma placa ao lado da estrada que margeia o lago.

— Consegue ver o nome do lugar? — pergunta Van.

Não sei o que diz a placa. Fecho os olhos e descrevo o que vejo.

— Começa com V e é meio que uma palavra de tamanho mediano.

— Bem, isso é uma grande ajuda — ironiza Nesbitt. — Um lugar frio cujo nome começa com V! Isso com certeza exclui um monte de opções.

— É, exclui mesmo, Nesbitt, obrigada — interrompe Van. — Precisamos de mapas. Sabe ler mapas, Nathan?

— Sei. Tem outra coisa, também. Eu sei o formato da palavra.

— O formato? — Nesbitt dá risada. — Ora, e por que não disse antes? O *formato* da palavra... isso faz toda a diferença.

— Nesbitt, se você não pode ajudar, será que, por favor, poderia ao menos não atrapalhar? — Van se volta para mim. — O formato?

Dou de ombros. Eu a desenho no ar com o dedo.



— Muito bem. E qual é o tamanho da palavra? Tem ideia do número de letras?

— Ou de quais letras são? — interrompe Nesbitt, mais uma vez. — Sabe, acho que essa é uma boa pergunta.

— A placa ficava perto da estrada, mas bem mais para a frente — explico.

Sei que não ficava *tão* longe assim, o problema é que eu não consigo ler a placa. E toda vez que tento me lembrar do que estava escrito, basta eu me concentrar na placa, a parte que estava voltada para mim vira uma confusão de preto sobre branco.

— Com qual palavra é mais parecida? — pergunta Gabriel, me entregando um livro.

Nesbitt sacode os braços erguidos no ar e balança a cabeça.

— Eu não acredito nisso.

Abaixo o livro e o encaro. Van e Gabriel também olham para ele.

— O que foi?!

— Por que você não vai buscar o atlas, Nesbitt? — sugere Van. — Depois pode preparar o almoço e dar um longo passeio.

Enquanto ele está longe, folheio o livro na tentativa de encontrar uma palavra que se pareça um pouco com o nome do lugar que vi.

Não dou sorte: mal consigo me concentrar nas letras.

Gabriel arranja uma tesoura e recorta algumas letras, que reordena até eu mandar parar.

— É mais ou menos isso. O que diz?

— Volteahn. Não significa nada. E... — ele folheia o índice do atlas — ... não está na lista de lugares do mundo.

— Tem alguma palavra parecida? — pergunta Van.

Gabriel analisa o índice.

Eu me levanto e vou até a cozinha. Nesbitt está cortando pão. Ele ergue os olhos quando entro.

— E aí, meu camarada? — Acho que não faço uma cara muito feliz, porque ele continua: — Você sabe que eu não falei aquilo por mal.

— Eu não sei ler, está bem?

Ando até ele. A faca que ele estava usando está apontada para meu peito. É uma faca de pão, mas ainda assim poderia matar.

Avanço ainda mais, de forma que a ponta da faca se aperta forte contra minha pele.

Empurro. A ponta começa a penetrar, mas Nesbitt afasta a faca. Há sangue na extremidade.

— Está bem? — insisto.

— É claro que sim, Nathan, é claro. Eu só estava brincando.

A voz de Nesbitt não se altera, nem o sorriso idiota, mas, agora que cheguei perto, vejo que os olhos perderam o movimento interno: o fluxo de fagulhas azuis e verdes está congelado. Ele está com medo.

E fico tão surpreso que paro. Nunca tinha percebido que ele tem medo de mim.

— Nathan, o que está acontecendo? — pergunta Gabriel, entrando na cozinha. Ele hesita, então diz: — A gente acha que

encontrou. O lugar.

— Parece que não tem necessidade de eu saber ler — digo para Nesbitt. Então acrescento: — Além disso, a sopa está salgada demais. — Eu me viro e vou embora.

Nesbitt indaga:

— Salgada demais? Salgada demais? Eu... Mas...

Quando saio da cozinha, reparo em Pers. Ela está sentada no canto do banco. Deve ter passado o tempo todo ali. Reconheço o mesmo olhar de antes, e ela arreganha os dentes em um rosnado, quando saio.

*

Gabriel aponta o nome da aldeia no atlas.

— É essa? Veltarlin? É esse o nome que você viu?

— Não dá para ter certeza. Parece o mesmo. Acho que o lago é esse, mas eu precisaria de um mapa mais detalhado para ter certeza.

Nesbitt se junta a nós à mesa.

— Conseguiram?

— Conseguimos — respondo. — Só pode ser esse lugar. É frio e começa com V.

— Ótimo.

Nesbitt sorri para mim.

— E agora? — pergunta Gabriel.

Van se levanta, alonga as costas, esticando-se para trás em um arco perfeito, depois começa a andar pela sala. Ela pega a cigarreira, mas fica brincando com o fecho, em vez de abri-la.

— Vamos para lá. Podemos arranjar mapas mais detalhados no caminho, para Nathan ver se está certo. Supondo que esteja, Nesbitt irá à frente, como pelotão de reconhecimento.

— Um pelotão de uma só pessoa? — pergunta ele.

— Não finja não estar muito lisonjeado.

— Com o objetivo de...?

— Fazer o reconhecimento do local com extrema cautela. Ver. Observar. Localizar a entrada, ou entradas. Saber das idas e vindas. Avaliar que feitiços Mercury pode estar usando como proteção. E, mais importante, garantir que não será visto. E depois retornar à base.

— E onde é a base?

Van se volta para o atlas e aponta com o dedo com unha perfeitamente manicurada para um lugar a alguns centímetros da colina de Mercury e de seu bunker.



parte quatro

os diários do bunker

mais pensamentos positivos

Estamos na base — mais uma casa vazia —, a quilômetros do bunker de Mercury. Conferimos em um mapa detalhado, e tenho certeza de que é o lugar certo. Estamos aqui há setenta e duas horas, e Nesbitt saiu há setenta e uma e meia. Van passou o tempo todo preparando uma poção de persuasão que dê para usar em Mercury, para convencê-la a despertar Annalise. Está misturando, provando e olhando feio se fazemos barulho. Pers ainda está cheia de ódio e de olhares malignos, mas levo isso numa boa — ou pelo menos da melhor forma possível. Gabriel e eu passamos muito tempo sozinhos, no quarto dele ou na cozinha.

Dormi fora da casa nas duas primeiras noites. Estamos bem ao Norte, e faz frio. Pensei que fosse me transformar, na primeira noite, mas nada aconteceu. Na segunda, sentei-me no chão de pernas cruzadas para assistir ao pôr do sol e repassei o que me lembrava de quando estava na forma animal, quando *ele* estava no comando. Pensei em como era estar dentro do meu outro lado e ver as coisas de um modo diferente. Nada. Mas então voltei à visão que tive quando estava ajudando Gabriel. Lembrei-me de estar no País de Gales, da estaca atravessando meu coração, conectando-me à terra e a ele, o animal dentro de mim. Então, aconteceu: senti a adrenalina se elevar aos poucos, a aceitei de braços abertos e me transformei.

Lembro-me da maior parte de ser animal, mas não de tudo. Não cacei. Foi como se ele estivesse me mostrando como funciona, me

ajudando a avaliar como é, a me acostumar a ele. Mas eu era sempre o passageiro: ele é que estava no assento do motorista. Eu só estava no corpo dele, apesar de não saber que corpo era. A julgar pelas pegadas, imagino que seja um lobo ou um cachorro grande.

Sinto que agora tenho algum controle sobre o momento em que vou me transformar. Tenho certeza de que posso impedir ou fazer acontecer.

Por isso, esta noite, vou ficar dentro de casa e com meu próprio corpo. Em parte, porque espero que Nesbitt volte e, em parte, porque não quero me transformar tão cedo. Estou deitado em uma das camas do quarto de Gabriel, me sentindo bastante otimista.

Pensamento positivo número um

Estou vivo. Tenho meu dom e estou começando a conseguir controlá-lo. Isso é muito importante*. Estou vivo. Tenho meu dom e estou começando a conseguir controlá-lo*.

Isso é positivo para caramba.

Pensamento positivo número dois

Gosto de Annalise. Tenho pensado bastante nela. E gosto dela. Muito. E ela também gosta de mim. Acho.

Pensamento positivo número três

Annalise não deve estar sofrendo ou sentindo dor, nesse momento. Ela está imersa em um sono de morte, o que é perigoso, mas a parte similar à morte não deve ser muito óbvia para ela.

Pensamento positivo número quatro

Agora sabemos onde fica o bunker de Mercury. Se Annalise estiver lá, acredito de verdade que encontraremos um jeito de tirá-la em segurança. Temos uma boa chance de derrotar Mercury. Quatro

contra uma é uma boa probabilidade. Ela está em território conhecido, mas temos o elemento surpresa. Ela é muito poderosa. Nós somos bem poderosos. Temos boas chances. Claro que ela pode simplesmente congelar nós todos na mesma hora em uma tempestade de gelo, ou literalmente nos soprar para longe, ou, sei lá, causar uma chuva de granizo gigante para nos matar.

Pensamento positivo número cinco

Somos quatro contra Mercury, o que significa que ainda não matei Nesbitt, e acho que não vou fazer isso por enquanto. Ele não me irrita mais como antes.

Pensamento positivo número seis

Se sobrevivermos, ficarei ao lado de Annalise. Sei que todos os problemas não terão acabado, e ainda tem toda essa história da Aliança. Sei que viver uma vida tranquila ainda é algo distante, mas estarei ao lado dela. Quero muito beijá-la para valer e outras coisas que passei anos sonhando em fazer com ela, mas nunca tive a chance, e...

*

— Você está bem?

É Gabriel. Ele está aqui comigo, como sempre.

— Estou, só pensando em umas coisas... você sabe. Positivas.

— Ah, certo. Você está pensando nela. Annalise.

— Um pouco. Acho que temos uma boa chance de conseguir. De salvá-la. E de sobreviver.

Ele não responde.

— Você não acha?

— Mercury vai tentar nos matar, e acho que vai fazer de tudo para conseguir. Ela é boa nisso.

Estou tentando manter os pensamentos positivos, por isso digo:

— E acho que a Aliança também tem chance. Quer dizer, pode ser uma grande mudança. Daqui a um ano, o mundo dos bruxos pode estar diferente.

Gabriel se levanta, e eu me viro para encará-lo. Ele se apoia na parede e olha pela janela. O céu está escuro, carregado. O quarto tem um leve brilho esverdeado causado pela fumaça noturna de Van.

Ele se vira para me encarar, e depois olha de volta para a janela. Seus movimentos são tensos, rígidos, como se quisesse dizer algo, mas tivesse mudado de ideia.

— Está com raiva? — pergunto.

Ele não responde na hora, mas logo diz:

— Um pouco. Talvez muito.

— De mim?

— De quem mais?

— Por quê?

— Eu não quero morrer, Nathan. Não quero morrer salvando uma garota que desprezo. Uma garota em quem não confio. Uma garota que acredito que traiu você e que vai trair de novo. E, sendo um pouco egoísta... — ele se vira para olhar para mim — ... acho que você não está nem um pouco interessado no que eu quero, não é?

Tento pensar no que dizer, tipo em como gosto dele, como sou grato, como sei que ele me ajudou. Palavras fracas, mas talvez sejam melhores do que nada. Começo a responder:

— Gabriel, você é meu amigo. Você é especial, eu não poderia...

Ele me interrompe, falando mais alto:

— Você sabe quanto eu sou especial? Será que se importa? Você está tão envolvido em seu próprio drama que não vê nada ao redor.

— Gabriel...

Ele me interrompe mais uma vez:

— A primeira pessoa que matei foi com um tiro na cabeça. À queima-roupa. Ela estava ajoelhada à minha frente, com os pés e mãos amarrados. Eu que amarrei. Ela estava chorando. Implorando. Implorando para que eu a deixasse viver. Atirei na cabeça. Estávamos um de frente para o outro, e eu pressionava o cano da arma em sua testa. Ela estava me encarando. Eu baixei a arma, apontei, empurrei a arma contra a pele e puxei o gatilho. Atirei outra vez, só por garantia, mas na lateral da cabeça. O corpo já estava no chão. E, para garantir, virei o corpo e atirei de novo no coração.

— Você está tentando me deixar chocado.

Fico de pé e avanço na direção dele, mas paro por um instante, surpreso com sua expressão.

Gabriel parece atormentado.

— Quem era? — pergunto.

— Uma garota. Alguém que traiu minha irmã para bruxos da Luz. O nome dela era Caitlin, uma meio-sangue em quem minha irmã confiava, em quem eu confiava. E você até poderia dizer: “Ah, então o Gabriel também erra, ele confiou em alguém que o traiu, não é perfeito em julgar as pessoas.” E sabe qual seria minha resposta? Eu digo: “Você tem razão. É claro que tem.” As pessoas são difíceis de entender, e sabe o que é realmente complicado em relação a elas? Elas mudam, Nathan. Mudam. Minha irmã confiava em Caitlin, e com razão, já que ela era boa, legal, simpática e estava tentando ajudar. No começo, Caitlin estava do nosso lado. Mas sabe de uma coisa? Eles a forçaram a nos trair. Eles fazem isso, convertem as pessoas.

— O que não quer dizer que foi o que aconteceu com Annalise.

— Não, não quer dizer. E eu posso estar errado, Nathan. Ela pode não ter traído você. Mas, quando vejo Annalise, algo nela me faz

lembrar de Caitlin.

— Gabriel...

— É verdade que Caitlin não teve muita escolha, mas teve *uma* escolha. Era meio bruxa da Luz, e, se não fizesse o que queriam, eles teriam transformado a vida dela em um inferno. Mas foi por causa dela que pegaram minha irmã. Minha irmã amava um bruxo da Luz. Caitlin levava as cartas que eles trocavam. Mas minha irmã foi encontrá-lo no território dos bruxos da Luz. Ela sempre foi impulsiva, cheia de vida e entusiasmo. E foi pega. Ela tinha dezessete anos, assim como o garoto. Ele ficou preso por um mês e foi solto. Minha irmã foi enforcada. Não sei o que fizeram com ela, antes de matá-la. O que acha que fariam, Nathan?

Não respondo. Sei que ele não quer ouvir a resposta.

— Ainda odeio Caitlin. Depois de atirar nela, passei semanas desejando poder fazer aquilo de novo para ir mais devagar, provocar mais dor e medo, fazê-la sofrer como minha irmã sofreu.

Eu me aproximo dele e o abraço. É a primeira vez que faço isso. Que me aproximo dele.

Fico pensando que Gabriel talvez desabe, chorando. Mas ele me afasta e me encara fixamente.

— Penso muito em minha irmã, no quanto ela sofreu, no que devem ter feito com ela. Amo você mais do que amava minha irmã, Nathan. Nunca achei que isso seria possível, mas é verdade. E acho que você tem razão: temos mesmo uma chance de derrotar Mercury, e talvez até a Aliança tenha uma chance. Mas, acima de tudo, acho que você vai ser assassinado, Nathan, e que vai ter uma morte ruim, uma morte demorada, lenta e dolorosa. E sou incapaz de impedir, porque você não vê que Annalise não é a pessoa certa para você. Você se recusa a ver isso. Então tudo que posso

prometer é que vou tentar ajudar, e, se eu falhar, se você morrer, farei o responsável sofrer ainda mais do que fiz Caitlin sofrer.

Ele sai andando.

Isso é que é ser positivo.

bolamos um plano

— Não. Não. Não. — Nesbitt está de volta e não está sendo nem um pouco positivo. — Olha, eu já disse. Vai ter um feitiço de proteção.

É a manhã seguinte, e estamos sentados à mesa da cozinha, bolando um plano, tentando descobrir como entrar no bunker sem que Mercury perceba.

— E se a gente cavasse um túnel? — indaga Gabriel.

— Mas é claro. — Nesbitt dá um tapa na testa, como se para se punir por não ter pensado naquilo antes. — Só precisamos de equipamento de mineração, explosivos, gruas e escavadeiras. Não deve levar mais que umas semanas.

Sabemos que ele tem razão. E sei que o único jeito de entrar é o que imaginei desde o início.

— Tenho que ir até a porta e bater.

Todos olham para mim, menos Gabriel. Ele reconhece que estou certo mantendo a cabeça baixa.

— Ela não vai me matar. Pelo menos, não assim que me vir. Vai querer saber se estou com a cabeça ou o coração de Marcus.

— Quanto tempo acha que vai levar até ela descobrir a resposta? — pergunta Nesbitt.

— Uns dez segundos — responde Gabriel, olhando para mim.

— É — concordo —, mas ela vai querer ouvir minha proposta. Da última vez que a encontrei, ela tinha acabado de descobrir que Rose estava morta, Marcus tinha me dado os três presentes, e os

caçadores estavam invadindo o vale. Ela estava furiosa e com medo. Dessa vez, não vai estar assim quando eu aparecer.

— É o que você espera — corrige Nesbitt.

— Então — prossigo —, vou dizer que quero a liberdade de Annalise e perguntar o que ela aceitaria em troca, em vez da morte de Marcus.

— A sua, provavelmente — comenta Gabriel.

— Há esse risco, mas aposto que Mercury vai querer que eu sofra o máximo possível. Vai querer me mostrar Annalise e se deleitar com a vitória. Acho que me convidaria para entrar. E conversaria comigo.

Todos me encaram.

— E depois? — indaga Gabriel. — E quando você já tiver feito isso tudo com sucesso?

— Depois... depois vocês entram de fininho atrás de mim e dominam Mercury, dão a ela a poção de persuasão e descobrem como despertar Annalise. Aí fugimos de lá.

Nesbitt ri. Gabriel revira os olhos.

— Pode ser que funcione — diz Van.

Olhamos todos ao mesmo tempo para ela, surpresos.

— O problema vai ser botar todos para dentro. — continuou ela — Mercury sabe que Pilot ia levar uma nova aprendiz para ela. — Van olha para Pers que está de cara fechada no canto. — Talvez haja um modo de usá-la.

— Eu poderia levar Pers para Mercury. Ela confiaria em mim — sugere Gabriel. — Posso ficar atento a Mercury para descobrir que feitiço protege a entrada.

Silêncio. Van fuma seu cigarro.

Eu intervenho:

— Acho que Gabriel não deveria ir. — Se Mercury nos vir juntos, vai ficar ainda mais desconfiada. — Que tal... se eu chegar com Pers? Posso dizer que a resgatei de quem atacou Pilot e que não sei o que fazer com a menina, mas acho que ela ficaria feliz com Mercury. E aproveito para mandar um: “Ah, e por falar nisso, como está Annalise?” Aí Mercury me leva até Annalise, e Pers tem tempo para descobrir qual é o feitiço da entrada.

— Ela é francesa, não entende uma palavra de inglês. E não quer ajudar você — retruca Gabriel.

— Diga a ela que tem grandes chances de eu ser morto, e ela vai ter a chance de assistir. Isso deve motivá-la.

— Não — intervém Van. — Precisamos de você e de Pers para entrar, mas outra pessoa vai ter que descobrir o feitiço de acesso. A ideia é boa. Com algumas mudanças, pode funcionar...

o bunker de mercury

Já estamos prontos na manhã seguinte. É cedo. O céu está azul clarinho e sem nuvens. Será um belo dia.

Nesbitt diz:

— Já chequei os arredores. Essa é a única entrada. Mercury deve ter colocado uma fenda lá dentro, porque não vejo como ela pode entrar com compras por aí. A grande questão é... será que ela está em casa?

— Só tem um jeito de descobrir — digo.

A entrada do bunker é um túnel estreito na encosta. Ele não dá qualquer indicação do quanto é longo, já que fica completamente escuro depois do primeiro metro. A encosta é coberta de florestas e dá para o lago. Não há pegadas, ou pessoas correndo ou passeando com seus cães. Ali não é a Inglaterra, é a Noruega. Um lugar remoto na Noruega.

Gabriel e eu caminhamos até a entrada — somos a primeira onda da infiltração. Gabriel se transformou em Pers e pegou as roupas dela. Está igualzinho, até anda e fala como ela — e faz a mesma cara feia. Parece que ele vai cuspir em mim a qualquer momento, para dar autenticidade.

Nosso plano é entrarmos primeiro no bunker. Vou dizer a Mercury que peguei Pers com Pilot e a estou levando para ela. Completo dizendo que, enquanto estou lá, quero aproveitar para ver Annalise e ter certeza de que ela ainda está viva. Mercury vai me levar até Annalise, e Gabriel vai escapar para deixar os outros entrarem.

Nesbitt e Gabriel vão surpreender e dominar Mercury juntos, e darão a ela uma poção do sono preparada por Van. Todos achamos que os dois vão conseguir, se tiverem chance de chegar perto o suficiente sem que ela desconfie. Enquanto Mercury estiver inconsciente, Van poderá ministrar a poção de persuasão.

O plano pode dar errado de várias maneiras. Se Mercury sequer desconfiar da armação, estaremos encrencados. Se isso acontecer, concordamos em esquecer o plano para salvar Annalise e nos concentrar em salvar a nós mesmos. É como disse Nesbitt:

— Não podemos ajudá-la se estivermos todos mortos.

Entramos no túnel. O ar está parado, ainda mais frio do que lá fora. Acendo a lanterna enquanto avançamos bem devagar e com muita cautela. As paredes são irregulares e de rocha sólida, assim como o chão, e parece que estamos cada vez mais cercados. As paredes vão se estreitando até não dar mais para caminhar lado a lado.

À frente vejo uma, ou melhor, duas portas: um portão com barras de metal e, bem atrás, uma porta de madeira maciça com ferrolhos de metal negro.

Puxo o portão, mas está trancado com cadeado. A lanterna parece ter ficado mais fraca, e o silêncio se aprofundou a nossa volta.

Passo o braço por entre as barras do portão e uso a palma da mão para bater bem forte na porta de madeira com a palma da mão. Depois uso o punho, mas não faz muito barulho. Bato de novo, com mais força, usando o cabo da lanterna. Até esse som parece ser engolido pelo túnel, e não sei ao certo se Mercury vai conseguir ouvir. Mas talvez ela consiga sentir que estamos aqui. Só Deus sabe que tipo de magia ela usou para proteger a casa.

Bato outra vez e grito:

— Mercury! Você tem visita.

Nós esperamos.

Estou quase batendo de novo quando acho que ouvi alguma coisa. Gabriel se inclina para a frente, como se também tivesse escutado. É o som de uma tranca sendo arrastada pelo metal enferrujado. Ela range e reclama, depois fica quieta. Mais uma tranca, e mais arranhar de metal, e então... silêncio. A porta de madeira se abre lentamente, e começo a sentir um cheiro estranho, pungente. Olho para Gabriel, que balança a cabeça para confirmar que também sentiu, e que o cheiro tem algo a ver com o modo de abrir a porta: não precisa de chave ou senha, e sim de uma coisa com um cheiro forte!

A porta se abre para a escuridão, mas sei que Mercury está ali, porque a temperatura cai drasticamente.

Levanto a lanterna e lá está ela, parada. A mesma figura horrenda de que me lembro: alta e cinza, como uma vara de ferro vergada e enferrujada, o cabelo formando um emaranhado de palha de aço amontoado em cima da cabeça. Os olhos negros brilhando como relâmpagos.

Ela lança um golpe de ar congelante na minha direção. Pingentes de gelo surgem em meu nariz e cabelo. Preciso fechar os olhos e desviar o rosto. Minhas costas ficam dormentes com o frio. O vento é tão gelado que tenho dificuldade de ficar de pé e me apoio nas paredes do túnel, tentando proteger Gabriel com o corpo.

Então, tão rápido quanto começou, o vento para. Eu me ajeito e viro para encará-la.

— Mercury! — digo, em cumprimento, e me arrependo de não ter planejado mais o que dizer.

— Nathan. Que surpresa. E vejo que tem uma nova amiga.

— Ela não é uma amiga. Essa é Pers. Acho que Pilot ia trazê-la para ser sua aprendiz, mas... Pilot morreu.

Mercury não responde, mas seus olhos brilham bem forte.

— Foi morta por caçadores. Eu estava lá. Fugi com Pers.

— E por que veio aqui? Queria atrair os caçadores que estão atrás de você para a minha casa... mais uma vez?

— Não. Eles não me seguiram. Isso foi há uma semana.

— Uma semana. Um ano. Estão seguindo você do mesmo jeito.

— Eu os despistei.

Mercury aperta os lábios.

— E como me encontrou?

— Isso não importa. — Sei que ela não vai acreditar se eu disser que Pilot contou. — O fato é que estou aqui.

— E por que está aqui? Eu disse para matar Marcus e trazer o coração dele. Não vejo coração nenhum.

— Queria conversar com você sobre isso. Não tivemos muito tempo para discutir a oferta, já que os caçadores estavam atirando para todo lado.

— Ela não é negociável.

— Você é uma mulher de negócios, Mercury. Tudo é negociável.

— Isso, não.

— A princípio, você queria que eu matasse Marcus em troca dos três presentes da Atribuição, mas, antes que eu saísse para roubar a Fairborn, concordamos que eu trabalharia para você por um ano, em vez disso.

— E é isso o que está me oferecendo agora? — pergunta Mercury, com escárnio.

— Não. Em troca de Annalise, estou oferecendo Pers.

Mercury olha Gabriel e, depois de um tempo, diz:

— A menina viria para mim de qualquer jeito. Vou ficar com ela. — Mercury abre o cadeado com um de seus grampos de cabelo, pega Gabriel pelo ombro, puxa-o para dentro e empurra e fecha o portão. — Mas você e seu pai são outra questão.

— Mas...

Seguro o portão.

— Não é negociável. Volte quando tiver a cabeça ou o coração de Marcus.

Essa era a pior resposta possível, e a mais previsível.

— Preciso ver Annalise — digo, segurando o portão.

— Não precisa, não — responde Mercury.

— Preciso, sim. Como vou saber se ela está viva? Nem sei onde está. Você pode ter deixado Annalise à mercê dos caçadores. Vou fazer o que você pedir, Mercury. Se puder, eu vou. Mas preciso saber que Annalise está viva. Preciso vê-la primeiro.

Mercury hesita. Ela ainda não fechou o cadeado. Está pensando no assunto. Já é alguma coisa.

— Estou arriscando minha vida vindo aqui, Mercury. Você pode me matar sem a menor dificuldade. Só peço que me deixe ver Annalise.

— Na última vez em que discutimos isso, você disse que nunca mataria seu pai.

— Isso foi antes de ele me deixar à mercê dos caçadores. Eu quase morri. Eles quase me pegaram várias vezes. Mas consegui escapar, e não graças a ele. Esperei a vida inteira que ele viesse me buscar. Achei que fosse me levar como companhia. Achei que eu fosse aprender com ele, viver com ele, mas não. Meu pai preferiu me deixar para trás, para os caçadores me pegarem e torturarem.

— Ele é um homem cruel. Fico feliz que você tenha percebido isso, Nathan.

Faço uma reverência com a cabeça e seguro as barras, dizendo:

— Faço qualquer coisa por Annalise, Mercury. E vou arriscar minha vida para ajudá-la, mas primeiro preciso vê-la. Por favor...

Não me atrevo a erguer os olhos. Só posso torcer para que o ódio de Mercury a deixe cega para o fato de que nunca matarei Marcus, nunca poderia matá-lo. Mas tenho de fazê-la acreditar que tentaria fazer isso por Annalise.

Caio de joelhos.

— Por favor, Mercury.

O portão de ferro se abre em silêncio. Hesito e ergo os olhos.

— Vou ferver você vivo, se tentar algum truque — avisa Mercury, e recua para a escuridão.

Fico de pé e entro. Mercury fecha o portão e a porta de madeira e, em seguida, desliza as trancas de ferro para o lugar. Então pega uma pitada de alguns grãos em um pequeno recipiente de pedra esculpido na parede do túnel e joga sobre as trancas. O cheiro pungente enche o ar outra vez. Acho que os grãos devem fixar as travas no lugar.

O túnel avança mais ou menos do mesmo jeito na parte interna do bunker, mas há alguns lampiões a óleo pendurados ao longo das paredes, tremeluzindo com uma luz amarela. Mercury segura Gabriel com força e o conduz pelo túnel, que faz uma curva para a direita. Eu vou atrás. Ela passa por uma cortina de material pesado, e a sigo até uma sala grande, um salão enorme, com paredes de pedra bruta cobertas de tapeçarias. A cortina por onde entramos também é uma tapeçaria. Não há portas, e desconfio que cada tapeçaria esconda um túnel diferente.

Mercury para no centro do salão e solta Gabriel.

— Fique aí — manda.

Gabriel faz uma expressão confusa perfeita.

Eu me viro para Mercury:

— Pers não fala inglês, só francês.

Mercury murmura alguma coisa para Gabriel, que franze a testa igualzinho a Pers. Ela circula Gabriel, examinando-o de todos os ângulos.

— Então, Pilot está morta. Uma grande perda para todos. E Gabriel? Imagino que também esteja morto.

— Combinei de encontrar com ele em um lugar na floresta. Gabriel não apareceu. Depois de um tempo, os caçadores chegaram.

Com essa descrição, acho que vai ficar claro o que quero dizer que aconteceu: Gabriel foi capturado e torturado para revelar a localização do ponto de encontro.

— Sinto muito — diz Mercury.

— É mesmo? — Eu que franzo a testa, dessa vez. — Acho difícil de acreditar.

— Gabriel era um bruxo das Sombras honrado.

Ela para e passa os dedos pelo cabelo de Gabriel, então levanta uma mecha e a deixa cair. Acho que ele está até com os piolhos de Pers.

Sei que preciso fazer a conversa avançar. Então pergunto:

— Onde está Annalise?

— Você arrisca demais por essa menina, Nathan. Tem certeza de que ela vale a pena?

— Tenho, tenho certeza.

Mercury se aproxima e me encara.

— Ah, o amor verdadeiro. Uma força poderosa.

— Já que eu tenho que escolher entre Annalise e meu pai, é o que vou fazer. Mas preciso vê-la. Quero uma prova de que ela está viva. Depois disso, faço o que você quer.

Mercury se inclina para mais perto de mim e acaricia meu rosto outra vez. Seu dedo é frio e seco como osso.

— Você sempre cheirou tão bem, Nathan.

— Não posso dizer o mesmo de você — resmungo em resposta. — Deixe-me ver Annalise.

— Adoro quando você dá uma resposta malcriada. É uma maravilha. Venha, antes que eu mude de ideia.

Ela se vira e sai andando. Quando passa por Gabriel, fala alguma coisa em francês, e ele fecha a cara e senta-se no chão. Sigo-a até o outro lado do salão, de frente para uma tapeçaria que exibe uma cena de caça, com um homem a cavalo acompanhado por um cão em disparada e um veado cravado por flechas. Atrás da tapeçaria há um túnel idêntico ao que vinha da entrada. Mercury já se adiantou e avança por ele.

Parece que o plano vai bem. Gabriel deve estar voltando para a entrada enquanto sigo Mercury pelo túnel, que mais parece um corredor com portas de madeira dos dois lados. Mercury já chegou à última. Ela entra no novo aposento, e eu reduzo a velocidade. Estou tão ansioso com essa história da Mercury que não me sinto preparado para ver Annalise.

Cruzo o umbral, esperando chegar a uma cela, mas vejo que estou em um quarto. Nele tem uma cadeira, uma escrivaninha, um gaveteiro alto e um guarda-roupa escuro de madeira de lei. Uma lamparina a óleo foi pendurada no meio do quarto, inundando-o de luz e cheiro. Logo abaixo há uma cama. Na cama, está Annalise.

Sinto meu coração se acelerar com o pânico: Annalise está pálida e com os olhos fechados. Está deitada de costas, o que, de algum modo, faz com que pareça mais morta do que adormecida.

Encosto minha mão na dela. Está fria. O rosto está magro. Debruço-me sobre ela para ouvir sua respiração, mas não escuto

ruído algum. Tento sentir o pulso no pescoço, mas não encontro nada.

— Tem alguma coisa errada — digo. — Ela não está dormindo.

— Não, Nathan, ela não está dormindo. Está em um sono de morte. Sem respirar, sem pulsação significativa, e o corpo e a mente só estão funcionando nos níveis mais básicos. Mas ainda há vida nela.

— Por quanto tempo ela pode sobreviver desse jeito?

Mercury não responde, mas vai até Annalise e acaricia o cabelo caído no travesseiro.

— Mercury! Quanto tempo?

— Mais um mês. Depois, é provável que seja tarde demais.

— Você precisa acordá-la. Agora!

— Não estou vendo o coração de Marcus.

— Se você acordar Annalise, eu vou atrás do coração. Mas nunca farei isso se ela morrer.

Mercury acaricia outra vez o cabelo de Annalise.

— Por favor, Mercury.

— Nathan, implorar não combina com você.

Eu a xingo.

— Acorde-a agora! Acorde-a, ou vai ficar sem nada.

E estou convencido de que ela vai rir na minha cara, mas Mercury diz:

— Sempre gostei de você, Nathan. — Ela se vira e olha para Annalise. — E reconheço que ela está com uma aparência frágil. Bruxos da Luz não têm muita força. Um bruxo das Sombras poderia sobreviver três vezes mais.

— Mercury, você não ganha nada se deixá-la morrer. Não está me dando tempo suficiente para encontrar Marcus. É impossível.

Mercury se aproxima de mim e me encara fixamente.

— Então vai matá-lo? Seu próprio pai?

Correspondo o olhar e respondo, fazendo as palavras soarem verdadeiras:

— Sim. Vou dar um jeito.

— Vai ser difícil.

— Vou dar um jeito. Mas só se você despertar Annalise. Agora.

— Ela vai continuar prisioneira até você cumprir sua parte do acordo.

— Sim, sim. Eu concordo.

— Ela será minha escrava. Eu estou avisando, Nathan. Tenho pouca paciência com escravos e prisioneiros. Vou tratá-la mal. Quanto antes você destruir Marcus, menos Annalise vai sofrer.

— Sim, eu entendo.

— Muito bem.

Ela se vira e dá um beijo nos lábios de Annalise, que se abrem. Mercury derrama palavras misturadas com seu hálito para dentro dela. Mercury se endireita e passa a mão pelo braço de Annalise, depois passa as costas da mão no rosto, então diz:

— Dei início ao processo. A centelha da vida foi reacesa, mas vai levar horas, talvez até um dia inteiro, até que a próxima etapa possa ser realizada e ela desperte.

Vou até Annalise e seguro sua mão.

— Qual é a próxima etapa? — pergunto a Mercury, virando-me para encará-la, mas ela está se encaminhando para a porta. Não sei dizer se Gabriel teve tempo suficiente para deixar os outros entrarem. Preciso atrasar Mercury, mas não sei como fazer isso sem levantar suspeitas. — Tem alguma coisa que eu deva fazer? Ela vai precisar de água, ou...

Mercury se vira um pouco para a minha direção, dizendo:

— Eu avisei...

Ela é interrompida por um chamado. Parece a voz de Pers, mas Gabriel não a chamaria. Não entendo as palavras, mas tenho um mau pressentimento.

Mercury sai do quarto, parecendo mais irritada do que com raiva. Vou até a porta, planejando segui-la. Ela afasta a tapeçaria e para ali, de costas para mim. Consigo ver o salão atrás da abertura e ouvir a menina falando outra vez. Ela vai correndo na direção de Mercury. É a verdadeira Pers, vestida com roupas diferentes das de Gabriel. Ela também me vê, então grita e aponta para mim. Não tenho ideia do que está dizendo, mas posso imaginar.

Mercury nem sequer responde, só se vira para mim. Me jogo de volta para dentro do quarto quando um raio passa voando pelo corredor. Arrisco outra espiada rápida e vejo a tapeçaria voltar ao lugar. Mercury foi para o salão. O barulho de trovões enche o bunker, e as paredes do corredor tremem como se fossem desabar.

Corro até a tapeçaria, mas ouço um tiro logo antes de chegar. O barulho é logo seguido de uma explosão, depois outra e mais outra, e as vibrações de cada explosão se somam à seguinte, até que o bunker inteiro parece estar se sacudindo. Agora preciso lutar contra um vendaval ululante para afastar a tapeçaria e ver o que está acontecendo no interior do salão, onde Van enfrenta Mercury.

Nesbitt está do outro lado do salão, apontando a arma para o corpo de Pers, que está jogada no chão, com um buraco de bala bem no meio da testa. Fico chocado por um instante, mas reparo que não é Gabriel. É a verdadeira Pers, que está usando roupas diferentes.

Nesbitt se vira, apontando a arma para Mercury, mas a força do vento aumenta, e ele não consegue segurá-la firme. Ele mal consegue ficar de pé.

Encontro Gabriel no cenário, já sem disfarce, agachado no canto do salão com uma arma nas mãos, mas também sem conseguir segurá-la com firmeza. Ele atira e erra o alvo.

Mercury ergue e gira os braços acima da cabeça, e o vento ganha força, entra em um ritmo furioso, carregando todos os objetos soltos — almofadas, papéis, uma mesinha —, e os faz girar pelo salão, como um furacão. Até as pesadas cadeiras de madeira deslizam pelo chão em uma estranha dança circular. O vento me empurra para trás, para o abrigo do corredor.

Mercury está parada no meio do furacão, uivando de fúria. Vejo um pequeno raio, que ganha força e cresce. Van grita, e só então o raio desaparece. Nesbitt dispara a arma, mas não consegue acertar Mercury. Ela vai matar todos nós.

A tapeçaria cobrindo a entrada para o corredor golpeia meu rosto, e recuo. Quero que o animal assuma. Quero ser ele, mesmo que apenas por uma última vez. Deixo a adrenalina animal fluir por mim e a recebo de braços abertos.

Estou dentro dele. Dentro do animal. Mas agora é diferente: dessa vez nós dois queremos a mesma coisa.

nós

a tapeçaria golpeia nosso rosto, então a agarramos e arrancamos. somos grandes e fortes e, mesmo de quatro, nossa cabeça fica bem acima do chão.

o uivar do vento parece a fala de uma mulher, mas as palavras não fazem mais sentido. são apenas ruído, sons agudos e furiosos.

a mulher de cinza está de costas para nós. seu vestido tremula ao vento, estalando com força no ar, rasgando o tecido em alguns pontos. o cabelo está todo para cima, formando um redemoinho. a tempestade à sua volta solta raios. ela estende os braços e lança raios das mãos. o vento amaina um pouco. a outra mulher está no chão, rastejando para longe. o homem mais velho está perto dela. está com raiva e assustado, por ele e pela mulher no chão, mas tem uma arma. o homem avança e atira, mas a arma está vazia, então ele começa a gritar e a correr na direção da mulher dos raios, mas ela joga o braço para trás, e uma lufada de vento levanta o homem e o arremessa com força contra a parede. a mulher dos raios não se vira para ver o estrago, apenas olha para a outra, que está rastejando para longe, e outro raio atinge o chão perto da mulher rastejante. o raio é ofuscante, e o trovão ecoa pelo salão.

captamos um movimento à extrema direita. um jovem está na entrada de outro corredor. sangue escorre por seu rosto.

viramos de volta para a mulher dos raios. ela é a única ameaça. vai nos matar se não a matarmos. avançamos. agora sentimos seu cheiro, um odor metálico de raiva.

a mulher no chão ainda está viva. está exausta, mas diz umas palavras.

o vento amaina ainda mais. o cabelo da mulher dos raios cai ao redor do pescoço. ela fala outra vez, então mais um raio acerta o chão. a mulher rastejante dá um grito curto e alto e cai, imóvel. fumaça sai de suas roupas. o cabelo está queimando.

avançamos na direção da mulher dos raios. o corpo dela fica tenso. ela sentiu alguma coisa. nós nos preparamos, tensionando as patas traseiras. a mulher dos raios se vira. ela nos vê e fica surpresa, mas não recua. ergue o braço para mandar vento ou raio, mas já partimos para cima dela. a mulher está no chão embaixo de nós, sob nossas garras. ela é magra e frágil, mas meio dura, perdida em nosso abraço.

raios caem ao redor, espalhando-se pelo salão, ofuscantes. barulhentos. mais barulhentos. mais brilhantes. estourando perto de nós, mas sem acertar. a tempestade é selvagem, uivante, terrivelmente fria. estamos no olho do furacão. mas seguramos firme, esmagando a mulher contra o peito. as costelas quebram. *crack, crack, crack*. cravamos as garras na lateral de seu corpo e movemos as mãos para cima e para baixo, rachando ossos, rasgando a pele. sangue quente escorre. cravamos as garras outra vez. através da pele grossa e mais fundo, arrebentando as costelas e as entranhas, descendo até a bacia.

o vento parou.

tudo está calmo e silencioso.

não há medo. ele desapareceu com o último resquício de raio e trovão.

uma pequena chama queima a borda de uma tapeçaria. fumaça e vapor pairam no ar.

a mulher dos raios está imóvel.

afrouxamos as garras que seguram seu corpo e o deixamos cair com força no chão. depois a cheiramos do ombro às entranhas, dilaceradas e vermelhas.

o sangue dela tem um gosto bom.

prendemos o corpo entre as presas, erguendo-a de leve ao morder. o vermelho é bonito e o sabor é bom.

rosa

estou em um banheiro.
estou tremendo.
mas sou eu.

abro a torneira da banheira e lavo o sangue grudado no braço.
lembro-me de cada segundo que passei na pele do animal. lembro-me de tudo.
deito-me na banheira, mergulho e afundo. quando volto à superfície, a água está rosa.
acho que vou vomitar, então saio da banheira e paro ao lado do vaso sanitário, mas não estou enjoado.

parei de tremer.

beijos

— Posso falar com você?

Gabriel está parado na porta do banheiro. Estou de costas para ele, mas posso vê-lo no espelho. Ele entra no cômodo. Sua beleza é incrível e perfeita, e ele parece preocupado e humano. Olho para mim mesmo, para meu reflexo. Pareço o mesmo de sempre, mas não sou.

— Eu me lembro de tudo — digo a Gabriel.

E me lembro até de me transformar de volta. Fiquei com Mercury enquanto ela morria, quase sentindo a vida se dissipar no silêncio ao meu redor. Nesbitt cambaleou até Van e se ajoelhou ao lado dela, conferindo seu pulso, falando com ela, mandando que se curasse. Ela estava queimada, ainda em brasa, com a pele enegrecida. Nesbitt falou baixinho. Ele cheirava a pesar. Gabriel saiu do corredor, não estava mais armado. Ele avançou na minha direção com os braços esticados, as palmas viradas para mim. Sem encarar meu olhar de frente, com o rosto voltado para o chão, erguendo os olhos. Ele sentou-se no tapete molhado perto de mim. Deitei-me ao lado dele e descansei, e a adrenalina animal foi passando. Em um segundo, tinha me transformado de volta. Voltei para este eu. Nathan.

— Que bom que você consegue lembrar — responde Gabriel.

— É, acho que é. Não sei. — Eu me viro para encará-lo. — É diferente quando sou o animal. Não sou o mesmo. — Digo isso tão baixo que não sei se ele consegue ouvir.

— Não tenha medo de seu dom, Nathan.

— Não tenho medo dele. Não mais. Mas, depois que me transformo, quando sou o animal, tudo é diferente. Fico meio que observando ele agir, mas também sou parte dele, sinto tudo o que ele sente. E é uma sensação maravilhosa, Gabriel, ser completa e absolutamente ele, ser completa e absolutamente selvagem. Não quero ser um animal, Gabriel, mas quando sou, é a melhor sensação do mundo. A mais selvagem, mais linda e intensa que já senti. Sempre achei que o dom de uma pessoa refletia algo sobre ela, e tudo que posso pensar é que meu dom reflete meus desejos, que são de ser completamente selvagem e livre. Sem ninguém me controlando.

— Você gostou?

— Isso é errado?

— Não tem certo ou errado aqui, Nathan.

Não sei se posso dizer isso, mas quero contar a ele, então continuo a falar:

— A sensação é boa.

Ele se aproxima de mim e diz:

— Adoro quando você é sincero comigo. Você tem uma conexão muito maior ao seu verdadeiro eu do que qualquer pessoa que eu já conheci.

Sei que ele vai me beijar de novo, então apoio a mão em seu peito, para impedir.

Mas aí olho para ele, seu rosto e olhos, o ouro girando dentro das íris, e não sei por que estou lutando contra isso. Sinto certa curiosidade a respeito de Gabriel. E só de tocar seu peito sinto algo diferente. É bom. Uma sensação agradável. Não tenho certeza do que quero fazer, mas sei que vou parar se não gostar da sensação.

Deslizo a mão até o ombro dele e alcanço a nuca. Inclino a cabeça bem de leve para a frente, e ele não se mexe. Está absolutamente imóvel. Passo a mão por seu pescoço, seu cabelo. Não encaro seus olhos, e sim seus lábios. Então chamo, no sussurro mais baixo possível:

— Gabriel.

Estou tão perto dele que nossos lábios quase se tocam, então me aproximo ainda mais, até se tocarem de fato, enquanto digo seu nome outra vez. É como um beijo, mas não para valer. É bom, e quero mais. Movo os lábios sem repetir o nome, ainda mal encostando, depois chego mais perto, roçando os lábios dele com os meus. E ele me beija. Não me importo com mais nada. Quero mais, estou desesperado. Beijo Gabriel com mais e mais vontade e aperto o corpo dele contra o meu com toda a força que tenho, envolvendo-o com os braços. Abrimos os lábios, as línguas se tocam, os dentes batem, e então o afasto. Empurro-o com força contra a parede. Dou meia-volta e saio do banheiro.

Eu deveria estar no quarto com Annalise. Não entendo o que está acontecendo comigo.

a gaveta trancada

Parece ter sido em outra vida que Mercury beijou Annalise para despertá-la. Estou sentado com ela há três ou quatro horas, feliz por Annalise ainda estar dormindo. Posso ficar sentado na cadeira ao lado de sua cama, com a cabeça jogada para trás e os olhos entreabertos, encarando-a, fitando sua beleza pura. Se penso nisso, não preciso pensar em outras coisas.

Ouço uma batida na porta, e, antes que eu possa dizer qualquer coisa, Van entra. Percebo que ela se curou bem e rápido, mas está com uma cicatriz na lateral do rosto.

— Nesbitt disse que você estava aqui. Alguma mudança? — pergunta ela.

— Nada. Mercury disse que tinha iniciado o primeiro estágio do processo, mas que levaria horas até passar para o próximo. Só que não tenho ideia do que seja. Não sei se tenho que fazer alguma coisa, ou sei lá.

Van senta-se em uma cadeira do outro lado da cama. Ela está vestindo um terno novo e limpo, impecável como sempre. Até o cabelo não está muito ruim, apesar de dar para perceber que queimou um pouco ao redor da orelha direita.

Ela acende um cigarro e diz:

— Vamos esperar para ver. Imagino que o próximo estágio se inicie quando Annalise começar a despertar.

Fecho os olhos e cochilo. Penso em Gabriel. Queria beijá-lo para saber como era, e foi bom. Eu gostei. Mas preferiria beijar Annalise.

E Gabriel é meu amigo, mas acho que eu devo ter estragado essa parte. Espero que não, porque ele deveria entender — embora eu não tenha certeza do que deveria ser entendido.

Abro os olhos e me ajeito na cadeira.

— Você acha que tenho que fazer alguma coisa? — pergunto a Van, sem pensar muito.

— Para acordar Annalise?

— É.

Ela inclina a cabeça para a esquerda e se endireita.

— Fazer alguma coisa como...?

— Não sei. Nas histórias antigas, o príncipe desperta a princesa adormecida com um beijo. Mercury a beijou, mas talvez eu também precise fazer isso.

— Não acredito que você ainda não tentou — comenta Van. — Mas acho que dois beijos não fazem muito o estilo de Mercury. — Ela olha para Annalise. — Bem, ao mesmo tempo, não tem muita coisa acontecendo, agora.

Eu me levanto, vou até Annalise, me abaixo e beijo seus lábios com delicadeza. Estão frios. Tento outra vez, com mais força. Toco seu rosto. Está frio. Tento sentir sua pulsação no pescoço: nada.

Sento-me outra vez e olho fixamente para Annalise.

— Tem alguma coisa errada, tenho certeza.

Van dá um trago no cigarro.

— Consegue ver alguma coisa de diferente naquele gaveteiro ao seu lado?

Eu me viro e olho. É um gaveteiro de carvalho, alto e com oito gavetas. Toda a mobília do quarto — a cama, o guarda-roupa, o baú e as cadeiras — é da mesma madeira.

— Estou olhando para ele há uma hora, mas agora estou começando a ficar incomodada — explica ela. — Por que todas as

fechaduras da cômoda, ou melhor, do quarto todo, estão com a chave enfiada, menos a da gaveta de cima?

Olho ao redor. Ela tem razão: todas as gavetas estão com as pequeninas chaves enfiadas nas fechaduras. A porta do quarto também, assim como as do guarda-roupa. Tento abrir a gaveta de cima, mas não consigo. Todas as outras gavetas abrem, e todas estão vazias.

Van apaga o cigarro no braço da cadeira e se levanta.

— Acho que você tem razão: você precisa fazer alguma coisa para acordar Annalise. Mas não é de um beijo que ela precisa, é de outra coisa. E é naquela gaveta que eu botaria essa coisa. — Van tenta abrir a fechadura com a chave da gaveta de baixo. Não funciona. — Precisamos da chave certa.

— Mercury não usava chaves — digo, e saio correndo do quarto.

Sei que Gabriel tem um dos grampos de cabelo de Mercury, mas não sei se consigo encará-lo por enquanto. Prefiro encarar um cadáver.

O salão ainda está cheio de fumaça. Olho para onde deixei o corpo de Mercury. Ele não está ali, mas vejo duas tapeçarias enroladas posicionadas lado a lado no chão, na lateral do aposento. A maior deve conter o corpo de Mercury, e a menor, o de Pers.

Arrasto o fardo comprido até um espaço livre no meio do salão e o desenrolo. Até essa parte é desagradável. Ela está rígida e escapa do tecido de repente, rola de frente e de costas, até ficar ali deitada, me encarando com os olhos abertos. Eles ainda são negros, mas não têm estrelas brilhando ou raios dentro das íris. Com muito cuidado, passo a mão por seu cabelo e tiro todos os grampos. São dezessete! Há grampos cujas pontas têm caveiras vermelhas, negras, brancas, verdes e de vidro. Não consigo me lembrar das

tarefas para que cada tipo serve, mas Rose tinha me contado que, dependendo da cor, eles abrem portas, fechaduras ou matam.

Ponho os grampos no bolso com cuidado. Só preciso enrolar Mercury de volta no tapete. Dobro a ponta da tapeçaria sobre o corpo e dou a volta para enfiar as mãos por baixo. Ao fazer isso, algo cai do vestido de Mercury, todo sujo de sangue. É uma corrente de prata presa a um relicário com o fecho bem complexo, em forma de um ninho intrincado de ouro e prata. E não abre. Pego um dos grampos de cabelo com a ponta vermelha e o empurro contra o pingente.

Não sei bem o que vou encontrar — deve ser uma poção especial ou joia valiosa. Mas dentro do pingente há um pequeno retrato pintado de uma menina que parece Mercury. Mas não é ela. Mercury não é vaidosa o suficiente para usar o próprio retrato pendurado no pescoço. Deve ser sua irmã gêmea, Mercy, minha bisavó. Marcus a matou, e agora matei a outra irmã. Bruxos das Sombras têm fama de matar membros da própria família, e parece que, nesse aspecto, estou me revelando bastante das Sombras.

Fecho o pingente e o recoloco nas dobras do vestido de Mercury.

Enrolo seu corpo de novo e o arrasto para o canto da sala.

Quando chego ao quarto, mostro a Van os grampos de cabelo.

— Os de caveira vermelha abrem trancas — explico.

Coloco a ponta de um no buraco da fechadura e ouvimos um estalido baixo e agradável. A gaveta desliza e se abre suavemente, revelando um pequeno vidro roxo no interior.

Van o pega e tira a rolha desgastada. Ela cheira o vidro e afasta a cabeça depressa, com os olhos lacrimejando.

— É a poção para acordar Annalise — diz. — Eu sugeriria apenas uma gota.

— Nos lábios?

— Isso seria romântico, mas não muito eficiente. Eu diria para pingar na boca.

Pego o vidro e o inclino de leve sobre a boca de Annalise, que Van segura aberta. Uma bolha azul viscosa vai crescendo na boca do frasco até eu começar a achar que é demais e não vai dar certo. Então a gota cai na boca de Annalise.

Mantenho a mão em seu pescoço, na tentativa de sentir a pulsação. Um minuto se passa, e nada. Continuo a segurá-la, e mais um minuto se passa, então acho que sinto algo — uma pulsação fraquíssima.

— Ela está acordando.

Ao me ouvir, Van coloca a mão no pescoço de Annalise, para conferir.

— É, mas o coração ainda está fraco. Vou ver o que posso arranjar para isso.

Ela sai do quarto.

annalise não está respirando

Isso não é bom. Não é nada bom. O pulso dela está acelerado demais e ficando cada vez mais forte, mas não está normal, não está regular. Mantenho a mão em seu pescoço, sentindo a pulsação, que acelera cada vez mais. Então paro de sentir. Parou. É a segunda vez que para. Da primeira, voltou sozinha após dez segundos. Conto os segundos:

Cinco

Seis

Sete

Oito

Vamos lá, vamos lá

Dez

Onze

Ah, merda. Merda, merda, merda.

Então surge uma batida. É bem leve, como estava antes. Depois vem outra, e outra, cada vez mais forte. Esse é o padrão. Ah, merda! Se é um padrão, vai se repetir.

Continuo com a mão no pescoço dela. Van ainda não voltou, e não tenho certeza se...

Os olhos dela se abrem, trêmulos.

— Annalise? Consegue me ouvir?

Ela está olhando para mim, mas não me vê.

O coração acelera cada vez mais, fica mais forte e alto, mas dessa vez está muito mais rápido.

Então para, de novo.

— Annalise. Annalise.

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Por favor, por favor, respire

Por favor

Por favor...

Os olhos dela se fecham.

Ah, não. Não, não, não.

Mas, então, sinto seu pulso de novo. Bem leve, mas está lá.

Está ficando mais forte, mas não tão depressa. Será que estou só tentando me enganar? Annalise não abre os olhos.

— Annalise. É o Nathan. Estou aqui. Você está acordando. Estou aqui. Não tenha pressa. Respire devagar. Devagar.

O pulso dela parece estabilizar depressa, mas não em um ritmo tão assustador quanto o de antes, e ela parece mais quente. Seguro sua mão, tão magra e ossuda que fico assustado.

— Annalise. Estou aqui. Você está acordando. Estou com você.

Ela abre os olhos e os volta para a frente, mas ainda não consegue focá-los em mim. Seus olhos parecem estranhos, mortos. Não há reflexos prateados nas íris. Sinto seu coração acelerar outra vez, bater mais e mais rápido. Ah, não. Ela ainda está de olhos abertos, e o coração está batendo tão rápido e forte que acho que vai explodir e...

— Não. Não. Annalise. Não.

Eu verifico, mas sei que seu coração parou outra vez.

Não consigo mais contar. Não consigo lidar com isso. Ah, merda. Merda, merda, merda. Será que faço uma massagem cardíaca, ou algo do tipo? Ela precisa estar sobre uma superfície rígida, para isso. Passo os braços por baixo de seu corpo e o levanto. Está muito leve, leve demais. Deposito-a no chão com delicadeza e fico sem saber direito o que fazer.

Ponho as mãos no seu peito e empurro várias vezes. Acho que a ideia é fazer isso cantando uma música. Eu me lembro apenas vagamente de Arran explicando. Uma música rápida. É tudo que lembro. Faço pressão no peito dela, massageando o coração até bater outra vez. Mas a verdade é que não sei como proceder, não sei se isso está certo, mas tudo o que posso fazer agora é continuar. Tenho que continuar.

— Nathan, o que está acontecendo?

É Van. Ela se ajoelha ao meu lado.

— O coração dela para de bater e volta, o tempo todo. Os olhos abriram, mas pareciam mortos, aí o coração parou de novo.

— É isso mesmo que você tinha que fazer.

— Acho que quebrei as costelas dela. Não sei com que força tenho que fazer isso.

— Você está indo bem. Costelas podem ser curadas.

Van toca o pescoço de Annalise, a testa e o rosto.

E me passa um cigarro.

— Dê uma baforada para dentro da boca de Annalise a cada minuto, até terminar o cigarro. Isso vai fortalecer o coração dela, mas talvez enfraqueça o seu.

Trago o cigarro e, ao expelir a fumaça na boca de Annalise, eu me sinto zonzo. Dou mais um trago e me sinto bem, mas fico muito tonto ao exalar. É como se estivesse dando toda a minha força para Annalise. Meus lábios estão bem próximos dos dela. Olho em seus

olhos, mas nada mudou. Dou outra tragada no cigarro, e, ao exalar na boca de Annalise, meus lábios tocam os dela. Seus olhos não mudam. Repito o processo, dando outra baforada em sua boca. Meus lábios roçam os dela, meio sem jeito, e, quando me volto para seus olhos, eles estão brilhando.

— Nathan?

— Sim. Estou aqui.

Sinto Van tocar meu ombro e murmurar:

— Vou deixar vocês a sós.

— Isso é real? — pergunta Annalise.

— É. Nós dois somos reais.

— Que bom. — Ela mais respira do que fala.

— É muito bom. Você estava dormindo por causa de um feitiço.

— Estou com frio.

— Vou tentar aquecer seu corpo. Você passou muito tempo dormindo.

Os olhos dela estão focados em mim. O azul é intenso, e os reflexos prateados se movem lentamente.

— Estou com muito frio.

Sua mão se move, à procura da minha, e a seguro. Puxo um cobertor para cobri-la, deito-me ao seu lado para mantê-la aquecida e fico falando com ela. Não paro de repetir as mesmas coisas. Digo que estou aqui, que ela vai ficar bem, que ela estava dormindo, e que precisa ir com calma.

Annalise passou meses dormindo, o que parece tê-la deixado exausta. Está com o corpo magro demais, os ossos despontam por baixo da pele, e, agora que acordou, está com o rosto franzido e tenso. Parece mais frágil e doente do que quando estava dormindo.

Nós ficamos deitados juntos, e eu a abraço para mantê-la aquecida.

— Você estava fumando? — pergunta ela.

— Estava. Nós dois dividimos um cigarro. Não era tabaco, era outra coisa.

Ela não responde. Começo a pensar que dormiu de novo, mas aí ela me chama:

— Nathan.

— O que foi?

— Obrigada.

Então dorme.

ficando mais forte

Annalise está dormindo em meus braços. Estamos nessa posição há horas, e é bom. É tudo pelo que lutei, tudo o que eu queria. Mas não é perfeito. Annalise está magra e fraca em níveis assustadores.

Ouço uma batida na porta. Não quero me mexer, pois não quero acordar Annalise. Seu rosto está aninhado em meu peito, a testa agora está quente. Sinto calor. Estou suado.

A porta se abre, e um vento gelado vem em minha direção. Não é Mercury.

— Como ela está?

A voz de Gabriel é quase gentil. Ele está parado à porta, e parece estar com muita raiva.

— Dormindo. Está fraca. Muito fraca. Acho que precisa de comida. E de líquidos. — Tento parecer prático, como se estivesse discutindo um problema médico, não a garota em meus braços.

Silêncio. Um longo silêncio.

Então ele sai, dizendo:

— Vou falar com Nesbitt sobre isso.

Quero agradecer, mas ele odiaria isso, e, de qualquer jeito, já foi embora.

Annalise continua a dormir.

Pouco tempo depois, Nesbitt aparece com uma tigela de alguma coisa.

— Sopa misturada com um pouco do tônico da Van. — Ele a deixa na mesa. — Gabriel está de mau humor por algum motivo.

Não consigo entender aquele garoto. Afinal, resgatamos a menina.

— Que horas são? — pergunto.

— Não tenho ideia. Por quê?

— Com certeza já deve ter escurecido, mas não estou me sentindo mal.

— Ah, isso. Sim. Já está de noite. Van disse que Mercury deve ter colocado um feitiço no bunker. Para deixá-lo habitável. Parece que é bem impressionante. Van não sabe como fazer.

Agora me lembro: Mercury tinha um feitiço similar na cabana na Suíça.

Depois que Nesbitt vai embora, acordo Annalise com toda a delicadeza possível. Ela abre os olhos e diz:

— Eu me sinto tonta. E meio estranha.

— Você passou meses sob influência de um feitiço. — Não digo que ela estava *definhando*, mas é o que parecia estar acontecendo.

— Meses?

— Dois meses.

— Nossa! Isso é tempo pra caramba dormindo. — Ela ergue o tronco e olha ao redor. — Onde estamos?

— Na casa de Mercury, na Noruega.

— E onde ela está?

— Morta.

Annalise pensa no que disse por alguns segundos, então responde:

— Então estamos seguros aqui?

— Tanto quanto poderíamos estar em qualquer lugar. — Ergo a tigela de sopa. — Você precisa comer.

— Como você me encontrou? O que aconteceu com Mercury? Conte tudo o que aconteceu enquanto eu estava dormindo.

— Só conto se você comer.

— Feito. Estou com fome.

Dou colheradas de sopa a ela. Falo enquanto Annalise toma pequenos goles, e, quando a tigela fica vazia, já contei tudo, até sobre meu dom, sobre matar caçadores e sobre matar Pilot. Ela faz algumas perguntas, mas não muitas. Passa quase todo o tempo calada, absorvendo os acontecimentos. Pergunta sobre a Aliança e diz que parece uma boa ideia. E pergunta sobre meu dom. Tento explicar, mas é difícil, e acabo dizendo apenas que me transformo. Ela insiste que matar caçadores para proteger a mim mesmo é compreensível, mas não faz comentários sobre Pilot, apenas diz:

— Eu teria morrido se não fosse por você.

Então já contei tudo. Só que não de verdade.

Não contei que um dos caçadores que matei era seu irmão e que rasguei a garganta dele. Não mencionei ter provado seu sangue. Na verdade, não mencionei nada sobre o sangue. Não contei a ela que minha forma animal tem tendência a comer coisas, como veados, raposas e ratos.

E não contei que gosto de ser um animal.

E sem dúvida não contei que, há apenas algumas horas, estava beijando Gabriel.

Mas sei que não é o momento para isso. Annalise quase morreu. Ela ainda não está bem, e quero apenas aproveitar a parte boa de estarmos juntos.

Annalise olha para mim e pergunta:

— Qual o problema?

Balanço a cabeça.

— Nada. Só estou preocupado com você. Seu coração ficava parando.

— Bem, estou me sentindo melhor. Quero ver se consigo mexer um pouco as pernas, dar uma volta.

Eu me levanto primeiro e observo Annalise jogar as pernas para fora da cama, ficar de pé e começar a cambalear.

— Opa! Fiquei tonta de novo. — Eu a seguro, e ela se agarra a mim. — Mas tudo bem, você está aqui.

Ela se apoia em mim, e eu a abraço. Seu corpo está frágil como vidro. Tomo cuidado para não a apertar com muita força ao me lembrar do estado de suas costelas.

— Estão doendo? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Só estão incomodando um pouco. — Mas faz uma careta quando toco seu tórax. — Mas estou viva. E acordada. — Ela sorri para mim. — E minha cura está funcionando. Posso sentir.

Ela põe a mão no meu rosto.

— Você me salvou, Nathan. Foi atrás de mim e arriscou tudo para me ajudar. Você é meu herói. Veio em meu resgate.

— Eu não sou um herói.

Ela aproxima o rosto do meu e me beija.

— Seja o que for, obrigada. — Então se afasta e olha para mim. — Você parece cansado.

— Descobri que resgatar prisioneiros de bruxas malvadas é bem cansativo.

— É *você* quem precisa descansar. — Ela se vira. — Ah, veja. Uma cama! Que prático. — Ela me puxa até lá, dizendo: — Deite comigo de novo.

Deixo que ela me guie até a cama. Ela se deita, e me deito a seu lado. Annalise cheira muito bem. Mesmo depois de todo esse tempo dormindo, ela tem um aroma muito dela e muito limpo.

— Você é meu príncipe, meu herói. Mais ninguém no mundo teria feito o que você fez. Nem mesmo minha família. Na verdade,

especialmente minha família. Mas você, a pessoa que todos sempre disseram que era malvada... você arriscou a vida para me ajudar.

Ela me abraça, e fecho os olhos. Ficar deitado ali é bom, quente e cheira bem, e digo a mim mesmo que de manhã contarei a ela sobre Kieran.

Annalise beija minha boca, de um jeito nervoso e meio desajeitado. Eu também a beijo, puxando seu corpo contra o meu, e ela começa a chorar. Sei que está chorando de alívio por estar viva, e seco suas lágrimas. Ela me encara com os olhos brilhando. Os traços de seu rosto parecem muito suaves sob meus dedos e lábios. Vou beijando seu rosto e pescoço, descendo pela garganta. Ela beija meu rosto da mesma maneira. Estamos abraçados, meu rosto apertado no peito dela, ouvindo o coração bater mais rápido, e digo a mim mesmo que ela está viva por minha causa, que seu coração bate por mim, e que isso tem de ser bom, tem de ser bom.

cavando

Acordo na cama bem perto de Annalise — tão perto que posso sentir seu calor. Não estou acostumado a dormir acompanhado, e é uma sensação estranha, mas boa. Ela ainda cheira daquele jeito bem dela, mas agora não parece tão limpo, e quero beijá-la. Abro os olhos. Ela está sorrindo para mim. E parece menos pálida.

— Como está se sentindo? — pergunto.

— Melhor. Muito melhor. E você?

— Estou bem, mas com fome.

— Por sorte Nesbitt acabou de trazer o café da manhã. Acho que usou isso como desculpa para me conhecer e descobrir o que estávamos fazendo, mas, enfim... comida é comida, e estou faminta.

— Achei que tinha ouvido alguém. — Em geral, eu teria acordado na hora que ouvisse a voz de alguém, mas daquela vez dormi profundamente.

Tomamos mingau — há o suficiente para dez pessoas —, e tem geleia, mel e passas para acompanhar. Annalise come uma tigela grande e se deita, dizendo que está se sentindo bem, mas fedida.

— Você não está fedida.

— Mas preciso tomar uma chuveirada. — Ela se levanta e vai até a porta, dizendo: — Estou me sentindo muito mais forte. Sem tonteira.

Acho que ela está dando uma dica de que consegue chegar ao banheiro sozinha. Deito-me na cama e, enquanto espero seu retorno, caio no sono de novo.

Acordo com o estalido da porta se abrindo. Sinto-me revigorado e satisfeito por ter acordado com um som suave, apesar de ficar menos satisfeito ao ver que é Nesbitt, não Annalise.

— Dormiu bem, meu camarada? — Tenho certeza de que ele não espera resposta. Nesbitt recolhe a louça do mingau, dizendo: — O tempo está passando depressa. Você precisa se levantar.

— Vou esperar Annalise.

— Ela está com Van. Você está dormindo há horas, meu camarada. Annalise e Van estão examinando o bunker, é um labirinto. Estou botando o fogão para funcionar e arrumando a bagunça no salão. E Gabriel... — ele dá um sorriso — ... bem, ele ficou com a tarefa de coveiro, e você será o assistente.

*

Gabriel e eu estamos cavando a encosta. O trabalho é lento. O solo é duro, seco e cheio de pedras grandes e raízes. Temos que usar uma picareta e um machado para romper a terra antes de causar qualquer efeito com as pás. Leva horas. Trabalhamos em silêncio. Fico quieto ao notar que Gabriel não parece disposto a me responder, o que acontece cinco minutos depois de começarmos o trabalho.

Paramos de trabalhar no fim do dia, já que começou a chover. O céu escureceu, e um vento gelado começou a soprar. A chuva logo se transforma em granizo. Estou no fundo da cova maior. Jogo a pá para fora e peço ajuda a Gabriel para sair de lá. Não sei se ele está me fazendo esperar ou simplesmente vai me largar lá, mas, depois de mais de um minuto sob a chuva de granizo, percebo que vou ter que sair dali sozinho. Subo e saio da cova, escorregando e ficando coberto de lama. Gabriel foi se abrigar sob uma árvore e está me observando. Quero dizer alguma coisa sobre nós dois e sobre eu e

Annalise, mas, como sempre, não tenho ideia de por onde começar, então, em vez disso, falo:

— Fiquei com a impressão de que você gostaria que eu não saísse de lá nunca mais.

Aponto para a cova com a cabeça.

Ele não se dá ao trabalho de responder, mas me pergunta:

— Você vai se juntar à Aliança?

— Eu disse que iria, e...

— Bruxos das Sombras não são famosos por manterem a palavra.

— Não sou um bruxo das Sombras, Gabriel, sou meio da Luz. E quero fazer o que é certo. Eu acho...

— E o que você acha certo em se unir a eles?

— Soul é mau. Ele deve ser detido... Contei a Annalise sobre a Aliança, e ela acha que a causa é justa. Ela quer se unir.

Gabriel franze a testa.

— Aposto que sim. Mas, obviamente, essa parte de deter Soul envolverá mortes, muitas delas. Ser mais da Luz que os da Luz, estar ao lado do bem é certo e nobre, e tenho certeza de que Annalise vai amar isso. Até ver a situação de perto, com os próprios olhos.

— Não acho que ninguém aqui esteja iludido...

Gabriel vira o rosto, e ficamos alguns momentos em silêncio. Nunca o vi desse jeito, e percebo que é inútil tentar explicar o que está acontecendo. Pego minha pá para voltar ao bunker.

Ele se enfia em meu caminho e diz:

— Por falar em de perto e com os próprios olhos... já contou a ela sobre você? Sobre seu dom?

— Já... quase tudo.

— Quase tudo?

Dou de ombros.

— E contou sobre Kieran?

Balanço a cabeça.

— Mas planeja contar?

— Sim. Só que não agora.

— Nunca achei que você fosse um covarde. Bem, isso mostra quanto conheço as pessoas.

— Estou tentando fazer o melhor para ela, Gabriel. Não levo o menor jeito para falar sobre essas coisas. Sei que nós dois temos que conversar sobre isso, mas é complicado. E *temos* conversado. Sobre várias coisas. Você me conhece, conhece meu lado das Sombras muito bem, mas Annalise só vê o outro lado. E admito que tenho medo de que ela possa nunca me entender ou aceitar como você. Morro de medo disso. O que não significa que ela não conheça meu outro lado, o lado bom. Ela sempre conseguiu vê-lo. Quero ficar com ela. Quero ser bom.

Ele me encara. Seu rosto está salpicado de gotas de chuva, mas acho que também há lágrimas.

— Eu amo Annalise. Sempre amei. Você sabe disso.

— E eu?

Sei que ele quer que eu explique o que sinto por ele e o que foi aquele beijo.

— Você é meu amigo, Gabriel.

— Você beija todos os seus amigos daquele jeito? — Mas a pergunta é feita sem a rispidez anterior. É sincera.

— Só você.

Ficamos em silêncio. Quero dizer alguma coisa, mas, como sempre, me faltam palavras, e não ouso confortá-lo. Sei que seria errado.

— Você sabe que, se nos juntarmos à Aliança, teremos sorte se acabarmos em uma dessas — diz Gabriel, indicando as covas com a cabeça. — Se formos pegos, seremos cortados em pedacinhos, e não sei bem o que eles fazem com os pedacinhos. — Ele enfia a pá no chão e diz: — Espero acabar em uma cova. Minha irmã não teve uma...

Concordo com a cabeça.

— Durante todo o tempo em que me mantiveram em uma jaula, eu sabia que poderiam me matar a qualquer momento e que, se pegassem meu pai, com certeza me matariam. Achei que fossem me enterrar perto da jaula, mas nunca pensei que teria um túmulo ou pessoas chorando por mim, nem nada do tipo. E, agora, se for pego e torturado e... bem, se acontecer desse jeito, se eu morrer assim, não há o que eu possa fazer. Não quero que seja desse jeito, e farei o possível para que isso não aconteça, mas, falando sério, minha vida nunca será cheia de paz e harmonia. Posso correr para onde quiser, mas eles virão atrás de mim, Gabriel. Não importa se eu me juntar à Aliança. Você sabe disso.

“Sonho com uma vida sossegada às margens de um rio, mas não posso ter nada disso. Pelo menos, não enquanto Soul e Wallend estiverem vivos e houver caçadores no mundo. Sempre ficarei olhando por cima do ombro, e, cedo ou tarde, os caçadores vão me pegar. Tenho que lutar pela Aliança e torcer para que, quando terminar, eu consiga a vida que quero. Uma vida sem perseguição e fora de uma jaula. Gostaria de ter um dia assim, livre. Pensar que não tem ninguém atrás de mim. Que não tem ninguém me caçando. Poder aproveitar o dia. Mas, antes disso, tenho que lutar.

— A luta vai ser feia, Nathan.

— Mercury uma vez me disse que fui feito para matar. Tenho certeza de que ela não sabia que eu é que causaria sua morte, mas

estou começando a achar que ela tinha razão. É para isso que fui feito. É para isso que estou aqui.

Gabriel balança a cabeça.

— Ninguém foi feito para matar. Especialmente você.

— E você? O que vai fazer?

— Se você for lutar, então eu também vou.

— Se você não acredita na causa, Gabriel, não se junte a ela.

— Eu não consigo ficar longe de você, Nathan. Quis deixar você naquela cova e ir embora, mas não consegui. Não consigo me afastar dez passos de você sem sofrer. Valorizo cada segundo que passamos juntos. Cada segundo. Mais do que você imagina. — Ele abaixa a cabeça, depois me encara outra vez. — Serei seu amigo para sempre. Vou ajudar você com todas as minhas forças, ficar ao seu lado. Amo você, Nathan. Amei desde o dia em que o conheci, e amo mais a cada dia.

Não sei o que dizer.

— Mas isso não quer dizer que você esteja certo sobre tudo. A Aliança só tem interesse em você por causa da quantidade de pessoas que é capaz de matar. E acho que vai matar muitas. E, quanto à garota que você diz que ama, mas que não sabe nada sobre a sua vida porque você tem medo demais de contar a verdade a ela... bem, acho que você tem razão em ter medo, porque ela não vai entender, não vai conseguir. E, quanto mais você matar, quanto mais ela enxergar essa sua metade... — Ele dá de ombros. — Acho que ela vai acabar com medo de você.

Começo a achar que ele terminou, mas Gabriel acrescenta:

— E, bem, eu sempre vou te amar. Mesmo quando estiver em uma dessas. — Ele indica a cova com a cabeça. — Mesmo assim, ainda vou te amar. Para sempre.

Gabriel entra no bunker, e eu fico parado na chuva, deixando que a água lave um pouco da lama em minhas roupas.

a fairborn é minha

Acabamos indo todos para a cozinha em busca de comida e calor. Gabriel voltou a falar comigo normalmente, e Annalise está ao meu lado, apesar de eles ainda não terem falado um com o outro. Annalise conheceu Gabriel em Genebra e, na época, achou que ele não tinha gostado dela. Contei a ela sobre o que meu amigo sentia por mim. Annalise ficou surpresa, mas respondeu:

— Achei que ele me odiasse porque eu sou bruxa da Luz. Pelo menos isso explica melhor as coisas.

Não respondi dizendo que ele não confia nela, que acha que ela vai me trair.

Na cozinha, há um fogão igual ao da casa de Celia, lá na Escócia, e estou sentado de frente para ele, com as botas apoiadas no topo, para secar. Minhas roupas úmidas emanam vapor. A cozinha é uma surpresa. Não há geladeira, freezer e muito menos micro-ondas, mas há um bom estoque de comida na despensa, com latas, potes e vidros. E também três presuntos, réstias de cebola e alho, um saco de batatas e prateleiras cheias de queijos redondos. E Nesbitt encontrou a adega.

— Vamos enterrar Mercury e Pers amanhã de manhã. Logo cedo — diz Van.

— E depois? O que você vai fazer? — pergunta Gabriel.

Van olha para mim e diz:

— Haverá um encontro com os líderes dos rebeldes da Luz em Basileia daqui a quatro dias. Eu vou comparecer. Gostaria que você

fosse comigo, Nathan, se vai se unir a nós.

— Eu disse que me uniria a vocês, e vou. E você disse que me devolveria a Fairborn.

— Eu disse mesmo, não foi? E já esperava que você fosse querer recuperá-la o mais rápido possível. — Ela tira a cigarreira do bolso e continua: — Nesbitt, por favor, dê a Fairborn para Nathan.

Nesbitt tira a faca de uma bolsa de couro aos pés de Van. Ele a segura e examina. Sei que não vai simplesmente entregá-la. Isso seria fácil demais, na opinião dele, que olha para mim e sorri, mas a oferece a Gabriel.

— Você quer, Gabby?

Ele balança a cabeça.

— Vamos. Pegue. Pegue a faca e enfie na minha barriga.

Gabriel sorri.

— É uma oferta tentadora. — Ele estende a mão, então hesita e olha para mim, subitamente cauteloso. — Você a usou?

Concordo com a cabeça.

— Duas vezes.

Uma em mim mesmo, outra em Jessica. Nas duas, parecia que a faca tinha vida própria. Alma própria. E estava disposta a retalhar tudo.

Nesbitt, sorrindo, continua com a faca nas mãos.

— Por favor, Gabriel, tire esse sorriso do rosto dele — peço. — Você estaria fazendo um favor a todos nós.

Gabriel pega a Fairborn e tenta sacá-la colocando a mão esquerda na bainha, e a direita no cabo. Ele puxa com força. A cena parece estranha, quase cômica: Gabriel tenta forçar a faca, mas ela parece presa à bainha.

— Não consegue tirar, né? — indaga Nesbitt.

Gabriel olha para mim.

— Não.

Nesbitt pega a faca de volta e faz uma cena ao tentar tirá-la.

— Ela é feita para você, Nathan — explica Van. — É para sua família. Reconhece o dono e só cortará por você, seu pai, seu avô, e por aí vai. É um objeto extremamente poderoso. E a magia aplicada para o reconhecimento da sua família é mesmo excepcional, já que durou tanto tempo. Mais de cem anos.

Nesbitt joga a faca para mim.

— Só tem utilidade para você.

Pego a Fairborn, me levanto, dou a volta na mesa e tiro a faca da bainha tão rápido que ela desliza. Encosto a ponta sob o queixo de Nesbitt.

— Ela quer muito cortar você, sabia?

Mas não é só uma piada: a faca quer mesmo cortar, parece viva em minha mão. Parece exibir certa crueldade; uma propensão ao assassinato. A Fairborn tem sede de sangue.

A faca inspira uma seriedade grande demais para ser usada a fim de perturbar Nesbitt. Volto o olhar para ela. O cabo é negro, assim como a lâmina, que é de um metal que parece bruto e não tem brilho, apesar de estar afiado como navalha. A faca é pesada. Guardo-a na bainha de couro negro surrado, mas a Fairborn parece relutar em ser enfiada lá. Quando a puxo de volta, ela parece quase pular para minha mão. Eu a enfio na bainha outra vez, e acho que agora estou pegando o jeito. Deixo que deslize para minha mão uma vez mais, então a empurro para dentro com força.

cicatrizes

Parece um pouco uma de minhas antigas fantasias, só que muito melhor, mais quente e mais cheio de suor do que eu pensei que poderia ser. Não posso me mexer, pois não quero acordar Annalise. Ela está aninhada ao meu lado, encostada em mim, mas passamos a noite enroscados, as pernas e os braços embolados, e foi muito bom. Isso também é bom. Não consigo encontrar um defeito sequer na coisa toda.

Acordamos durante a noite muito excitados, trocando carícias. Ela passou a mão por cada uma de minhas cicatrizes. Examinou-as. Perguntou-me sobre elas. Contei como consegui cada uma delas. São muitas, por isso levou muito tempo. Não me importo muito de falar sobre a maioria. Também contei sobre as tatuagens e sobre o que Wallend fez comigo. As cicatrizes que tenho no pulso são feias, mas são apenas cicatrizes. As tatuagens funcionam como uma espécie de lembrete pessoal da maldade do Conselho. Não preciso de alguma coisa para ajudar a me lembrar disso, mas não há como me livrar delas. Já as cicatrizes em minhas costas são diferentes. Elas parecem piores. E acho que são mesmo.

— Aquele dia mudou tudo — comentou ela. — Eu não tinha ideia do que Kieran ia fazer, mas, quando ele me mandou correr para casa, eu corri. Achei que poderia contar para meus pais, que eles impediriam meu irmão. E não por você, mas por Kieran, para que ele não se metesse em problemas.

“Mas, quando cheguei em casa, meu pai não queria me dar ouvidos. Ele aprovava o que Kieran estava fazendo. Minha mãe, como sempre, concordava com tudo o que ele dizia. Meu pai explicou que já tinham me avisado para não ver ou falar com você. Eles disseram que Kieran estava me protegendo, que estava agindo como um bom irmão. E que meu pai também precisava agir como um bom pai e me fazer entender que você era mau. Ele falou que você era tão ruim quanto qualquer bruxo das Sombras, talvez pior, já que é filho de Marcus. Disse que você não era confiável e que eu era muito ingênua, uma bruxa da Luz muito inocente que você iria atacar. Meu pai não parava de falar. Ficava repetindo que você não era confiável, que ia crescer e virar um bruxo das Sombras, que sua natureza com certeza era das Sombras. E disse... — ela hesitou — ... que sua mãe também era má, pior até do que Marcus, porque devia saber que estava fazendo algo errado e que o marido morreu por causa dela. E foi culpa dela você ter nascido. Ele disse que sua mãe tinha arruinado o bom nome da família em que nasceu. E, acima de tudo, meu pai não queria que eu acabasse como ela. Ele disse que me amava e que estava agindo por amor, que estava me trancando no quarto porque me amava.

“Acho que odeio mais meu pai por ser tão estúpido do que por qualquer outro motivo.

— Acha que seu pai não ama você de verdade? — perguntei. — Quer dizer... sei que parece que não, mas....

— Não. Ele só disse as palavras, mas não fez nenhum esforço para me entender. Estava pensando apenas em si mesmo. Disse que ia me deixar trancada até eu perceber que estava errada em mentir para minha família para me encontrar com você. Minha mãe foi falar comigo, repetindo o discurso de meu pai.

Annalise ficou com os olhos cheios de lágrimas.

— Como ela não conseguiu me convencer, meu pai mandou Connor ir falar comigo, na esperança de que ele me convenceria. Connor sempre foi o único com quem eu conseguia conversar. Ele é bem legal, mas faz tudo o que Kieran e Niall mandam, fica tentando ser como os dois e agradar papai.

Connor era o mais fraco dos três irmãos. Foi nele que eu bati, quando estava na escola, apesar de ser dois anos mais velho que eu.

Annalise continuou:

— Meu irmão me convenceu a pelo menos dizer que estava arrependida, alegando que, se eu não fizesse isso, nunca mais sairia de casa. “Peça desculpas, faça sua Atribuição e depois fuja.” Eu sabia que ele tinha razão. Meu pai me manteria trancada para sempre, se achasse necessário, então fingi estar arrependida. Disse que eles estavam certos e que eu tinha me comportado mal, que eu tinha sido enganada por você. Prometi que seria boa. Tive que pedir desculpas a meu pai, minha mãe e meus irmãos, um de cada vez. Meus pais disseram que eu nunca poderia ir a lugar nenhum sem eles ou um de meus irmãos.

Annalise deu de ombros.

— Levou anos, mas acabei escapando com ajuda de Connor. Ele estava me vigiando e me deixou fugir. Eu queria que ele viesse comigo, mas ele não quis.

— Bem, acho que eu deveria agradecer ao Connor — comentei, mesmo não me sentindo muito agradecido. Desprezava todos os irmãos de Annalise.

Ela acariciou minhas costas e respondeu:

— Kieran me contou o que eles fizeram com você. Ele me mostrou uma foto que havia tirado com o celular, quando você

estava inconsciente. O sangue borbulhava, escorrendo das suas costas.

Eu quase a interrompi para dizer que Kieran estava morto. Mas ainda não parecia ser o momento ideal.

Annalise continuou:

— Quando vi a foto, soube na hora que precisava ir embora. Sabia que não conseguiria viver ao lado de pessoas tão cruéis. Percebi que teria que esperar, mas que acabaria tendo uma chance de escapar. Estava muito infeliz, mas sobrevivia cada dia pensando em você. Eu sabia que você estava vivo. Foi isso o que me fez continuar.

Eu a puxei mais para perto e a abracei.

— Houve momentos em que quase desisti. Nunca imaginei que nós dois ficaríamos juntos de novo. Ainda mais assim, livres.

— Quando eu era prisioneiro, pensava em várias coisas que me faziam seguir em frente, como, por exemplo, nas pessoas boas em minha vida: Arran, Deborah, vovó e você. Mas eu tinha um sonho especial para o futuro. Nesse futuro de fantasia, eu viveria em um vale lindo e maravilhoso, perto de um rio, e a vida seria tranquila. Eu passaria os dias em paz, pescando e caçando... — Hesitei, mas consegui prosseguir: — Ainda tenho esse sonho. Viver em um lugar sossegado e bonito... e estar com você.

— Parece perfeito. — Ela me beijou mais uma vez. — Você fica diferente quando fala de rios e montanhas. Muda um pouco. Acho que revela sua verdadeira essência. É desse jeito que amo pensar em você: em paz com a natureza e feliz de verdade. Livre de verdade.

*

Enquanto fico deitado com ela nos braços, lembrando-me daquela conversa, sei que não somos muito diferentes, apesar das aparências. Ela também estava solitária e era uma prisioneira.

o enterro

Estamos de pé em volta dos túmulos. Gabriel, Nesbitt e eu baixamos os corpos, ainda enrolados nas tapeçarias. Van e Annalise também estão ali.

— Quer dizer algumas palavras de despedida, Gabriel? — pergunta Van. — Talvez você pudesse dizer as palavras finais para Mercury. Era você quem a conhecia melhor.

Gabriel volta a se erguer e diz alguma coisa em francês. Acho que é um poema. Parece bonito e não é muito longo. Em seguida, ele cospe no chão e completa, em inglês:

— Mercury era covarde, cruel e meio doida, mas amava a irmã, Mercy, e amava Rose. Mercury era uma grande bruxa das Sombras. Sua morte é uma grande perda para o mundo.

Ele pega um pouco de terra e joga dentro da sepultura, em vez de espalhar.

— Que beleza, Gabby, uma beleza — comenta Nesbitt, mudando de posição. Ele pega um pouco de terra e sacode entre as mãos unidas, como se estivesse se preparando para jogar dados. — Mercury, você era única. O mundo está mais sem graça sem você, porém muito mais seguro. — Ele joga a terra dentro da cova da bruxa mais velha e se vira para a de Pers. — E você era uma coisinha horrível. Pena que não atirei logo de cara.

Van também pega um punhado de terra.

— Talvez, no futuro, bruxas como Mercury possam levar uma vida mais pacífica. Pers era uma jovem brux que fez o que achava ser

certo. — Van espalha o punhado de terra sobre as duas sepulturas.

Pego um pouco de terra e a espalho sobre a sepultura de Mercury. Ela era impressionante. Maravilhosa, mesmo daquele jeito violento. Só que fui eu que a matei, e não encontro palavras que queira dizer nesse momento. Mas lembro-me de seu amor por Rose, então pego mais terra e jogo sobre a sepultura, por minha amiga. Depois jogo mais terra na cova de Pers, por ela e por Pilot. Jogo mais outro punhado por todos os das Sombras que morreram nas mãos de outros bruxos, e também por todos aqueles que se foram. Solto a terra e a observo cair.

Não falo. Não encontro palavras para expressar isso tudo, não há o que dizer.

Nesbitt observa, pasmo. Annalise fica parada ao meu lado. Ela está bem quieta e imóvel. Van entra no bunker, e Annalise encosta em meu braço para indicar que também vai entrar.

Gabriel pega as pás que estão jogadas perto da entrada. Ele atira uma delas para mim, e nós dois começamos a tapar as covas.

mapeando

Depois de enterrar Mercury e Pers, vou atrás de Annalise, que ficou incumbida da tarefa de continuar a busca pelo bunker e pede minha ajuda para fazer um mapa do local.

— Eu sempre me perco — explica ela. — Todos os corredores parecem iguais.

Desenho o mapa, retratando os corredores e as inúmeras portas ao longo de cada um. Há três andares principais, cada um com andares intermediários — que não se conectam aos outros dois principais, mas se ligam entre si por escadas e rampas. O pavimento superior é o menor, o intermediário é um pouco maior, e o inferior é o mais extenso. É no andar inferior que fica o salão central e o túnel de entrada do bunker. Já conferimos, e não há outra entrada além daquela por onde viemos.

A cozinha e as despensas ficam no andar de cima. Os quartos, o salão central dos corredores, a biblioteca e a sala de música ficam no nível inferior. No andar intermediário há os aposentos mais misteriosos, que funcionam como depósitos para as muitas coisas que Mercury adquiriu ao longo dos anos. É neles que espero encontrar alguma arma. Nada de revólveres, e sim coisas mágicas parecidas com a Fairborn.

Uma das salas-depósito está cheia de gavetas e guarda-roupas repletos de roupas e sapatos. Annalise pega um vestido e o estende por cima do corpo. É de seda, cor-de-rosa claro.

— Tão bonito — comenta ela. — Acha que ela já usou essas roupas? Todas parecem novas.

— Não sei. Pelo que eu via, Mercury só usava vestidos cinza.

Todas as roupas parecem feitas para uma só mulher: têm o tamanho de Mercury. Mas esse também era o tamanho de sua amada irmã gêmea, Mercy.

O aposento seguinte contém roupas masculinas, mas em menor número. Três ternos, algumas camisas, três chapéus, dois pares de sapatos e dois pares de botas. Levanto um dos ternos por cima do corpo e percebo que cabe. Acho que devem ser as roupas do marido de Mercy, meu bisavô.

— Você acha que tem problema se eu levar alguma coisa? Algo diferente para vestir, talvez alguma roupa para dormir? E uns sapatos? — pergunta Annalise.

— Ninguém mais vai usar essas coisas.

Espero do lado de fora enquanto ela experimenta algumas roupas. Depois de um tempo, Annalise vai até mim com um sorriso nervoso estampado no rosto. Está um pouco parecida com Van, usando um terno cinza claro masculino.

— É bom vestir roupas limpas, para variar. Elas não estão nem um pouco mofadas ou com cheiro de velhas. Talvez você devesse experimentar um dos ternos.

Sei que é brincadeira de Annalise, mas não quero usar as roupas de meu bisavô.

— Qual é o problema? — pergunta ela, ao notar minha expressão.

Balanço a cabeça e percebo que não estou me sentindo bem, mas tento ignorar e digo:

— Fico contente por você estar feliz. Agora, você parece bastante determinada.

— Determinada a experimentar roupas?

— Ah, você entendeu. A Aliança parece ter deixado você bem motivada.

— É, é verdade. Mas você também me motivou. Você me mostrou que é possível fazer a diferença, basta lutar para conquistar o que se quer. Pela primeira vez em anos, acho que há esperança. Para mim, para você, para todos os bruxos.

Annalise dá uma volta, parando de frente para mim, e se estica para me dar um beijo, mas começo a me sentir zonzo e perco o equilíbrio, de forma que preciso me apoiar na parede, respirando fundo. O bunker parece um calabouço. É como se as paredes estivessem se fechando, tentando me esmagar. É novamente a sensação de estar em lugares fechados à noite.

— Preciso sair daqui — digo.

Encontramos Nesbitt no salão dos corredores, no caminho para a saída.

— Van acha que, agora que Mercury morreu, o feitiço para tornar suportável viver neste lugar está enfraquecendo. Temos que voltar a usar a fumaça noturna.

Ele já tinha jogado um pouco da poção em uma tigela, então apenas acende o líquido leitoso. Nós dois nos debruçamos sobre a fumaça e inspiramos.

sem resistir

A fumaça noturna ilumina o quarto com um brilho verde suave. Passo a mão pela chama verde fria e a vejo mover-se pela superfície do líquido. Annalise está atrás de mim, me abraçando. Ela enfia a mão por baixo de minha camisa e me chama:

— Vamos para a cama.

Eu me viro e a beijo, mas seguro seus braços e me afasto um pouco.

— Tenho pensado muito nisso.

— Eu também — responde ela, deslizando a mão por baixo de minha camisa de novo.

— O que estou querendo dizer é...

Não consigo falar. Já dormimos juntos, mas não consigo conversar sobre isso.

— O que foi? Acha que devíamos começar a nos prevenir?

— Eu não quero...

Ela me beija.

— Eu também não quero, de verdade, mas... mas é como se eu tivesse recebido uma segunda chance inacreditável, e tenho muita sorte por ter encontrado você. Então não quero ser sensata. Quero ficar com você. Não quero dormir sozinha. — Ela beija minha boca. — Quero que você fique comigo.

— E eu quero ficar com você, mas...

— A gente toma bastante cuidado.

Acho que sei do que ela está falando.

— Ou você poderia apenas resistir? — sugere ela, esfregando o corpo no meu e abrindo um sorriso.

— Não tem como, se você fizer isso.

— Vou estar de camisola.

— Não vejo como isso pode ajudar.

Ela me beija.

— Já parou para pensar que eu também posso achar você irresistível?

Eu não tinha pensado nisso.

— E então?

— Hã... Não.

— Bem, você é irresistível — retruca ela, mas cruza os braços e se afasta de mim. — No entanto, *eu* vou fazer o possível para resistir.

— Ok. Eu também.

— Então... o que faremos? Que tal jogar cartas?

Dou risada.

— Nem tenho baralho.

— E que tal brincar de “quem sou eu”?

— Na verdade, não gosto muito de jogos.

— Nem eu. E acabei de descobrir que não gosto de resistir.

*

Estamos deitados de conchinha, repassando minha lista de qualidades e defeitos. Digo minhas qualidades, e ela responde com os defeitos.

— Eu penso antes de falar.

— Há. Não se comunica direito.

— Eu me comunico bem, quando preciso. — Dou um beijo nela. — Desse jeito, por exemplo. Acabei de comunicar que... — Eu ia

dizer *gosto de você*, mas significa bem mais do que isso. Só que não consigo falar isso para ela, então fico sem palavras.

— E o que significa, sr. Comunicativo?

— Significa...

Ela me beija e responde:

— Acho que significa que ganhei a discussão.

— Sua vez, então.

— Antissocial.

— Qual é o problema de não precisar dos outros? Isso é ser independente.

— Calado.

— Acho que você quer dizer “pensa antes de falar”, que acabei de usar como ponto positivo...

— Resmungão.

— Eu estava esperando por essa. Bem, sou forte.

— E grosso.

— Ah, é? — Tento perguntar com a voz bem suave.

— Estou falando que a pele das suas mãos é grossa.

— Então, é como eu disse: forte.

— Sua vez — diz ela.

— Que tal... sexy? — pergunto.

Ela dá risada.

Ficou bem claro que não sou sexy. Não pensei que fosse, era meio que brincadeira, mas não achava que ela fosse rir.

— Adoro quando você fica vermelho e confuso — comenta ela.

— Não estou vermelho.

— E também podemos acrescentar “mentiroso” à lista.

— Então eu não sou sexy?

— Na verdade, acho que essa não é a palavra certa. “Sexy” me lembra aqueles félixes que passam tempo demais arrumando o

cabelo diante do espelho. O que você com certeza não é. Mas você tem alguma coisa que me faz ter vontade de beijar e abraçar você, de ficar ao seu lado.

— Sou fofo. Lembro que uma vez você disse que eu era fofo.

— Eu não me lembro disso. Você não é fofo.

— Ufa!

— Mas é carinhoso e bom de abraçar.

Annalise me abraça.

— Achei que fosse para você dizer os defeitos.

— Vamos fazer a minha lista — pede Annalise.

— Está bem. Você diz as qualidades, eu digo os defeitos.

Ela diz:

— Certo, bem, eu obviamente... sou muito inteligente.

— E um pouco convencida.

— Minuciosa e detalhista.

— Mas incapaz de seguir as regras do jogo e dizer uma qualidade de cada vez.

— Minuciosa e detalhista significam a mesma coisa.

De repente, eu me lembro de uma coisa.

— Você já descobriu seu dom? — pergunto a ela.

Já passou quase um ano desde a cerimônia de Atribuição de Annalise.

— Ei! Você está mudando de assunto! Ou isso é um defeito?

— Não, eu só estava pensando em como você é inteligente, detalhista e minuciosa. E acho que isso faz parecer que você vai se dar bem com poções.

— Ah, entendi. Bem, sempre achei que meu dom seria poções, mas na verdade sou péssima com elas. Com certeza não é isso.

— Então você deve ter alguma força oculta. Uma que ainda não descobrimos.

Eu a beijo no nariz. Depois no rosto, na orelha, no pescoço. Enquanto isso, vou me aproximando cada vez mais dela.

— Hum, Nathan, achei que não íamos...

— Já sei qual é seu dom.

Vou beijando seu pescoço e ombro.

— Qual?

— Ser irresistível.

dresden, wolfgang e marcus

No dia seguinte, Van quer que Annalise passe um tempo na biblioteca com ela e Gabriel. Nesbitt e eu continuaremos a revistar o bunker à procura de qualquer coisa que possa ser útil para a Aliança. Nós dois vamos para o que chamamos de corredor de Mercury.

Tem duas “salas do tesouro”, com joias, móveis e várias pinturas que supomos serem valiosas ou mágicas.

— Mas é impossível saber o que elas fazem, e não consigo ver como essa droga poderia ser útil para nós — declara Nesbitt, saindo da sala.

O aposento seguinte é a “sala do sangue”, que contém prateleiras cheias de frascos de sangue roubados dos armazéns do Conselho, o que Mercury vendia em troca de poções ou usava para realizar as Cerimônias de Atribuição de Dons para os que não tinham pais ou avós dispostos ou capazes de fazê-las. Devia ter um frasco com o sangue de minha mãe ali, o que Mercury teria usado para a minha Atribuição. Cada frasco é fechado por uma tampa de vidro com lacre de cera. Por dentro da cera passa uma fita presa a uma etiqueta com o nome do doador do sangue. Há três paredes cobertas de prateleiras, cada uma com onze, e cada prateleira contém trinta ou mais frascos compridos. Só que alguns estão faltando — dá para notar os espaços vazios. Talvez lá tenha ficado alguma amostra de sangue já utilizado ou vendido. Esse sangue será útil para meios-sangues. Como Ellen, que me ajudou quando eu estava em Londres

depois que fugi. O pai dela é um félix, a mãe já morreu, e o Conselho só vai permitir que Ellen tenha sua Atribuição se ela trabalhar para eles. O sangue da mãe dela deve estar aqui: *nós* poderíamos ajudá-la a fazer a cerimônia.

— Isso aqui é mais valioso que todas aquelas joias e quadros. É o que vai trazer mais meios-sangues para a Aliança. — Nesbitt sorri para mim. — Poder para o povo, não é mesmo?

Seguimos para a última sala do corredor. É difícil de circular lá dentro, o lugar está atulhado de jarros, pacotes e sacolas.

— Parece uma salada californiana: cheia de ingredientes orgânicos variados — comenta Nesbitt, me entregando um jarro enorme. Então ele acrescenta: — Mas não é para os vegetarianos.

É difícil ver através do vidro coberto de gelo, ainda mais com a luz fraca daquele jeito, mas consigo identificar dois globos oculares flutuando em um líquido transparente.

— Qual seria a utilidade deles? — pergunto.

— Bem, para Mercury, mais nenhuma. E, como a maior parte deste lixo, também não têm muito valor para a Aliança.

Nesbitt põe o vidro de volta na prateleira.

Vamos para a biblioteca nos encontrar com os outros. Fico surpreso ao ver Gabriel e Annalise sentados a uma mesa, conversando. Antes que eu possa me juntar a eles, Van me puxa pelo braço, dizendo:

— Acho que os dois estão se dando melhor sem você. Deixe-os fazer isso. — Ela me conduz para o fundo da sala. — De qualquer modo, quero lhe mostrar uma coisa.

É uma estante alta cheia de livros grossos com encadernação de couro, todos com quase um metro de altura, e alguns da grossura de uma mão. Na madeira da estante há uma pequena fechadura de latão. Van tira do bolso um dos grampos de Mercury e enfia a ponta

na fechadura. A frente da estante se abre, revelando outra atrás dela. Essa também está cheia de livros com encadernação de couro, mas são todos pequenos e frágeis, como cadernos escolares.

Van pega um aleatoriamente.

— São os diários de Mercury. O registro de tudo o que ela fazia e com quem se encontrava. Comecei a lê-los ontem, na esperança de descobrir detalhes sobre quando e onde ela fez as fendas. Acho que era assim que Mercury viajava. Com certeza é mais rápido e mais fácil do que de carro.

— E ainda não encontrou nada?

— Não sobre as fendas, mas Mercury descreve tudo, inclusive as pessoas que encontra. Ela as avalia e descobre quais podem ser úteis, como podem ser manipuladas ou controladas, quais são perigosas, e em quais dá para confiar. Não há muitos nessa última categoria.

— Ela escreveu sobre mim?

— Tenho certeza de que sim, mas ainda não cheguei nessa parte. Achei outras coisas que você talvez ache interessantes.

Ela pega um livro que está separado dos outros, e vejo que há uma página marcada.

— Gabriel encontrou isto — diz ela. — Vou ler para você.

Passei três dias em Praga. Vi Dresden. Ela estava com uma criança que queria que eu levasse, uma menina de seis anos. Uma coisinha horrorosa, mirrada, mal-humorada e esperta demais para a idade. Dresden estava ansiosa para exibi-la, como se eu fosse ficar impressionada. A garota é esperta, tenho que admitir, mas eu não confiaria nela nem por um instante. Dresden chama a garota de Diamond, como se ela fosse uma estrelinha preciosa, mas a criança precisa de bem mais que uma lapidação. Não valeria o esforço. Eu

não a treinaria nem por todos os diamantes do mundo. Preferiria comer meu próprio fígado.

Dresden é de uma ingenuidade impressionante. Quase sinto pena dela. A mulher já não é muito bonita: magra e baixa, com cabelos e olhos castanhos. Deveria ter um rosto fácil de esquecer, mas quando sorri... Ah, ela tem um dom tão simples quanto um sorriso. Ela transforma o ambiente, muda o estado de espírito das pessoas ao redor. Aquela mulher é hipnótica. Quando quer, consegue até me deixar animada e me fazer sorrir. E a risada dela é uma coisa linda, até mesmo para mim. Seu dom é a alegria — o que é irônico, claro, pois ela não deixa as pessoas felizes de verdade.

Dresden usou seu dom para se elevar na escala social das Sombras, principalmente aos olhos de Marcus. Os dois se conheceram quando ele estava passando por uma fase especialmente infeliz, e Dresden achava que poderia levar alegria a ele, como sempre fazia com os outros. No princípio ele foi mesmo cativado, mas a influência dela foi perdendo a força, e Marcus acabou por vê-la como Dresden realmente era: uma garota simples com um grande sorriso.

Perguntei a Dresden onde ela tinha conhecido Marcus. Ela só respondeu que foi perto de Praga, e tive a sensação de que esse "perto" podia ser tão próximo de Praga quanto Nova York ou Tóquio. Ao ser perguntada sobre quando se conheceram, ela foi um pouco mais reveladora: "No verão passado."

Van para e volta uma página para olhar a data.

— Isso foi escrito há treze anos. Então Dresden conheceu Marcus quando você tinha quatro anos.

Ela continua a ler:

Dresden fala de Marcus com amargura. Tenta fazer parecer que foi ela quem rompeu com ele, mas todos sabem que Marcus não *se*

interessa de verdade por ela — nem por qualquer outra mulher, para dizer a verdade. Hoje em dia, passar tempo com Dresden é algo triste, e eu mal podia esperar para sair quando percebi que não conseguiria arrancar mais nada dela.

Pilot se juntou a nós por uma noite. Ela é ótima companhia, muito inteligente, em contraste com Dresden. Ela está de mudança para Genebra, e me falou de um vale remoto que eu gostaria de visitar. Vou até lá investigar, viajar com ela. Parece um local adequado para receber visitantes.

Pilot pareceu muito impressionada com a menina. Não me dei ao trabalho de discutir. Acho que ela está um pouco sob efeito do feitiço de Dresden, mas acredito que isso não vai durar muito.

Isso é tudo o que Van lê, e não tenho vontade de conversar sobre o assunto.

Vou até o canto da sala, sento-me no chão e me recosto na parede. Fico pensando em meu pai. Acredito que ele amava minha mãe, e tenho certeza de que ela o amava, mas era casada com outro homem: um bruxo da Luz, um de seus iguais. Acho que talvez ela tenha tentado fazer o casamento funcionar. Vovó contou que minha mãe concordou em ver Marcus uma vez por ano, quando fosse totalmente seguro. Mas essa história de totalmente seguro é falsa, e o último encontro dos dois terminou em desastre: o marido de minha mãe morreu e eu fui concebido. E, por minha causa, ela foi forçada a se matar. E quanto a Marcus, o que restou para ele? Ele ficou sem sequer um encontro por ano e com um filho predestinado a matá-lo.

Então não é surpresa que Marcus tenha buscado consolo, amor, em outro lugar. Não posso culpá-lo. Queria que ele tivesse encontrado, mas acho que está claro que isso não aconteceu, e

Dresden não pareceu uma candidata promissora. Seu desespero era muito evidente.

Ele deve se sentir muito sozinho. Completamente só.

Olho para o outro lado da sala, para Gabriel e Annalise. Sei que eles me amam e que amo os dois, e talvez, com a Aliança, a gente tenha chance de mudar o mundo e tornar as coisas melhores — não só para mim, mas também para aqueles que se importam comigo.

Gabriel vem se sentar ao meu lado.

— Você está falando com Annalise — comento.

— Conheça o inimigo — responde ele, mas sorri.

Não sei bem se é brincadeira, então retruco:

— Ela não é sua inimiga.

— Não se preocupe, tenho sido educado. Nós dois estamos agindo com muita educação. — Ele ergue outro diário de Mercury e diz: — Annalise encontrou isto. Ela achou que eu devia ler para você:

Estou em Berlim, no que era a Berlim Oriental. Chove. O apartamento é úmido. Encontrei Wolfgang. Não o vejo há vinte anos. Ele parece o mesmo, apenas com algumas rugas a mais. Mas está diferente, cansado, está obviamente mais velho e surpreendentemente mais sábio. Ele não ficou feliz em me encontrar e fez questão de dizer que estava de partida para a América do Sul, já que tinha me encontrado.

Wolfgang tinha passado alguns dias do mês anterior com Marcus. Eles nunca foram amigos íntimos, afinal, Marcus não tem amigos — apesar de, por algum motivo, conseguir tolerar Wolfgang e não se irritar com ele. Foi Marcus quem irritou Wolfgang, quem o ofendeu — como sempre acaba acontecendo — ao matar alguém que ele amava. Parece que Toro, amigo de Wolfgang, levou Marcus ao extremo da irritação, a ponto de justificar o assassinato a seus

olhos. Toro estava com ciúmes da amizade de Wolfgang e Marcus, que a princípio deixou isso de lado, mas depois ficou com raiva e, passado algum tempo, acabou partindo para a violência.

Toro é bastante néscio, e Wolfgang admitiu isso, mas disse que: "Marcus sabia que Toro não batia bem. Podia tê-lo deixado ir embora, vivo, mas tem a necessidade de se mostrar poderoso, e não é nem um pouco paciente. Nem um pouco. Nem mesmo sem essa história do animal assumir. Ele pode se controlar, mas prefere não fazê-lo. Ele matou e estraçalhou Toro. Eu encontrei os dois, e Marcus estava coberto de sangue. Coberto de Toro."

E Wolfgang continuou, dizendo: "Marcus deveria ter me matado. Deu para ver que estava pensando nisso. Ele se lavou, desgrudando pedaços de Toro do corpo, e um deles ficou preso no braço. Marcus terminou de se lavar no lago, se vestiu e veio para perto de mim, e tenho certeza de que estava pensando em me matar — mas não em me devorar, apenas em me matar a sangue-frio, com um raio ou qualquer um de seus poderes. Mas não fez isso. Acho que isso tudo tem muito a ver com o poder dele: Marcus escolhe se vai ou não tirar as vidas. Ele pode fazer o que quiser."

Wolfgang revelou o que Marcus lhe dissera: "Sei que você não acredita no que digo, mas parte de mim sente muito por Toro: a parte que ama você. Sei que você me odeia por ter matado seu amigo. Acho que você deveria ir embora. Não volte."

E a resposta de Wolfgang foi: "Então eu fui embora. Isso aconteceu há um mês."

Wolfgang estava bem quieto. Uma lágrima escorreu por seu rosto. Achei que fosse por Toro, mas ele me revelou o verdadeiro motivo mais tarde: era porque estava prestes a trair Marcus.

Wolfgang me contou onde Marcus morava, dizendo: "Ele já deve ter se mudado, mas serve de exemplo do tipo de lugar em que gosta

de viver. São sempre lugares como esse, é onde ele se sente à vontade. É onde pode construir um abrigo seguro para morar."

E devo dizer que fiquei surpresa: Marcus não tem casa. Ele vive quase como um animal, em uma toca. Uma toca feita de galhos e parcialmente subterrânea. Uma pequena clareira nas proximidades de um lago. Ele passa longos períodos em sua forma animal, caçando e se alimentando quando transformado. Wolfgang disse: "Às vezes, parece que ele está perdendo a humanidade."

Quando Wolfgang perguntou a Marcus sobre a visão infame de que o próprio filho iria matá-lo, ele respondeu: "É, Wolfie, acredito mesmo nisso. Evitei Nathan por toda a minha vida. É melhor adiar o acontecimento ao máximo, não acha? É inevitável. Ou seria mais sábio acabar logo com essa história?"

Wolfgang achava que Marcus se sentia tão triste e solitário que parte dele — a parte humana — queria acabar logo com seu sofrimento. Ironicamente, era seu lado selvagem a parte que queria viver. Marcus tinha revelado que: "Como águia, não sei de nada, não sinto nada, só voo e vivo. Imagine só... como seria maravilhoso... fazer isso para sempre."

Wolfgang me contou que é raro Marcus encontrar outras pessoas, o que faz apenas para se manter informado a respeito do que está acontecendo nas diferentes comunidades de bruxos e ouvir notícias do filho. Seu único interesse no mundo humano é Nathan. Quanto ao resto, acho que deixaria tudo para trás sem reclamar. Marcus toma banho, ajeita a aparência e se veste com elegância para as poucas ocasiões em que encontra alguém. Ainda lhe resta muita vaidade: ele gosta de se olhar no espelho, é quando o lado humano aflora. Mas, nos períodos que passa na mata, é selvagem.

Wolfgang disse: "Selvagem é uma palavra interessante. Nós sempre achamos que selvagem se refere a uma coisa indomada e

fora de controle, mas a natureza não é assim. A natureza é controlada, organizada e extremamente disciplinada em todos os aspectos. Animais que vivem em bandos se dividem entre líderes e seguidores; há disputas, mas a organização prevalece. E animais caçam de determinadas maneiras, em momentos já estabelecidos, escolhendo sempre um tipo específico de presa — é tudo extremamente previsível. Marcus é assim: se você souber como ele age, vai conseguir encontrá-lo. E, se estiver com Nathan, ele vai acabar indo até você."

Gabriel volta algumas páginas do diário para olhar a data.

— É de apenas um ano atrás. Mercury deve ter achado que tinha ganhado na loteria quando você veio atrás dela.

a fenda

O dia vai passando e continuo sentado no chão da biblioteca, observando enquanto os outros leem os diários. Van encontra uma referência a uma visita que Pilot fez ao bunker antes de partir para Basileia.

— Basileia é um ponto de encontro recorrente — explica Van. — Parece que uma das fendas vai dar lá.

— Eu estava pensando em Pilot — comento. — Se tenho acesso às lembranças dela sobre Mercury, devo ter uma lembrança dela atravessando a fenda. Mas não consigo encontrar nenhuma. Até as imagens dela construindo represas estão perdendo a nitidez.

Van olha para mim.

— As memórias vão desaparecendo se você não as acessa. Infelizmente, não percebemos antes como as fendas seriam importantes. Na época, você estava se concentrando no exterior e no nome de um lugar.

Nesse momento, Nesbitt grita:

— Achei!

Ele estava do outro lado da biblioteca, examinando rolos de mapas, e agora vai até a mesa central carregando um deles e exibindo um enorme sorriso.

— Mas é claro — diz Van, ao olhar a cena. — Mercury com certeza fez um mapa das fendas.

Levanto-me para olhar. Pelo menos mapas eu sei ler.

É parecido com o mapa que fiz do bunker. Nesbitt aponta para uma pequena linha fina e azul em um dos aposentos.

— Cada linha azul é uma fenda, e todas estão numeradas. São onze. A legenda diz que esta vai dar na Alemanha. — Ele aponta para outras. — Essas vão para a Espanha, Nova York e Argélia. A legenda desta aqui é: “Suíça — fechada”.

Van acende um cigarro e diz:

— Muito bem. Precisamos de dois voluntários para checar uma das fendas.

Gabriel e eu nos entreolhamos e abrimos um sorriso.

*

Van quer que a gente atravesse a fenda para a Alemanha, pois parece sair perto de Basileia, onde será a próxima reunião da Aliança. A fenda fica em uma sala no fim de um dos corredores do salão central. Vamos todos até lá. É um cômodo pequeno, sem nada além de um tapete grosso.

— Mas onde fica a fenda, exatamente? — pergunta Annalise.

Gabriel vai até o centro do tapete, dizendo:

— Só tem um jeito de encontrar. Acho que a ideia seria aterrissar no tapete ao passar pela fenda, então...

Ele dá mais um passo na direção da parede dos fundos e desliza a mão pelo ar, tentando localizar a fenda. Gabriel move a mão apenas um ou dois centímetros a cada tentativa e avança andando de lado. Mas não encontra. Ele repete o processo uma vez mais, agora um pouco mais embaixo, ainda se movendo devagar. Depois tenta de novo e de novo, até recolher a mão de repente, afirmando:

— Achei.

Van bate palmas.

— Excelente!

— Andei pensando em como Mercury recebia visitas. Ela não iria querer que entrassem e andassem por sua casa sem seu conhecimento. Será que não tem um feitiço contra intrusos aqui, igual ao do telhado na cabana na Suíça? Será que é preciso ter ajuda dela para atravessar de volta?

— Ela nunca permitia que alguém que não fosse de sua confiança entrasse aqui — responde Van. — Os diários relatam apenas o acesso de Rose e de Pilot. Mercury acreditava que ninguém encontraria as fendas. Não acho que haja um feitiço de proteção.

— Então vamos testá-la — diz Nesbitt, ávido por seguir em frente.

— Vamos — concorda Van, olhando para mim e Gabriel. — Vocês só precisam atravessar. Descubram em que parte da Alemanha a fenda vai dar, busquem as estradas e cidades próximas, os meios de transporte locais. E, claro, verifiquem se há caçadores. Depois voltem para contar o que encontraram.

Então estava resolvido.

Gabriel segura minha mão, entrelaça nossos dedos, coloca os óculos escuros e diz para os outros:

— A gente se vê mais tarde.

Ele desliza a mão esquerda para dentro da fenda, e somos sugados por ela.

Expiro devagar enquanto giro pela escuridão: uma dica que ouvi de Nesbitt. Desconfio que ele estivesse de brincadeira e que, na verdade, isso vá fazer com que eu me sinta pior. Vejo uma luz fraca à frente, que fica mais forte por um instante, quando aterrissamos no gramado. Fico surpreso por não me sentir nem de longe tão tonto e enjoado quanto nas primeiras viagens por fendas.

Estamos em uma floresta, perto de uma construção de pedra em ruínas. O ar está parado, e o ambiente, silencioso. As árvores

exibem a magnificência verde do verão. Também está quente. Um pássaro canta, e posso ouvir tráfego ao longe.

— Carros. Naquela direção — digo para Gabriel, e inclino a cabeça para a esquerda.

Ele já está tateando em busca da fenda.

— Achei — informa ele, e sorri.

— Então foi fácil — afirmo. — E agora?

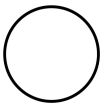
— Vamos seguir na direção da estrada e ver se conseguimos descobrir onde estamos.

*

À noite, nós nos sentamos à mesa outra vez, juntos. As coisas estão indo bem. Atravessamos duas fendas. A do quartinho vazio foi a que nos levou à Alemanha, em um lugar a cento e cinquenta quilômetros de Basileia, de acordo com as placas da estrada. A que fica no quarto de Mercury leva a um lugar nas montanhas da Espanha. Passamos por ela e caminhamos até a aldeia mais próxima, depois a localizamos em um atlas, quando voltamos. Fica a algumas horas de caminhada da casa de Pilot.

Van se reunirá com os rebeldes da Luz amanhã de manhã e quer que eu e Nesbitt estejamos presentes, mas quero que Gabriel fique ao meu lado e não posso deixar Annalise sozinha.

— Estamos todos na Aliança, então vamos todos — digo.



parte cinco

rios de sangue

die rote kürbisflasche

Noite passada, todos nós atravessamos a fenda. Nesbitt arranjou um carro e nos levou até a periferia de Basileia, e agora ele, Gabriel e eu estamos no centro da cidade. Somos o pelotão avançado, na busca contra caçadores. Van e Annalise seguem atrás.

Basileia parece ser povoada por jovens e fica na fronteira entre Alemanha, França e Suíça, mas também escuto gente falando em inglês. Há turistas, famílias e pessoas a caminho do trabalho. Tentamos nos misturar à multidão, mas não parecemos turistas nem parte de uma família, embora eu suponha que estejamos indo trabalhar. Nesbitt sabe o caminho até o ponto de encontro no Die Rote Kürbisflasche — A Cabaça Vermelha —, mas está nos levando pela rota mais longa.

Nesbitt disse que A Cabaça Vermelha é um bar na cidade velha, onde ficam as construções mais antigas. Atravessamos o rio largo e veloz e contornamos a colina onde fica a cidade velha. Não vemos caçadores. Caminhamos devagar e subimos o morro em espirais, cujas ruas de pedra ficam mais estreitas e antigas à medida que avançamos. Vemos cada vez menos gente, até chegarmos a um beco com apenas um gato andando de um lado para outro e uma velha limpando as janelas de casa. Não entramos no beco; nos afastamos e aguardamos, daí voltamos meia hora depois. A velha desapareceu, assim como o gato. Não vimos caçadores.

No meio do beco há uma porta de madeira, e, acima dela, pendurada na rua, à guisa de letreiro, há uma cabaça de metal

pequena e mais cor de ferrugem do que vermelha. É aqui.

A porta é de carvalho e quase negra, de tão antiga. Nesbitt entra. Gabriel vai na minha frente, e ergue o braço como uma indicação para que eu avance devagar e tome cuidado. Seguimos o caminho, descendo quatro degraus de pedra que fazem curva para a esquerda e passando por uma cortina pesada de tecido vermelho fosco pendurada em um trilho de metal negro.

Estamos em um aposento de teto baixo e estreito, com um balcão de um lado a outro de uma das paredes laterais e algumas mesas de madeira enfeitadas com velas vermelhas, acompanhadas de cadeiras com assentos acolchoados e estofamento vermelho. Atrás do balcão há um homem bronzeado de meia-idade com cabelo loiro espetado e olhos azuis intensos com brilhos negros crepitando nas íris. É um bruxo das Sombras.

Nesbitt o cumprimenta e nos apresenta. O barman se chama Gus. Quando é apresentado a mim, ele não aperta minha mão, como fez com Gabriel. Apenas diz, com forte sotaque alemão:

— Meio a meio, é?

Nesbitt dá risada.

— Você tem razão: meio humano, meio animal.

Gabriel completa:

— E sempre de mau humor, apesar de eu não conseguir imaginar como ele consegue ficar de cara fechada na sua companhia, Nesbitt.

— Ainda não chegou ninguém? — pergunta Nesbitt a Gus.

— Celia, que trouxe uma garota meio-sangue. E devem chegar mais dois da Luz a qualquer minuto.

Então Celia conseguiu evitar a captura desde que a vimos pela última vez, em Barcelona.

Vou até o outro lado do salão para conferir. Há uma cabine nos fundos, e está ocupada. Achei que veria Celia, mas não é ela quem está lá, e sim uma garota. Ela se levanta ao me ver e abre um sorriso.

— É bom ver você, Ivan — cumprimenta ela. — Continua tão desmazelado como antes.

— Nikita!

Vou até ela e a abraço.

E é mesmo Nikita, minha amiga de Londres. Não a solto. Ela é pequena, e fito seu rosto, ainda tão jovem, com os olhos daquele azul esverdeado maravilhoso que todos os meios-sangues têm.

— É bom ver você, Ellen — digo para a menina.

O nome Nikita cai melhor nela. Foi assim que Ellen se apresentou quando nos conhecemos, e eu disse que me chamava Ivan. Mas, seja lá qual for seu nome, ela tem minha confiança total. Eu a abraço outra vez.

Ellen sorri.

— Você vai arruinar sua reputação. Todos dizem que é malvado e mal-humorado.

Nesbitt surge atrás de mim e responde:

— Não se preocupe, garota, ele pode mudar em um instante.

Mas não mudo. Estou mesmo de excelente humor por rever Ellen.

Eu a apresento a Gabriel e Nesbitt, e, enquanto ela explica a Gabriel quem é, observo seu rosto, tentando avaliar se Ellen tem alguma notícia — especialmente se for ruim — do mundo dos bruxos da Luz.

Ela se vira para mim e diz:

— Sei que está preocupado com Arran, mas seu irmão está bem. Ele saiu de Londres e está a caminho da França. Vou até lá encontrá-lo depois que sairmos daqui.

— Ele vai se unir aos rebeldes?

— Vai. Tudo está acontecendo depressa. É uma loucura. Há uma semana, os caçadores atacaram uma reunião de bruxos das Sombras perto de Paris. Vinte foram mortos durante a luta, e o restante foi capturado. Levaram os adultos presos, mas as crianças foram executadas. Jessica mandou que todas fossem enforcadas. Soul emitiu um pronunciamento em relação a isso. Disse que foi uma vitória significativa e um passo à frente para todos os bruxos da Luz. Ele afirmou que decidira que as crianças não precisavam sofrer Retribuição, que estava sendo leniente. Mas os adultos que aprisionou também não sofrerão Retribuição. Ele vai usá-los para pesquisas sobre habilidades mágicas.

— Como assim? — pergunto.

— Bem, Wallend está fazendo experiências com eles.

Balanço a cabeça, mas sinto que não deveria estar surpreso.

— Ele é doente. — É tudo o que consigo pensar em dizer.

— O Conselho diz que é uma pesquisa válida para a proteção de todos os bruxos da Luz. Claro que ninguém sabe exatamente como isso pode protegê-los, mas o Conselho afirma que qualquer um que se oponha está contra os bruxos da Luz e apoia os das Sombras. Todos precisam declarar de que lado estão. E a maioria dos da Luz está dizendo que apoia Soul e Wallend.

— E Deborah? — pergunto. — Ela foi para a França com Arran?

— É melhor você perguntar isso a Celia. As informações sobre ela estão em um nível acima da minha alçada.

— E qual é o seu nível? Você não é um pouco nova para uma combatente rebelde, Ellen?

— Não sou parte da força de combate, e sim da de reconhecimento. Nathan, você não tem ideia de como a maioria dos bruxos da Luz é inútil. Para ser sincera, acho que a maioria parece

muito com os félixes: nunca aprendeu a lutar. Deixaram a tarefa apenas para os caçadores. O melhor que se pode dizer a respeito deles é que são bons em poções de cura. As pessoas mais úteis na Aliança são ex-caçadores e meios-sangues. Mas há apenas duas ex-caçadoras e nove meios-sangues.

— E os bruxos das Sombras? — pergunto.

— Alguns se juntaram à causa, mas poucos têm habilidades no nível da sua, Nathan. — É Celia quem fala, e me viro para encará-la. Ela continua: — E é por isso que estamos gratos por você estar aqui.

— Não me importa quanto você está grata. — Eu a xingo e levo a mão à faca. — Fique longe de mim, Celia. Estou falando sério. Não chegue assim de surpresa.

— Eu não quis assustar você, Nathan.

— E não venha discutir comigo!

Eu me afasto deles e vou até o fundo da sala. Gabriel vem comigo.

— Você está tremendo — comenta ele.

— Eu estou bem. — Gabriel me encara, e repito: — Eu estou bem.

— O que você quer fazer? — pergunta ele, depois de uma pausa.

— Matar todos eles. — É brincadeirinha. Ou quase. — Wallend está fazendo experiências em outros bruxos, assim como fez comigo. Ele me amarrou e fez uma tatuagem em meu corpo. Isso foi pior do que o tempo que passei com Celia. Foi a pior coisa que fizeram comigo. Pelo menos Celia às vezes me tratava como um ser humano. Para Wallend, eu era apenas uma espécie de cobaia. Ninguém devia ter que passar por isso.

— Não — concorda Gabriel.

Acho que até ele está começando a acreditar que a causa da Aliança é justa.

— Vamos trabalhar com a Aliança até que Soul e Wallend estejam mortos — digo a ele, que assente.

Van e Annalise chegaram, então respiro fundo e me junto a elas.

Somos dez. Três bruxos das Sombras: Van, Gabriel e Gus — parece que ele é mais do que apenas barman: é um bruxo das Sombras fundamental para a causa, com uma grande rede de contatos na Europa. Do lado dos bruxos da Luz estão Celia, uma mulher da Inglaterra chamada Grace e uma terceira da Itália, que se chama Angela, além de Annalise. Há dois meios-sangues, Nesbitt e Ellen. E, por fim, eu.

— Acredito que estejamos em segurança aqui, mas sejamos rápidos. Primeiro de tudo, Nathan: considero que, por estar aqui, você está se juntando a nós, certo? — pergunta Celia.

— Até eu mudar de ideia.

Ela me encara. Seus olhos são azul-claros, com leves traços prateados. Então ela faz uma coisa que me surpreende: estende a mão.

— Então estamos do mesmo lado — diz. — Seja bem-vindo à ABL.

— O que é ABL?

— A Aliança dos Bruxos Livres.

— Ha! Bem, não é graças a você que sou um desses.

— Mas estamos muito felizes por você ser livre e por querer ajudar a garantir a liberdade de outros bruxos.

Celia ainda está com a mão estendida. Ignoro o gesto.

— Eu quero é ajudar a acabar com Soul e Wallend. E com muitos outros bruxos da Luz. É por isso que estou aqui — retruco.

— E eu sou um dos bruxos que você quer ver mortos, Nathan? — pergunta ela.

— Se fosse, você já estaria com uma bala na cabeça.

— Se você se unir à Aliança, terá que cumprir minhas ordens. Consegue fazer isso?

Eu dou um sorriso.

— Desde que não sejam idiotas.

— E você acha que serão?

Deixo-a esperando um pouco, então respondo:

— Não.

— Bom. Também não acho, mas tenho certeza de que você será o primeiro a me informar, caso sejam.

Celia ainda está com a mão estendida.

— Pode apertar minha mão?

— No momento, estou me esforçando para não cuspir em você.

Ela dá uma gargalhada e recolhe a mão.

— Senti sua falta, Nathan. Apesar de ter certeza de que você não sentiu a minha.

E, sentado à mesa de frente para ela, percebo que aquela mulher não tem a menor ideia de como foi minha experiência — de nenhum prisioneiro, aliás — de ser acorrentado e espancado. Ela é uma mulher inteligente, mas às vezes parece incapaz de perceber o que se passa ao redor. Só quem passou por isso pode saber.

Van pede uma atualização desde a reunião anterior que teve com Celia. Isso foi há apenas duas semanas, mas, nesse meio tempo, aconteceu o massacre de Paris, e Soul substituiu todos os membros do Conselho por aliados seus, o que quer dizer que Wallend agora está no Conselho. Vários bruxos da Luz foram presos por colaborar com os rebeldes.

— Clay está entre eles — comenta Celia.

— O quê? — indaga Nesbitt.

— É uma acusação infundada, mas Clay estava tendo sérias dúvidas em relação a Soul. Ele tinha perdido o emprego, o status, a reputação... tudo. Bem, tudo menos a liberdade, e agora também perdeu isso — explica Celia.

E ela continua:

— Soube que a casa de Isch, em Barcelona, foi atacada logo depois que saímos de lá. Isch tomou veneno e morreu, mas algumas meninas foram capturadas e torturadas. Sabia que meu nome logo surgiria nas listas da Luz. Soul citou os nomes de quem deseja interrogar, incluindo a ex-líder do Conselho, Gloria; além do marido e da irmã dela, Grace. Também citou meu nome e o de outra caçadora, Greatorex. Soul estava certo em incluí-los na lista: somos todos membros da ABL.

“Jessica está liderando os caçadores, e preciso admitir que está fazendo um bom trabalho. Eles sempre foram uma organização de maioria feminina, e estão adorando ter uma mulher no comando de novo. Ela tem muitos recrutas novos e executou ataques a comunidades de bruxos das Sombras no Norte da França, na Holanda e na Alemanha. O maior foi o de Paris, mas, pelo que sei, ela já matou mais de sessenta bruxos das Sombras nesses ataques, e sem perder nenhum caçador.

“Mas Jessica também está com problemas, e eles só vão aumentar. Mesmo com todos os novos recrutas, vai ter de espalhar demais seus subordinados se quiser cobrir toda a Europa. Muitos desses recrutas serão menos bem-treinados e muito menos experientes do que a base do exército dos caçadores.

“Nossa desvantagem está nos números. Mas, por sermos poucos, podemos nos mover depressa para atacar os caçadores. Precisamos nos mover depressa para atacar, para atrasar o

recrutamento e o treinamento de mais caçadores. Temos que usar táticas de guerrilha para isso, para vencer. E, por acaso, essa é a minha especialidade.

“Entretanto, há um último problema. Os bruxos das Sombras estão começando a reparar no que está acontecendo, mas não confiam em mim. Precisamos atraí-los para a causa. A Aliança é composta principalmente por meios-sangues e bruxos da Luz britânicos. Temos poucos bruxos das Sombras influentes no nosso meio. Apesar de termos Van e Gus, é claro.

Gus assente, então responde:

— Celia, minha influência é mínima. E, como já disse, precisamos que todos os bruxos estejam representados para sermos uma verdadeira Aliança. Da Luz, das Sombras e até meios-sangues. Mas os bruxos das Sombras com quem tenho contato não estão interessados. Não acham certo lutar ao lado de bruxos da Luz. Dizem que vão enfrentar os caçadores, se forem atacados. Quando conto a eles sobre os bruxos das Sombras que já foram mortos... — Ele dá de ombros. — Bruxos das Sombras não se interessam por causas, exércitos ou alianças.

— Mas você, Van e Gabriel se juntaram a nós. Então alguns bruxos das Sombras escutam, sim — retruca Celia.

Gus se vira para Gabriel e pergunta:

— Por que você está aqui, Gabriel?

— Porque estou com Nathan.

— E se Nathan for morto ou abandonar a causa?

— Se ele sair da Aliança, eu também saio. Se ele for morto, aí eu não sei... — responde Gabriel, olhando para mim.

— Precisamos de alguém que atraia outros bruxos das Sombras para a causa — diz Gus. — Mas não conheço nenhum que vá se

unir a nós apenas porque Nathan está aqui. Ele não é um bruxo das Sombras.

As fagulhas negras em seus olhos brilham quando ele me encara, e sustento o olhar. Gus é só mais um racista esnobe. O mundo dos bruxos está cheio deles.

— O que você está sugerindo, Gus? — pergunta Celia.

— Para atrair bruxos das Sombras, precisamos de alguém que eles respeitem, alguém que os represente.

— E quem é essa pessoa? — pergunta Van, tentando conter o riso. — Sinto-me um pouco desapontada por não ser eu.

Gus ri com ela.

— Desculpe-me, Van, mas sempre acharam que você estava disposta demais a trabalhar com quem não é das Sombras. Até mesmo com félixes.

— Então você está pensando em alguém que represente "os antigos costumes das Sombras"? — Celia dá um suspiro e passa a mão no cabelo espetado. — Mercury seria uma, imagino.

— Sim, ela... — começa Gus.

Van interrompe:

— Mercury está morta.

— Foi morta por caçadores?

— Não. Foi morta por... nós. — Ela balança a mão vagamente na direção de Nesbitt, Gabriel e eu. — E em legítima defesa, preciso acrescentar. Ainda por cima deixou isso como lembrança para mim. — Ela vira o rosto para a luz e mostra as queimaduras. — Mas, mesmo se ela estivesse viva, não consigo imaginá-la se unindo à Aliança. Ela não teria vantagem alguma se unindo a nós, não veria... honra alguma nisso. E compreendo o sentimento. Há vários bruxos das Sombras tão poderosos quanto Mercury: Linden, Dell, Suave... mas todos pensam da mesma forma. Todos os bruxos das Sombras

importantes sem dúvida não estarão dispostos a se arriscar para lutar ao nosso lado, exceto um. Por sorte, ele é o mais poderoso de todos.

Van olha para mim, e acho que eu sabia o tempo inteiro que aquilo acabaria dessa forma.

— Marcus? — pergunto.

— Se ele se unir à Aliança, há uma chance de que os outros também decidam se juntar à causa — explica Van.

Gus dá um sorriso de desdém.

— Se ele se unir, não precisaremos dos outros.

— E é por isso que estou aqui? É por isso que vocês queriam que eu me unisse à Aliança? Para atrair Marcus?

— Não. Quero você em nossa causa porque você é um excelente lutador — responde Celia. — E não quero Marcus. Ele causará problemas demais com os da Luz entre nós.

— Incluindo você, Celia? — pergunta Van.

Ela não responde, mas parece estar pensando bastante no que dizer.

— Nathan deixou o passado de lado e veio trabalhar com você. Todos nós precisamos fazer o mesmo para avançar — diz Van.

Celia ainda não responde.

— De qualquer jeito, não acho que ele se uniria à causa — comento.

— Mas você estaria disposto a tentar convencê-lo? — indaga Van.

— Bem...

Não tenho muita certeza.

— Não, não foi isso que combinamos. — Celia olha para os outros membros à mesa. — Marcus é um assassino. Já matou

bruxos da Luz demais. Os rebeldes não aceitarão uma coisa dessas.

— O que eles não vão aceitar é a derrota — retruca Van. — Marcus fará toda a diferença para o sucesso da Aliança. Sim, ele já matou muitos bruxos da Luz, mas também matou muitos das Sombras. E, o que é mais importante, já matou muitos caçadores. Todo mundo sabe disso. Os rebeldes da Luz podem não gostar dele, porém, mais do que tudo, querem estar do lado vencedor. Se perderem, não terão a piedade de Soul. Marcus fará este lado sair vencedor.

— Posso organizar nosso exército sem ele — insiste Celia. — Vamos conseguir. Vai levar tempo, mas...

— Você mesma disse, instantes atrás, que precisamos atacar agora mesmo. E concordo com isso: se não pararmos Jessica enquanto é cedo, a luta só vai ficar mais difícil. Quantas pessoas você tem disponíveis para lutar, Celia? — pergunta Van.

— Há quase cem na Aliança. Estou treinando os capazes e...

— Quantos você poderia mandar para lutar contra os caçadores ainda hoje?

Celia faz biquinho, pensativa, e olha para mim.

— Nesse momento? Pouquíssimos.

— Quantos? — insiste Van.

— Incluindo eu, Nathan e Gabriel... nove.

Gus balança a cabeça.

— Mas o treinamento está surtindo efeito. Eles só ainda não se tornaram lutadores. Os mais jovens, os que têm certos dons, serão bons soldados em poucos meses...

— Não teremos esses poucos meses, se o exército dos caçadores crescer — retruca Van. — E se o que estamos criando for

uma nova sociedade, uma nova ordem, devemos estar dispostos a esquecer os crimes passados e seguir adiante juntos.

— Mas...

— Não, Celia. Todos os bruxos merecem uma segunda chance, até mesmo Marcus. Se ele quebrar nossas regras, aí é outra coisa, mas precisamos conceder anistia aos crimes do passado.

— Essa discussão não vai a lugar algum — intervém Grace. — Precisamos votar. Quero um representante de cada parte da Aliança: bruxos da Luz, das Sombras, meios-sangues e meios-códigos. Nesbitt, você vota pelos meio das Sombras, Ellen, pelos meio da Luz. Celia vota pelos bruxos da Luz e Van, pelos das Sombras. E você, Nathan, vota pelos meios-códigos.

— Aqueles a favor? — pergunta Van.

Várias mãos se erguem ao redor da mesa. Todo mundo, exceto Celia e eu, vota em convidar Marcus para a Aliança.

— Então temos três votos a dois, está decidido — determina Grace. Ela olha para mim. — Por que votou contra, Nathan?

Não sei a resposta. Só acho que meu pai não se encaixa bem com esse tipo de gente: o tipo que vota. Lembro-me da história de Wolfgang, de que meu pai matou o amigo dele, e tenho uma sensação ruim. Marcus é selvagem demais. Mas não menciono isso. Digo apenas:

— É perda de tempo. Não temos meios de entrar em contato com ele, e Marcus não vai querer se unir à causa.

— Você está enganado — retruca Gus. — Tenho um modo de entrar em contato com ele, mas a tarefa de fazê-lo se unir a nós é sua.

— Você tem o telefone dele? — pergunta Nesbitt.

— Como entro em contato com Marcus é informação confidencial — responde Gus.

— Certo — intervém Celia. — E quando faremos isso?

Ela agora parece encarar a situação com urgência. Não está satisfeita com o convite para Marcus, mas já está acostumada a trabalhar para caçadores e fazer o que mandam. Sei que vai simplesmente aceitar.

— Vou combinar um encontro entre ele e Nathan nos próximos dias. Não posso prometer que será mais rápido que isso.

Celia se vira para mim.

— Se ele se juntar à causa, precisa entender os termos.

— Que termos? — pergunto.

— Ele vai ter que seguir as minhas ordens, como todos os combatentes.

— Só isso?

— Em batalha e no acampamento. Ele vai ter que se comportar... como um soldado.

Não consigo imaginar Marcus fazendo isso.

— Preciso me encontrar com ele o mais rápido possível. Tenho certeza de que você contará a seu pai tudo sobre mim — prossegue Celia.

— Sim. E vou me certificar de que ele saiba das condições em que você me manteve. Qual era seu lema? “Não quero que pensem que você está minimamente confortável por aqui.”

Celia se apruma, e me pergunto se ela vai dizer que “só estava cumprindo ordens” ou alguma merda do tipo, mas ela não responde. Nunca foi do tipo que negava sua responsabilidade.

*

O grupo se dispersa. Tenho tempo de me encontrar a sós com Celia antes que ela se vá e pergunto sobre Deborah.

— Ela já saiu da Inglaterra?

Celia hesita antes de responder.

— Ela diz que seu trabalho é importante demais. Todos no Conselho sabem que, no passado, ela era solidária à sua situação, mas Deborah também é irmã de Jessica, e conseguiu dar um jeito de convencê-los de que mudou. Ela ainda trabalha no departamento de registros. Foi por meio dela que soubemos dos últimos movimentos dos caçadores e de seus futuros planos. É informação vital, mas, mesmo assim, já disse a ela que devia partir. Mas Deborah decidiu ficar. Está tentando obter mais informações sobre Wallend e suas experiências com os bruxos das Sombras prisioneiros. Ela é incrivelmente corajosa.

Não sei o que dizer. Deborah sempre foi corajosa. Se acredita que algo é certo, então está resolvido, e não há outro caminho para ela.

Celia se afasta para conversar com Van, e Ellen se aproxima para se despedir.

— Fale para Arran que espero vê-lo em breve — digo. — Penso muito nele.

Ela assente.

— Vou falar. Arran vai ficar muito feliz por você ter se unido à Aliança, mas ficará ainda mais feliz ao saber que você está vivo e bem e que recebeu seus três presentes. Foi Mercury quem realizou sua Atribuição?

Pela forma como ela pergunta, tenho quase certeza de que sabe que não foi. Balanço a cabeça.

— Foi Marcus.

Ellen sorri.

— Então é por isso que acham que você conseguirá convencê-lo a se unir a nós. Sabem que Marcus quer ajudar o filho.

Celia chama:

— Ellen, estamos indo embora. Agora.

Ellen me abraça efusivamente, e percebo que Celia nos observa, surpresa. Ela ainda me vê mais como das Sombras do que da Luz, mais violento do que gentil. Ellen me trata como uma pessoa, em vez de como um meio-código. Mas ela é meio-sangue. Sabe como é ser julgada por um rótulo, em vez de pela pessoa que se é.

Um minuto depois de elas partirem, Van me informa que vai voltar com Annalise e Nesbitt para o bunker e que Gabriel vai ficar comigo enquanto tento fazer contato com Marcus. Vamos nos encontrar de novo dentro de uma semana, aqui no Cabaça Vermelha.

Tenho pouco tempo para me despedir de Annalise. Eu a puxo para o canto da sala, não para conversar, mas sim para abraçá-la e me despedir sem interrupções, sem que ninguém fique olhando — o que fazem mesmo assim, exceto Gabriel, que está no bar, de costas para nós.

— Está preocupado com essa história de seu pai se unir à Aliança? — pergunta ela.

— Um pouco. Mas acho que ele não vai aceitar. Acho que ele não está interessado em mim ou nos rebeldes.

— Você é filho dele. Marcus se preocupa com você. Ele o encontrou para realizar sua Atribuição.

— Isso é diferente. Ele fez da maneira mais curta e fria possível. Marcus não confia em mim. Não vai lutar ao meu lado. E não consigo vê-lo seguindo ordens de Celia e agindo “como um soldado”. Isso simplesmente não vai funcionar.

Annalise me beija.

— Por falar em trabalhar com Celia — diz —, estou muito orgulhosa de você por ter concordado em se unir a ela depois da forma como aquela mulher o tratou no passado, depois do que você passou por causa dela. — Annalise me beija outra vez e se

aproxima mais. — Você é meu herói. Meu príncipe. — Ela beija minha orelha e sussurra: — Eu te amo.

E não tenho certeza se entendi direito, mas sei o que ouvi e fico sem saber o que dizer.

Ela se move para me beijar na boca e me encarar. Então, com os lábios próximos dos meus, sussurra outra vez:

— Eu te amo.

Acho que deveria responder o mesmo, mas é muito difícil falar, e tenho certeza de que todos estão ouvindo. Então ela diz:

— Preciso ir. Estão me esperando.

Eu a beijo.

E ainda não disse.

Ela está se afastando, então a puxo de volta, levo os lábios a seu ouvido e consigo dizer, mas bem baixinho. E ela começa a rir, e não consigo conter um sorriso. Então nos beijamos outra vez. Depois com mais intensidade, e de repente não me sinto mais incomodado com os outros.

Ouvimos uma tosse alta e um pigarro de Nesbitt. Annalise dá risada outra vez, mas continuo a beijá-la até ela sair de meu alcance.

Eles vão embora.

Terminou rápido demais, mas eu falei que a amava, e ela fez o mesmo. E estaremos juntos de novo em uma semana. Só mais uma semana, aí a verei outra vez.

amendoins

Ainda estamos no pub. Gus e eu estamos na cabine e Gabriel está no balcão do bar, bebendo cerveja e comendo um saco de amendoins. Volta e meia ele joga um para o ar e o pega com a boca. Gus está exagerando sua importância e seu papel nessa "missão", e estou fazendo de tudo para desinflar seu ego. É infantilidade dele e minha, e não tenho certeza de qual de nós é mais tolo.

— Marcus tem alguns contatos na comunidade de bruxos das Sombras — diz Gus. — Aqueles em que sabe que pode confiar e com os quais pode contar, aqueles que nunca vão traí-lo.

— E existe alguém idiota de tentar? — pergunto.

Gus me ignora.

— Marcus gosta de saber o que está acontecendo. Mas, hoje em dia, é raro ir a encontros. Então conta comigo para se manter informado.

— Só com você? Não foi você quem disse que ele tem *alguns* contatos?

— Não importa quem mais ele usa.

— Então você não sabe quem são essas outras pessoas.

— O importante é que ele confia em mim.

— Você é um homem muito honrado.

— O que sou é extremamente discreto e igualmente cauteloso.

Dou um bocejo.

— Deixo mensagens em um lugar secreto, e Marcus as recolhe. Ele sabe que vou deixar outra mensagem nas próximas vinte e quatro horas.

Eu me espreguiço e olho para Gabriel. Em vez de pegar os amendoins com a boca, ele começou a errar, fazendo-os ricochetear no nariz e nas bochechas.

Estou dizendo a mim mesmo que a situação é séria. Muito séria. Talvez mortalmente séria, mas Gabriel parece pensar que o clima precisa ficar mais leve, e está tentando de tudo para me fazer sorrir. Ele joga um punhado de amendoins para o ar e se vira para mim, mantendo a boca aberta enquanto chovem amendoins a sua volta. Dou uma risadinha.

Gus não consegue ver Gabriel de onde está, mas olha ao redor e entende a situação.

— Pode limpar essa sujeira agora mesmo! — grita ele.

Gabriel faz uma saudação irônica e joga mais um amendoim no ar — esse ele pega entre os dentes e mastiga.

Gus se vira para mim.

— Vocês parecem duas crianças.

— Gus acha que não somos sérios o bastante! — grito para Gabriel.

— Gus não nos conhece muito bem — responde ele.

— Bem, acho que isso não é uma coisa ruim.

Gus dá um sorriso de escárnio.

— Eu também.

— Muito bem. Então vamos deixar uma mensagem dizendo a Marcus para me encontrar em algum lugar.

— Não, seu idiota. Você espera por ele onde eu sempre deixo as mensagens. Você é a mensagem.

Eu solto um palavrão e pergunto:

— Quando?

Fico esperando que ele diga ao amanhecer, à meia-noite ou algo do tipo. Em vez disso, ele responde:

— Agora. Quanto antes vocês saírem da minha frente, melhor.

— Mas primeiro eu e Gabriel temos que almoçar. Podemos ir para lá depois.

— O que estamos fazendo é mais importante que seu estômago — retruca Gus, com desprezo.

E quero dizer que sim, claro que é. Mas, pensando bem, nem lembro quando foi a última vez que comi alguma coisa, e, como vou ver meu pai, não tenho ideia de quando será a próxima refeição. Além disso, estou com fome. E agora estou puto da vida.

Eu me levanto e saio da cabine, dizendo para Gabriel:

— Vamos arranjar alguma coisa para comer.

— Seu moleque mimado — reclama Gus. — Esta missão é mais importante do que você. Ou acha que todo mundo vai correr atrás de você só porque é filho de Marcus?

Gabriel já chegou perto de mim. Não me viro de volta para Gus porque, se o fizer, talvez acabe matando o desgraçado. Continuo avançando para a porta, dizendo para Gabriel:

— Estou com fome. Vamos.

— Vocês não deveriam correr o risco de serem vistos — resmunga Gus.

Gabriel olha para Gus.

— Você é que deveria tentar fazer com que ele não saísse. Deveria arranjar algo para Nathan comer. Você é o idiota, aqui.

Gus não é nenhum idiota, claro, mas o tipo de bruxo das Sombras que não gosta de meios-códigos, e não vai se mostrar arrependido. Então eu e Gabriel saímos do Cabaça Vermelha. Só na rua, quando viramos a esquina, é que me lembro dos detalhes práticos.

— Você tem algum dinheiro?

— Antes de responder preciso dizer que espero que você fique tão impressionado comigo quanto eu estou. E, sim, tenho.

— Pode pagar meu almoço, então?

— Claro.

Encontramos um pequeno restaurante italiano e pedimos duas montanhas de macarrão, mas só consigo comer um pouco.

— Sua comida está ruim? — pergunta Gabriel.

— Não. Gus é que me fez perder o apetite. — Espeto um pedaço de massa com o garfo. — Ele me despreza por não ser um bruxo das Sombras “autêntico” e, ao mesmo tempo, por ser o filho mimado do bruxo das Sombras mais sombrio que existe.

— Não tem como agradar essa gente.

— Esse é o resumo da minha vida. Mas não parece muito promissor para a Aliança. Não somos o que se pode chamar de família feliz. Se todos os das Sombras forem como Gus...

— Sinto muito lhe dar más notícias, Nathan, mas a maioria é assim. Ninguém consegue confiar em bruxos diferentes. Mesmo aqui, na Europa, o costume é simplesmente ignorá-los. Gus adoraria ignorar você, mas não pode.

— Ótimo.

— Só podemos torcer para que ele se torne um de seus maiores admiradores quando perceber como você é uma pessoa doce e agradável.

Começo a rir.

Gabriel se recosta no assento e sorri para mim.

— Então, já que sou um de seus maiores admiradores da atualidade, será que você pode me explicar o que está acontecendo? Qual é o plano?

Concordo com a cabeça e conto a ele tudo o que Gus me disse.

— Gus ficaria bem chateado se soubesse que você divulgou a informação ultrassecreta que ele lhe deu — comenta Gabriel.

— *Ficaria*? Estou torcendo para que fique.

— Quer que eu diga a ele que você me contou?

— Vá contando aos pouquinhos, para ele sofrer bastante.

Gabriel sorri.

— Vai ser bom ter o que fazer enquanto você estiver longe.

*

Duas horas depois do almoço, Gus me leva para fora da cidade velha, para uma área elegante com casas coladas umas às outras. As construções não são exatamente novas, mas são imponentes, e cada uma tem o próprio jardim cercado por muros. Parecemos mais do que apenas um pouco deslocados: as pessoas nessa área são félixes bem-vestidos e sorridentes que parecem felizes com o papel que têm no mundo. Entramos em uma rua lateral. Não há carros nela, parece dar para a entrada dos fundos das casas, pois é cercada de muros altos com portões.

Gus para diante de um portão velho e deteriorado, saca uma chave grande e enferrujada e o abre.

Por trás dele fica um jardim: é pequeno e cercado por muros altos. O lugar está tomado por arbustos. Vejo uma árvore velha e um depósito caindo aos pedaços.

— Fique aqui até ele aparecer — diz Gus.

Ha. Como se eu fosse fazer outra coisa. E como se eu fosse fazer aquilo só porque ele mandou.

Eu o chamo de idiota ou de alguma coisa parecida e acrescento uns palavrões, para reforçar.

Parece que é tudo o que ele queria. Gus aperta meu pescoço com uma das mãos e pressiona uma faca contra a pele do pescoço com

a outra.

— Seu bastardinho mestiço arrogante — xinga ele. — Faça logo o que eu mandei. Você não vale merda nenhuma. Você não é um verdadeiro bruxo das Sombras, não é nem mesmo um verdadeiro bruxo da Luz. Então faça o que veio fazer aqui e...

Eu avanço um pouco, de modo que a lâmina afunda em meu pescoço, e Gus recua, surpreso. Derrubo a faca de sua mão e dou um soco forte e veloz na cara dele, então me viro e dou uma cotovelada em seu estômago. Ele é grande e musculoso, mas deve ter doído um pouco.

Ficamos ali, parados, encarando um ao outro, e digo a ele:

— Vá embora logo.

— Então faça seu trabalho de uma vez. — Ele se vira para sair, mas, antes de abrir o portão, acrescenta: — Com seu pai na jogada, a Aliança vai ganhar. E, quando tivermos vencido, estaremos de volta a um mundo no qual os da Luz levam suas vidas em um canto e eu levo a minha em outro, como fizemos por centenas de anos. Não vou chegar perto deles, e não os quero perto de mim. Todo mundo deveria fazer o mesmo. Assim não vai mais existir gente como você. — Ele cospe no chão ao terminar.

Alguns minutos depois de Gus partir, consigo me acalmar o suficiente para refletir sobre o que ele disse. Gus não acha que sou um bruxo verdadeiro, pois não sou apenas das Sombras ou da Luz. Segundo Gabriel, eu sou um bruxo supremo, pois sou a reunião das Sombras e da Luz. Segundo os bruxos da Luz, sou das Sombras. Segundo Van, sou apenas um bruxo comum. E, segundo meu pai... Não sei bem o que ele acha. Talvez eu devesse tentar descobrir quando ele aparecer. Mas não vou fazer perguntas idiotas sobre o que Marcus pensa de mim.

marcus

Estou deitado no chão do jardim cercado por muros. O sol já desapareceu por trás das casas, e a sombra veio deslizando para cima de mim. As folhas da árvore balançam delicadamente com a brisa. O céu está azul e pontilhado de nuvens claras, pequenas e finas. Lá no alto, ainda está claro e ensolarado.

Já parei de me questionar se ele vem mesmo; estou apenas esperando, olhando para a árvore, as folhas e o céu. As folhas quase não se movem. Na verdade, acho que não estão se movendo... Olho fixamente para um galho e tenho certeza: nenhuma das folhas está se mexendo, nem mesmo o mais leve tremor. E as pequenas nuvens estavam indo bem devagar da esquerda para a direita, mas a pequena posicionada atrás do galho acima de mim está exatamente na mesma posição há cerca de um minuto. De alguns minutos, na verdade.

Eu me sento, e, no mesmo instante, o portão se abre.

Marcus me vê e para. Por um segundo, fico achando que ele vai sair correndo, mas meu pai entra no jardim e fecha o portão.

Estou de pé, mas não me lembro de ter levantado.

Ele se vira para mim, mas não se aproxima.

— Foi Gus quem trouxe você aqui? — pergunta.

Ah, adoro uma recepção entusiasmada.

— Sim. Eu queria falar com você.

— Não temos muito tempo. Uso magia para parar as coisas e ter tempo de examinar os arredores, procurando armadilhas.

— Não sou uma armadilha.

— Não, não acho que seja. — Ele se aproxima de mim, e percebo como somos parecidos: em altura, rosto e cabelo, e temos exatamente os mesmos olhos. — Mesmo assim, prefiro que nosso encontro seja rápido.

— Sei que você não quer passar tempo comigo, não se preocupe. Mas preciso que você entenda o que está acontecendo entre o Conselho dos bruxos da Luz e um grupo de rebeldes.

— E você está no meio disso?

— Como se você estivesse interessado em saber o que faço.

— Sempre estou interessado no que você faz, Nathan. Mas as circunstâncias em que nos encontramos sugerem que um encontro rápido tende a ser bem mais agradável. — Ele olha para cima. — Não posso arriscar ficar mais tempo aqui.

Marcus vai até o portão e o abre.

Não posso acreditar que o encontro já tenha acabado. “Olá” e “adeus”. Ele só dá uma olhadinha em mim e vai embora.

— Você não vem? — pergunta meu pai.

— Como assim?

— Você não vem comigo?

— Hã, sim, claro.

Ele sai do jardim, e tropeço na base do portão, na pressa de segui-lo. Já do lado de fora, Marcus tranca a saída com uma chave parecida com a de Gus e sai andando, dizendo:

— Faça o possível para me acompanhar.

*

Vou correndo atrás de Marcus, e é uma sensação maravilhosa estar com alguém que anda tão depressa. Na rua seguinte, passamos por um carro que começava a se mover, e, alguns passos depois, o

tempo volta ao normal. Continuamos a correr. A rua residencial acaba, e vamos parar em uma floresta de árvores jovens e delgadas, cheias de samambaias que se penduraram nos troncos. Subimos o morro correndo e damos a volta pelo topo. O terreno vai se alongando em uma descida suave pela encosta, mas de repente fica muito mais íngreme. Quase perco o controle, preciso dar passos enormes para recuperar o equilíbrio. Não há como parar — e nem quero. Vejo um rio à frente, e Marcus corre até ele, dá um salto que culmina em uma cambalhota no ar e mergulha.

Faço o possível para copiá-lo e consigo acabar o percurso na água, que está bem fria. Meu corpo sente o choque gelado, mas logo se acostuma. Meu pai não está nadando, então também não nado. Vamos flutuando, mas avançamos depressa, levados pela corrente. As margens são cobertas de florestas, e a cidade, rio acima, parece bem distante. Nós apenas flutuamos pelo rio escuro, com o céu azul pálido acima e o sol escondido atrás dos morros à esquerda.

Então Marcus começa a nadar depressa e sem dificuldade até a margem esquerda, e o sigo de perto. Pensei que ele fosse sair do rio, mas meu pai segura minha mão e a leva até seu cinto, dizendo:

— Segure firme. Respire fundo. Fique comigo enquanto passamos pela fenda.

Afundo e nado com ele na direção da margem do rio. A água aqui é mais calma, tão cristalina que dá para contar as pedras no fundo — e é por elas que Marcus parece se orientar, segurando em uma e depois outra para se impulsionar. Quando chegamos a uma pedra grande e chata, vejo-o se enfiar por trás dela e entrar por uma fresta absurdamente minúscula. Sou sugado com ele, saindo da água brilhante, escura e fria do rio para uma escuridão vazia que parece ainda mais fria. De repente, estou girando, mas também me lembro

de expirar, como Nesbitt ensinou. Vou girando depressa, a fenda é tão longa que fico sem ar, procurando desesperadamente a luz que indica o fim da passagem. Mas não a vejo. Só consigo me concentrar em me segurar ao couro do cinto de meu pai.

Sou cuspido para fora da fenda e posso respirar outra vez. Estou ofegante.

Eu me endireito, tentando fingir que a experiência não foi tão ruim assim, mas ainda sinto o coração batendo forte. Sou forçado a me abaixar, respirar e tomar ar. Dou risada. Isso foi horrível.

Estou ajoelhado nas águas rasas de um rio. Não restam dúvidas de que é um rio diferente. É muito menor, apesar de também ter uma corrente rápida e forte.

Marcus já está sentado na margem. Eu me levanto e cambaleio um pouco. Fico torcendo para que ele não tenha visto e vou me sentar a seu lado.

— Você ainda usa fendas, mesmo agora que os caçadores podem encontrá-las?

— Acha que vão encontrar aquela?

— Não sei. Mas foi você quem me contou que os caçadores descobriram uma maneira de detectar fendas, e caçadores são bons no que fazem.

— Sim, tem pelo menos uma caçadora que pode fazer isso. É o dom dela. Mas acho que é preciso estar a certa distância. O que você acha? Um quilômetro? Uns cem metros? Dez? Imagino que tenha que ser bem de perto, mas não tenho certeza. É por isso que sempre me preparo para o pior e crio novas fendas a cada mês. — Ele se vira para mim. — Me mantenho sempre em movimento, tentando sempre ficar em segurança. — Ele olha para o rio. — Por enquanto, este é um bom lugar para morar, tem uma vista decente e água fresca. Já fiquei em lugares piores. Mas não posso ficar tempo

demais; mais cedo ou mais tarde, eles chegam. Fico três meses em cada local, às vezes menos. Nunca fico mais do que isso.

Olho para o rio e as árvores. O sol também está se pondo aqui.

— De qualquer modo, não preciso sair daqui por algumas semanas, então teremos tempo para conversar.

— Isso seria bom.

— Veremos.

Fico pensando em contar a ele sobre a Aliança, mas tenho a sensação de que ainda não é a hora, e também não quero conversar sobre isso. Passei tão pouco tempo com meu pai, conheço-o tão pouco... Quero falar sobre nós, sobre ele. Mas também tenho a sensação de que ele não quer fazer isso.

Olho ao redor. Atrás de mim há uma muralha de árvores que parece ser o fim de uma floresta cobrindo uma encosta. A primeira árvore fica a alguns metros, e a margem do rio está coberta de arbustos espinhentos e samambaias. Parece seguro, limpo e aberto. Eu me viro, ajoelhando-me para ficar de frente para as árvores. Até a sombra e o aroma da floresta são sedutores, e o rio atrás de nós é surpreendentemente silencioso.

É quase como sonhei que seria minha casa, mas não há campina ou cabana. À frente, vejo espinheiros densos como nos contos de fadas. Seriam intransponíveis sem uma espada para abrir caminho. É uma proteção segura. Ninguém pode chegar a nós por ali. Os arbustos me lembram as barras da jaula, mas também têm um quê de atraente. Noto uma abertura entre eles. Quase não é grande o bastante para um humano. Rastejo na direção dela e descubro que, depois de entrar no túnel, não tenho como voltar, pois minhas roupas ficam presas. Vou em frente. O caminho segue em um declive, e avanço cada vez mais para baixo e para longe.

Mais adiante, o espinheiro se abre em uma toca espaçosa e de teto baixo. Está escura, mas a temperatura é agradável e a iluminação vem apenas da luz natural que entra pelos pequenos buracos entre os galhos. É como a toca de um animal, mas é sem dúvida uma residência humana. Um aposento baixo, praticamente vazio. Vejo restos de fogueira bem perto do centro e uma pilha de lenha bem seca em um dos lados. Há uma área de terra ao redor do fogo, onde meu pai deve se sentar, alimentar a fogueira, cozinhar e comer. É difícil imaginar o mais temido dos bruxos das Sombras fazendo sopa ou cozido e comendo com uma colher de metal em um prato simples, mas é o que parece que ele faz. E sei que, quando está ali, Marcus não passa muito tempo na forma humana. Na maior parte do tempo, fica na forma animal. Ele vive assim. Solitário. Sozinho. Humano apenas às vezes. Fico chocado com a descoberta e tenho que me sentar.

Meu pai não quer falar sobre a vida dele. Em vez disso, me mostra como vive, para que eu possa conhecê-lo. E, quando eu finalmente o conhecer, também conhecerei a mim mesmo. Mas essa não é a vida que eu tinha imaginado que ele levava. Não tenho certeza do que eu esperava, talvez algo impressionante, grandioso... Um lugar cheio de tesouros, história e poder. Mas então me dou conta de que ele não é assim, e eu também não sou.

Estou chorando, e não tenho certeza se é de tristeza ou alegria, se é por ele, por mim, por ter uma conexão com ele ou por causa de tudo. Reconheço que esse seja um lugar onde posso acabar morando, se acabar como ele. Mas não quero isso.

Meu pai ainda não entrou, e sei que está me dando um tempo para me acostumar com o lugar. Ou talvez esteja apenas apreciando o pôr do sol.

Em um canto, vejo cobertores de lã puídos e cheios de buracos e uma pilha com sete peles de carneiro enroladas para ficarem secas. Pego-as e estendo junto às cinzas frias da fogueira.

Marcus entra na toca quando a luz está quase sumindo. Ele acende a fogueira em segundos, aumentando as chamas com alguns gravetos que trouxe consigo. Nós dois ficamos olhando enquanto ele alimenta o fogo. Primeiro fico sentado, depois me deito. Percebo que estou chorando de novo, mas não consigo parar. Olho para meu pai e não vejo lágrimas em seu rosto. Fecho os olhos, e a Aliança e todas aquelas pessoas, até mesmo Gabriel e Annalise, parecem pertencer a outro mundo. Esse é o mundo de meu pai, é outro lugar. É selvagem.

*

Acordo. Está bem claro na toca, mas sei que é cedo. Estou deitado onde peguei no sono. A fogueira apagou, e estou sozinho.

Rastejo para fora. Marcus está sentado bem perto da saída, junto à margem do rio. Sento-me ao lado dele. O sol está surgindo por trás do morro a nossa frente.

— Está com fome? — pergunta ele.

— Sim.

— Quer caçar comigo?

Concordo com a cabeça.

— Já se transformou em águia?

*

Meu pai e eu estamos sentados lado a lado. Cacei com ele. Marcus se transformou, eu o copiei. Não tinha certeza de como escolher em que animal me transformar, e não sei bem se foi o que fiz. Mas meu lado selvagem sabia o que fazer, e conseguimos. Copiamos meu

pai, a águia, e fizemos tudo o que ele fez. Voamos pela primeira vez, um pouco atrapalhados no início, mas logo pegamos o jeito de como planar, virar, arremeter e mergulhar. Mas caçar foi difícil demais. Meu pai pegou uma doninha e uma raposa. Meu animal e eu não éramos precisos ou rápidos o bastante para pegar qualquer coisa. Não importava. Comemos todos juntos.

— Quem pode julgar se esse meu lado selvagem é melhor ou pior do que meu lado humano? — indaga meu pai.

— Ainda estou me acostumando com ele, com meu lado animal. Acho que penso nele como uma entidade separada de mim, mas estamos tentando trabalhar juntos.

— Eu demorei um pouco para me acostumar. Lutei contra ele. — Marcus balança a cabeça. — Pensava que ele estivesse tentando se apossar de meu corpo. Ele não está. É só outro lado de quem somos. A parte mais natural, mais ancestral. A parte de nós que mais pertence à terra. É dele que você precisa para sobreviver, e, sem ele, não vale a pena viver. Confie em seu lado animal, e ele vai confiar em você. Fique o mais próximo dele que puder.

Permaneço sentado ao lado de meu pai. Juntos, observamos o rio até começar o calor da tarde, aí caçamos de novo. Voamos cada vez mais alto e ficamos ali, planando, à espera. Um coelho surge lá embaixo, bem ao longe. Meu pai se deixa elevar pelo ar. Meu lado selvagem se mantém concentrado no coelho, e mergulhamos. Nós dois o queremos.

*

Naquela noite, já outra vez como humanos, meu pai e eu assistimos ao pôr do sol. Pergunto a ele sobre seus outros dons, que tomou ao devorar os corações de outros bruxos.

— Você pode usá-los?

— Sim. É como usar meu próprio dom. Eles agora são meus. Mas nenhum é tão poderoso quanto ser um animal. Alguns são fracos. Quase nunca uso a maioria.

Estou louco para perguntar quais ele usa, mas não ouso fazê-lo. Às vezes fico um pouco tímido ao lado dele.

— A coisa das plantas é útil — comenta ele.

— Fazer plantas crescerem ou morrerem: Sara Adams, membro do Conselho.

— O quê?

— Celia me fez decorar todos os dons que você tomou, todas as pessoas que matou.

Ele fica um tempo em silêncio, pensando no que eu disse.

— Bem, é útil — responde ele. — Pelo menos para o meu estilo de vida.

— Você fez os espinheiros crescerem para formar a toca?

Ele concorda com a cabeça.

— E a invisibilidade é útil, ainda mais quando preciso me esconder ou seguir alguém. Assim como o feitiço de parar o tempo. Saber fazer fendas também é uma habilidade útil. Poucos têm esse dom.

— Você pode voar?

Ele franze a testa.

— Não. Esse dom devia ser de quem?

— Malcolm, um bruxo das Sombras de Nova York. Sempre foi uma morte questionável. Mas você consegue dar grandes saltos?

— Não maiores que os seus. — Ele fica em silêncio outra vez. Depois de um tempo, continua: — Posso voar quando viro uma águia. Posso dar grandes saltos se me transformo em leopardo. É impressionante o bastante para você?

Acho que ele sabe que estou bastante impressionado, não importa o que disser.

— Você escuta ruídos na mente quando está perto de celulares e coisas do tipo?

Ele se vira para mim.

— Escuto. E você?

Faço que sim com a cabeça.

Meu pai entra na toca, e eu o sigo. Lá dentro, ele acende a fogueira e diz:

— Vivo a maior parte do tempo desse jeito, hoje em dia. Parece pobre, mas não é.

Não respondo. Consigo entender o prazer de estar na natureza, mas a solidão seria demais para mim.

— Suponho que não seja o que você estava imaginando — continua.

— Encontramos o bunker de Mercury. Achei que seria mais como ele.

— E encontraram Mercury lá dentro?

Conto a meu pai sobre Mercury e tudo o que aconteceu desde nosso último encontro, incluindo Van, Nesbitt, Annalise e a morte de Mercury. Conto sobre Celia, Gus e a Aliança. Já é madrugada quando termino, de um jeito meio seco:

— Eles querem que você se junte a eles.

— A Aliança? — Marcus dá risada. — Devem estar desesperados.

— É, acho que isso resume bem a situação.

— E você está determinado a se juntar a eles? Quer mesmo arriscar sua vida por uma causa?

— É minha causa. Unir bruxos da Luz e das Sombras.

— Não acho que essa seja a causa da Aliança. Acho que está mais para se livrar de um líder maluco dos bruxos da Luz e de um bando de caçadores sedentos por poder. E, quando isso terminar, quando a paz voltar a reinar, como dizem, você terá muito mais problemas do que para vencer a guerra.

— Você não precisa se preocupar com isso.

Marcus sorri para mim.

— Talvez não. Mas tenho o direito de me preocupar um pouco com uma guerra na qual provavelmente serei morto, não é?

— Então você vai se unir a nós? — Estou surpreso. — Achei que não quisesse.

— Não estou interessado em unir bruxos da Luz e das Sombras. Entretanto, fico muito empolgado com a ideia de me livrar de Soul e dos caçadores. É mesmo uma ideia interessante. E ainda não estou pronto para me aposentar. Na verdade, não sou do tipo que trabalha em grupo, mas vou ajudar a enfrentar Soul e os caçadores. Gostaria de conhecer essa tal de Celia. Acho que eu deveria ver a cara da mulher que manteve meu filho trancado todas as noites durante dois anos. — Ele balança a cabeça. — Celia está me oferecendo anistia, mas talvez fosse ela quem devesse pedir isso para mim.

Olho para ele e fico imaginando se está falando sério ou de brincadeira.

— Não estou interessado em anistias ou acordos, Nathan, seja para mim ou para ela. Desprezo isso tudo. E espero que você também pense assim. Todos fazemos o que precisamos fazer. Pode ser que isso se aplique até a Soul, não sei. E também não ligo muito para ele. Só gostaria de vê-lo morrer.

E a frieza com que ele diz isso me faz perceber que meu pai é tão capaz de matar um homem sem maiores arrependimentos quanto

de matar um coelho. Talvez se arrependa ainda menos com os humanos.

— Vai haver uma reunião em Basileia, no bar A Cabaça Vermelha, daqui a cinco dias. Celia estará lá.

— Mal posso esperar.

— Eu deveria voltar e dizer a eles.

— Não. Você fica comigo. Ou voltaremos juntos, ou não voltaremos.

Olho para ele sem saber ao certo por que ele disse isso.

— Você não confia em mim? — pergunto.

Ele me encara, e vejo em seus olhos os mesmos triângulos negros que giram lentamente nos meus.

— Quero que você fique comigo — explica ele. — É demais, pedir uma semana de sua vida?

Balanço a cabeça uma vez e sinto os olhos se encherem de lágrimas.

Ele desvia o olhar.

— Que bom.

Finalmente faço o que estava com vontade de fazer há tanto tempo. Tiro a Fairborn da jaqueta e a estendo para ele.

Meu pai pega a faca e a tira da bainha bem devagar.

— Não é um objeto agradável, não acha? — pergunta.

— É sua.

— Sim, acho que é, mesmo. Foi de meu avô por muito tempo.

— Ela nos reconhece, reconhece nosso sangue. Não sai da bainha para mais ninguém.

Ele enfia a faca de volta dentro da proteção de couro e a coloca no chão a seu lado.

Parece que terminou rápido demais, depois de todo o esforço que tive para encontrá-la e devolvê-la a meu pai.

— Não vou matar você — digo.

— Talvez não. Veremos.

Ele se vira e deita. Ponho outra tora de lenha no fogo e fico sentado, observando a fogueira e meu pai, e me dou conta de que estou feliz, ali com ele.

a aliança

Quase uma semana se passou. Em alguns aspectos parece que foi uma vida inteira; em outros, a sensação é de que se passaram apenas algumas horas. Meu pai e eu caçamos, caminhamos, corremos juntos e aproveitamos a companhia um do outro. Agora estamos prontos para ir ao Cabaça Vermelha participar da reunião de amanhã.

— Tem certeza de que quer isso? — pergunta Marcus.

— Sim. Tem Annalise.

Contei a meu pai sobre Annalise, sobre como gosto dela, e ele não comentou sobre o assunto. Como com a maioria das coisas, Marcus apenas escuta e não dá sua opinião. Acho que também sou assim.

Mas agora ele se pronuncia:

— Annalise... A situação era a mesma entre sua mãe e eu. Não é uma vida boa, Nathan. Não a longo prazo. No início, estávamos tão envolvidos um com o outro que a única coisa pela qual vivíamos era o momento em que nos veríamos de novo. Sempre nos encontrávamos, e nunca era suficiente. Foi um milagre termos conseguido manter segredo por tanto tempo. Eu queria que ela fugisse comigo, mas sua mãe não conseguia viver desse jeito — ele indica as árvores e o rio —, e acho que ela foi sábia o suficiente para perceber isso. Então se casou com aquele homem, o que foi menos sábio da parte dela. O casamento foi um desastre. — Ele faz uma pausa e olha para o horizonte. — Admito que não ajudei muito

a melhorar a situação, mas... Na época, minha maior preocupação era estar com ela, não importava por quão pouco tempo.

Ele se vira para mim.

— Você deveria aprender com nossos erros, Nathan. Olhe para si mesmo. Você é como eu. Fiquei procurando traços de sua mãe em você, mas... — ele balança a cabeça — ... não vejo resquícios dela. Só vejo a mim. Só Sombras.

E sei que ele tem razão. Sou como ele, ainda mais agora, que passamos um tempo juntos. Mas sinto meu outro lado, o lado da Luz, vir à tona quando estou com Annalise.

— Sei o que você está querendo dizer, mas... — começo.

— Você se parece comigo. Tem o mesmo dom, os mesmos amores e desejos, e, possivelmente, as mesmas limitações.

— Que limitações?

— Viver na cidade. Estar com pessoas. Ficar em lugares fechados.

— Admito que tenho problemas com lugares fechados. Mas me dou bem com muita gente. Até gosto de verdade de algumas pessoas.

— Eu gostava de sua mãe. Veja onde isso terminou. Você é um bruxo das Sombras, Nathan. É mais das Sombras do que a maioria dos bruxos das Sombras que conheço. Você não deveria se relacionar com eles, com os bruxos da Luz. Deveria deixar a garota.

Balanço a cabeça.

— Não posso. Não quero.

Ficamos algum tempo em silêncio, então pergunto a mesma coisa que ele me perguntou.

— Você tem certeza de que quer ir? Arriscar perder essa bela vida?

— Já está na hora de eu me arriscar por você. Estou ficando velho, Nathan, mas não muito. Antes de ficar velho demais, quero passar algum tempo com meu filho.

*

Voltamos para Basileia por outra fenda, uma que não envolvia água.

— Quantas fendas você tem? — pergunto.

— Muitas. Achei que, como os caçadores conseguem encontrá-las, era melhor deixá-los ocupados com isso. — Marcus olha para mim. — Isso dá alguma coisa para eles fazerem! — Meu pai dá risada. — Eu deveria espalhar um monte delas pelo mundo.

Chegamos a Basileia na tarde anterior à reunião. Marcus insiste em fazer um reconhecimento da cidade e diz que não posso ajudar, pois chamo atenção demais. Sei que os caçadores conseguem me reconhecer. Ele chega ao jardim interno quando já está escuro e me conta o que viu:

— Dois caçadores. Um dos benefícios de poder ficar invisível é conseguir segui-los e escutá-los por horas sem ser percebido. Estão falando com informantes. Ou melhor, estariam, se pudessem encontrar algum. Parece que os meios-sangues desapareceram. Acho que fugiram ou entraram para a Aliança, o que é um bom sinal, apesar de estar deixando os caçadores bastante curiosos.

— Mas eles não sabem da reunião de amanhã?

Marcus balança a cabeça.

— Aqueles dois, com certeza, não.

Dormimos no chão, e fico olhando as estrelas e pensando no futuro. A guerra é certa, e tenho que admitir que estou curioso para ver meu pai lutando nela.

*

Na manhã seguinte, Marcus dá mais uma checada na cidade e nos dois caçadores, depois volta:

— Nenhuma mudança. Vamos.

Seguimos para A Cabaça Vermelha. Ele fica invisível durante a jornada e me conduz pelo braço, movendo-se rápido. Vamos pelo outro lado do beco onde fica o bar, e só o reconheço no último instante. Quando abro a porta de madeira pesada e entro, meu pai diz:

— Vou ficar assim por enquanto.

Não concordo com a cabeça nem confirmo ter ouvido. Desço o primeiro degrau de pedra, e, quando afasto a cortina pesada, fico admirando o interior do bar por um instante antes de ele desaparecer e sermos sugados por uma fenda. Tudo está escuro e girando, com a mesma ausência de ar de sempre, mas sinto a mão de Marcus apertando meu braço, e, apesar de não saber por que entramos em uma fenda, me sinto tranquilo. Tenho a sensação de ser indestrutível quando estou com meu pai.

E saímos. É a fenda mais curta e larga por que já passei. Não caio no chão, como às vezes acontece, talvez porque a fenda seja tão larga, talvez porque meu pai esteja me segurando em pé.

Olho ao redor à procura de caçadores, mas não vejo nenhum.

Estamos em um bar, mas não é o Cabaça Vermelha — ou, pelo menos, não é o original. Esse bar fica ao ar livre, na clareira de uma floresta. A mobília está disposta da mesma forma que no Cabaça Vermelha, com mesas encostadas na parede. Só que não há parede, apesar de ainda ter cabines no fundo. O bar comprido fica à direita, mas também não há parede atrás dele. Além disso, no lugar do teto baixo de madeira, há uma vela de lona estendida e amarrada entre as árvores.

Gabriel, Van, Celia e a outra bruxa da Luz, Grace, estão sentados à mesa mais ao fundo, e Gus está parado junto deles, de costas para mim. Dou um passo na direção de todos, mas meu pai me segura.

Gabriel me vê, e Gus se vira e diz:

— Falando no diabo...

Marcus solta meu braço.

— Olá — cumprimento.

Todos olham para mim com expectativa, e não sei o que dizer ou o que meu pai quer que eu faça.

— Você está sozinho? — pergunta Celia.

— Meu pai está... pensando na proposta.

— Então você falhou — intromete-se Gus. — Devia ter trazido Marcus com você.

De repente ele dá um berro e leva as mãos ao lado direito do rosto, e vejo sangue escorrendo entre seus dedos. Ele cai de joelhos. Sangue escorre por seu pescoço e pelo braço, caindo no chão. Gus ainda está gritando, apertando as mãos na lateral do rosto, quando Marcus aparece de pé ao lado dele. Meu pai segura a Fairborn na mão esquerda, e outra coisa, algo pequeno e sangrento, na mão direita. Acho que é a orelha de Gus.

Todos estão imóveis e em silêncio, exceto Gus, que começou a gemer.

— Gus — começa Marcus —, tenho mesmo que agradecê-lo por trabalhar comigo pelos últimos anos, agindo como um... — Ele me encara com uma expressão confusa e irônica no rosto. — Como é mesmo que se diz, Nathan? Ah, um “mensageiro discreto e cauteloso”. Entretanto, ameaçar meu filho com uma faca não me parece discreto ou cauteloso. Então senti a necessidade de fazer o

mesmo com você. Pode considerar isso como o fim de nosso relacionamento de trabalho.

Gus parece prestes a vomitar.

Marcus joga a orelha no chão e limpa a Fairborn no ombro do homem caído.

— E então, Nathan, não quer me apresentar a seus amigos? Tenho interesse especial em conhecer a caçadora que manteve você em uma jaula.

Celia faz menção de ficar de pé, porém Marcus a interrompe.

— Não, não precisa se levantar.

Ele não diz aquilo por educação, e sim como uma instrução. Dá para ver que Celia conclui isso, mas ela permanece sentada, tranquila como sempre, e responde:

— E eu sempre quis conhecer o homem que matou minha irmã.

Marcus abre um sorriso.

— É mesmo? Eu não fazia ideia. — Meu pai vai para trás de Celia, mas não se dirige a ela. — Obrigado pelo convite, Van. Recebo pouquíssimos, como você pode imaginar.

Gus começa a vomitar.

Marcus olha para ele com nojo e se vira para Celia.

— Precisamos conversar. Mas acho que Gus está nos distraindo um pouco. Se eu passar muito mais tempo aqui, é provável que acabe cortando mais do que a orelha dele.

Celia se levanta.

— Bem, então sugiro uma caminhada.

Eles entram juntos na floresta. Não tenho certeza se Celia vai sair viva, com as duas orelhas ou de que outro jeito.

rios de sangue

Duas horas mais tarde, Celia e Marcus retornam ao acampamento. Ela ainda está com as duas orelhas. Os dois voltam caminhando lado a lado, imersos em uma conversa. Não olham um para o outro, mas estão perto o suficiente para manterem as vozes baixas.

Logo estamos todos sentados outra vez ao redor da mesa — com exceção de Gus, que sabiamente desapareceu da vista de Marcus. Van o ajudou a se curar e repôs a orelha no lugar, mas o resultado me pareceu horrível.

Van me explicou que estamos na Floresta Negra, no Sul da Alemanha. Celia planeja usar o lugar como o principal acampamento da Aliança.

Ela abre a reunião declarando o principal objetivo do grupo:

— Remover Soul O'Brien da liderança dos bruxos da Luz, não importa se for preciso matá-lo, e devolver a Grã-Bretanha a um estado de coexistência pacífica entre os bruxos.

"Nosso primeiro objetivo é expulsar os caçadores da Europa. Eles estão saindo do Norte, mas permanecem concentrados no Norte da França e na Alemanha. Seus números estão cada vez maiores, pois eles recrutam mais gente à medida que avançam para o sul. Quanto mais esperarmos para atacar, mais difícil será detê-los. Precisamos atacar logo, tanto para impedir que recrutem mais bruxos quanto para eliminar os que já conseguiram antes que concluam o treinamento.

“Entretanto, temos poucos combatentes, e não podemos nos dar ao luxo de perder nenhum. Todo ataque precisa ser bem-sucedido em três aspectos: matar, baixar a moral e atingir os suprimentos inimigos, tomando suas armas, equipamentos e alimentos...

— Pelo que entendi, vocês não têm armas — interrompe Marcus.

— Poucas, e nada que se compare às armas de fogo dos caçadores. É nelas que precisamos pôr as mãos. Quando eles se derem conta de que serão mortos com as próprias balas e de que sofrerão uma morte lenta e dolorosa, teremos conquistado outra pequena vantagem.

Eu me viro para Celia e digo:

— Não vejo como os ataques vão impedir mais recrutamentos. Duvido que os caçadores falem sobre eles.

— As notícias voam. Os bruxos da Luz mantêm contato muito mais próximo uns com os outros do que os das Sombras. Mas também espalharemos as histórias de sucesso da Aliança. Também precisamos de recrutas. Van informará aos bruxos das Sombras que Marcus está trabalhando conosco. Quando souberem disso e virem nossa taxa de sucesso, outros se unirão ao grupo.

“Mas não vai ser fácil. Os caçadores se orgulham de aprender com seus erros. Analisam todas as batalhas, não importa se terminam em vitórias ou derrotas. Logo descobrirão nossas táticas.

— E quais são nossas táticas? — pergunto.

— Temos um grupo de combatentes de elite...

— Temos?

— Sim. Eu, Greatorex, Nesbitt, Gabriel. E, agora, você e Marcus. Além de alguns novatos muito bons.

— Então não são muitos.

— Não há problema. Nós vamos atacar, pilhar e fugir. A ideia é entrar e sair rápido. Escolheremos apenas grupos de novos recrutas

para atacar. É isso que os batedores estão procurando. Escolheremos nosso primeiro alvo quando eles voltarem à base.

— Aqui é a base? — pergunto.

— É. Todos que se unirem à Aliança virão para cá. Este lugar em breve estará maior e precisará de organização. Todos terão que fazer sua parte.

Celia explica que cada pessoa será colocada em uma força-tarefa. Há quatro grupos: Batedores e Combatentes, Abastecimento e Armazenagem, Cozinha e Acampamento, e, por fim, Curandeiros. Gabriel e eu somos combatentes. Ellen, Greatorex e Nesbitt, no momento, estão como batedores. Annalise ficou em Abastecimento e Armazenagem, e está fora com um dos grupos, ajudando a trazer provisões para a base.

Olho para Marcus. Ele não está em nenhum dos grupos. Nossos olhares se encontram, e acho que ele está pensando a mesma coisa.

— Quando vou matar uns caçadores? — pergunta.

— Os batedores voltam amanhã. O primeiro ataque será amanhã à noite.

Depois que a reunião acaba, permaneço por ali e vou perguntar a Celia o que ela sabe sobre Deborah.

— Ela já deixou o Conselho?

Celia parece aliviada ao responder.

— Ela concordou em sair. Ficou impossível obter mais informações sem deixar óbvio que estava traindo o Conselho. Ela deve vir para cá. Já enviei alguém para trazê-la.

*

Naquela noite, não durmo bem. Não tenho pesadelos, mas acordo e não consigo voltar a dormir. Fico imaginando onde estará Annalise,

torcendo para que esteja segura. Achei que passaríamos a noite juntos, mas ela só deve voltar amanhã. Fico me sentindo meio enjoado quando penso nela. Annalise recuperou muito de sua saúde desde que saiu do feitiço de Mercury, e é ágil e uma ótima corredora, mas, se os caçadores encontrarem seu grupo... A verdade é que ela não tem chance. Depois de um tempo, eu me levanto e saio andando pela floresta. Ainda está escuro, e Gabriel surge ao meu lado.

— Também não consegui dormir — comenta.

— Preciso queimar alguma energia — digo. — Vem comigo?

— Mas é claro.

Saímos correndo em alta velocidade.

É uma sensação muito boa correr ao ar livre. Simplesmente estar livre. Uma garoa fina e nebulosa começa a cair. Sinto o vento gelado cortar meu rosto enquanto corro. É maravilhoso. Aviso a Gabriel que vou na frente.

Aperto o passo e corro com tanta disposição e velocidade quanto possível. Subo um morro e desço até uma clareira, uma área aberta perto de um riacho. Está começando a amanhecer, e paro um pouco ali. Sento-me no chão com as pernas cruzadas e fico esperando, escutando. É bom me sentar ali, sentindo o cheiro da terra e das árvores, observando o riacho correr em silêncio. É tão calmo e pacífico que me parece absurdo pensar que em breve estaremos lutando. E terei que matar outra vez. A floresta me lembra do lugar onde despertei depois de matar a caçadora rápida. Fiquei chocado ao ver o corpo da caçadora, mas a floresta era a mesma de sempre, estava tão bela e pacífica como sempre. E talvez isso seja tudo o que podemos esperar, que a floresta continue a ser bela.

Ouço os passos de Gabriel após algum tempo. Então eles param, e abro um sorriso: sei que meu amigo está tentando me pegar

desprevenido. Fico imóvel, com ouvidos atentos ao menor ruído. Ou ele parou de vez, ou melhorou muito. Ouço um farfalhar atrás de mim e me viro bem na hora em que ele começa a correr na minha direção. Ele grita e salta sobre mim. Fingimos lutar, depois rolamos um para cada lado e ficamos deitados no chão.

— Você estaria morto se eu fosse um caçador — diz ele.

Dou risada. Gabriel sabe que não é verdade.

— Você se saiu bem — comento. — Só consegui ouvir bem no fim.

— Que droga de elogio, esse seu.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto.

— Que você teria me matado.

— Bem, sim. Mas acho que você conseguiria surpreender a maioria dos caçadores. Alguns são bons, outros, nem tanto. — Dou de ombros. — Você só precisa torcer para ter a sorte de se deparar apenas com os que não são tão bons.

— Não tenho intenção de descobrir que tipo de caçador estou enfrentando. Pretendo atirar de longe.

— Isso é um bom plano.

Ele se aproxima de mim, então nos sentamos e ficamos olhando para a encosta suave e o riacho por trás das árvores.

— Em pouco tempo, vai ter um monte de gente atirando.

— É, vai mesmo. E também vai ter coisa pior, muito pior. *Vejo guerras, guerras horríveis, vejo o rio Tibre vermelho de sangue.*

*

— Atacaremos esta noite — diz Celia.

— Nosso alvo é um novo campo de treinamento com dez recrutas e duas caçadoras — explica Nesbitt. Ele voltou de manhã cedo e agora está nos contando os detalhes. — Fiquei de olho no

acampamento nesses últimos dois dias. As recrutas são todas mulheres. A maioria é jovem; são seis alemãs e quatro francesas. Todas entendem inglês. E são muito boas com armas, mas péssimas no corpo a corpo. Uma das alemãs tem o dom de emitir um ruído parecido com o de Celia, mas é fraco e não dá para incapacitar ninguém. Uma das francesas pode ficar invisível. Também é um dom fraco, e ela só consegue se manter assim por alguns segundos, mas é suficiente para desorientar os adversários, fazer vocês errarem o alvo, ou dar a ela uma chance de surpreendê-los. As caçadoras são experientes: duas inglesas de trinta e poucos anos, exímias atiradoras e excelentes no combate corpo a corpo.

— Será perigoso enfrentar as recrutas se elas pegarem em armas. E as meninas têm o hábito de dormir com elas. Atacaremos logo que amanhecer. Assim, surpreenderemos algumas ainda na cama, e muitas das que já tiverem se levantado não estarão totalmente alertas — completa Celia.

— O que me leva a falar do local — intervém Nesbitt. — Elas estão em um antigo aeródromo, um terreno aberto completamente cercado. Todas dormem em um dos pequenos hangares, mas duas ficam de guarda no portão, revezando-se com as outras em turnos de três horas. Só que as recrutas novas não veem sentido na vigia e não patrulham a cerca.

— É longe daqui? — pergunta Gabriel.

— Fica na França, a mais de cinco horas de carro, mas Marcus criou uma fenda que sai a menos de um quilômetro do aeródromo.

— O sol nasce às seis da manhã — começa Celia. — Nesbitt e Nathan vão sair às quatro para fazer o reconhecimento. O restante do grupo vai às cinco.

— Eu não sou da equipe de reconhecimento — protesto.

— Não, não é. Nesbitt é o melhor que temos em matéria de reconhecimento, por isso é muito valioso. Então sua tarefa nessa missão é protegê-lo, se necessário com a própria vida.

Nesbitt sorri para mim.

— Sei que você vai saltar no caminho de uma bala por mim, se for preciso, meu camarada.

— Eu vou é empurrar você para longe, bem em cima de um monte de estrume.

Nesbitt dá de ombros.

— Se evitar o tiro.

— Eu vou liderar a equipe — continua Celia. — Vamos todos, para aprender. Trabalharemos em duplas. Pode ser que essas duplas mudem no futuro, esse arranjo é para o ataque de hoje à noite. É tarefa de vocês pegar todo o equipamento que forem precisar nos armazéns.

O pequeno grupo de combatentes se separou naturalmente em dois grupos, e Celia ficou no meio. Gabriel, eu, Nesbitt e uma jovem meio-sangue ficamos juntos e olhamos para três bruxas da Luz. É fácil identificar Greatorex, a ex-caçadora, a desertora. Ela é alta, tem pele branca e sardenta, olhos castanhos claros e nariz quebrado. Acho que deve ter uns vinte anos, mas parece mais nova. As roupas de combate que usa são parecidas com as de Celia. As outras duas da Luz também são jovens, e passaram a reunião inteira tentando parecer duronas.

Nesbitt sorri para elas.

— Sinto muito, moças, vocês perderam a chance de virarem minhas parceiras. Desejo mais sorte da próxima vez.

As garotas nem parecem ter escutado.

— Que merda. Parece até que somos o inimigo — murmura ele, alto o suficiente para elas ouvirem.

A postura delas começa a parecer mais relaxada, e as moças estão quase abrindo um sorriso, até que Nesbitt continua:

— É melhor arrumarem um parceiro depressa. Quem sobrar vai ficar com Marcus.

As garotas olham em volta e soltam risadas nervosas.

— Marcus não terá parceiro — intervém Celia. — Passarei as informações a ele em uma conversa a sós. Greatorex, você vai com Claudia. Olivia fica comigo. Gabriel, você fica com Sameen. E Nathan faz par com Nesbitt.

— É melhor que isso seja só por esta noite — resmungo baixinho, apenas para Gabriel.

— É uma boa ideia botar Sameen comigo — retruca ele. — Ela ia ficar apavorada com você e confusa demais com Nesbitt.

Sameen é a meio-sangue: metade de Sombras e metade félix. Ela tem olhos de uma estranha mistura entre castanho e turquesa.

— É, faz sentido — respondo. — Mas dá para notar que não estamos nos misturando muito, né. Os da Luz e os das Sombras.

— Também acho uma escolha sensata para a primeira missão. Sequer tivemos tempo de treinar juntos. Precisamos confiar em nossos parceiros.

— Para você, é fácil falar. Sua dupla não é Nesbitt.

o acampamento

Annalise e um grupo de bruxos da Luz chegam ao acampamento naquela tarde. Eles trazem cargas pesadas, e Annalise parece cansada. Ela tem que ajudar a armar algumas tendas, e peço para ela deixar a tarefa de lado por um tempo, mas Annalise insiste em terminar todo o trabalho, então vou ajudar. Uma das garotas do grupo, Laura, parece apavorada comigo e leva um susto toda vez que olho para ela. A outra garota, Sarah, não consegue parar de me fazer perguntas: “Você tem o mesmo dom que seu pai?”, “Quem são os outros das Sombras?”, “Marcus está mesmo no acampamento?”

Fico aliviado quando Celia me vê e grita:

— Nathan, os outros foram treinar! Você também tem que ir!

Encontro os outros lutadores e os observo por alguns minutos. Greatorex está dando instruções básicas sobre autodefesa. Ela é boa, e seus alunos não são tão iniciantes assim. Não tenho certeza do que devo fazer, então me sento e fico olhando. Sameen está praticando com Gabriel; Olivia, com Nesbitt, e Claudia, com Greatorex.

Eles fazem uma pausa, e Gabriel se aproxima com Sameen.

— Oi! — cumprimenta ela, e abre um sorriso.

A garota não para de olhar para Gabriel. Acho que tem uma queda por ele.

Nesbitt está conversando com Claudia e Olivia, mas as duas não param de olhar e sorrir para Gabriel. Pelo que parece, meu amigo tem mais chance de conquistar bruxas da Luz para o nosso lado do

que qualquer outro: basta sorrir que elas ficam com as pernas bambas.

Graças a Deus Greatorex parece imune ao charme e continua se comportando como profissional. Após alguns minutos, ela chama todos, dizendo:

— Certo, vamos formar pares de novo, mas troquem de parceiro. Nathan pode ficar com Claudia.

— Não — interrompe Celia, avançando depressa e a passos largos na nossa direção. — Eu treino com Nathan.

— Tem certeza? Você parece um pouco velha e lenta, hoje em dia — digo a ela.

— Quero ver o quanto você já esqueceu.

Abro um sorriso para ela. Não esqueci nem um detalhe.

*

Mais tarde, quando está escurecendo, Annalise vai ao meu encontro onde me alojei, perto das árvores e longe de todos. Não tenho barraca, mas fiz uma pequena fogueira e achei um local abrigado ao lado de uma árvore. Annalise e eu ficamos sentados juntos, enrolados com um cobertor.

Ela me pergunta o que fiz no treinamento.

— Eu treinei — respondo.

— Soube que você acabou com Celia. E que teve que ser tirado de cima dela.

Lembro-me de ter visto Sarah com um grupo de bruxos da Luz depois que a luta terminou. Eles tinham assistido, e não tenho dúvidas de que Sarah estava fofocando.

— Isso não é verdade.

E não era, apesar de Nesbitt ter feito piadinhas, tentando definir quem substituiria Celia depois que eu a matasse — eu ignorei a

maioria, pois estava concentrado. Celia acertou um chute forte, e eu acertei uns vinte. Não que estivesse contando.

— Enfim, Annalise, é isso o que fazemos. Celia não tem problemas para se curar. Ela já fez pior comigo. Muitas vezes. Antes a gente treinava todos os dias, e ela sempre me dava uma surra.

Calculo que isso tenha acontecido um mínimo de setecentas vezes, durante os dois anos que passamos juntos, então Celia ainda estava merecendo seiscentas e noventa e nove surras.

— Ainda bem que não vi isso.

Annalise nunca me viu lutar, o que acho que é bom. Seguro a mão dela e dou um beijo na palma com a maior delicadeza possível. Não quero falar sobre lutas quando estou com ela.

— E como foi o seu dia? — pergunto.

— Ah, foi legal. — Ela abre um meio sorriso e continua: — Sei que Sarah e Laura estavam deixando você louco, mas acho que as duas vão acabar se acostumando com a sua presença. É difícil para todo mundo, e por razões diferentes. Elas perderam a família. Os pais de Sarah foram mortos, e Laura perdeu a irmã...

Mais uma vez, penso em como é o momento ideal para contar a Annalise sobre Kieran. Mas ela já começou a falar sobre as coisas que fez hoje, a arrumação dos armazéns e a escassez de alimentos.

— Você vê algum problema em fazer isso? — pergunto. — Achei que fosse querer ficar com os curandeiros.

— Ha! Eu não consigo nem fazer um remédio simples. Não, Celia está certa em me botar no grupo de Abastecimento e Armazenagem. Sou boa em organizar coisas, o que não é uma qualidade muito comum nos bruxos daqui, e tudo precisa ser usado e registrado. Se todos os rebeldes vierem para cá, precisaremos de mais alimentos, barracas e melhor saneamento. É uma tarefa entediante, mas essencial. E tenho certeza de que mais pessoas

virão quando a guerra se intensificar, o que significa que teremos mais bocas para alimentar. Haverá bebês e crianças. Talvez seja preciso criar uma escola. É complicado.

Estou começando a perceber que lutar é muito mais simples.

Ficamos um tempo em silêncio, então Annalise comenta:

— Ainda não vi Marcus, mas todos estão falando que ele está aqui.

— A fofoca do acampamento parece ir a todo vapor.

— Desculpe, estou começando a falar como Sarah, não estou?

Eu a beijo e respondo:

— Com certeza, não.

Marcus ficou me olhando lutar, mas sumiu logo depois.

— Ele não é exatamente uma pessoa sociável — explico. — Gosta de ficar sozinho.

Olho para dentro da floresta, onde encontrei meu pai horas antes, quando estava à procura de um lugar para montar acampamento. Ele me disse que ficaria longe de todos.

— Tem gente demais olhando o que eu faço, para o meu gosto.

— Acho uma coisa boa ele ficar longe das pessoas — comento com Annalise.

— Você não me contou o que aconteceu quando se encontrou com ele. Não achei que fosse demorar tanto. Pensei que vocês fossem conversar por alguns minutos.

— Eu também.

— Então, o que vocês fizeram durante a semana toda?

— Você está mesmo começando a falar que nem a Sarah — provoco. — Ele é meu pai, Annalise. Só passamos um tempo juntos. Foi bom, e acho que para nós dois. Ele não é como eu imaginava.

— Não? Mas Marcus parece perigoso. Ele atacou Gus? Caroline, uma das curandeiras, me disse que ele arrancou a orelha de Gus.

Antes que eu possa responder, Annalise prossegue:

— Você é tão diferente dele. Ele é muito das Sombras, é violento demais.

— Ele pode ser violento — retruco. — Violento e impulsivo. Todo mundo sabe disso, inclusive Gus. Acho que é preciso ser muito burro para irritá-lo. Mas as pessoas não vão ficar inteligentes de uma hora para a outra, né? Marcus não vai mudar, mas, pelo menos, está do nosso lado.

— Diga isso para Gus.

Acho que é melhor eu evitar Gus, por enquanto. Não conto que Marcus atacou Gus porque ele me atacou. E não sei bem se sou tão diferente assim de meu pai.

— Então, acho que já fofocamos o bastante por hoje — comento.

— Bem, tem mais uma fofoca que preciso contar. — Ela agora sorri. — Adivinha só!

Dou de ombros.

— Todas as garotas estão loucas por Gabriel.

— Ah, nããooo! — Puxo o cobertor por cima de nossas cabeças e a abraço, pedindo: — Por favor, chega.

Ela ri, mas continua.

— É o cabelo dele. Passaram horas falando disso. Como Gabriel prende o cabelo atrás da orelha, como alguns fios caem para a frente, como gostam dos cachinhos... Elas também comentam sobre os olhos, os lábios e o nariz dele, além dos ombros e das pernas. Mas principalmente sobre o cabelo.

— Elas sabem que estão perdendo tempo?

— Perdendo tempo porque ele só se interessa por garotos? Ou porque ele só está interessado por um garoto?

Annalise aponta o indicador para meu peito.

Eu me lembro de beijá-lo, de agarrar seu cabelo. Mas digo apenas:

— Ele é meu amigo, Annalise.

— Eu sei — responde ela, me beijando com delicadeza.

E aprofundo o beijo.

Depois de um tempo, ela adormece em meus braços, mas fico acordado segurando-a e sentindo seu calor.

Sei que terei que partir em breve. Em algumas horas, estarei lutando, e a coisa vai ser feia. Mesmo assim, aqui estou eu: abraçando Annalise. Tudo parece irreal.

Ela se ajeita um pouco e pergunta:

— Qual é o problema?

— Nada. Está tudo bem.

— Você está me apertando tanto que mal consigo respirar.

— Não queria acordar você, mas preciso partir em breve. Eu não posso falar sobre o assunto, mas... volto mais tarde.

Ela me abraça apertado e entrelaça as pernas nas minhas. Após algum tempo, diz:

— Quando estávamos no Cabaça Vermelha, lá em Basileia, você disse... uma coisa.

— E eu me lembro de que você também disse uma coisa — respondo em um sussurro.

Puxo o cobertor por cima de nossas cabeças, e fica escuro. Quero ser corajoso e dizer antes dela. Meus lábios estão próximos de seu ouvido, quase tocando a pele, quando murmuro:

— Annalise, eu te...

— Hora de ir, meu camarada! — Nesbitt arranca o cobertor. — Ah, desculpe interromper. Achei que você estivesse dormindo.

o primeiro ataque

Nesbitt me leva até a fenda, que fica a uma rápida caminhada pela floresta, a dois minutos de onde Annalise continua deitada. Eu e ela nos despedimos depressa. Ela parecia preocupada, o que era ao mesmo tempo bom e ruim. Eu disse a ela que ficaria bem, mas a verdade é que não tenho ideia do que vai acontecer. Só sei que Marcus está do nosso lado, o que deve ser melhor do que se não estivesse.

Pensei em usar meu dom e ficar na forma animal durante a luta, mas sei que isso não é certo. A transformação é para um tipo diferente de combate. Este é mais tático, mais humano, mais tudo o que Celia me treinou para ser. Perguntei a Marcus sobre isso, e ele disse a mesma coisa. Depois de uma semana com meu pai, sei que consigo controlar melhor essa parte de mim, meu dom, e já posso me transformar com a mesma velocidade de Marcus. Mas não é um dom útil para a guerra.

Diante da fenda, Nesbitt diz:

— Parece que seu pai está vigiando você.

Ele indica algumas árvores distantes com a cabeça. Marcus está de pé, semioculto, e ergue a mão em um gesto de “boa sorte”, de “nos vemos em breve” ou algo do tipo. Também ergo a mão.

Seguro o pulso de Nesbitt, que enfia a mão na fenda e nos coloca a caminho. Consigo sair de pé do outro lado. Todo dobrado, mas de pé. Nesbitt se levanta em um segundo e parte em uma corrida rápida. Bem, rápida para ele.

Sigo alguns passos atrás. Tudo está escuro e quieto, e, apesar de eu não conseguir enxergar tão bem quanto Nesbitt, posso sentir sua trilha. É fácil segui-lo. Eu estou começando a me aquecer quando chegamos ao aeródromo. O lugar está escuro, e só consigo identificar um pouco mais que a forma pálida de três hangares lado a lado, a cem metros de distância. Acompanhamos a cerca até que os hangares estejam alinhados à direita. Nesbitt para, retira alguns alicates do bolso da jaqueta e começa a trabalhar na cerca. Minha função é segurar o arame, de forma que a cerca não balance. Depois de abrir um buraco grande o suficiente para passar, ele me pede para esperar enquanto faz o reconhecimento da área. Concordo com a cabeça.

Ele corre até os hangares, mantendo-se agachado, e desaparece por trás das construções. As sentinelas estão um pouco mais adiante, do outro lado da cerca. Calculo que, se fossem patrulhar o perímetro, levariam cerca de vinte minutos, mas, como disse Nesbitt, parece que elas não vão fazer isso.

Após pouco mais de dez minutos, Nesbitt surge por trás do hangar mais distante e corre até o do meio, depois até o mais próximo, depois vem em minha direção. Mantenho os olhos nas vigias, mas as duas estão tão imóveis que daria para dizer que estão dormindo.

Nesbitt fica do outro lado da cerca, deitado no chão igual a mim.

— E aí? — sussurro.

— Não consigo ver lá dentro. Cobriram todas as rachaduras nas paredes. Não há luzes acesas. Pude ouvir vozes em um dos hangares, mas o lugar estava vazio na noite passada.

— Então pode ser que tenha um monte de caçadores que não estavam aí antes?

— Ou novos recrutas, ou mudaram os alojamentos de um hangar para outro. Não sei.

— Merda!

— O que você acha?

— Acho que você deveria voltar lá e olhar direito.

Nesbitt me xinga.

— Eu olhei direito.

Balanço a cabeça.

— Bem, você que vai falar com a Celia.

Temos de esperar cerca de meia hora até Nesbitt ter o prazer de fazer isso. Celia corre até nós, rápida e silenciosa. Apesar de seu tamanho, ela sempre foi surpreendentemente ágil. Atrás dela vêm Claudia, Gabriel, Sameen, Greatorex e Olivia. Marcus fecha a fila.

Gabriel se joga no chão à minha esquerda, e Celia, à direita.

— E aí? — pergunta ela.

— As coisas mudaram. Nesbitt quer contar o que aconteceu.

Ela fala com Nesbitt, que está do outro lado da cerca. Os dois conversam em voz tão baixa que não consigo entender o que estão dizendo.

Vejo Celia levantar a cabeça e olhar ao redor enquanto Nesbitt corre de volta para os hangares.

Eu me viro para Gabriel e sussurro:

— Alguma coisa mudou. Não tenho certeza se para melhor ou pior.

— Está preocupado?

Balanço a cabeça, mas uma parte de mim está ansiosa. Mesmo com Marcus por perto, há sempre a chance de haver uma bala perdida, um tiro de sorte, uma caçadora com um dom especial, ou algo do tipo.

Nesbitt desapareceu por trás do hangar mais distante. Uma luz se acende no interior do mais próximo, o que é revelado pelo brilho suave que surge sob a porta do lado de cá. O horizonte também está começando a clarear. As caçadoras estão despertando. Deveríamos atacar a qualquer minuto, mas não estamos nem um pouco preparados, e, nesse ritmo, Nesbitt vai acabar sendo surpreendido. Muitos problemas para uma primeira missão bem simples.

Mantenho os olhos no hangar onde espero que Nesbitt reapareça, mas ele está demorando. Celia se vira para mim e diz:

— Você e Gabriel, vão para o primeiro hangar. Marcus cuida das sentinelas e segue para o hangar mais distante, onde estarei esperando. Greatorex fica com o do meio.

Marcus passa primeiro pela cerca, depois fica invisível. O restante do grupo rasteja pela fenda, e vou bem depressa com Gabriel e Sameen.

Chego à porta antes dos dois e a chuto com tanta força que a madeira ricocheteia e quase me acerta na cara. Mas o que me deixa surpreso é o que vejo. O lugar não está vazio: três fileiras de beliches que se estendem até o fundo. É o suficiente para quase cem pessoas. Todas as camas estão vazias, ou pelo menos parecem estar, mas temos de conferir. Eu me jogo no chão para checar embaixo dos beliches. Tudo parece muito novo e sem uso, não há nada por ali. Mas não consigo ver até o fundo. Começo a desejar que Nesbitt estivesse comigo.

— Sameen, fique aqui. Vigie a porta. Vou pela direita. Nathan, pegue a esquerda — diz Gabriel, e passa correndo por mim, avançando pelo lado direito, gritando: — Vazio. Vazio. Vazio. Vazio.

Eu me levanto e sigo um pouco mais devagar pelo corredor esquerdo. Não vejo vivalma. Não há cantos onde se esconder.

Gabriel me encontra no fundo, então voltamos correndo, conferindo tudo outra vez. Quando alcançamos Sameen, ouvimos tiros vindo de outro hangar.

Cinco caçadoras saem correndo do hangar do meio na direção do portão. Eu as persigo, vou primeiro atrás da mais veloz. Derrubo-a já com a faca na mão e corto sua garganta com um único movimento. Era uma novata, nem sequer lutou. Nesse momento, a garota que vinha atrás passa correndo por mim, e a derrubo e dou um soco em seu rosto. Ela apaga. Olho ao redor e vejo que Gabriel atirou em uma, talvez duas, pois só tem mais uma de pé. Sameen partiu para cima dela, mas foi derrubada.

A caçadora começa a correr, mas estou no meio do caminho e a alcanço, puxo-a para mim, enfio a faca em sua barriga e faço um corte vertical. Deixo o corpo cair no chão e percebo que Marcus vem de lá do portão em nossa direção. Ele passa pelo corpo inconsciente da caçadora. Foi a segunda que peguei, e está começando a gemer.

Marcus vai até ela e quebra seu pescoço.

Ouvimos mais tiros vindo dos hangares. Marcus se dirige para o mais distante. Corro para o do meio com Gabriel e Sameen.

Olivia está na entrada. Ela parece apavorada.

— Atiraram em Greatorex — diz. — Ela não consegue sair.

Greatorex está dentro do hangar, no chão, cercada por corpos de recrutas de caçadores. Ainda está viva porque consegue se proteger com um cadáver. Do fundo do hangar vêm mais tiros.

Eu me viro para Gabriel e Sameen.

— Vou entrar rastejando e pegar Greatorex. Vocês terão que nos puxar para fora.

Gabriel atira em direção ao fundo do hangar enquanto deslizo pelo chão com o máximo de discrição possível. Os corpos ao redor

de Greatorex também me protegem. Agarro os pulsos dela. São mais finos e delicados do que eu esperava. Ela é leve.

— Puxem! — grito.

Gabriel e Sameen nos puxam para fora. O corpo da caçadora vem junto. Somos arrastados até a grama e rolamos para o lado.

Greatorex levou um tiro na perna. Olivia rasga a calça de sua parceira para analisar o ferimento.

— Tem quantos lá dentro? — pergunto.

— Acho que quatro — responde Greatorex.

Ela parece prestes a desmaiar.

— O que você quer fazer? — pergunta Gabriel.

— Não quero cometer suicídio — respondo. — Vamos esperar por Marcus.

O hangar ao lado fica silencioso e não precisamos esperar muito.

Celia, Claudia e Marcus se aproximam de nós.

— Tudo tranquilo por aqui? — pergunta Celia.

— Não — responde Gabriel. — Há mais quatro lá dentro, bem no fundo. Estão armados.

— Esperem alguns minutos para entrar — diz Marcus, então fica invisível.

Esperamos.

O hangar é tomado por uma explosão de luz, e a parte dos fundos fica em chamas. Ouvimos uma rajada de tiros, seguida de outra e mais outra.

O lugar finalmente fica em silêncio. Seguramos a porta aberta para ver o interior. Os únicos movimentos são de chamas e fumaça.

Marcus surge ao meu lado.

— Eram cinco — comenta.

— Agora conte os corpos, Gabriel — manda Celia. — E cuidado para não errar. Se houver alguém vivo, quero que permaneça assim.

Quero conversar com elas.

Gabriel e Sameen se afastam do grupo, e Celia se aproxima para ver como Greatorex está.

Nesbitt chega mancando e se joga no chão ao meu lado. Ele está com o rosto machucado e um dos olhos inchado.

— Onde você estava, parceiro? — pergunto.

— Uma das caçadoras saiu e me viu quando eu estava fazendo o reconhecimento da área. Ela era uma doida do kung-fu, ou algo do tipo. Levei séculos para me livrar dela. O que foi que eu perdi?

Fico tentado a fazer um comentário que envolva o número de mortos, mas estou cansado demais.

— Greatorex levou um tiro na perna. Foi muita sorte nenhum de nós ter morrido.

Gabriel e Sameen voltam correndo e se jogam no chão ao nosso lado.

— Vinte e dois — diz Gabriel. — Tem quatro caçadores que parecem mais velhos, então acho que eram os treinadores, e dezoito mais novos. Todos mortos.

— Um pouco mais que dez recrutas e duas caçadoras — comento.

Mas não quero culpar Nesbitt. Estou com raiva é de Celia, que nos fez correr o risco. Sem Marcus, com certeza teria sido muito mais difícil. E teríamos algumas baixas.

— Precisamos levar Greatorex de volta à base — diz Celia. — Comecem a recolher tudo o que pode vir a ser útil. Vamos embora em dez minutos.

blondine

O ataque seguinte acontece seis dias depois, mais uma vez na França, e enfrentamos quatorze caçadores. Tudo corre bem: nenhum de nós é ferido. Greatorex está se curando rápido, mas não participa desse ataque e nem do seguinte, que é ainda menor. A grande diferença, que não me agrada nem um pouco, é que no terceiro ataque Annalise, Sarah e outras duas meninas do grupo de abastecimento são levadas conosco para ajudar a carregar qualquer coisa que a gente possa vir a encontrar. As quatro ficam bem afastadas da luta e só se aproximam quando um dos recrutas vai buscá-las, quando toda a ação termina. Mas não fico à vontade com Annalise me vendo lutar. Os outros usam pistolas, então não ficam sujos, mas eu uso uma faca e acabo a luta parecendo ter saído de um filme de terror. Quero encontrar um lugar para me lavar, mas decido cobrir os corpos antes que a turma de abastecimento chegue. É uma das coisas que geralmente não fazemos.

Há dez corpos, e começo a cobri-los com cobertores que achei em uma das barracas. Quando cubro um dos corpos mais distantes, percebo que a mulher está de olhos fechados, mas não vejo ferimento algum. Acho que a caçadora pode estar se fingindo de morta. Não tenho certeza se ela está escondendo uma arma na jaqueta, mas jogo o cobertor por cima dela mesmo assim. Olho para os outros, mas ninguém está prestando atenção em mim. Estão todos ocupados com suas tarefas.

Saco a faca, puxo o cobertor e digo:

— Abra os olhos.

Não tenho certeza se a caçadora fala inglês, mas aposto que sabe pelo menos o básico, então repito:

— Abra os olhos, ou arranco fora seu olho esquerdo. Agora!

Ela abre os olhos. São castanhos e têm centelhas prateadas — olhos de bruxo da Luz.

Dou um grito para chamar os outros. Ainda não tenho certeza de que armas a caçadora está carregando. Marcus chega em segundos, e Gabriel não demora muito mais do que isso.

No fim das contas, ela não estava carregando armas de fogo, mas tinha duas facas. É francesa. Seu nome é Blondine, mas ela não diz muito mais do que isso. Depois de um tempo, Celia se aproxima. Estou prestes a deixar a situação nas mãos dela e ir procurar um lugar para me lavar quando a ouço dizer:

— Nathan, essa caçadora é sua prisioneira. Fique com ela até estarmos prontos para voltar para o acampamento.

Procuro Nesbitt, que ainda é meu parceiro, para pedir que ele vigie Blondine enquanto vou me lavar. Mas, é claro, Nesbitt nunca está por perto quando preciso dele.

Nunca tive um prisioneiro. Já fui capturado muitas vezes, mas isso não significa que eu saiba bem o que fazer. Os outros se afastam para fazer seus trabalhos, e vejo Annalise olhando para mim.

A única pessoa que não tem outro trabalho a fazer é Marcus. Ele fica ao meu lado, encarando Blondine de um jeito que não parece muito agradável. Eu me coloco entre os dois.

— Você devia matá-la logo — diz Marcus. — Ela merece morrer. Todos eles merecem.

Blondine começa a choramingar.

— Não — respondo. — Ela é minha prisioneira. — Seguro o braço dela, pois tenho o mau pressentimento de que ela pode tentar sair correndo. Posso senti-la tremendo. — Fique comigo — digo a ela.

Será mais seguro para Blondine se voltarmos para a parte central do acampamento dos caçadores.

— Vamos até os outros. Fique perto de mim. Não fale nada.

Blondine está ao meu lado, quase tropeçando em minhas pernas, de tão perto, e começa a chorar e gemer baixinho.

Marcus também caminha conosco, sem parar de encarar a caçadora. São apenas cem metros, mas parecem quilômetros. A cada passo, fico achando que ele vai atacar e matar Blondine.

Sigo para onde todos estão se reunindo. Parece que voltaremos para nosso acampamento em alguns minutos. Paro de andar. Blondine também. O braço dela toca o meu. Marcus está se aproximando da caçadora e sei que, se eu não afastá-lo, ele vai acabar matando a menina.

Nesbitt carrega uma mochila cheia de coisas que pegou.

— Fique com ela. É nossa prisioneira — digo. Então aponto para Nesbitt e me viro para Blondine. — Faça o que ele mandar.

Depois me viro para Marcus, mas, antes que eu possa falar qualquer coisa, ele me diz:

— Os caçadores pegaram meu pai, seu avô, e o torturaram até a morte. Fizeram isso com meu pai. E com o pai dele. E o dele. E o dele. Se nos pegassem, o que iriam fazer?

— Isso não significa que é o que faremos.

Passo por ele, na esperança de que me acompanhe. Preciso afastá-lo dela. Eu meio que me viro para ele e peço:

— Não a machuque. Por favor. Eu nunca peço muita coisa.

Continuo a andar.

— Por quê? — pergunta Marcus. Acho que ele está vindo atrás de mim. Continuo andando. Ele vem junto e pergunta de novo: — Por quê?

Estamos em uma área rural, e salto um portão para entrar na fazenda seguinte. Vou até o outro lado do terreno e paro.

Meu pai olha para mim.

— Eu não teria a menor dificuldade em fazer o caminho de volta e matá-la.

— Eu sei. — Dou de ombros. — Mas não acho que você vá fazer isso se ela não estiver no seu campo de visão.

— O que os olhos não veem, o coração não sente?

— Tipo isso.

— Por que você não quer matá-la?

— Não quero ser o tipo de pessoa que mata seus prisioneiros.

— Quando olho para ela, não vejo uma prisioneira. Vejo uma caçadora. Vejo uma inimiga — responde ele. — Nós encaramos a situação de jeitos diferentes. Esta é a primeira vez que vejo esse seu outro lado.

— Meu lado bruxo da Luz?

— Seu lado que é parecido com sua mãe. Não pense nela como uma bruxa da Luz. Eu não penso assim. Penso nela como uma pessoa boa, e não dá para dizer isso de muitos bruxos da Luz. Não dá para dizer isso de muita gente.

Olho para ele e também passo a vê-lo de um modo diferente. Não como um grande bruxo das Sombras, apenas como um ser humano. Uma pessoa cujo pai foi torturado até a morte e cuja mãe, Saba, foi perseguida por caçadores e morta. Um homem que não pôde viver com a mulher que amava e cujo filho foi aprisionado em uma jaula.

— Você não acha que poderia ter sido uma pessoa boa? Quer dizer, em circunstâncias diferentes.

Ele dá risada.

— A pessoa só é boa quando faz o bem em situações difíceis, não nas fáceis. Sua mãe era uma boa pessoa.

*

Voltamos todos juntos para o acampamento, carregando o máximo de coisas possível. Blondine está encapuzada e com as mãos amarradas às costas. Nesbitt fica com ela. Eu fico com Marcus. No acampamento, Celia leva Blondine, e fico me perguntando se tem uma jaula preparada para ela. Mas a verdade é que não me importo. Estou satisfeito por Marcus não tê-la matado.

Estamos todos famintos, e vou para a área da cantina com os colegas de missão. Já é hora do almoço, e muita gente está por lá. Quando pego minha tigela de ensopado, começo a ouvir reclamações. A comida está rala. Não tem pão. Não tem fruta. Não tem isso. Não tem aquilo.

Nesbitt se junta a mim.

— Será que eles acham que isso é um acampamento de férias? — indaga.

Gabriel entra na brincadeira:

— Se descobrirem que Blondine também ganhou pão, vai ter morte.

— Se isso for verdade, eu mesmo a mato — retruca Nesbitt.

Olho ao redor e vejo que, como de costume, o nosso grupo de combatentes e batedores é o único misto. Todas as outras pessoas sentam-me em grupos de bruxos da Luz, das Sombras ou meios-sangues. Posso ouvir um grupo da Luz perto de mim conversando sobre “a prisioneira”. Alguns querem que ela seja julgada e executada, outros só querem que seja executada.

— Aquela garota é um problema — comenta Nesbitt. — E, se pegarmos mais prisioneiros, teremos problemas ainda maiores. Alimentá-los, vigiá-los. — Ele termina de comer e conclui: — Matá-los é mais simples.

— Acho que Celia vai interrogar Blondine e mandá-la embora — diz Gabriel.

— O quê?

Nesbitt e eu nos viramos para encará-lo.

— É uma coisa lógica a se fazer. Como você diz, manter prisioneiros é um problema. Se Celia a soltar, a Aliança vai parecer um grupo razoável, e, quando isso terminar, as pessoas vão se lembrar do que aconteceu. É importante perdoar.

— Ser sensato também é. Vão enfiar uma arma na mão de Blondine e enviá-la para lutar contra nós mais uma vez — retruco.

— Será? — pergunta Gabriel. — Não tenho tanta certeza, e Celia sabe melhor do que ninguém como os caçadores pensam. Caçadores matam desertores. Eles odeiam qualquer tipo de traição, e ser capturado não está muito longe disso. O ideal deles é morrer lutando uns pelos outros. Blondine com certeza não vai ser recebida como heroína. Podem até executá-la. Imagino que ela prefira se arriscar como nossa prisioneira do que com os caçadores.

Do jeito que ele diz isso, parece lógico. Mas não tenho certeza se Marcus vai ver a coisa da mesma maneira.

*

Só à noite consigo encontrar Annalise a sós. Todos os dias, quando termina suas tarefas, ela vai para meu acampamento perto da árvore e passamos a noite juntos.

Dessa vez, quero conversar. Preciso contar a ela sobre Kieran. Já esperei tempo demais, e Annalise precisa saber o que aconteceu

com seu irmão. Mas, como sempre, começar é a parte mais difícil.

— Você está ainda mais calado que o normal — comenta ela.

— Estou pensando.

— Em quê?

— Em como contar uma coisa para você. Uma coisa séria.

Ela se senta.

— Eu devia ter contado isso há semanas, mas não consegui. Ficava adiando, esperando a hora certa e dando outras desculpas como essa. Mas nunca vai haver uma hora certa, então preciso contar de uma vez.

Ela me encara, e mantenho os olhos fixos nos dela quando digo:

— É sobre Kieran.

Ela fica esperando. Acho que deve ter uma boa ideia do que estou prestes a dizer.

— O que tem ele?

— Lembra-se de quando eu disse que tinha matado um caçador na Suíça? Que havia dois deles na cabana de Mercury, enquanto eu estava esperando por Gabriel? Os dois descobriram meu rastro e me seguiram. Atacaram Nesbitt e eu, e Nesbitt matou um deles. Era o parceiro de Kieran.

Annalise continua em silêncio.

— O outro era Kieran.

Annalise me encara e seus olhos se enchem de água.

— Você matou meu irmão?

— Eu devia ter contado antes. Peço desculpas por não ter feito isso.

— Está arrependido?

Não consigo mentir sobre isso, por isso não respondo.

Annalise se levanta, e faço o mesmo. Acho que ela vai embora.

— Tive a chance de matá-lo antes, mas não matei. Se Kieran e seu parceiro não tivessem me caçado, estariam vivos.

— Você devia ter me contado antes — responde Annalise. Ela se senta outra vez. — Ele era um babaca e um caçador, mas era meu irmão. — Ela limpa as lágrimas dos olhos e continua: — Gostaria que o mundo fosse diferente. E que ele tivesse sido diferente.

Annalise volta a chorar.

Eu a envolvo em meus braços e a aperto, e ela chora sem parar. Depois de um tempo, as lágrimas cessam e ela fica tranquila, com a respiração regular. Nós nos deitamos juntos, e fico olhando para ela, beijando seu rosto com toda a delicadeza possível, murmurando que a amo, que não quero machucá-la. Adormeço abraçado a ela.

Acordo. Está frio. Annalise está sentada. Tento pegar sua mão, mas ela a afasta, dizendo:

— Kieran era um lutador excelente. Todos diziam que era o melhor. Meu pai disse que, com um dom daqueles, ele nunca seria morto. Então como foi que você o derrotou?

Já contei a Annalise sobre meu dom, mas nunca dei muitas explicações. Mudo de assunto sempre que ela começa a perguntar. Nunca expliquei como é a sensação ou que já matei pessoas e bichos na minha forma animal.

— Eu quero saber, Nathan.

— É difícil explicar.

— Tente.

— Eu me transformei em animal. Podia ouvir Kieran. Podia sentir-lo, apesar de ele estar invisível. Nós lutamos. Ele me acertou com a faca.

— E o que você fez com ele?

— Annalise, por favor, não me pergunte essas coisas.

Annalise começa a chorar de novo.

— Meu pai uma vez falou que Marcus se transformava para matar. Para roubar dons. Seu pai pegou esse mesmo dom, a invisibilidade, de outro bruxo da Luz. É um dom útil.

— Eu não peguei o dom de Kieran, Annalise.

Ela me encara, e posso ver que não acredita em mim.

— E você me contaria se tivesse pegado?

— Sim! Eu não mentiria para você.

— Você está há semanas escondendo a verdade de mim.

— Eu disse que sinto muito por isso, Annalise. E vou repetir. Sinto muito. Eu devia ter contado antes sobre Kieran.

— É, devia. E devia ter me contado sobre seu dom. É o aspecto mais importante de ser um bruxo. Sempre concordamos que o dom reflete quem a pessoa realmente é, mas você nunca fala sobre o seu. Mesmo agora, você não me contou quase nada. A cada dia, você fica mais parecido com seu pai. — Ela se levanta e anuncia: — Preciso ficar um tempo sozinha. Preciso pensar.

Annalise vai embora.

Eu me sento, acendo a fogueira outra vez e fico olhando o fogo, esperando Annalise voltar. Mas ela não volta.

uma volta

No dia seguinte, Gabriel e Celia não participam do treinamento matinal. Quando paramos para almoçar, Celia vem falar comigo e me chama para dar uma volta com ela e Gabriel. Acho que tem a ver com Annalise.

Adentramos a área das árvores e nos afastamos de todos.

— Pedi a Gabriel que viesse conosco porque achei que era ele quem deveria contar o que aconteceu.

Olho para ele. Gabriel está um pouco para trás, e por seu semblante já dá para saber qual é o assunto. Não tem nada a ver com Annalise. É sobre Arran ou Deborah.

Fico um pouco enjoado.

Gabriel se aproxima. Pelo menos é ele quem vai me contar o que aconteceu.

— É sobre Deborah.

Então entendo que ela está morta.

— Ela foi executada há dois dias. Fuzilada como punição por espionagem. Também mataram o marido, por ajudá-la.

Isso é tão errado. Tão errado. Deborah era inteligente e boa. Era uma grande bruxa da Luz. Sei que eles devem tê-la torturado e interrogado. Deve ter sido horrível. Fico com tanta raiva que quero sair batendo nas coisas, mas Gabriel fica me segurando. E eu não sei como proceder, mas não há nada que eu possa fazer em relação a isso, em relação a nada. É tarde demais para Deborah. Quero vê-

la outra vez, mas nunca mais poderei fazer isso. Não consigo nem pensar nela feliz. Odeio aquele bando por isso. Odeio.

com arran

Eu não via meu irmão havia mais de dois anos, mas logo o reconheci. Ele é alto e bonito, tudo o que se pode esperar de um bruxo da Luz. Arran entra no acampamento com um grupo de bruxos da Luz e de meios-sangues. Todos parecem cansados, mas aliviados por terem chegado ao destino. Arran não parece aliviado. Descobri o que aconteceu com Deborah há poucos dias, e me disseram que Arran já sabe.

Estou parado entre as árvores, observando, então dou meio passo para a esquerda, para que Arran possa me ver. Queria tanto vê-lo, estar com ele outra vez, mas não era assim que eu planejava que tudo acontecesse. Meu irmão deve estar sentindo a perda de Deborah ainda mais do que eu.

Demora mais um pouco para ele olhar em minha direção e congelar. Vejo-o dizer meu nome e sorrir, e acho que sorrio quando ele vem na minha direção. Nós nos abraçamos. Arran está mais magro do que eu esperava, e não tão alto quanto eu pensava, embora ainda seja mais alto que eu.

Arran fala bastante sobre como estava com saudades, e acho que também falo, mas não tenho certeza. Ele me conta que Deborah estava fazendo o que acreditava que era certo e chora muito, e eu choro também. Penso em quando nós três estávamos juntos, nos empurrando para ter espaço no banheiro para escovar os dentes. Lembro-me dela escovando o cabelo de manhã, no corredor, ouvindo eu e Arran conversarmos, e de tomarmos café da manhã

juntos com vovó. Faz apenas três anos. Sinto-me tão velho, mas, mesmo assim, Deborah era tão jovem. Nada daquilo é justo, e nada faz sentido.

*

Os dias seguintes são diferentes. Arran trabalha com Van na unidade médica, mas passa todo o tempo livre comigo. Faz mais de dois anos que me levaram de onde morávamos, e ele quer saber tudo o que aconteceu comigo enquanto estivemos afastados. Eu só posso contar alguns pedaços. Não gosto de falar sobre as coisas ruins para Arran. Ellen contou a ele tudo o que sabe, mas não é muito, e ele quer saber mais. Meu irmão observa as tatuagens que tenho no pescoço e nas mãos e estende o braço para tocar as cicatrizes em meu pulso. Digo a ele para perguntar a Gabriel, se quiser detalhes.

Então ele me pergunta sobre Gabriel, e digo a mesma coisa:

— Pergunte a ele se quiser detalhes.

— Eu vou — diz meu irmão.

— Mas você tem de prometer que vai me contar o que ele disser.

Abro um sorriso. Na verdade, fico curioso pensando no que ele poderia dizer.

— É bom ver você sorrir — comenta Arran.

— Também é bom ver você sorrir.

Então me lembro de que queria contar uma coisa a ele.

— Você se lembra daquela vez em que subi na árvore e você me seguiu, então subi ainda mais, indo cada vez mais para o alto, e você pediu para eu voltar? E eu voltei, e nós ficamos séculos sentados, montados naquele galho, balançando as pernas. Você estava encostado no tronco, e eu estava encostado em você, lembra?

Arran assente.

— Penso muito nesse dia. Quando preciso me concentrar em algo bom.

Os olhos dele se enchem de lágrimas, e meu irmão me abraça. Retribuo o gesto.

riso

Celia e eu estamos tendo outra conversa.

— Antes de ser presa, Deborah enviou uma última informação — diz ela. — Deve ter sido isso o que a levou a ser pega, mas ela achava que era uma informação tão importante que estava disposta a arriscar a própria vida.

“Wallend tem feito experimentos com bruxos das Sombras, ainda com aqueles que foram capturados perto de Paris há algumas semanas. Ele está desenvolvendo alguma espécie de tatuagem. Faz os desenhos na área do coração. Os experimentos são feitos com bruxos das Sombras, mas achamos que o objetivo é desenvolver uma tatuagem para ser usada em caçadores.

— Por quê? — pergunto. — O que ela faz?

— Deborah não conseguiu descobrir. Você viu algum caçador com tatuagens estranhas no peito?

— Não reparei, mas não estava procurando.

— A partir de agora, é o que precisamos fazer. — Ela hesita, mantendo os olhos fixos nos meus. — Desde que você esteja pronto para partir para outra missão.

— Por que eu não estaria?

— Só queria confirmar que você está bem. Perder uma irmã é difícil. Sei muito bem disso.

— Eu não a perdi. Ela foi tirada de mim há vários anos, e agora foi executada.

Celia faz biquinho com os lábios grossos.

Dou um suspiro e digo:

— Ok, pode me deixar de fora da missão. Mas sugiro que, nesse caso, faça o mesmo com Marcus. Ele tem mais chances de atacar alguém do que eu.

Celia concorda com a cabeça.

— Ainda não o agradeci por isso, mas você lidou bem controlando Blondine e Marcus naquele dia.

— O que aconteceu com a caçadora?

— Eu a mandei de volta. Vi o nome dela na última lista de execuções que recebemos de Deborah. Foi executada por deserção, pelo que dizia.

— Você sabia que fariam isso.

— Não tinha certeza, mas ela era uma desertora. Deveria ter resistido e lutado.

— Se Marcus tivesse matado a caçadora, todos teriam chamado ele de selvagem. Você a manda de volta, e ninguém liga.

Celia não responde.

— Blondine teria sofrido menos se eu tivesse deixado Marcus matá-la — acrescento.

*

O ataque seguinte é pequeno. Em meio ao último material fornecido por Deborah, há uma lista da localização de bases de caçadores no Norte da França, junto com detalhes sobre quantos caçadores há em cada lugar. Sem isso, os ataques não teriam acontecido nem sido bem-sucedidos. Devemos demais a ela. Celia está ocupada em reuniões com os recém-chegados. Ela agora passa mais tempo na administração e faz dias que não comparece a uma sessão de treinamento.

É por isso que Greatorex vai liderar o ataque. Não tenho problema com isso, já que ela é uma boa líder. É séria e profissional, como Celia e todos os caçadores, mas parece ter um lado mais humano e entender os lutadores como indivíduos, cada um com uma personalidade distinta, por isso fala com cada um de nós de modo um pouco diferente. Comigo, ela brinca muito e ri bastante. Com Nesbitt, é dura, mas nunca crítica. Com Gabriel, é profissional. Com Sameen, motivadora. Eu a respeito, e os outros, também.

Nesbitt trava uma batalha constante com ela por causa de seu nome. Greatorex é um sobrenome, ninguém sabe o primeiro nome dela. Acho que ela tem um pouco de vergonha e não o revela a ninguém. Com certeza não vai contar a Nesbitt.

— Mas então, Nesbitt, qual é o seu primeiro nome? — pergunto a ele. — Também tem vergonha de falar? — Ele me xinga, e começo a testar vários nomes: — Gerald? Arthur? Não... Gabrielle?

Ele para de perguntar o nome de Greatorex com tanta frequência, depois disso.

A líder da vez repassa o plano de ataque. Lutaremos contra oito caçadores, e vamos agir logo ao amanhecer. Trabalharemos em duplas, menos Marcus, que tem o dom da invisibilidade e faz a maior parte do trabalho inicial e perigoso. Eu sou rápido, por isso vou atrás de quem sair correndo. Se algum caçador tentar fugir, minha tarefa é persegui-lo. Nesbitt é bom em rastrear, por isso é meu reserva, mas até agora ninguém escapou. Os fujões são minha especialidade.

Parece que será um ataque rotineiro.

Só que, na verdade, nunca é. Sempre acontece algo pior, algo ruim, uma parte bem terrível quando se trata de matar pessoas. Odeio caçadores. Não tenho qualquer simpatia por eles. Não sei bem o que eu sinto por Blondine, mas não é bom. Acho que tenho

raiva dela. Como diz Gabriel, tenho raiva de quase tudo. De Blondine, por ser burra o suficiente para se juntar aos caçadores. De Wallend, por fazer experimentos em bruxos. De Soul, por matar minha irmã. E do mundo, por ser uma merda. Ah, sim, e de Annalise, por não entender, já que ela mal está falando comigo. Depois que contei a ela sobre Kieran só dormimos juntos uma vez, mas não foi a mesma coisa. Eu meio que senti que ela estava fazendo aquilo por causa de Deborah, e não acredito que disse outra vez que a amo. E, dessa vez, ela não disse que me amava.

*

O ataque segue como planejado. Encontramos oito caçadores. Marcus entra e mata a maioria. Um deles tenta fugir. Um garoto, e nem é tão rápido. Corro atrás dele e não tenho dificuldades para alcançá-lo. Corto sua garganta. Agora, sempre mato todos. Não quero outro prisioneiro. Volto para o acampamento dos caçadores com as mãos pingando sangue.

Quando alcanço o restante do grupo, vejo todos um pouco afastados de Gabriel, que está ajoelhado ao lado de uma caçadora. Ela levou um tiro na barriga. Está morrendo, e não há nada que se possa fazer para salvá-la. Não vai virar prisioneira, mas deve levar uma hora para perder as forças.

Minhas mãos estão molhadas de sangue, e limpo elas e a faca nas roupas de uma caçadora morta aos meus pés.

Gabriel está conversando com a caçadora moribunda, perguntando a ela se tem uma tatuagem. A caçadora solta um palavrão em resposta. Gabriel diz que vai verificar, e fico surpreso por isso. Ele corta a jaqueta e a camiseta da menina, mas não há tatuagem.

Olho para o corpo aos meus pés e corto a jaqueta dele. Depois a camiseta. Deixo o peito exposto. Não há nada. Não consigo acreditar no que estou fazendo.

Gabriel continua a perguntar.

— Para que servem as tatuagens? Elas ajudam vocês a se curarem? Deixam vocês mais fortes? Dão outro dom?

— Faz as balas ricochetearem? — sugere Nesbitt. — Faz seus peidos cheirarem como botões de rosa?

Percebi que me esqueci de verificar se o garoto que matei, o fugitivo, tinha tatuagem. Viro-me para voltar e verificar. Annalise está parada atrás de mim. Ela estava nos observando, ouvindo o que dizíamos. Não sei quanto ouviu, mas sei que foi demais. Seu rosto está pálido.

— Será que podemos conseguir um curandeiro para ajudá-la? — pergunta Annalise.

Ela não está falando comigo — nem com ninguém, para falar a verdade —, só pensando em voz alta.

— Ela levou um tiro na barriga — respondo. — Não há nada a fazer.

— Exceto, talvez, dar risada — retruca Annalise, me encarando.

Eu nem reparei se ri ou não da piada de Nesbitt, mas é provável que sim. Toda essa situação é uma piada mórbida.

Nesse momento, Greatorex interrompe as conversas e manda todo mundo cuidar de suas próprias tarefas.

— Inclusive você, Gabriel. Deixe-a.

A caçadora solta uma infinidade de palavrões e diz que todos nós vamos morrer, que merecemos isso, que somos a escória. Sua voz é surpreendentemente alta. Marcus vai até ela, se ajoelha ao seu lado e passa a lâmina da Fairborn em sua garganta. O sangue jorra e borbulha, e seu corpo treme uma vez, bem depressa, e morre sem

fazer barulho. Marcus limpa a faca nas roupas dela e se afasta, dizendo:

— Alguém deveria ter feito isso há dez minutos.

Eu me viro e olho para Annalise. Ela está com os olhos arregalados e fixos na caçadora. Sarah está ao lado dela. Sei que não me querem por perto.

Volto para o acampamento com Marcus e me lavo no riacho que passa pela floresta. Fico lá com ele até o fim do dia.

*

Na manhã seguinte, vejo Annalise no café da manhã. Ela está sentada com Sarah, como tem feito sempre. Pergunto se posso me sentar ali, e Annalise faz que sim com a cabeça. Sento-me de frente para ela, em vez de a seu lado.

— Você me culpa pelo que aconteceu com a caçadora, ontem? — pergunto.

— Não — responde ela. Mas então me encara e completa: — Mas você deu risada, Nathan. Ela estava morrendo, e você e Nesbitt estavam fazendo piadas.

— Você sabe quantas pessoas eu matei, Annalise? Contando com ontem, vinte e três. Acha que isso é divertido?

— Não muito.

— Exatamente. É uma merda. Uma bela merda. A maioria dos caçadores que enfrentamos é como o grupo de ontem. Recrutas. Crianças. Inúteis. Mas ainda assim podem matar todos nós. É por isso que os matamos primeiro. Mas talvez amanhã eles tenham sorte. Não sei. Da próxima vez, um de nós pode não voltar. Então não fique me julgando, e nem a ninguém do grupo. Nós temos que superar isso. É o que fazemos.

Eu me levanto e vou embora. Enquanto me afasto, ainda tenho esperanças de que ela venha atrás de mim e a gente faça as pazes de uma vez. Quando chego à floresta, me viro e observo. Sarah está com ela outra vez, passando os braços ao seu redor, entrando em uma das muitas barracas que agora enchem a clareira em volta do bar.

*

No dia seguinte, conto a Arran o que aconteceu. Também falo sobre meu dom e sobre Kieran.

— Você não é uma má pessoa, Nathan — responde ele. — E também não é selvagem. Você não é seu pai. Converse com Annalise, seja sincero com ela. É tudo o que há para se fazer.

— Então agora você aprova meu relacionamento com ela?

— Eu não desaprovava antes, mas era muito perigoso. Mas agora... bem, pelo menos não é um problema.

Vou atrás de Annalise, determinado a conversar com ela sem me irritar, apesar de não ter certeza do que vou dizer. Ando até a barraca de armazenagem à procura dela, mas o lugar está vazio. Sarah entra. Eu meio que esperava ver Annalise com ela, já que as duas mais parecem gêmeas siamesas.

— Annalise não está aqui — diz ela.

Vou até a entrada, e Sarah sai do caminho. Quando passo por ela, ouço-a dizer:

— Ela não quer ver você.

Paro.

Sei que não deveria ficar com raiva. Respiro fundo e respondo:

— Bem, eu gostaria de vê-la, então...

— Mas não deveria vê-la. Ela não precisa de você.

— E de quem ela precisa? De você?

— Ela precisa estar cercada de pessoas boas.

— Imagino que você queira dizer que ela precisa estar cercada de bruxos da Luz, não é?

— Você que disse isso, não eu.

— Bem, não estou interessado no que você pensa. E, de qualquer modo, você está errada. — Eu me aproximo de Sarah e continuo: — E vou dizer uma coisa: todos esses seus bondosos bruxos da Luz ficaram bastante satisfeitos em trancar Annalise em um quarto, e teriam ficado muito satisfeitos em deixá-la morrer como prisioneira de Mercury. Nenhum dos bondosos bruxos da Luz estava disposto a arriscar a vida para salvá-la. Então isso teve que ser feito por bruxos menos bondosos, que não são da Luz.

— Ela me contou o que você fez. Tenho certeza de que foi preciso muita coragem. Mas vamos falar a verdade: você gosta.

— Do quê?

— Você não me engana com todo esse fingimento de que acha horrível matar. Ninguém acredita nisso. Todo mundo sabe que você adora.

— E como é que “todo mundo” pode saber do que eu gosto ou não?

— Todos sabem que nos ataques você não usa armas de fogo. Prefere esfaquear os caçadores, cortar as gargantas e abrir as barrigas. Todos dizem que é só questão de tempo até você começar a devorá-los.

Balanço a cabeça, pasmo.

— É isso o que seu pai faz. Ele se transforma em animal e devora as pessoas. E é o que você vai fazer. Isso se já não fez.

Eu me aproximo ainda mais dela.

— Eu cuspiria na sua cara, mas acho que você não é digna nem disso.

Sarah recua, parecendo assustada, mas responde:

— Eu estou certa, não estou?

Dou as costas para ela e vou embora.

— Você não deveria ficar com ela — grita Sarah. — Se gosta mesmo dela, deixe-a em paz!

a reunião

Quatro dias depois, somos convocados para uma reunião na barraca de Celia, o que não é muito incomum, já que é lá que sempre nos encontramos para planejar ataques e repassar os planos. Quando estou a caminho, vejo Sarah e Annalise. Mesmo querendo muito, não tive chances de me encontrar com Annalise a sós desde a discussão com Sarah. Eu a vi na cantina duas vezes, mas, quando fui falar com ela, Annalise se levantou e foi embora.

Espero para ver se as duas vão para os armazéns, mas elas seguem para a barraca de Celia. Hesito e fico imaginando se as instruções que recebi estavam erradas. Vejo um casal que trabalha na cantina, e eles também entram. Gabriel chega, me vê e se aproxima.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Segundo boatos, Van está de volta — responde ele.

Dentro da barraca foram armadas fileiras de cadeiras, e Celia e Van estão sentadas na frente, viradas para elas. É a primeira vez que vejo Van em dias. Arran tinha me contado que ela estava viajando, tentando aliciar mais bruxos das Sombras. Nesbitt está de pé perto delas, quase saltitando de felicidade. Ele acabou de voltar de uma viagem de reconhecimento. Gabriel e eu ficamos de pé nos fundos. A barraca se enche com todos os batedores e combatentes, mas há ainda mais gente dos outros grupos, entre eles, Annalise.

O último a chegar é Marcus, que para perto de mim. Quase todos aproveitam a oportunidade para se virar e olhar para ele. Eu olho

para Gabriel.

— Sei que a maioria não vê Marcus por aí, mas eles se comportam como se meu pai fosse um macaco de circo.

Gabriel se vira para mim, e até ele parece estar olhando com curiosidade.

— É mais que isso, Nathan — explica ele. — Quando você está parado ao lado de seu pai, fica muito mais óbvio como vocês são parecidos.

É então que noto Annalise nos observando. Mas, quando nossos olhares se cruzam, ela vira de volta para a frente.

— Às vezes não deseja que todos sejam varridos por um tsunami gigante? — indaga Marcus.

E, percorrendo o lugar com os olhos, sou obrigado a admitir que não sentiria muita falta de muitos deles, mas sentiria falta de alguns. Não quero que Annalise seja varrida. Quero que ela venha até aqui e fique comigo.

É Van, e não Celia, quem dá início à reunião. Ela explica que o acampamento está com problemas. Agora, temos quase duzentas pessoas, mas poucas podem lutar, e todas precisam comer. Basicamente, tem gente demais, e não há suprimentos suficientes. Comida e água com certeza são problemas dos quais todos já estão cientes, assim como saneamento. Não há barracas ou cobertores suficientes. Há escassez até de lanternas e xícaras.

— Nos próximos dias, a equipe de Abastecimento vai atrás de todas as coisas de que estamos precisando. Eles vão comprá-las nas lojas dos félixes, como já faziam, mas chegaram mais vinte pessoas, e precisamos planejar e tomar cuidado sempre que um grupo for sair do acampamento.

Aquilo parece satisfazer os presentes, mas alguém reclama da comida: não há frutas, não há variedade, não há carne ou verduras

suficientes, e por aí vai. Então as outras reclamações começam a aumentar. Por que nada está acontecendo? Por que Soul ainda está no poder? Por que está demorando tanto? Por que não estamos ajudando os bruxos da Luz que foram aprisionados? E me dou conta de que há outro problema: a maioria daquelas pessoas não tem nada para fazer o dia inteiro além de resmungar, reclamar e fofocar.

Van se recusa a responder.

— Este não é o objetivo da reunião — afirma.

Aí é a vez de Greatorex explicar que o estoque de armas dos combatentes está baixo, em especial o de balas de caçadores.

— Mas conseguimos nos virar — diz ela.

Agradeço mentalmente por ela não olhar para Marcus ao dizer isso. O que ela quer dizer é que, não fosse por ele, nenhum de nossos ataques teria sido bem-sucedido. Pelo menos, não sem baixas.

Celia assume a liderança. Ela nos conta que foi descoberta a localização de um esconderijo importante dos caçadores, onde há armas, equipamentos e comida. É uma oportunidade para melhorarmos significativamente a situação em que nos encontramos e dar um belo golpe nos caçadores.

— Há apenas dezesseis caçadores vigiando o esconderijo. Seis parecem ser experientes, os outros são recrutas. Greatorex irá liderar a ofensiva ao amanhecer. Todos do grupo de Abastecimento e qualquer outro que possa andar e carregar itens devem se preparar para acompanhá-los e trazer para a base o máximo de mantimentos possível assim que a luta terminar. Todos do acampamento devem ajudar.

Annalise estará na equipe de Abastecimento, e, no passado, eu torcia para que ela não visse a batalha. No entanto, agora, parte de

mim pensa: *Deixe que ela veja o horror da luta, porque essa é a realidade*. É muito bonito quando Celia diz que os rebeldes têm autoridade moral, mas não existe nada desse tipo na guerra. É tudo uma merda.

connor

Greatorex nos leva até a fenda. É um alívio estar longe de todas aquelas pessoas, com todas as reclamações, e entrar no silêncio da floresta. Em pouco tempo, já estamos correndo em meio às árvores do outro lado da fenda. É uma corrida de duas horas até o acampamento dos caçadores. O grupo de Abastecimento e os outros integrantes do acampamento vêm um pouco atrás, mas vão caminhando, então só chegarão bem depois do fim da luta.

Reduzimos o passo perto do acampamento. Fica no fim de uma estradinha de terra que corta a floresta. Vemos dois caminhões estacionados ali perto e várias barracas pequenas que parecem ser onde dormem os caçadores. Também vemos uma barraca grande e cinza, que mais parece um toldo. Diante dela, alguns caixotes de madeira foram empilhados.

Está começando a amanhecer. Há dois caçadores de vigia, mas já dá para ver mais um saindo de uma das barracas menores.

Greatorex avalia a situação depressa e dá instruções. Há dezesseis caçadores e dezesseis combatentes. Somos uma boa unidade de luta. Temos alguns novatos a mais, mas são todos sérios e bons. Sameen, Claudia e Olivia são lutadoras excelentes. Nós nos espalhamos ao redor do acampamento, já sabemos o que fazer. Nesbitt ainda é minha dupla, mas já sabemos como o outro age. Nossa parceria funciona bem.

Marcus fica invisível e ataca primeiro.

Eu procuro por fugitivos. Vejo dois. Vou primeiro atrás do mais rápido, e, quando consigo pegar o segundo, a luta já terminou. Procuro tatuagens nos dois corredores, mas não encontro. Estou prestes a me juntar aos outros quando ouço um chiado dentro da cabeça. Em geral não penso nele quando estou lutando, porque todos os caçadores têm celulares. Mas o ruído está forte, como o chiado de muitos telefones ao mesmo tempo.

Volto para o acampamento dos caçadores, imaginando que o chiado ficará mais forte. Deve ser alguma coisa escondida por lá. Talvez um dos caixotes contenha telefones.

Mas, quando volto, noto que o chiado não mudou muito. Não consigo entender. Há telefones aqui, mas, se cada caçador tiver um, a soma é de apenas dezesseis. O ruído que ouço é mais alto do que isso. Quero perguntar a Marcus, mas não consigo encontrá-lo. Pergunto a Nesbitt se ele sabe onde Marcus está.

— Não sei, meu camarada. Mas veja que pilhagem maravilhosa. — Ele está quase dançando ao redor de dois caixotes de madeira abertos, cheios de armas. — E tem mais aqui — diz ele, entrando na barraca grande e cinza.

Greatorex grita para Sophie, uma combatente em treinamento.

— Vá buscar a turma do Abastecimento e os outros! Diga a eles para virem depressa.

Não consigo encontrar Marcus. Quero me concentrar no chiado, mas há corpos de caçadores ali, todos com celulares. Estou parado no meio daquilo, tentando entender a situação, quando Nesbitt sai da tenda com um problema diferente. Ele está empurrando um prisioneiro à frente.

— Veja o que encontrei escondido lá no fundo.

O caçador está de cabeça baixa, e seu cabelo louro liso escondia o rosto.

Nesbitt o obriga a se ajoelhar, e o rapaz olha para cima.

Eu não o via desde que tinha treze anos, mas o reconheceria em qualquer lugar.

E ele também me reconhece.

— Nathan.

A primeira pessoa em quem penso não é nele, mas sim Annalise. Sei que ela gosta mais de Connor do que de seus outros irmãos. Sei que ele a ajudou a fugir. Tento pensar coisas positivas a respeito dele.

Então ele diz:

— Nathan, eles me obrigaram. Meu tio me fez entrar para os caçadores. Eu não quero ser parte disso.

Aquilo me deixa furioso. Estou enfiado até os joelhos em cadáveres, e Connor está reclamando sobre ter sido obrigado a se juntar aos caçadores. Ele é tão covarde e patético quanto eu me lembrava. Vou até lá e cuspo na cara dele.

Nesbitt brinca, imitando uma voz sensata, e diz:

— Espere aí, Nathan. Ele está dizendo a verdade, sabia? É por isso que estava escondido. O rapaz não quer ser parte disso.

Eu me afasto, tentando me controlar, mas Gabriel se aproxima e pergunta o que está acontecendo.

— Ah, Gabriel — digo a ele. — Deixe-me apresentar um velho amigo meu. Esse merdinha aqui é Connor. Connor O'Brien. O irmão mais novo de Annalise. Nós estudávamos juntos. Ele é um caçador, mas não precisa ficar preocupado. Ele não quer ser um caçador. Não quer machucar ninguém. Pelo menos, não até ser obrigado. E quando machuca, sente muito, muito mesmo. Então está tudo bem. — Dou as costas para ele, tentando me controlar, mas não consigo. Eu me viro de volta e chuto a barriga de Connor, gritando: — Não é mesmo, Connor?

Ele se dobra. Agora está de joelhos com a cara no chão, gemendo.

— Ah, Connor, sinto muito! Não quis machucar você. É só parte do meu trabalho. Na verdade, eu não quero fazer isso.

Gabriel se mete entre Connor e eu, apesar de não ter muita necessidade. Não quero chutar Connor de novo, mas ainda estou com raiva.

— Estou bem — digo para Gabriel. — Só perdi o controle por um segundo. — Mas me viro para Connor e acrescento: — Foi ele quem botou a pólvora nas minhas costas, para fazer as cicatrizes. Mas ele não fez o B, só o S.

— Então vou gravar *meu* nome nas costas *dele* — diz Marcus.

Meu pai caminha a passos largos na nossa direção. Ele ergue Connor pelo cabelo, encostando a Fairborn em sua garganta. O rapaz olha fixamente para mim, de olhos arregalados.

— Ou será melhor simplesmente cortar a cabeça dele? — pergunta Marcus. — O que acha, Nathan?

— Connor!

É Annalise. Ela está na frente de uma leva de gente saindo do meio das árvores, e corre os últimos passos até nós.

— Larga o meu irmão! — grita ela.

Annalise pega a arma de um caçador que tinha caído no chão durante a luta e a aponta para Marcus.

Eu me enfio entre os dois, com os braços estendidos.

— Annalise, baixe a arma.

— Fique longe de mim, Nathan. Diga a Marcus para soltar Connor.

Estou parado. Ainda com os braços estendidos. Tento manter a voz baixa e calma.

— Annalise, nós não vamos machucar Connor. Por favor, baixe a arma. Isso não está ajudando. Baixe a arma, por favor.

Percebo que ela está tremendo, mas, mesmo assim, fala:

— Não vou baixar nada até vocês soltarem meu irmão.

Eu me viro para Marcus e digo, com o máximo de autoridade possível:

— Ele é um prisioneiro. Vamos entregá-lo a Celia, para cuidar dele. Ela vai querer interrogá-lo. Connor é problema dela.

Então me viro de volta para Annalise.

— Por favor, baixe a arma.

— Prometa — pede ela. — Prometa que não vai machucá-lo.

— Sim. Eu prometo. Ele é um prisioneiro.

Ela baixa a arma.

Eu me viro para meu pai.

— Vamos entregá-lo para Celia.

— Vou gravar meu nome nas costas dele depois que Celia terminar — diz Marcus, mas solta o cabelo de Connor, que desaba no chão.

E, naquele momento, ouço um tiro à minha esquerda, e um membro do grupo de Abastecimento que estava perto de mim cai no chão. Ouço mais um tiro, um grito, e outro integrante do grupo de Abastecimento tomba.

— Caçadores! Caçadores! — grita alguém, e o grito é ecoado pelos outros.

O grupo de Abastecimento começa a fugir por onde chegara, mas vejo silhuetas negras de caçadores mais atrás. O chiado era por causa disso. Eles estavam escondidos nas árvores o tempo inteiro, invisíveis. Mas agora podemos vê-los, e estamos cercados. Aquilo é uma armadilha.

Gabriel atira nos caçadores, mas muitos outros começam a surgir.

— Todo mundo para o chão! Fiquem abaixados! — grita Greatorex, mas mal podemos ouvi-la com a confusão de tiros e gritos.

Annalise ainda está de pé, protegida pela árvore à sua direita. Estou abaixado. Balas atingem o chão à minha volta.

— Annalise, você precisa se abaixar — grito.

Ela não me escuta, ou talvez apenas não me dê ouvidos, e permanece de pé. Estou prestes a gritar de novo quando ela ergue a arma. Eu me viro, pensando que verei algum caçador correndo para atacá-la. Mas é pior.

Connor está rastejando na direção do caixote de armas.

— Não, Connor. Não! — grito para ele.

Mas é tarde demais. Marcus está com muita raiva. Ele agarra Connor pelo cabelo, força-o a se virar na minha direção e olhar para mim enquanto enfia a faca na garganta do menino.

A arma de Annalise dispara, depois dispara outra vez.

Marcus cambaleia.

A segunda bala o atinge alguns centímetros acima da primeira, ambas no peito. Pequenas manchas vermelhas se espalham pela camisa, e ele cai de joelhos. Fico paralisado, olhando fixamente para ele.

Meu pai foi atingido.

Eu me viro para Annalise, que continua com a arma apontada para Marcus.

Coloco-me entre os dois para protegê-lo. Fico de pé. Ela grita comigo.

— Você prometeu! Você prometeu!

De repente a gritaria ao nosso redor aumenta, e Gabriel salta em cima de mim e me derruba no chão, usando o próprio corpo para me proteger. Quando olho para cima, vejo que Annalise desapareceu.

desacelerando o tempo

Rastejo até Marcus, ficando bem perto do chão. Preciso puxá-lo para trás dos caixotes. Os ferimentos dele são graves, mas não fatais. E é Marcus: ele tem poderes de cura poderosos. Vai ficar bem.

— Você consegue se manter vivo até chegarmos a Van? — pergunto.

Marcus tosse.

— Não tenho certeza de como você vai me levar de volta para lá. Ou para qualquer lugar.

É verdade: a maioria dos membros da Aliança já fugiu, mas, se alguns voltarem para a fenda e os caçadores a descobrirem, tudo estará perdido. Há corpos de quatro ou cinco rebeldes no chão, e vejo um retardatário cair ao longe. Então me dou conta de que tudo aquilo foi muito bem planejado. Os caçadores devem ter ficado atentos para descobrir onde é a fenda. Nosso acampamento já deve estar nas mãos do inimigo.

Nesbitt vem rastejando e se junta a nós.

— A maioria dos caçadores seguiu a turma do Abastecimento — afirma —, mas ainda estamos cercados.

Gabriel ajuda Nesbitt a arrastar alguns caixotes de madeira para formar uma barreira improvisada em um dos lados do esconderijo. Os caixotes de armas estão aos nossos pés. Gabriel vasculha todos e tenta disparar as armas. Nenhuma delas funciona. Todas estão danificadas.

Estamos cercados.

Greatorex, Claudia e Sameen estão ali perto, agachadas atrás de outras caixas. Dá para ver o corpo de Olivia perto delas. Todos os outros fugiram.

Nesbitt oferece seu cantil a Marcus.

— É só água — diz.

Marcus aceita, mas suas mãos estão trêmulas.

— Alguém tem alguma ideia brilhante? — pergunta Nesbitt.

— Precisamos sair daqui o mais rápido possível — fala Gabriel. — Calculo que tenha uns dezesseis caçadores à nossa volta. Mas os outros vão voltar.

— Pode haver mais — digo. — Acho que os que vemos são os que têm a tatuagem de Wallend. Acho que todos podem ficar invisíveis.

— Merda! — exclama Nesbitt.

— É — concorda Marcus. — Merda!

— Você consegue correr, Marcus? — pergunta Gabriel.

— Acho que não... — Sangue borbulha nos cantos de sua boca, e meu pai tosse. Dá para ver que ele está se curando, e a cura é forte, mas não vai durar. — Nesse momento, acho que não consigo nem ficar de pé. São umas balas desgraçadas, não são?

— Podemos extraí-las? Como você fez com a minha?

— Uma delas está no pulmão. Se me abrir para extraí-la, vou morrer.

Ouvimos mais tiros, e sei que Marcus não vai conseguir escapar dos caçadores em uma corrida. Olho ao redor: não sei nem dizer com certeza se eu consigo fugir correndo.

Nesbitt e Gabriel rastejaram para mais longe e estão atirando em um grupo de quatro caçadores que se aproximaram furtivamente.

— Não tenho muita força, mas acho que posso ajudar vocês a escapar — diz Marcus. — Posso desacelerar o tempo. Não deve durar mais de um minuto, talvez nem isso. Mas será o bastante para que vocês passem pelos caçadores que estão à nossa volta.

— E você?

— Eu fico aqui.

Balanço a cabeça.

— Vou carregar você. Vamos tirá-lo daqui.

— Não. Não é assim que acontece. Eu só vou atrasar vocês. Você precisa escapar.

— Não.

— Não posso curar esses ferimentos. Estou morrendo, Nathan. Você tem que cumprir a profecia. Sabe disso, não sabe? Era isso que estava na visão.

Balanço a cabeça.

— Não. Não consigo.

— Consegue, sim. A Fairborn vai ajudá-lo. Ela vai querer me cortar. Abra minhas costelas. Coma meu coração. Faça isso como humano. É assim na minha visão. Roube meus dons. Roube todos e use-os bem.

Tenho a sensação de que minha vida toda me levou àquele momento, mas não quero aquilo para mim.

— É o único jeito, Nathan.

— Não consigo.

Mas percebo que meu pai tem determinação de sobra por nós dois.

Gabriel rasteja de volta até nós, e Marcus diz para ele:

— Vou explicar o plano. Quero que você faça Nathan segui-lo para escaparem daqui em segurança. Acho que ainda tenho forças suficientes para parar o tempo por uns trinta segundos, talvez mais.

Vai ser suficiente para vocês correrem. Matem o máximo de caçadores que conseguirem e se encontrem lá longe, do outro lado. — Ele indica a direção oposta à fenda com a cabeça. — Nathan vai ficar comigo. Quando ele estiver pronto para partir, vocês têm que dar cobertura. Se ainda tiver algum caçador vivo, atraia-o para longe de Nathan.

Balanço a cabeça, mas Gabriel concorda.

— Sim. Vou garantir que ele saia daqui em segurança. Vou explicar o plano aos outros.

Ele rasteja até Greatorex e Nesbitt.

Marcus ergue a mão e a pousa em meu ombro.

— Nathan, estou feliz por tê-lo conhecido, mesmo que por pouco tempo. Talvez tenha sido muito pouco e também tarde demais. Queria que tivéssemos mais tempo juntos. — Ele deixa a mão cair e tira a Fairborn da jaqueta. — Estou morrendo, Nathan. Mas não quero morrer em vão. Quero que você fique com meus dons.

Balanço a cabeça. Não vou conseguir matá-lo, muito menos devorar seu coração.

— Você é forte. Pode fazer isso. Me mate, depois mate Soul e sua corja. Mate todos eles.

Meu pai me entrega a Fairborn.

— Pode fazer isso por mim, Nathan?

Olho em seus olhos e vejo triângulos negros se movendo muito lentamente. Sei que não há como salvá-lo. Tenho que fazer o que ele está pedindo.

Tiro a Fairborn da bainha, sinto seu desejo e digo a meu pai:

— Vou matar todos eles.

— Nunca se esqueça de que eu quis que você fizesse isso. Tenho muito orgulho de você. — Marcus tosse outra vez. — O feitiço me deixa bem cansado. Assim que o tempo voltar ao normal, vou estar

fraco e incapaz de me curar. É nessa hora que você tem que usar a Fairborn.

Ele esfrega as palmas das mãos, fazendo movimentos circulares cada vez menores e mais rápidos. Então para. Respira fundo e recomeça. Depois para e começa outra vez. Dessa vez, para e leva as palmas das mãos à lateral da cabeça. Então olha para mim, e acho que o feitiço deve estar funcionando. Meu pai está concentrado, mas parece ter dificuldades. O feitiço está drenando sua energia. Suas mãos estão tremendo.

— Diga para eles correrem — avisa.

Olho para Gabriel. Pela imobilidade do ambiente, dá para notar que o tempo parou.

— Corram! — grito.

Consigo gritar, mesmo sem ter consciência do que está acontecendo ao redor.

Gabriel, Nesbitt e os outros avançam. Ouço tiros. Vejo um caçador tombar. E mais um. E então, rápido demais, o mundo volta a acelerar.

A próxima coisa é a pior que já fiz.

Não fosse pela profecia, eu não conseguiria fazer aquilo. E, mesmo assim, só consigo fazer porque ele está mandando, porque não tira os olhos de mim nem por um segundo.

— Amo você, Nathan — diz meu pai. — Sempre amei.

Os olhos dele estão negros, os triângulos giram bem devagar, até pararem.

Continuo o processo olhando bem nos olhos de meu pai. A Fairborn está ansiosa para entrar e destroçar tudo. Ela me ajuda. Abro o peito de Marcus e o devoro, observando os triângulos nas íris se apagarem enquanto mastigo e engulo seu coração.

meu encontro com jessica

Não tenho certeza do que acontece depois que mato meu pai. Sei que há caçadores por perto, mas Greatorex e os outros estão atacando todos. A mudança de posição deixou os caçadores confusos, pelo menos o suficiente para eu escapar. Abandono o corpo de meu pai. É difícil fazer isso, mas depois que me levanto e começo a correr, minhas pernas me impulsionam para a frente.

Vejo Gabriel mais à frente e corro até ele. Só que, na verdade, vejo apenas meu pai olhando para mim, os olhos fixos, e os triângulos enfraquecendo até desaparecerem. Sinto o gosto dele forte na boca. Estou muito enjoado, mas me sinto determinado a não vomitar.

— Nathan, olhe para mim — diz Gabriel. Percebo que ele agarrou meus braços. — Olhe para mim!

Faço o que ele diz. Mas não tenho certeza do que vejo. Não consigo me concentrar.

Gabriel diz várias coisas. Não sei bem o quê. Só consigo pensar em meu pai dizendo que me amava. Eu mal o conheci, e tive que matá-lo. Havia tanto sangue. Tanto sangue. Meus joelhos parecem prestes a ceder, e Gabriel me segura e grita:

— Nathan!

Nesbitt corre até nós, olha para mim e para, exclamando:

— Merda!

Ele não sabia o que eu ia fazer.

Greatorex e os outros se aproximam e me encaram. Sei que estou coberto de sangue. Meu rosto, meu peito e minhas mãos estão vermelhos.

— Precisamos ir — diz Greatorex. — Tem mais caçadores chegando.

Gabriel me arrasta, me puxa pelo braço.

Greatorex e Sameen estão na frente, Claudia vai à direita. Gabriel está bem perto, à minha esquerda.

Correr ajuda. Estou me sentindo mais normal. Mas não somos rápidos o bastante. Os caçadores estão na nossa cola. Seguimos em frente, e, conforme vou correndo, me sinto melhor e mais forte. Estou na dianteira. Ouço mais tiros e um grito, e me viro para ver Sameen caindo. Ela não está morta. Gabriel para, e vou até ele. Sameen está vinte passos atrás.

— Continue correndo — digo a ele. — Fique com Nesbitt, eu alcanço vocês.

Ele balança a cabeça.

— Não, Sameen é minha parceira. Eu disse a seu pai...

— Não! Eu sou mais rápido do que você. Posso escapar. Vá. Se eu não alcançar vocês em alguns minutos, me encontre no ponto de encontro, como combinamos. Mas, quanto mais você demorar, mais risco vou correr.

Gabriel aponta para mim. Sabe que preciso ficar sozinho.

— O ponto de encontro, como combinado.

— Isso. Vá.

Ele sai correndo.

Volto até onde está Sameen. Ainda estou com a Fairborn na mão.

Ajoelho-me ao lado dela. Sameen levou um tiro nas costas, mas vejo que o sangue está saindo pela boca e pelo nariz.

— Sinto muito, Sameen — digo.

Ela não responde, apenas olha para mim. Corto sua garganta.

Mais sangue. Sangue por toda parte. Minhas mãos estão pingando.

Fico de pé e olho para os caçadores. Quero ter certeza de que me veem. Noto um deles perto da linha de frente. Capto apenas um vislumbre, mas sei que é ela. Minha irmã, Jessica. Foi ela quem montou a armadilha.

Sei que posso correr mais do que eles. Estou em choque, mas meu corpo está mais forte do que nunca. Nem preciso pensar quando corro. Não quero pensar. Só correr. Viro para a esquerda. Corro com vontade e velocidade para longe de Nesbitt, Gabriel e Greatorex, atraindo os caçadores para mim.

vermelho

Não dá para ficar pensando demais em números: quantos morreram. São muitos. Sempre parece haver mais um. Na verdade, não dá para ficar pensando em muita coisa. É preciso seguir em frente. Mas toda vez que você pensa que não vai haver mais corpos, encontra outro. Uma mulher, um homem. Todos membros da Aliança, todos mortos — em geral com tiros nas costas.

Você chegou a um vale de declive suave, e alguns rebeldes devem ter corrido para cá. Há corpos caídos como montes de carne, como se tivessem se rendido e mesmo assim sido alvejados, executados com tiros na cabeça. Você conta os corpos. É a única coisa que pode fazer. Nove.

Se Marcus estivesse vivo, se Annalise não tivesse atirado nele, a maioria dessas pessoas também estaria viva. Marcus teria sido capaz de retardar os caçadores por tempo suficiente. De matar caçadores o bastante. Essas mortes são culpa de Annalise.

Mas você precisa sair do vale, ou vai morrer também. Os caçadores vão voltar por esse caminho para verificar se não deixaram passar ninguém.

Começa a chover quando você inicia a subida da colina até o vale seguinte, para depois descer as encostas mais íngremes e passar no meio de árvores antigas. Algumas pedras arredondadas, cobertas de musgo, repousam por entre as árvores, e o chão está coberto de samambaias. É um lugar verde, bonito e suntuoso. Você se senta, cansado demais para continuar. As samambaias formam

arcos acima de sua cabeça, e a chuva cai, tamborilando. Você esfrega o rosto. E, por dentro, se sente em chamas. O coração de Marcus já lhe deu os dons, mas o processo o exauriu. E também está gerando algum outro tipo de efeito.

Você abaixa a cabeça, e a chuva escorre sobre seu corpo, formando gotas vermelhas que se juntam à lama e ao sangue ao seu redor.

Você quer dormir, mas, quando fecha os olhos, vê tudo de novo: Annalise apontando a arma para Marcus. A Fairborn afundando no peito de Marcus, rasgando a pele. Você abrindo as costelas de seu pai. Todo aquele sangue e tudo mais que você teve que fazer.

Você não teria precisado matar Marcus, não teria precisado fazer aquilo tudo, se não fosse por Annalise.

Você se deita sob a chuva. Repassa várias vezes o que aconteceu. Não há o que fazer hoje. Mas amanhã é outro dia. Amanhã, você vai atrás dela.

agradecimentos

Half Wild é meu segundo romance publicado, e escrevê-lo (além de reescrevê-lo e reescrevê-lo de novo) foi uma experiência bem diferente da que tive com *Half Bad*. Aprendi que tenho que planejar muito bem minha próxima história, antes de começar a escrevê-la. Sou extremamente grata a todos os integrantes das maravilhosas equipes da Puffin e da Viking, pela ajuda para extrair a história de minha cabeça e levá-la até as prateleiras — e não apenas prateleiras das livrarias do Reino Unido e dos EUA, mas do mundo todo (até de lugares que precisei do Google para descobrir onde ficam). Como sempre, minha agente, Claire Wilson, foi maravilhosa.

Caso estejam interessados, a citação: "Vejo guerras, guerras horríveis, vejo o Tibre vermelho de sangue" é uma tradução do seguinte trecho de *Eneida*, de Virgílio: "*bella, horrida bella, et Thybrim multo spumantem sanguine cerno*" (6:86–87), que descobri ao ler o discurso "Rios de sangue", de Enoch Powell, e depois procurar (com a ajuda do Google) a citação original do "Rio de sangue". Acho que ela é mais apropriada ao texto de *Half Wild* do que da maneira equivocada como foi usada por Powell (ver http://edithorial.blogspot.co.uk/2013/04/how-enoch-powell-got-vergil-wrong.html).

Viajar pela Europa é ótimo, e eu esperava fazer isso algumas vezes durante o tempo em que fiz a pesquisa para *Half Wild*. Infelizmente, o tempo estava contra mim, por isso precisei contar com a memória que tinha dos lugares (Espanha, Basileia, o lago

com o iceberg na Noruega), e com a ajuda do Google e do AA Route Planner on-line, para determinar os caminhos e as durações das viagens fictícias.

Obrigada, também, a todos os maravilhosos fãs de *Half Bad* e a meus seguidores no Twitter, em especial àqueles que me ajudaram com nomes para os bruxos da Luz. Recebi ideias das seguintes pessoas: Lisa Gelinas @InkdMomof3; Jan P. @janhpa; Caitlin @caitlingss; Charli @Charli_TAW. Artifact #1@themefrompinata; Daniel Rowland @danialii; Fiction Fascination @F_Fascination; Oswaldo Reyes @readersWRITER; Emily Ringborg @RingEmily; Colleen Conway @colleenaconway; Damien Glynn @damog7; Finlay e Ivor @tmbriggs; Jo Porter @joannepoerter_1; Caroline Pomfret @CazPom.

Mas acabei escolhendo os nomes:

Sameen, sugerido por MSA @MsaMsa85;

Olivia, sugerido por Renee Dechert @sreneed;

Claudia, sugerido por Jayd Amber @dragonslibrary.

Espero ter incluído todo mundo. Peço desculpas se seu nome não está nesta lista.

A SAGA DE NATHAN
NÃO TERMINA AQUI.

AGUARDE O ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE.



sobre a autora

© Mark Green



SALLY GREEN mora no noroeste da Inglaterra. Em 2010, descobriu o amor pela escrita e agora simplesmente não consegue mais parar. Já foi criadora de galinhas, faz umas geleias bem razoáveis, não se importa em ter que passar roupa e adora passear pelo País de Gales mesmo quando está chovendo. Deveria, sem dúvida, tomar menos café.

conheça os outros títulos da série



Half Bad
(Livro 1)



Half Lies
(Novela em e-book — volume 1)

leia também



A caçada
Andrew Fukuda



Círculo
Mats Strandberg e Sara B. Elfgren



Eu sou o Número Quatro
Pittacus Lore



O poder dos seis
Pittacus Lore



A ascensão dos nove
Pittacus Lore



A queda dos cinco
Pittacus Lore



A vingança dos sete
Pittacus Lore